

O Vaticano e a União Européia

Mary Schultze

Este livro esclarece as seguintes questões:

1. Quem é o Papa Negro?
2. Quem fundou a Ordem Jesuíta e quais os seus objetivos?
3. O que dizem da Ordem Jesuíta/Vaticano algumas personalidades mundiais?
4. O Vaticano, a Alemanha e Hitler, na II Guerra Mundial
5. O Vaticano e a Bélgica na II Guerra Mundial
6. O Vaticano e a Tchecoslováquia na II Guerra Mundial
7. O Vaticano com a Rússia, na II Guerra Mundial.
8. Quem afundou o navio TITANIC?
9. O que se passa, realmente, na Irlanda do Norte?
10. Quem criou a União Européia?
11. Quem será o provável candidato à sucessão papal?
12. Qual será a Nova Religião Mundial?

Fizemos uma pesquisa sobre os assuntos acima, usando algumas informações colhidas no livro "*The Vatican in World Politics*", de Avro Manhattan, na entrevista do jornalista Rick Martin, do jornal "**Spectrum**" (Las Vegas, USA), de 15/04/2000 (<http://www.thespectrumnews.org>) com o autor do livro "**Vatican Assassins**" (750 ps., das quais 50 ps. de Bibliografia), Eric Jon Phelps, e no próprio livro, conseguido através da gentileza de um amigo e apologista cristão. Eric Jon Phelps (eric@vaticanassassins.org) é um cristão bíblico batista, que apresenta em seu livro provas irrefutáveis de que a Ordem Jesuíta é a responsável por todas as guerras políticas e religiosas que têm acontecido no planeta, a partir de 1540, com o específico objetivo de liquidar a Reforma Protestante, a Igreja Ortodoxa e os Judeus, para que o Vaticano volte a dominar o mundo inteiro, como na Idade Média.

Também em quatro capítulos do livro "*The Vatican in World Politics*", de Avro Manhattan, publicado pela *Gaer Associates, Inc., USA, em 1949*, encontramos farto material comprovando o envolvimento do Vaticano na II Guerra Mundial.

Na página 18 do seu livro, Phelps nos apresenta a "unholy trinity" (trindade profana), que é a governante absoluta do mundo atual:

1. **Edward Egan**, Arcebispo de Nova York, capital do mundo, cujo chefe é
2. **João Paulo II**, o papa em ofício, cujo chefe é
3. **Pe. Peter Hans Kolvenbach**, o Papa Negro.

Neste trabalho de pesquisa focalizaremos dez pontos importantes:

1. **O Papa Negro** (segundo Phelps)

2. **Inácio de Loyola e os Objetivos da Ordem Jesuíta** (segundo Phelps e o Dr. William P. Grady)
 3. **Opiniões de personalidades mundiais sobre os Jesuítas e o Vaticano** (idem)
 4. **O Vaticano, a Alemanha e Hitler na II Guerra Mundial** (segundo Avro Manhattan)
 5. **O Vaticano e a Bélgica na II Guerra Mundial** (idem)
 6. **O Vaticano e Tchecoslováquia na II Guerra Mundial** (idem)
 7. **O Vaticano e a Rússia na II Guerra Mundial** (idem)
 8. **O Afundamento do Navio Titanic** (segundo Phelps)
 9. **O Vaticano e Irlanda do Norte**
 10. **O Vaticano e a União Européia** (segundo o Dr. Arthur Noble)
 11. **O Novo Papa** (segundo o site "smh.com.au")
 12. **A Nova Religião Mundial** (segundo Dave Hunt)
- Conclusão**

Capítulo 1

O Papa Negro

Phelps acusa os Jesuítas de serem responsáveis por todos os conflitos mundiais e pelos assassinatos políticos e religiosos dos últimos 460 anos, afirmando que muitos judeus e gentios pertencentes aos mais altos escalões do governo mundial e, principalmente, americano têm sido apenas joguetes nas mãos do Papa Negro, o General dos Jesuítas, colaborando com este para praticar maldades contra o povo e os governos democraticamente constituídos, do Ocidente e do Oriente. Falando desse personagem, que ele afirma ser o homem mais poderoso do mundo, Phelps nos dá as seguintes informações:

O superior General dos Jesuítas, atualmente, é o Conde Hans Kolvenbach, um holandês de nascimento. Ele reside em Roma, na "Igreja de Jesus", perto do Vaticano, e de lá dá as ordens aos seus subordinados, no mundo inteiro, para que ajam em nome do Vaticano. Diz Phelps que nessa Igreja também funciona a base geral dos *Cavaleiros de Malta*, a Ordem mais poderosa, depois da Sociedade Jesuíta. *[Os papas nada podem fazer sem o consentimento do General dos Jesuítas. Os Cavaleiros de Malta são especializados em altos negócios e atos de terrorismo.]*

O General dos Jesuítas, bem como todos os altos dignitários da Ordem, são feiticeiros luciferianos, que celebram "missas negras", vestidos e encapuzados de negro, praticando rituais de magia. O Dr. Alberto Rivera, ex-Jesuíta convertido a Jesus Cristo, afirma a mesma coisa, num dos seus livros publicados por J. Chick. Por ter se convertido ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo e contado ao mundo os horrores praticados pela Ordem à qual pertencera durante muitos anos, o Dr. Rivera foi perseguido com cinco tentativas de assassinato, tendo falecido (não se sabe se de câncer ou outra "moléstia"), há cerca de 4 anos, em Oklahoma, USA.

Nesse mesmo livro, o Dr. Rivera conta que, após o Concílio Vaticano II, o Papa Negro (*que nessa época era o Pe. Pedro Arrupe*), explicou o que significava a expressão "Irmãos separados", dizendo que era: "irmãos separados... para morrer". Esses "irmãos separados" seriam principalmente os protestantes, judeus e ortodoxos, os mais odiados pelo Vaticano.

Quase ninguém havia tido, até hoje, oportunidade de ver a foto do atual Papa Negro. No livro "*Jesuits, a Multi-biography*", do escritor francês, Jean Lacoutre, publicado em 1995, podemos encontrar esse misterioso personagem, na página 343. Seu nome completo é Peter Hans Kolvenbach. [*Ele aparenta 55 anos de idade e é curioso que tenha recebido no batismo o nome dos dois apóstolos mais íntimos de Cristo, Pedro e João.*]

O conselho superior da Ordem é formado por sete homens da alta hierarquia, seis brancos e um negro. [*Sete é o número da plenitude bíblica e também novaerense, portanto tinha de ser o número dos líderes da organização jesuíta, como é, também, das empresas de sociedade anônima. Esta Ordem é uma empresa militar anônima a serviço do Vaticano.*]

O mandato do General é perpétuo, exceto se ele for considerado um "herege". Os jesuítas que exercem cargos importantes são obrigados a fazer um "pacto de sangue" [*deixamos de transcrever aqui o conteúdo desse pacto, que consta da entrevista do jornalista Rick Martin, simplesmente porque ficamos estarecidos com o mesmo.*]

Diz o escritor Phelps que os jesuítas são os verdadeiros autores do livro "*Os Protocolos dos Sábios de Sião*" e que existem muitas versões do mesmo, adaptadas a cada país onde são distribuídas. Voltando ao General dos Jesuítas, é ele quem controla todos os governos da terra, através dos seus "provinciais". Para a Ordem é fácil conseguir agentes em todos os países, através da educação e doutrinação religiosa que seus padres oferecem em quase todas as cidades do mundo. Não existe um país onde eles não estejam agindo, através dos seus subordinados. [*Um dos auxiliares do Cardeal Spellman, no "Pequeno Vaticano", que funciona dentro da enorme e luxuosa Catedral de São Patrício, nos anos 70, era natural do Ceará, da família Arraes de Alencar.*]

Os jesuítas são proprietários de quase todas as atividades esportivas nos Estados Unidos [*e quem sabe, também, no Brasil*]. Eles comandam os enormes estádios. Também comandam as atividades recreativas criadas por Walt Disney, um Judeu maçom grau 33. Diz Phelps que eles gostam de usar Judeus como testas de ferro em várias empreitadas, a fim de que, no caso de um escândalo, a culpa recaia sobre os mesmos, que têm sido o bode expiatório do mundo inteiro.

Através de muitas diversões, os Jesuítas iludem as pessoas, oferecendo-lhes prazer e divertimento, enquanto trabalham no sentido de erradicar os governos protestantes, no Ocidente. O autor explica que Las Vegas, com os seus cassinos famosos, está nas mãos da Máfia. Contudo, os mafiosos da alta cúpula são todos católicos praticantes, levando a sério a sua religião e obedecendo cegamente os seus párocos. A alta cúpula está sempre na dependência espiritual do Arcebispo de Nova York (atualmente o Cardeal Edward Egan), onde fica o quartel general da

Máfia. Hollywood também pertence aos Jesuítas e os Judeus que aparecem como proprietários das companhias cinematográficas não passam de testas de ferro da Ordem.

Diz Phelps que o General dos Jesuítas é o ditador, absolutamente autocrata, da Ordem. Quando ele fala, seus padres provinciais obedecem cegamente. Existem cerca de 83 provinciais no mundo, atualmente. Tudo indica que a Ordem dividiu o mundo em 83 regiões diferentes. Para cada região há um provincial, sendo que para os Estados Unidos [*onde a Ordem detém uma fortuna incalculável, inclusive com mais de 50% de ações no maior banco – o Bank of America*] foram designados dez provinciais. Na América Central há um provincial, bem como também um, na Irlanda. [*Supomos que no Brasil existe apenas um, na certa residindo discretamente num desses colégios jesuítas que existem em quase todas as cidades importantes do país.*]

O seu governo segue os moldes babilônicos do tempo de Nabucodonosor, representado pelo próprio General. É a forma romana de governo, com tudo centralizado numa soberania mundial. [*Costuma-se dizer que o papa JP2 é o homem mais rico do mundo. Contudo, este General é o mais poderoso e, também, é riquíssimo, pois sua Ordem fatura bilhões de dólares no mundo inteiro, anualmente, segundo o escritor britânico Avro Manhattan, em seu livro "The Vatican Billions". Avro foi o maior pesquisador e historiador do Vaticano, no Século XX, tendo publicado 20 livros sobre o assunto.*]

Sempre que deseja iniciar uma agitação social, revolução ou guerra, o General convoca um encontro com os seus provinciais e juntos ouvem as informações do provincial, onde essa agitação deverá acontecer, a respeito das queixas do povo desse país e nessas informações se baseia o General para ordenar o início da agitação. [*Isso confere com o que lemos nos livros "The Vatican's Holocaust" e "The Vatican in World Politics", de Avro Manhattan.*] Nos Estados Unidos, a Ordem usou o "Movimento dos Direitos Civis", através do agitador Martin Luther King, que o autor chama de "Lúcifer King". Nos Estados Unidos eles começaram uma agitação, que culminou com a assinatura do *Ato dos Direitos Civis*. O objetivo dessa agitação foi concentrar a autoridade do poder em Washington, onde os Jesuítas têm o seu quartel general. Esse documento foi redigido por Theodore Herburg (Cavaleiro de Malta), o qual foi presidente da "Universidade Notre Dame", durante muitos anos, pertencente à Ordem Jesuíta. [*Dessa Universidade emergiu, nos anos 60, o Movimento Carismático, o qual ajudaria a unir católicos e protestantes, principalmente os pentecostais, nas Américas. Este foi um dos muitos golpes de mestre dos Jesuítas.*]

Os provinciais do mundo inteiro governam os Jesuítas inferiores e muitos deles não fizeram o "pacto de sangue". Essa instituição é igual à da Maçonaria, na qual o maçom de grau inferior nunca sabe o que acontece nos bastidores mais elevados da Ordem e trabalham, simplesmente, achando que estão fazendo uma obra digna, como bons soldados desse exército poderoso. E o mais incrível, diz Phelps, é que os maçons dos mais altos graus também são subordinados ao general dos Jesuítas. Quando a Ordem Jesuíta foi desfeita pelo papa, em 1773, Frederico, o

Grande (1712-1786), Rei da Prússia e grande amigo de Voltaire, deu guarida aos Jesuítas e junto com eles escreveu o ritual da Franco Maçonaria Escocesa. [*Por causa desse "ato de caridade" de Frederico, os Jesuítas foram tomando conta da Alemanha e hoje são os donos desse país, onde preparam o maior exército do mundo (o Exército da União Européia), para o caso de uma guerra mundial, que poderá ser o Armagedom.*]

Uma coisa é certa e irrefutável. Todas as guerras do planeta têm contribuído para o fortalecimento econômico e político da Ordem Jesuíta, como as guerras napoleônicas, por exemplo. [*Na II Guerra Mundial eles contrabandearam o ouro dos nazistas para os bancos da Suíça e dos Estados Unidos e ficaram riquíssimos*], sendo que hoje são donos do *Federal Reserve Bank*, conforme diz Phelps.

Ainda segundo Phelps, o livro "*O Conde de Monte Cristo*" de Alexandre Dumas, é uma sátira ao poder jesuíta na França, contando como, após terem sido eles expulsos pela República, voltaram com todo o poder.

Dumas lutou junto com os patriotas italianos, em 1848, a fim de libertar Roma do poder temporal do papado. Ele escreveu vários livros, sendo "*O Conde de Monte Cristo*" o mais conhecido. Lendo este livro podemos observar que o Conde de Monte Cristo é invencível, como a Ordem que ele representa. Contudo, existe algo que ele não pôde conseguir, ou seja, o amor da mulher que havia deixado na França. Ele conseguiu receber de volta todo o poder político, riqueza e prestígio, enfim, tudo que havia perdido, menos a mulher amada. Os jesuítas não podem casar pois se constituíssem família teriam obrigações e deixariam em segundo plano a lealdade e cega obediência ao seu General.

Eles podem trair qualquer nação e depois sumir... sem deixar rastro. Podem se livrar dos católicos irlandeses que embarcaram no *Titanic* e depois sumir... sem deixar rastro. Podem liquidar qualquer desafeto seu, que entre num hospital e lá receba uma dose letal de Raios X, drogas, uma cirurgia inacabada e depois sumir... sem deixar rastro. [*Podem liquidar qualquer pessoa, em qualquer parte do globo, inclusive o autor do livro, o entrevistador, Rick Martin, a tradutora da entrevista e depois sumir... sem deixar rastro. Que Deus tenha piedade de todos nós!*] Fazem isso com a maior naturalidade, afirmando que tudo é para a glória de Deus (*Ad Majorem Dei Gloriam*). [*Glória maior para o deus deste século, o qual não é o nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo. Glória maior para o seu deus, que é mencionado pelo apóstolo Paulo, na 2 Coríntios 11:14.*]

O objetivo maior da Ordem Jesuíta é a reconstrução do *Templo de Jerusalém*, a fim de lá entronizar o papa de Roma, de onde este deverá governar o mundo. [*Leiam Apocalipse 13. Nesse tempo, nenhuma criatura vivente poderá ficar fora do alcance do "homem da iniquidade" assentado no Trono de Jerusalém e, por isso, tivemos de chegar à era da informática, quando qualquer súdito do futuro governante mundial poderá ser localizado em poucos segundos.*] Essa reconstrução é importante demais e podemos explicar o porquê. Para isso precisamos fazer uma ligeira biografia do homem que fundou a Ordem Jesuíta e que foi canonizado como santo católico.

Capítulo 2

Inácio de Loyola e sua Ordem

Sobre Inácio de Loyola diz o autor do livro "*Vaticans Assassins*":

Quando Inácio de Loyola fundou a Ordem Jesuíta, uma das primeiras coisas que ele fez foi ir para Jerusalém, a fim de lá estabelecer o seu quartel general, facilitando, desse modo, a entronização do papa naquela cidade. Contudo, o seu plano fracassou. Ele fora um soldado espanhol ferido na guerra Franco-Espanhola, cuja perna foi ferida e ficou defeituosa, o que lhe deixou um complexo de inferioridade, pois, mancando, não poderia conquistar o amor de uma bela mulher. Entrou em profunda depressão e então se voltou para a religião. Começou a ler biografias de santos, teve algumas visões "beatíficas" e dispôs-se a escrever os seus famosos "exercícios espirituais". Fundou a sua Ordem (1536) e foi prostrar-se aos pés do papa, a fim de lhe pedir a bênção, jurando defender o papado, até o final dos tempos. O papa (Pio II) comprou a idéia, deu-lhe a bênção e, assim, foi sacramentada a Ordem religiosa mais fanática, perigosa e destruidora que o mundo já conheceu.

Seus "súditos" espirituais eram obrigados a obedecer-lhe cegamente as ordens, como até hoje. Loyola tinha uma vontade indomável, uma têmpera de aço e dispôs-se a recuperar, para o papado, os Estados Europeus perdidos durante a Reforma Protestante. Logo depois da bênção papal, Loyola e seus comandados começaram a perpetrar suas obras malignas. Guerras e mais guerras têm acontecido no planeta, desde a fundação da Ordem. Os Jesuítas são sempre os cabeças em todas as conspirações globais. Enriqueceram à custa de doações de membros católicos fanáticos e ricos, sem falar nas apropriações indébitas que têm feito, durante esses quase 500 anos de existência.

Como diz o **Dr. William P. Grady**, em seu livro "*Final Authority*", capítulo 13:

Os métodos empregados por esta Ordem clandestina são dignos de estudo, visto como o seu objetivo final ainda permanece em operação na América e na desprezada Versão Autorizada de 1611 (Bíblia King James). O *modus operandi* da *Sociedade Jesuíta* pode ser delineado pelos seus seis estágios seguintes:

- 1) Educação
- 2) Doutrinação
- 3) Infiltração
- 4) Sedição
- 5) Sedação
- 6) Perseguição.

A história dá testemunho de que a apropriação jesuíta sempre começa, invariavelmente, com o estabelecimento de colégios e universidades possibilitando o alcance de até altos graus acadêmicos, a fim de atrair da nação os aspirantes a

eruditos. Esse estratagema inaugural de **Educação** não pode ser enfatizado demais. A apostasia é concebida sempre na sala de aula. Newman informa:

Eles descobriram muito cedo a vasta importância de liderar a mais alta educação como meio de ganhar o controle das vidas dos jovens mais habilitados e mais bem situados, fabricando servos intelectualmente treinados aos seus propósitos... A habilidade acentuada dos padres jesuítas, seus conhecimentos insuperáveis da natureza humana, sua afabilidade nas maneiras e sua notável adaptabilidade às idiossincrasias e circunstâncias de cada indivíduo, tornavam-nos praticamente irresistíveis uma vez que entrassem em íntimas relações com a juventude suscetível.

O livre pensador Francis Bacon (1556-1626) ficou tão impressionado com as escolas deles que disse: "*Tal como são, gostaria que fôssemos nós*". Tendo iludido o estudante desavisado ao exibir uma incumbência para excelência acadêmica, os professores jesuítas perdem pouco tempo em partir para o segundo estágio, que é a **Doutrinação**. Newman declara:

Sem dúvida, é provável que mais tempo tenha sido empregado em moldar os seus caracteres religioso e moral em completa harmonia com os ideais da Sociedade do que em assegurar a maestria dos estudos. Grande número dos jovens mais desejáveis que ingressaram em suas escolas, sem intenção alguma de se tornarem membros da sociedade, foram ganhos através do paciente esforço dos que deles ficaram encarregados. [Podemos ler sobre este assunto no capítulo 8 da "Monita" dos Jesuítas].

Com o abandono natural de várias classes graduadas, o terceiro estágio inevitável – **a Infiltração** – tem início. Por causa do seu treinamento superior e abrasadora convicção, muitos dos melhores graduados logo vão ocupar posições de liderança no governo, no comércio e nas forças armadas. Newman prossegue:

Seu zelo proselitista os impulsiona às regiões adjacentes e, através do esforço, a ganhar de volta à fé católica os que tenham se envolvido em 'heresia'. Comunidades inteiras foram reavidas em tempo incrivelmente curto.

Esta absorção na sociedade secular tem sido facilitada pela única isenção permitida à Ordem – que não precisa usar a vestimenta clerical. Edmond Paris comenta sobre essa espantosa Ordem secreta:

O mesmo acontece hoje. Os trinta e três mil membros oficiais da Sociedade operam no mundo inteiro na capacidade do seu pessoal, como oficiais de um exército verdadeiramente secreto, contendo em suas fileiras chefes de partidos políticos, oficiais de altos escalões, generais, magistrados, físicos, professores de faculdade, etc., todos eles batalhando para realizar em sua própria esfera – a Opus Dei – em realidade os planos do papado.

A capacidade de se infiltrar com bastante sucesso tem se tornado possível através do quarto estágio – a **Sedição**. Um verdadeiro jesuíta é a personificação exata da I Timóteo 4:2:

"... Pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência".

Um dos seus generais (Suarez) autenticou a **Sedição** com estas palavras:

É permitido a um indivíduo matar um tirano por causa do seu direito de autodefesa. Pois, embora a comunidade não o ordene, deve-se entender sempre que ela deseja defender-se individualmente em lugar de cada cidadão, e até mesmo de um estrangeiro... assim, após ter declarado que foi destituído de seu reino, é legal tratá-lo como um tirano real e, conseqüentemente, qualquer homem tem o direito de matá-lo.

Quanto à **Sedação**, diz o escritor Newman:

Desde o princípio, eles usaram o confessorário ao máximo como meio de dominar as almas de homens e mulheres e obter um conhecimento dos assuntos religiosos e políticos que servisse aos objetivos da Sociedade. Os filhos e filhas dos ricos e nobres eram buscados por todos os meios para ficar sob a sua influência, e, para tanto, logo se tornaram seus confessores favoritos, na corte imperial e em muitas cortes reais da Europa. Era o seu objetivo constante tornar o seu sistema confessional tão atraente para os ricos e nobres, que sempre vinham procurá-lo espontaneamente. Para esse fim, o seu sistema casuísta de teologia moral foi elaborado, no qual eles tinham meios de apaziguar as consciências de seus súditos, em todos os tipos de mal feitos.

Agora chegamos ao item – **Perseguição**.

Após terem moldado o governante à sua vontade e transformado o infeliz em instrumento subserviente de sua política, eles sempre ficaram ao lado deste, ditando as medidas a serem empregadas para a erradicação da heresia e completa reforma do seu reino, conforme o ideal jesuíta, e sempre estavam prontos, com total autoridade papal, a conduzir o seu trabalho inquisitorial.

Enquanto as facções protestantes ficavam enroscadas em disputas doutrinárias, cada vez mais extensas, as ágeis tropas de Loyola empregavam o seu plano sêxtuplo com o maior sucesso, num país após o outro.

Em 1550, o Jesuíta Lejay recebeu permissão do rei Ferdinando da Áustria para estabelecer um colégio jesuíta em Viena. Dentro de um ano, quinze agentes jesuítas já estavam perambulando pelos arredores do país. Dois anos mais tarde, Inácio instalou um colégio especial em Roma com o fim específico de treinar "missionários" para a Alemanha. Em 1556, as universidades de Ingolstadt e Colônia eram dirigidas por professores jesuítas.

Também em 1556, o rei da Boêmia (Tchecoslováquia) cometeu o erro de abrir sua porta aos jesuítas e logo foram fundadas escolas em Praga, Tyrnau, Olmutz e Brünn. O trabalho jesuíta em Munique teve tanto sucesso que a cidade era chamada a "Roma Alemã". *[Por causa dessa generosa abertura, a Áustria se tornou um país jesuíta e séculos mais tarde seria invadida por Hitler, graças à ajuda que os Jesuítas deram ao Fuehrer alemão.]*

Com dúzias de outros países invadidos (a Áustria, em 1550; a Suécia em 1568; a Polônia em 1569; a Bélgica em 1592, etc.) os números começaram a contar sua própria história. Em 1626, havia um total de quinze mil Jesuítas, 476 colégios e 36 seminários. Em 1750, os números haviam pulado para 22.000 membros, 669 colégios e 176 seminários, além de centenas de escolas menores.

Para dar uma excelente ilustração da obra destruidora forjada por onde quer que passe um jesuíta, consideremos o caso do massacre do dia de São Bartolomeu, na França. Em 1551, a rainha mãe, Catarina de Médici, permitiu que a Ordem estabelecesse uma casa na esquina da rua Anvergue, conhecida como Billon. Logo a seguir, o *Colégio de Clermont* foi estabelecido em Paris.

No dia 24/08/1572, vários milhares de huguenotes (cristãos franceses que chegaram a Paris para assistir o casamento do protestante Henry de Navarre (mais tarde o rei Henrique IV) com Margarete de Valois. Mais de dez mil desses súditos leais de Henry foram subsequentemente eliminados, através de uma caçada noturna ordenada pelo católico Carlos IX, rei da França. Manschrek cita a *Relação do Massacre* por Dethou conforme o relato de uma testemunha ocular:

As ruas ficaram cobertas de cadáveres, os rios tingidos, as portas e portões do palácio salpicados de sangue. Carroças levavam os cadáveres, homens, mulheres, moças e até mesmo crianças, para serem atirados no Sena... Spire Niquet, um pobre encadernador, arrimo de sete filhos, foi assado vagarosamente sobre uma fogueira de livros encontrados em sua casa e em seguida atirado quase morto, dentro da água. Na Rua San Martin, outra mulher, prestes a dar à luz, havia procurado refúgio no alto do telhado de sua casa; após ter sido assassinada, a mulher teve o seu bebê esmagado de encontro ao muro... uma garotinha foi banhada no sangue dos próprios pais e ameaçada com a mesma sorte se algum dia se tornasse huguenote.

Por instigação de Catarina, quatro moedas diferentes foram cunhadas para comemorar o escabroso extermínio, sendo primeira delas com a efígie do Papa Gregório XIII. Dois anos depois, o lunático filho de Catarina faleceu, com apenas 24 anos, grunhindo em seu leito de morte: "que banho de sangue, que assassinos! Que maligno conselho eu segui! Ó, *meu Deus, perdoa-me... estou perdido*".

Com o crescimento do poder jesuíta, os países da Europa se envolveram em constantes guerras religiosas.

No dia 11/10/1531, um exército católico de oito mil soldados esmagou a força menor de Zwinglio (1484-1531), que contava apenas 1.500, na Batalha de Capela. O corpo do reformador assassinado foi esquartejado e queimado numa pira de excrementos.

Com a morte de Lutero, em 1546, seus descendentes espirituais foram confrontados com um Catolicismo redivivo, na Guerra Schmalkadeana de 1547. Após sofrer uma derrota inicial, as forças protestantes se recuperaram com Maurice da Saxônia, cujo resultado foi o Tratado de Passau (1552), o qual assegurou, temporariamente, liberdades religiosas aos luteranos.

As guerras huguenotes na França começaram em 1560 e prosseguiram intermitentes, até que, finalmente, a tolerância religiosa foi concedida através do Editto de Nantes, em 1598.

Em 1567, o notório Duque de Alva chegou à Holanda para suprimir a "heresia", em favor de Filipe II, da Espanha. O banho de sangue dessa campanha foi tão rompanete que uma casa cheia de cristãos holandeses em Roterdã foi poupada, quando um dos seus próprios habitantes criou um estratagema,

assassinando um cabrito e salpicando de sangue a parte inferior das portas fechadas da rua.

Contudo, essas campanhas foram meras brincadeiras de criança quando comparadas à *Guerra dos Trinta Anos* (1618-1648). Executada principalmente na Alemanha, os antagonistas consistiam de vários príncipes alemães apoiados pelos poderes protestantes da Suécia, Dinamarca, França e Inglaterra contra a Dinastia Católica dos Habsburgos, a qual controlava, junto ao Sacro Império Romano, a Espanha, a Áustria, a Boêmia, a Hungria, a maior parte da Itália e a Holanda do Sul. A Ubíqua "conexão jesuíta" foi sumariada por Newman como segue:

A casa de Habsburgo, em seu ramo austríaco, no final do século XVI, havia caído fortemente sob a influência dos Jesuítas. Como o arquiduque da Stiria (a partir de 1596) Ferdinando, que como imperador iria desempenhar um papel tão importante na Guerra dos Trinta Anos, executou sem remorsos a política jesuíta, na qual fora educado desde a infância, proibindo a adoração protestante, banindo o clero protestante e colocando diante dos leigos protestantes a alternativa de conversão ou exílio.

Através desses atos de intolerância religiosa e política, a consciência de Ferdinando foi salva pelo seu confessor jesuíta, Viller (**Sedação**). Embora a histórica paz da Westfália, concluída em 1648, tenha sido essencialmente uma vitória do Protestantismo, as perdas gerais relacionadas com esta guerra foram incalculáveis. Newman assim resume o holocausto induzido pelos Jesuítas:

A extensão da destruição de vidas através da Guerra dos Trinta Anos não pode ser avaliada. Se levamos em conta as multidões que pereceram de inanição e abandono, as centenas de milhares de mulheres e crianças que foram assassinadas nos saques e destruição de pequenas e grandes cidades, a temível perda de vidas envolvida nesse acontecimento, no campo – seguindo-se as mortes causadas pela guerra, estas somariam muitos milhões. Na Boêmia, no início da guerra, havia uma população de dois milhões de habitantes, dos quais 80% eram protestantes. No final da guerra, havia 800 mil católicos e nenhum só protestante. Tomando a Alemanha e a Áustria juntas, podemos afirmar seguramente que a população do país foi reduzida na metade, senão em dois terços. E as mortes foram, em muitos casos, o resultado de incontáveis sofrimentos, tão horríveis quanto se possam imaginar. Mesmo não tendo sido as cidades completamente destruídas, elas se tornaram apenas sombras do que haviam sido. Seus edifícios foram delapidados e um grande número deles ficou desocupado. Negócios de todos os tipos foram totalmente destruídos. A agricultura também sofreu muito. Os víveres quase desapareceram, os implementos agrícolas tornaram-se escassos e rudes. A desolação grassava em toda a parte.

Contudo, devido à inevitável expansão da civilização ocidental, a cultura na Inglaterra emergiu cada vez mais ampla, apesar do objetivo principal da conquista jesuíta. Em 1569, o agente do Vaticano, William Allen, estabeleceu um colégio em Douai (então na parte holandesa espanhola) e, dez anos mais tarde, uma segunda escola em Roma para o treinamento de missionários jesuítas destinados à Grã Bretanha. Allan estabeleceu seus objetivos de maneira apaixonada:

Fizemos nosso primeiro e avançado estudo... para instigar na mente dos católicos... o zelo e justa indignação contra os hereges. Isso fizemos colocando diante dos olhos dos estudantes a excelente majestade da liturgia da Igreja Católica no lugar em que vivemos. Ao mesmo tempo, mostramos o deprimente contraste que reina no lar. A desolação chocante de todas as coisas sagradas que lá existem... nossos amigos e patrícios, todos os nossos amados e incontáveis almas além desses, perecendo no cisma e na impiedade de cada prisão e cárcere completamente lotados, não de ladrões vilões, mas de sacerdotes e servos de Cristo, ora de nossos pais e patrícios. Nada há, então, que não devamos sofrer, a não ser olhar para os males que afetam a nossa nação.

A captura de Douai pelas tropas calvinistas, em 1578, mandou o colégio jesuíta para o exílio em Reims, até 1593. Em 1585, um total de 268 graduados havia se infiltrado secretamente na Inglaterra. As personalidades de liderança nesse tempo eram os agentes Robert Parsons e Edmond Champion, que entraram no país em 1580, disfarçados como oficiais ingleses. O único evangelho que eles pregavam era a deposição de Elizabeth I. Boehmer declara:

Então, sob diversos disfarces, eles se espalharam de condado em condado, das casa de campo até o castelo. À noite, ouviam as confissões. De manhã, pregavam e davam a comunhão, e, em seguida, desapareciam misteriosamente do modo como haviam chegado.

Green acrescenta que, entre os seus muitos disfarces, eles usavam as “togas dos pastores do clero inglês. [Não é de admirar que tenhamos no Brasil alguns pastores evangélicos (incrédulos), de alta cultura, que tendo estudado em colégios jesuítas, mais se parecem com padres jesuítas do que com pastores evangélicos. Um deles foi pastor da Igreja Batista que frequento.]

Calcula-se que eles tenham ganho vinte mil convertidos, apenas um ano após terem chegado à Inglaterra. Contudo, sua literatura circulante, encorajando o assassinato de Elizabeth I, levou a missão na Inglaterra a um fim abrupto. Embora Passon tenha fugido para o continente, o “Pe. Champion” foi capturado e confinado à *Torre de Londres*, onde foi severamente “torturado” para que dissesse os nomes dos seus companheiros conspiradores. No dia seguinte, quando o carcereiro lhe indagou como se sentia, o exausto jesuíta respondeu “nada mal, pois nem tanto”. No dia 01/12/1851, ele e mais catorze outros traidores foram enforcados publicamente.

Em 1583, o Papa Gregório XIII formulou um plano para invadir, imediatamente, a Inglaterra, com três exércitos – da Holanda, França e Espanha.

Pela Providência Divina, os agentes da Rainha Elizabeth I descobriram o complô e medidas preventivas foram tomadas, no sentido de adiar o ataque. Isso mostra que Jesus Cristo é o Senhor da História.

Três anos mais tarde, outro jesuíta, Jonh Ballard foi preso por conspirar no sentido de levar Mary Stuart ao trono, através de um levante geral de católicos na Inglaterra. Ele e treze outros foram esquartejados e partidos ao meio (rasgados no tronco). Sessenta e um padres e quarenta e nove leigos seriam enforcados por conspiração na Inglaterra, nos próximos quinze anos.

Com amigos desse tipo, Mary Stuart não precisava de inimigos. A intensa atividade dos Jesuítas eventualmente iria custar à futura rainha a sua cabeça, em 1587. Algumas semanas apenas, antes da portentosa execução, o papa Sisto V havia destinado 600.000 coroas de ouro aos cofres militares do rei Philipe, no sentido de financiar uma invasão imediata à Inglaterra. Nas palavras do Cardeal Allen, “*a rainha usurpadora, herege e prostituta da Grã Bretanha*” (Elizabeth I) deveria certamente ser deposta.

Na manhã do dia 29/05/1588, mais de 27.050 marinheiros e soldados partiram do porto de Lisboa, com 130 vasos de guerra, levando uma carga média de 445 toneladas – a maior frota nos anais marítimos daquele tempo.

A destruição da religião protestante era considerada como uma missão espiritual intensiva. O slogan oficial da campanha era: “*Exurge, domine, et vindica causam tuam*” (Levanta, Senhor, e vindica a tua causa). De fato, um “reavivamento” havia explodido durante os estágios finais da partida. Prostitutas foram expulsas, os jogos foram proibidos e a profanidade reduzida ao máximo. Uma missa especial foi celebrada e por todos os homens a Eucaristia foi reverentemente recebida. Várias centenas de monges estavam entre os passageiros.

No dia 19/07/1588, a vanguarda da invencível armada espanhola foi localizada. Apenas 34 vasos de guerra e 58 vasos de suporte, que defendiam a Inglaterra, sob o comando de Charles Lord Howard, assistidos por Sir Francis Drake, haviam se preparado para destruí-la. O que aconteceu a seguir tem sido considerada como uma das mais admiráveis demonstrações da intervenção divina em todos os registros da história.

No ano anterior, Drake havia comandado um ataque de surpresa aos navios espanhóis no porto de Cadiz e descobrira, em primeira mão, o projeto de construção da armada. Tendo sido criado no lar de um ministro puritano, o destemido “P.K.”, assegurou à sua rainha: *Deus aumente as forças mais excelentes de Vossa Majestade, tanto no mar como na terra, diariamente... pois, eu penso com certeza, jamais houve uma força tão poderosa como a que está pronta ou se prepara contra Vossa Majestade e a verdadeira religião; mas... “o Senhor Todo Poderoso é mais forte e defenderá a verdade de sua Palavra”*.

Desmembrado pelos inferiores vasos de guerra britânicos, o Almirante espanhol Medina-Sidônia escreveu, em desespero, no seu diário de bordo:

O inimigo me persegue; ele me atira fogo, da manhã até à noite, porém não nos derrotará... Não há remédio, eles são rápidos e nós somos vagarosos.

Sustentando mais de 8.000 casualidades, apenas na vigésima sétima, Medina-Sidônia havia tido bastante sorte. Contudo, os mares do norte devorariam muitos milhares mais, ao longo da rota retirada da tempestade. Vinte e três navios foram esmagados na costa rochosa, somente na Irlanda. Cerca de 1.100 espanhóis afogados foram dar nas parias Sligo e os que conseguiram chegar vivos à praia tiveram suas gargantas cortadas pelos Kernes (a classe mais pobre da Irlanda).

Somente 51 navios, levando dez mil sobreviventes, conseguiram regressar à Espanha. Will Durant, educado pelos jesuítas, só pôde dizer *que “os ventos favoreceram Elizabeth”*. Contudo, uma contagem total das perdas inglesas chegou a

60 homens e nenhum navio, chamando a atenção dos homens sábios para Aquele que "criou os ventos" (Amós 4:13). Nem um simples orifício foi causado na armada inglesa.

Com a esmagadora derrota da armada, levando Philippe à desolação (a ajuda de 60.000 coroas papais não haviam podido auxiliar o monarca) e um projeto mais importante dos jesuítas iria emergir, como último recurso e arma secreta do Vaticano.

A partir de então, o sucesso do Protestantismo Inglês seria atribuído ao fato dele possuir a Palavra de Deus na língua pátria. Em 1582, Roma deu um tácito endosso ao adágio: "*se não puder vencê-los, junte-se a eles*", ao preparar sua própria versão inglesa do *Novo Testamento*, conforme entregue pelos eruditos jesuítas em Reims (*O Velho Testamento* foi completado em Douai e publicado em 1610).

Essa tendência ao pragmatismo momentâneo tem sido uma das feições mais marcantes da Ordem Jesuíta. Norman declara:

Como meio de ganhar de volta as comunidades protestantes para a fé católica, eles deram a máxima atenção ao cultivo dos dons de pregar entre os membros e usaram cada esquema seguido pela adoração protestante, ou de outro modo, a fim de popularizar os cultos das suas igrejas.

Até aqui falou o Dr. William Grady, no capítulo 13 do seu livro "*Final Authority*".

Diz Phelps que Roma sempre opera com duas políticas diferentes. Uma se destina ao consumo público universal e é sempre falsa. A outra - a verdadeira - é a sua política secreta, posta em ação para conseguir seus objetivos, que devem ser alcançado a qualquer preço. À luz dessas duas políticas, qual seria a posição de JP2, o homem que trabalhava na *IG Farben* alemã, vizinha ao campo de concentração de Auschwitz, durante a II Guerra Mundial? Desculpando-se, agora, dos horrores do Holocausto, este hipócrita "vigário de Cristo" está apenas tentando ganhar as boas graças do mundo, a fim de obter o controle de Jerusalém. Na I Guerra Mundial o Vaticano preparou a nação de Israel para os judeus e na II Guerra ele preparou o povo de Israel para a nação, onde os Judeus estão sendo concentrados, a fim de aguardar o momento em que serão transformados na última "oferta queimada" da Igreja Católica ao seu deus - o papa de Roma.

O ex-padre católico canadense, Charles Chiniqy, em seu livro "*Fifty Years in the Church of Rome*", escreve o seguinte sobre a Ordem Jesuíta, citando o "*Memorial do Cativo de Napoleão em Santa Helena*", segundo o General Montholon:

Os Jesuítas são uma organização militar e não uma ordem religiosa. Seu líder é um general de exército, não um mero abade superior de um mosteiro. O objetivo da Ordem é o poder. Poder no mais despótico exercício. Poder universal e absoluto para controlar o mundo através da vontade de um único homem. O Jesuitismo é a mais absoluta forma de despotismo e também o mais enorme de todos os abusos... O General dos Jesuítas insiste em ser mestre soberano sobre toda a soberania. Onde quer que os Jesuítas sejam admitidos, eles serão os mestres, a qualquer

preço. Sua Sociedade é, por natureza, ditatorial e, portanto, inimiga de qualquer autoridade constituída. Todos os seus atos criminosos, por mais atrozes, quando cometidos no interesse da Sociedade, ou por ordem do General, significam obras meritórias”.

Objetivos da Ordem Jesuíta

1. Destruir as três grandes religiões que não obedecem ao papa, isto é, a Ortodoxa, o Islamismo e, principalmente, o Protestantismo.
2. Criar uma *Nova Ordem Mundial*, através da dissolução de todos os governos democráticos e liberais, a fim de estabelecer um governo absolutista único, sob a égide do papa de Roma, como na Era das Trevas.
3. Construir o Templo de Salomão em Jerusalem, de onde, o papa de Roma governará o mundo, econômica, política e espiritualmente, através do Papa Negro (será o Anticristo dirigido pelo falso profeta).

Restaurados em 1814, os Jesuítas voltaram com toda a força e passaram a governar o Vaticano, como acontece ainda hoje. Os planos para o estabelecimento de governo mundial já haviam sido delineados antes da perda dos Estados papais, conforme reunião dos líderes jesuítas, em 1825, um resumo da qual vamos apresentar, extraído do livro "*Vatican Assassins*", de Eric Jon Phelps, citando o livro "*The Jesuits History*", de Hector Macpherson, da *Ozark Book Publications*, edição de 1997, ps. 365-369 do Apêndice I. Leiamos a seguir:

Em 1825, onze anos após o reavivamento da Ordem Jesuítas, teve lugar, no Colégio Jesuíta Chieri, na cidade de Turim, Itália, um encontro secreto dos líderes da Ordem, durante o qual foram discutidos os planos para o fortalecimento do poder do papa, no mundo inteiro, e para o estabelecimento de governos que apoiassem os esquemas e ambições dos Jesuítas. Os que a estes se opusessem deveriam ser esmagados sem piedade.

Um Jesuíta jovem, chamado *Leone*, favorito do reitor do Colégio (o qual viria a se tornar, em seguida, o General da Ordem), foi o taquígrafo dos discursos e discussões ali apresentados. Essas notas foram depois publicadas por um editor francês e, em 1848, foram traduzidas para o Inglês e inteiramente autenticadas, podendo ser lidas no Museu Britânico, onde se encontram guardadas. Leiamos:

A - Plano a longo alcance para o governo mundial

A primeira geração (1825-1865) não nos pertencerá. A segunda geração (1865-1905) quase nos pertencerá. A terceira geração (1905-1945), sem dúvida alguma, nos pertencerá.

Sabemos que o nosso desejo é estabelecer um Império Mundial [*a partir de 1945, tendo se aliado aos vencedores da II Guerra Mundial, quando viram que Hitler estava perdendo a guerra, os Jesuítas tomaram as seguintes providências:*

- a) *transportar para os bancos da Suíça e América todo o ouro dos nazistas, o que foi feito através do "Trem da Misericórdia".*

- b) *Aplicar esse dinheiro para enriquecer o Vaticano e corromper os governos e as consciências individuais, através do poder econômico.*
- c) *Contrabandear os criminosos de guerra nazistas, colocando-os em postos-chaves para influenciar os destinos da nação mais rica do Ocidente, os Estados Unidos da América.*

B - Trabalhando em silêncio e usando a falsidade

Vamos dar preferência a uma guerra secreta, evitando publicidade. Cada bispo deve agir rigorosamente sobre o seu rebanho, sendo gentil, porém inflexível. Ele deve ser orientado a assumir a humildade de um cordeiro... para ganhar todos os corações. Mas que também saiba agir com ferocidade, quando tiver de defender os direitos da Igreja... Que nada nos possa diferenciar dos outros homens, em matéria de aparência. Exteriormente, todo católico deve ser sociável, acalentando, ao mesmo tempo, dentro de si, um ódio concentrado e indômita antipatia pelos inimigos [*Um dos segredos do Ecumenismo*]

C - Promovendo Revoluções e guerra entre as classes, para desestabelecer os oponentes.

Quando a ebulição (estado de efervescência), que estamos fomentando secretamente, tiver atingido o clímax, a tampa do caldeirão será repentinamente removida e então derramaremos o nosso fogo líquido sobre os políticos intrujões, os quais são ignorantes e desatentos, a ponto de nos servir de ferramentas [Hitler, Mussolini, Pavelic, Dolfuss, Stalin, Roosevelt, na II Guerra Mundial]. Desse modo, nossos esforços resultarão numa revolução digna do nome, a qual combinará, numa conquista universal, todas as conquistas já realizadas. [*Isso já aconteceu com o estabelecimento da União Europeia, em consequência da II Guerra Mundial, da Guerra Fria e da queda do Muro de Berlim.*]

Para não perdermos de vista esse objetivo maior, as pessoas devem ser moldadas conforme o nosso propósito... Sim, o povo é o vasto domínio a ser conquistado... As classes mais altas têm sido sempre inacessíveis às mais baixas, portanto devemos acalentar entre elas a antipatia mútua. Vamos acalentar o populacho, que é, sem dúvida, um implemento de poder. Que possa este nos considerar seus calorosos defensores. Favorecendo os seus desejos [*Nos Estados Unidos, o Movimento dos Direitos Civis dos Negros, e, no Brasil, o dos Sem-Terra*]. Devemos alimentar o fogo de sua ira, abrindo diante dele (o populacho) a esperança de uma *Era de Ouro (Nova Ordem Mundial)*. [*Depois disso, quem pode duvidar que "Os Protocolos dos Sábios de Sião" sejam obra dos Jesuítas e não dos Judeus?*]

D - Influenciando os grandes e poderosos

É sobre os grandes que devemos exercer particular influência. Devemos levá-los a crer que, num período tempestuoso, não existe segurança alguma para eles, a não ser através de nossa mediação. Devemos mostrar-lhes que a causa do mal e da fermentação das massas vai permanecer, enquanto existir o Protestantismo, devendo este ser sumariamente erradicado (grifo nosso). [*Considerando que os Estados Unidos são o baluarte do Protestantismo no Ocidente, até quando esse país vai ficar a salvo de um ato terrorista árabe, financiado pelos Jesuítas? Ninguém sabe...*]

E - Usando autores e escritores

Devemos, de todas as maneiras, garantir a ajuda dos pensadores modernos, qualquer que seja a natureza de suas opiniões. Se puderem ser induzidos a escrever em nosso favor, devemos pagar-lhes bem, quer seja em dinheiro, ou em elogios.

F - A Irlanda é nossa esperança

Padres iniciados, grandes são as esperanças que tenho nas energias da NOSSA IRLANDA. Ela é a nossa campeã. Devemos ungi-la, efetivamente, com o nosso óleo, de modo que, ao contender com o seu tirano (Inglaterra), ela possa sempre escapar de suas garras. Em quantas armadilhas vai se meter a loba britânica, se apenas escutar os nossos conselhos... E o que não faremos com um povo idiota, selvagem e faminto (os irlandeses)? A Irlanda poderá vir a ser o nosso Sansão, derrotando os filisteus com uma queixada de jumento.

Agora vocês já sabem qual foi o batismo de fogo que derramei sobre as cabeças dos meus penitentes no confessionário, na Irlanda, quando lhes dizia: "Pobre povo! Quanto eles vos têm degradado... Olhem para esses grandes senhores de terras, circulando em meio às riquezas, devorando a terra e zombando de vocês... E, contudo, se vocês soubessem usar a força que têm, seriam bem mais fortes. *[Essa foi a maneira de agitar os pobres católicos irlandeses contra os protestantes, a fim de justificar o comunismo socialista e criar a guerra civil, que já dura tantos anos, ceifando milhares de vidas]*.

G - Uma raça católica dominante

O povo católico é o sucessor do povo de Deus (Israel) e, conseqüentemente, os hereges, são inimigos, que temos obrigação de exterminar (grifo nosso). Podemos dizer que Deus nos destinou para o extermínio desses cananeus, ou seja, todas as nações que se recusam a entrar na unidade da Igreja, e que o Vigário de Cristo (o papa) foi nomeado para executar esse julgamento, na devido tempo *[Em minha opinião esse tempo está se aproximando, pois agora, com os aviões possantes, as armas nucleares, o terrorismo árabe e a Internet, os Jesuítas já podem controlar e até mesmo destruir os Estados Unidos, baluarte ocidental da Democracia e do Protestantismo, em menos de uma hora. Que Deus tenha piedade de todos nós. Isso pode acontecer ainda este ano!]*

H - Ódio aos Protestantes

Tudo vai sair bem, contanto que possamos conseguir que um católico, desde a mais tenra infância, possa abominar até mesmo a respiração de um herege.

Os católicos devem ser imbuídos desse ódio contra os hereges, quem quer que sejam eles, e que esse ódio continue aumentando e os conserve sempre unidos, através do mesmo. Mas que tal sentimento jamais seja demonstrado (Ecumenismo), até que possa explodir no dia oportuno. *[Atenção, protestantes ecumênicos, vejam o que nos aguarda, no dia da vingança do Papa Negro!]* Que possamos combinar o nosso ódio secreto com o máximo de esforço, no sentido de separar os confiáveis de todo governo inimigo, a fim de empregá-los, quando formarem um corpo unido, para desfechar os golpes mortais contra os hereges. (Usaram a NKVD de Stalin e a SS de Hitler para liquidar os Judeus e os Protestantes, na Rússia, durante a *II Guerra Mundial*, - 1939-1945 - e usaram os croatas para liquidar os Sérvios, entre 1943-1945.)

Quando chegar a noite, vamos pagar-lhes em moeda sonante, como se estivéssemos na idade Média (grifo nosso). Que eles se gloriem de que nenhuma centelha resta agora sob as cinzas das estacas, a fim de podermos atear novos fogos... Eles nem sequer imaginam que somente nós sabemos como preparar uma revolução (que foram as duas Guerras Mundiais), diante da qual as outras foram apenas ínfimas insurreições. Quando nos chamam de "Jesuítas" eles pensam estar nos cobrindo de opróbrio. Contudo, nem suspeitam que lhes temos reservado o embargo da censura e as chamadas, para o dia em que nos tornarmos os seus senhores.

I - Destruir os Protestantes

Guardemos no recôndito dos nossos corações o princípio de que qualquer um que não se juntar a nós deverá ser ANIQUILADO (grifo nosso) e estejamos prontos a fazer isso, tão logo tenhamos os meios [*já conseguidos através do Federal Reserve Bank (USA) e da União Européia, onde já está sendo organizado o mais poderoso exército do mundo*].

O Protestantismo já está se desgastando e afundando. Sim, estamos já zombando de sua lenta agonia, marchando sobre o seu esqueleto e sobre os seus ossos dispersos. Vamos apressar a sua dissolução, através de nossos esforços combinados [*Ecumenismo e Movimento Carismático*]. O Protestantismo está se decompondo [*Movimentos ocultistas, copiados dos cursilhos católicos, penetrando nas igrejas evangélicas e causando divisões*]. Temos altas personalidades, já por nós convencidas de que, se contiurem defendendo o Protestantismo, estarão perdidas.

J - Visão da Bíblia

Ora, a Bíblia (*Versão Autorizada de 1611 - King James Bible*), essa serpente de cabeça erguida e olhos flamejantes, nos tem ameaçado com o seu veneno, à medida que se arrasta pela terra. Contudo, ela será trocada por outra (*Revised Version* e as sucessivas versões modernas, que têm aparecido, como a *Today's English Version*, a *New King James*, a *Good News Bible*, a *NIV*, etc., todas elas embasadas nos corrompidos textos a favor da Vulgata Latina e de Westcott e Hort, a partir de 1881, as quais seguem as normas do Concílio de Trento, e têm sido espalhadas em todo o mundo pelos Jesuítas, a começar de Dublin, Irlanda, como o golpe de misericórdia contra o Protestantismo)... Durante estes últimos séculos (1611-1825) esta áspide não nos tem dado descanso. Bem sabeis em que confusão ela nos tem colocado e com que dentes venenosos nos tem mastigado. (grifo nosso)

Estas palavras ditas numa reunião secreta dos líderes jesuítas, em 1825, levaram 150 anos para se transformar em realidade com a criação do Mercado Comum Europeu seguido pela *União Européia*. Com o lançamento do Euro, em 2002, logo surgirá a necessidade de uma *unidade religiosa*, visto como existirá a união econômica, política e monetária. Agora, se vocês não entenderam as palavras daquele arcebispo brasileiro entrevistado pela TV, falando de "maior entendimento religioso" entre os povos, posso explicar. No *Consistório* recentemente realizado no início deste ano em Roma, com a apresença de todos os cardeais da Igreja, a pauta principal foi a instituição da unidade religiosa, ou seja, a Religião Mundial, encabeçada pelo Papa Negro, o Conde Peter Hans Kolvenbach, que já está no poder mundial. Segundo Phelps, os Jesuítas controlam o *Federal Reserve Bank*, a *CIA*, o *FBI*, as multinacionais de petróleo, ferro, aço, as telecomunicações, a energia elétrica, enfim, controlam toda a economia ocidental, segundo os escritores Avro Manhattan (*The Vatican Billions*), Dave Hunt (*A Woman Rides the Beast*) e Eric Jon Phelps, (*Vatican Assassins*), três dos maiores pesquisadores de Catolicismo Romano, no século XX, autores de livros que têm sido apreendidos e colocados no "Index", que a Igreja garante não mais estar em funcionamento, mentindo, como sempre.

Diz Phelps que quando a Ordem incrementou os divertimentos (como Disneylândia e TV, por exemplo, os grandes campeonatos de beisebol e futebol, bem como as olimpíadas mundiais), estava apenas tentando anestésiar o povo do Ocidente para que este não se apercebesse do perigo que se aproximava.

Com um simples atentado terrorista ou um corte sumário de energia elétrica, nos países do Ocidente, o Papa Negro pode destruir, em poucos dias, a soberania de

todos esses países. Já não podemos resistir ao abraço de urso com que Roma se preparou para nos esmagar. Nossos pastores dormiram, no conforto dos seus gabinetes pastorais, e não conseguiram nos preparar para esse tempo de dores que se avizinha.

Leiamos a Bíblia e oremos de joelhos para que Deus nos dê força para a tribulação e o martírio que se aproximam, a fim de que não venhamos a renegar o Nome Santo e glorioso do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, **"crucificando-O novamente e expondo-O ao vitupério"** (Hebreus 6.6-c), com a nossa covardia de cristãos imaturos, que preferem ficar na frente da maior arma do Vaticano, a TV, em vez de ler e pesquisar a santa Palavra de Deus.

Vejamos agora, segundo Phelps, quais eram os objetivos da Ordem, com o estabelecimento da *Guerra Fria*:

1. Exterminar todos os "hereges e liberais" no mundo inteiro, conforme o pacto dos Jesuítas e o Concílio de Trento.
2. Destruir o seu grande inimigo, o Império Britânico [*o que já foi praticamente conseguido com o estabelecimento da União Européia*].
3. Destruir a liberdade popular e a soberania das nações, colocando no poder ditadores leais a Roma, conforme a política da Sacra Aliança dos Jesuítas. Para isso basta que façam um atentado terrorista de grandes proporções, o qual justifique o estabelecimento de um regime militar.
4. Estabelecer o Estado de Israel, para a futura adoração ao papa eleito, em Jerusalém, congregando ali o povo de Deus para o holocausto final.
5. Construir e perfeição a Comunidade da Inteligência Internacional, atingindo os propósitos do *Santo Ofício da Inquisição* final dos Jesuítas.
6. Preparar o Império Americano (USA) para a sua destruição, usando o negócio internacional das drogas, a medicina alopática e o terrorismo árabe (ou chinês). Construir a máquina de guerra e a Marinha Mercante, com o propósito de invadir a América, a partir do Ocidente [usando os *chineses* com os seus 200 milhões de cavalaria, em troca da abertura de todos os portos comerciais aos produtos chineses, ou os *árabes* em troca da destruição de Israel]. Com a invasão da América será destruído o último porto seguro dos protestantes, batistas e judeus, no mundo inteiro. Isso já foi quase conseguido, durante o século 20, através dos seguintes recursos:
 - a. Edições de Bíblia corrompidas, ambadas nos textos alexandrinos (os da Vulgata Latina) de Westcott e Hort, dois anglicanos apóstatas a serviço dos Jesuítas. Essas "bíblia" corromperam a fé cristã e conduziram o povo americano (e de todo o Ocidente) a aceitar as doutrinas espúrias da Nova Era (e do Espiritismo em geral), as quais invadiram os Estados Unidos, através dos imigrantes orientais e da América Central.
 - b. Apropriação e controle total da mídia em todo o Ocidente, a qual apresenta ao público somente o que convém aos propósitos da Ordem Jesuíta. Um exemplo disso é a divulgação das guerras civis na Irlanda,

Tchecoslováquia e Iugoslávia, em que os protestantes e os sérvios são sempre os vilões...

- c. Apropriação de altas quantidades de ações nas maiores corporações do Ocidente, usando o ouro roubado (pelos nazistas) dos judeus e dos protestantes mortos na II Guerra Mundial. Do dinheiro arrecadado através do Imposto de Renda, dos serviços religiosos e das "doações voluntárias" feitas pelas viúvas de grandes empresários católicos e pelos moribundos ricos, em seus leitos de morte, sempre assistidos pelos Jesuítas, conforme instruções contidas em sua Monita.

Capítulo 3

Opiniões sobre os Jesuítas e o Vaticano

Do livro "*Vatican Assassins*" de Eric Jon Phelps, colhemos algumas opiniões de personalidades mundiais a respeito da Ordem Jesuíta e do Vaticano:

Thomas Crammer, Arcebispo Anglicano de Canterbury, executado por ordem de "Bloody Mary", disse o seguinte, em 1556:

"Recuso o papa, que é inimigo de Cristo, pois é o Anticristo, com toda a sua falsa doutrina".

Melchior Cano, padre dominicano, disse, em 1560:

"Os Jesuítas são os pioneiros do Anticristo... Se os membros da Sociedade continuarem a agir do modo como começaram, Deus permita que não chegue o tempo em que os reis desejarem resistir-lhes, porém não mais terão possibilidade de fazê-lo". [Convém notar que isso já tem acontecido, desde o final do Século XIX]

William Shakespeare (ou Edward de Vere, décimo sétimo Conde de Oxford), assim se expressou a respeito das terríveis conspirações para o fracassado assassinato da Rainha Elizabeth I, de quem, dizem alguns cronistas da época, ele era filho:

"Durante o ano de 1570, ... Oxford havia permanecido insuspeita, embora sua intimidade com os primos católicos e o seu círculo de amigos intelectuais tivessem aumentado. Finalmente, ... estes, por um descuido, lhe confidenciaram, em dezembro de 1580, os seus planos de destronar Elizabeth e substituí-la por Mary Stuart, Rainha da Escócia, no trono da Inglaterra. Para sua honra... foi depressa até a Rainha - a soberana à qual, como um cavaleiro feudal, ele havia jurado irrestrita fidelidade..."

Eward Coke, jurista inglês, tem a palavra, em 1605:

A traição era algo de propriedade dos Jesuítas, desde que colocaram os pés nesta terra e jamais passaram quatro anos sem cometer a mais pestilenta e perniciosa traição, tentando subverter todo o Estado".

M. de Canaye, Embaixador Francês do Rei Henrique IV, em Veneza, 1606:

"Os Jesuítas fazem uso da confissão para obter informações sobre a capacidade, disposição e modo de viver de seus penitentes e dos principais assuntos das cidades onde estes vivem. Isso eles fazem para conseguir familiarizar-se exatamente com todos os detalhes, a fim de se tornar a par da força, dos meios e das circunstâncias de cada Estado e de cada família".

Samuel Rutherford, pregador presbiteriano inglês (1644) disse:

"Os bons conselheiros de grandes estadistas, que os parlamentos de ambos os reinos tirariam da majestade do Rei, são agora uma facção de perjúrios papistas, prelados, Jesuítas... subvertedores de todas as leis divinas e humanas, de Deus, da Igreja e do Estado". [Imaginem se ele visse o país, agora...]

Frederick Schiller, poeta e dramaturgo alemão (1790), assim se expressa:

"...Uma desoladora Guerra dos Trinta Anos, a qual, do interior da Boêmia até a entrada de Sheldt, e dos bancos do Po, até as costas do Báltico, devastou países inteiros, destruindo colheitas e reduzindo a cinzas cidades e vilas. Que abriu sepultura para muitos milhares de combatentes, e por quase metade de um século sufocou as tremulantes chamas da civilização alemã, e jogou para trás o progresso do país nas antigas barbarie e selvageria".

O **General Lafayette**, em 1799, falou:

"Em minha opinião, se as liberdades deste país - os Estados Unidos da América - forem destruídas, isso acontecerá através da sutileza dos padres jesuítas católicos, pois eles são os mais astutos e perigosos inimigos da liberdade civil e religiosa. Foram eles que instigaram a maior parte das guerras na Europa".

John Adams, 6º. Presidente dos Estados Unidos, escrevendo ao 3º. Presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson, em 1816:

"Minha "História dos Jesuítas" está no quarto volume dos doze, publicados em Amsterdã. A obra é anônima, porque, como suponho, o autor estava com medo, como todos os monarcas da Europa estavam, nesse tempo, de ser assassinado pelos Jesuítas".

William Howitt, historiador inglês ("*A Popular History of Priestcraft*") assim se refere aos Jesuítas, em 1833:

"Cada leitor inglês já se tornou familiarizado com a contínua tentativa dessas teimosas e miseráveis criaturas (os Jesuítas) contra as liberdades da Inglaterra, e as vidas de Elizabeth e Tiago I. Os nomes de Crichton, Garnett, Parry, Cullen, Gerard e Tesmond, sucessivamente comprometidos no propósito de assassinar a rainha protestante, ou na tentativa de explodir nossa rica Inglaterra e todo o seu Parlamento, servirá para perpetuar na Inglaterra o ódio contra eles..."

O **Pr. Robert J. Breckinridge**, presbiteriano, disse o seguinte, em 1841:

"Os Jesuítas dirigem todos os assuntos e delineiam os princípios da Igreja do Papa, nos Estados Unidos.

Estes fatos são aterradores. Embora os tenhamos há muito conhecido - ficamos chocados com as suas obras malignas, que esta nova prova apresenta às nossas mentes. Sim, repetimos: a nação não pode evitar as mais horrendas calamidades provindas dessa fatal e corrupta Sociedade, a não ser que medidas rápidas e vigorosas possam ser tomadas para impedir que a Ordem se propague.

A Sociedade de Jesus é inimiga do homem. Toda a raça humana deveria se unir para destruí-la. Céus e terra deveriam regozijar-se juntos sobre a sua tumba. Desse modo, não existe outra alternativa entre a sua total extirpação e a absoluta corrupção e degradação da humanidade". [Os presidentes e a Igreja Protestante dos Estados Unidos não tomaram esse conselho e o resultado é que hoje o país mais rico e influente do Ocidente é apenas um satélite da Ordem de Loyola.]

Engene Sue, historiador e médico francês, assim falou, em 1844:

"Ai de todos aqueles que a eles [os Jesuítas] se opunham. Mais cedo ou mais tarde, direta ou indiretamente, eram cruelmente atacados, sempre irremediavelmente - alguns em suas relações mais caras, outros em seu crédito. Alguns em sua honra, outros em suas funções oficiais. E tudo isso em ações secretas, silenciosas, contínuas e latentes, trazendo, na hora, um dissolvente terrível e misterioso, o qual minava visivelmente as reputações, fortunas e posições, mesmo quando solidamente estabelecidas, até o momento em que estas afundavam, para sempre, no abismo, em meio à surpresa e ao terror dos seus executores."

Lord Macaulay, historiador inglês, assim se expressa (1848) a respeito dos Jesuítas:

*"Apesar dos oceanos e desertos, da fome e da pestilência, dos espíões e das leis penalizantes, dos cárceres e das detenções, das galés e das masmorras, os Jesuítas podiam ser encontrados **sob qualquer disfarce, em qualquer país**. Como eruditos, físicos, comerciantes, servidores... para conspirar contra os tronos e as vidas dos reis apóstatas, para espalhar malignos rumores, promover tumultos, inflamar guerras civis, para armar o braço dos assassinos, para dar aos maus governantes o direito de governar o povo, de qualquer pessoa enfiar a faca no coração de um mau governante, foram inculcados pelo mesmo homem, conforme este mesmo se dirigiu ao súdito de Filipe ou ao súdito de Elizabeth..."*

André Daupin, estadista francês, falou, em 1848:

"Os Jesuítas são uma espada desembainhada, cujo manejo está em Roma, porém sua lâmina está em toda parte, invisível, até que seja sentido o seu toque".

G. B. Nicolini de Roma, 1854, patriota italiano católico, convertido e exilado na Inglaterra, diz em sua "*History of the Jesuits*":

"O governo da Companhia de Jesus é puramente monárquico e o seu General é o seu absoluto e incontrolável rei... Inácio de Loyola foi, acima de tudo, ansioso para controlar o espírito dos seus discípulos. A seu ver, eles deveriam ser humildes e submissos ao máximo. O Jesuíta deveria valorizar-se, individualmente, como um nada - e valorizar a Sociedade, como um tudo.

Nessa obediência absolutamente submissa, o Jesuíta, para obedecer o seu General, não deve ter escrúpulo algum em desobedecer a Deus. Sua consciência deve ser suprimida como uma fraqueza culposa; o temor da punição eterna, banida de seus pensamentos como fantasia supersticiosa; e os crimes mais hediondos, quando cometidos por ordem do General, devem ser considerados para a maior glória de Deus...

Através de toda a Alemanha, os Jesuítas espalharam, através da força material superior do despotismo e da intolerância, desolação e miséria, sempre que a causa da verdade e da liberdade se sobressaia. Eles eram os hábeis auxiliares de Ferdinando na destruição dos Protestantes. Estavam no gabinete imperial, em seus exércitos, entre os sectários derrotados, e até se atreviam a penetrar no campo dos Luteranos (claro que, como espiões). Os Jesuítas haviam formado Tilly, Wallenstein e Piccolomini, os três campeões da causa católica, na Guerra dos Trinta Anos... pregando o extermínio dos Protestantes e dizendo que nenhuma obra era mais meritória aos olhos de Deus do que matar esses malditos hereges...

...Considerar um Jesuíta segundo a aparência é a maior asneira. Observe o comportamento de um Jesuíta em Londres e não poderá reconhecê-lo em Roma. O Jesuíta é o homem das circunstâncias. Na Espanha, é um déspota. Na Inglaterra, é um constitucional. No Paraguai, é um republicano. Em Roma, é um fanático. Na Índia, é um idólatra. Ele sempre assumirá e agirá, independente de sua personalidade, com admirável flexibilidade, naquelas diferentes características, através das quais os homens geralmente se distinguem uns dos outros. Ele acompanhará a alegre mulher mundana ao teatro e até compartilhará de seus rompantes deboches. Com solene continência, ele se sentará ao lado do homem religioso na igreja, do mesmo modo como se divertirá na taverna, ao lado do glutão e do bêbado. Ele se veste com quaisquer trajes, fala todas as línguas, conhece todos os costumes, está presente em toda parte, embora jamais seja identificado e tudo isso (Ó monstruosa blasfêmia!) para a maior glória de Deus".

Theodor Griesinger, historiador alemão, assim se expressou, em 1873:

"...Seu objetivo (dos Jesuítas) principal era a guerra... deveria, de fato, tornar-se uma guerra de aniquilação. Além disso, seria possível que eles permitissem que fosse concluída a paz com países, cujos governos rebeldes haviam promulgado uma lei declarando que nenhum Jesuíta deveria se atrever a mostrar o rosto, sob pena de morte, dentro de suas fronteiras? Isso foi o que, em verdade, fez a Boêmia, bem como a Hungria, a Morávia, a Silésia e a Áustria. E não apenas haviam assim agido, como, ao mesmo tempo e publicamente, revelaram ao mundo todas as nefandas peculiaridades e obras da Ordem de Jesus, de tal maneira a amargurar os sentimentos dos Jesuítas ao mais alto grau... Toda a temível responsabilidade por esses terríveis trinta anos tem de ficar sobre o Imperador Ferdinando II, e seus mestres, dirigentes e amigos íntimos, os filhos de Loyola."

Charles Spurgeon, o grande pregador inglês, (1873) fala o que pensa a respeito do papado, inteiramente controlado pela Ordem Jesuíta:

"É o inerente dever de todo cristão pregar contra o Anticristo. E quanto a quem ele é, nenhum homem, em sã consciência, poderia levantar a questão. Se ele não é o papado da Igreja de Roma, nada existe no mundo que possa assim ser chamado... O papado é contra o Evangelho de Cristo, é o Anticristo e devemos orar contra ele'.

J. A. Wyllie, historiador inglês, que escreveu a grande obra "*História do Protestantismo*", assim se expressou, em 1878:

"Jamais houve um disfarce que eles (os Jesuítas) não pudessem assumir e, portanto, jamais houve um lugar onde não pudessem penetrar. Podiam entrar despercebidos nas câmaras dos monarcas ou nos gabinetes dos estadistas. Podiam sentar-se despercebidos na convocação da Assembléia Geral e se intrometer, sem serem notados, na deliberação dos debates.

Jamais houve uma lingua que eles não pudessem aprender e um credo que não pudessem professar e, assim, não houve povo algum ao qual não pudessem se agrupar e igreja alguma à qual não pudessem se amembrar, entrar e aí desempenhar qualquer função. Podiam execrar o papa com os Luteranos e jurar a Liga Solene com o contratante".

Thomas Carlyle, historiador inglês, falou, em 1880:

"Inácio de Loyola... é a fonte de onde procedem todos os rios da amargura que agora submerge o mundo'.

Edwin Sherman, em seu livro *"The Engineer Corps of Hell"*, 1883, diz:

"Seguindo tão notória Sociedade, suas pegadas são inconfundíveis - uma vala cheia de cadáveres de reis..."

Quem são eles [os Jesuítas] ? Os agentes da espionagem, da intriga e das acusações. Os principais fabricantes das ligas, das guerras civis e das perseguições armadas, dos cismas, dos assassinatos - é isso que são. Inimigos encarnados da liberdade legítima, parceiros do despotismo. É isso que são. Perturbadores de todos os Estados e de todas as famílias, sedutores e conspiradores. Instrutores de assassinos dos reis. Autores da escravidão e do furto contra os povos. Vassalos e opressores dos reis, dos povos e dos homens santos e ilustres, em nome de Deus, a favor dos papas. Essa é a sua história."

R. W. Thompson, historiador americano, em seu livro *"The Footprints of the Jesuits"*, p. 29, declara:

"[O General Jesuíta] ocupa o lugar de Deus e deve ser obedecido, ainda que a paz e o bem estar das multidões sejam ameaçados, ou que as nações sejam convulsionadas, a partir de dentro. A Sociedade Jesuíta deve conseguir o domínio, mesmo que prevaleça a anarquia generalizada ou que o mundo seja coberto com os fragmentos de uma demolição universal."

M. F. Cussak, ex-freira convertida (Kenmore) em 1896, escreveu em seu livro, *"The Black Pope"*:

"Os Jesuítas oferecem ao mundo um amplo sistema de teologia, através do qual qualquer lei divina ou humana pode ser quebrada impunemente, e pelo qual até mesmo as bulas papais podem ser desafiadas. É uma religião tenebrosa, que deve ser abominada por todos os homens honestos e honoráveis.

...O Jesuíta consegue o seu objetivo, mesmo que precise chapinhar no sangue do seu próprio povo, a fim de atingi-lo... Mesmo que muitos católicos também devam sofrer, bem como os hereges que eles devem destruir...

Enquanto eles divertem o público com jogos, passam o tempo planejando o assassinato de seus súditos indefesos, cujo único crime é ter amado a Deus mais do que ao papa e ter adorado e olhado somente para Cristo, como autor da salvação, em vez de olhar para a Igreja e para a Virgem."

Marianus de Luce, padre jesuíta e professor laureado (por Leão XIII) de *Lei Canônica*, em 1901, se expressou deste modo:

*A Igreja Católica tem o direito e o dever de matar os hereges porque é pelo fogo e pela espada que a heresia precisa ser extirpada ... pois o alto bem da Igreja é a **unidade da fé** e esta não pode ser preservada, a não ser que os hereges sejam levados à morte. [Esta e nenhuma lei do Concílio de Trento foi, até hoje, revogada. Portanto nós, os "ereges protestantes", ainda estamos condenados à morte como "irmãos separados... para morrer".]*

(**Conde von Hoensbroech**, ex-padre jesuíta alemão, no livro - "*Fourteen Years a Jesuit*" - 1911:

"Os Jesuítas, portanto, permanecem diante de nós como a encarnação de um sistema que objetiva o domínio político, através de meios políticos disfarçados sob a capa da religião, a qual confere ao líder da religião católica - o papa de Roma - o papel de senhor absoluto... e, usando a Ordem como instrumento, ele deseja obter para si mesmo o domínio do mundo inteiro".

Burke McCarty, ex-romanista americana, fala o seguinte, na obra "*The Suppressed Truth about the Assassination of Abraham Lincoln*", 1924 :

"O próximo passo no grande esquema do Vaticano é fazer guerra entre este país e o Japão, depois que este último país foi colocado sob o total domínio dos Jesuítas... o político católico romano Tiago Phelan... enviado ao Senado dos Estados Unidos, em 1913... tendo sido um movimento inicial na agitação anti-Japão..."

Boyd Barret, ex-padre jesuíta irlandês, 1927, no livro "*The Jesuit Enigma*":

"Na Ordem, o ódio aos Judeus é uma tradição. É proibido admitir qualquer descendente de Judeus na Ordem. Japoneses, chineses, índios, negros, podem ser admitidos na Ordem, mas nunca um Judeu..."

O enigma jesuíta aparece em forma de diplomacia astuta e enganosa... que a estratégia deve ser usada... e a vitória deve ser alcançada... com astúcia e traição."

Leo H. Lehmann, historiador americano, escreveu, em 1942:

"Um hábil disfarce tem sido a característica das atividades políticas do Catolicismo Jesuíta. O vocábulo jesuíta tem sido definido, em todos os dicionários, como sinônimo de sutil duplicidade... A história tem testemunhado o inegável fato de que a Ordem Jesuíta, fundada em 1540, com o expresso objetivo de fazer a Contra-Reforma, tem ultrapassado a arte da duplicidade maquiavélica. É uma organização fundada sob bases militares, com o objetivo de restaurar a política do papado romano, sendo a única Ordem da Igreja Católica que escraviza os seus membros num pacto especial para esse fim.

*As atividades da Contra-Reforma do Catolicismo Jesuíta levaram à ascensão do Nazi-fascismo contra os efeitos da liberdade da Reforma Protestante. O próprio Hitler admite ter sido ajudado pelos métodos jesuítas da Contra-Reforma, a fim de executar a sua guerra ideológica... [O livro "*Mein Kampf*", assinado por Hitler, foi escrito pelo padre jesuíta, Staempfle]. Já testemunhamos o público apoio do Catolicismo, em cada passo do Nazi-fascismo, no sentido de impor regimes totalitários aos povos. O regime fascista da Itália, o Nacional Socialismo de Hitler... A conquista da Etiópia por Mussolini... A invasão da China pelo Japão... A aliança*

(do Vaticano) com Franco... Depois de Pearl Harbor, o Vaticano aceitou o General Ken Harada como Embaixador de Tóquio, na Santa Sé..."

Dietrich Bonhoeffer, pastor luterano, enforcado a mando do padre jesuíta da SS de Hitler, em 1945, poucos dias antes do final da II Guerra Mundial, diz o seguinte, em seu livro "Ética".

"Sou culpado por ter silenciado, covardemente, no tempo em que deveria ter falado. Sou culpado de hipocrisia e de infidelidade diante da força. Falhei na compaixão, tendo negado os mais humildes dos meus irmãos... Nós, a Igreja, devemos confessar que não temos proclamado, como era o nosso dever, constante e claramente, a mensagem de um Deus que se revelou de uma vez por todas na pessoa de Jesus Cristo, o qual não tolera outros deuses além Dele. Ela (Igreja) deve confessar sua covardia, sua evasão e suas perigosas concessões. Ela tem sido muitas vezes infiel no ofício de guardiã, em favor do seu desejo de conforto. Ela se calou, quando devia ter gritado, pois o sangue dos inocentes estava clamando ao céu. Deixou de falar a palavra certa, da maneira certa e no tempo certo. Não resistiu ao ápice da apostasia da fé, tendo atraído sobre si a culpa da impiedade das massas... A Igreja precisa confessar que tem testemunhado a aplicação da força bruta, o sofrimento espiritual e físico de incontáveis pessoas inocentes, a opressão, o ódio e o assassinato, sem ter levantado a voz em favor das vítimas e sem se apressar a ajudá-las. Ela é culpada do assassinato dos mais fracos e indefesos irmãos de Jesus Cristo... A Igreja deve confessar que tem desejado segurança, paz, tranquilidade, possessões e honrarias, às quais não tem direito algum... Ela não tem dado testemunho da verdade de Deus... Pelo seu próprio silêncio, tornou-se culpada, por causa de sua má vontade de sofrer, como seria o certo".

John F. Kennedy, o 35º. Presidente americano, vítima dos Jesuítas, em 1961, dois anos antes de ser por eles assassinado (1963), declarou:

"Creio numa América, onde a separação da Igreja e do Estado seja absoluta".

Edmond Paris (1965), historiador francês, em seus dois livros "The Secret History of the Jesuits" e "The Vatican Against Europe", fala claramente das características da Sociedade e não mede palavras para descrever suas más obras. Vejamos algumas de suas afirmações:

"O papa e os seus agentes jesuítas têm sido e continuam sendo os instigadores das guerras e, enquanto o mundo chora em grande dor, Roma está bebendo champanhe..."

Pode-se afirmar, especificamente, que em 1914 a Igreja de Roma iniciou sua série de guerras infernais. Foi então que o tributo de sangue, que ela sempre tem exigido dos povos, começou a jorrar em caudalosa torrente..."

O Fuehrer atingira o poder graças aos votos do Partido de Centro (Católico), apenas cinco anos antes. Porém, a maior parte dos planos revelados no livro "Mein Kampf" já havia sido verificada. Este livro... foi escrito pelo padre jesuíta Staempfle e assinado por Hitler. Ora, foi a Sociedade de Jesus que aperfeiçoou o famoso programa Pan-Germânico descrito neste livro, o qual foi endossado pelo Fuehrer..."

... A derrota de Hitler não foi para acabar com a insidiosa obra do Vaticano na América livre. Não existem ainda 30 milhões cegamente devotados à Santa Sé? É

mais do que os Jesuítas exigem para desenvolver uma operação em larga escala, do tipo necessário para garantir o domínio oculto do Estado, que é o objetivo principal da Sociedade. De fato, a política do Departamento de Estado está sob a influência do Cardeal Spellman. Pelo menos 50% do pessoal desse Departamento representa o ponto de vista ensinado na Universidade Georgetown, a escola diplomática dos Jesuítas. Esta escola é dirigida pelo famoso Jesuíta Pe. Walsh, um geo-político do General Haushoffer, antigo autor da teoria hitlerista...

...O clero (jesuíta), no sentido de aumentar, ou conservar suas riquezas, tem sempre interferido na vida política e econômica da nação. As indústrias bélicas lhe renderam um investimento proveitoso. A ajuda anterior dada pelo Banco Morgan, o maior do mundo, tornou-se o maior impulso ao poder da Santa Sé, na América".

Emanuel M. Josephson falou, em 1968:

"...Em qualquer lugar onde irromper um movimento totalitário - comunista ou nazista (fascista) - pode-se encontrar um Jesuíta desempenhando o papel de conselheiro ou de líder. Em Cuba, o [conselheiro] de Castro foi o Pe. Armando Lhorente...

Avro Manhattan, pesquisador e historiador britânico, em seu livro "*The Dollar and the Vatican*", 1985, escreveu:

'Seu pontificado tem sido classificado como um enigma sempre imerso em denso mistério...

Nenhum evento ou circunstância pode ser avaliado sem o conhecimento do Vaticano neles participando. E nenhuma situação importante existe, na qual o Vaticano não desempenhe um papel explícito e importante'. (The Vatican in World Politics, 1949.)

J. E. C. Shepherd, historiador canadense, assim escreveu, em 1987:

"É impossível ler a história elizabetana, a não ser no contexto de um exército jesuíta, os mestres do engodo, da traição, da conspiração, da infiltração, da subversão, do assassinato, da insurreição, da guerra civil e da coerção, tudo engendrado para benefício do papado e derrota dos inimigos do papa, em qualquer parte do mundo".

Em outra obra (*The Babington Plot*), Shepherd comenta:

"Entre 1535 e 1931, a Sociedade de Jesus foi expulsa de pelo menos 83 países, cidades-estados e cidades, por se intrometer na intriga política e em complôs subversivos contra o bem estar do Estado (conforme registro do padre jesuíta Campbell, na obra "The Jesuits", 1931)... praticamente cada exemplo de expulsão foi por causa de intriga, infiltração política, subversão política e incitamento à insurreição política".

J. Wayne Laurens, em seu livro "*The Crisis: or the Enemies of America Unmasked*", assim se expressa, na pessoa de um Jesuíta falando a um americano:

"Ouça-me, por alguns momentos, e vou dizer-lhe o que sei. Seu presidente é eleito num conclave em Roma, o mesmo que elege o papa. Seu povo nomeia os candidatos. Nosso agentes secretos [os Jesuítas] selecionam entre eles aquele que imaginam venha a ser o mais favorável aos interesses da Igreja... Ele, é claro,

sempre é eleito". [O show do resultado das eleições entre Al Gore e George Bush Jr. não passou de encenação, a fim de desmoralizar a democracia americana].

O Dr. **Alberto Rivera**, ex-padre jesuíta, falecido em 1997, nos conta:

"À medida em que eu avançava na Ordem Jesuíta, mais ia vendo a corrupção grassando lá dentro. Até que me convidaram para uma **missa negra** celebrada pelos Jesuítas, num mosteiro, ao norte da Espanha. Quando me ajoelhei para beijar o anel do **Papa Negro**, vi nesse anel um símbolo que me congelou o sangue. Era o símbolo maçônico, que eu odiava, segundo o ensinamento recebido no próprio Seminário, e contra o qual fora ensinado a lutar. Era um absurdo tal, que eu quase desmaiei e fiquei sabendo, então, que o **Papa Negro**, que controlava todas as coisas no Vaticano, por trás dos bastidores, também era um maçom do mais alto grau e, ainda por cima, era membro do Partido Comunista Espanhol. Era contradição demais para a Organização fundada por Inácio de Loyola, da qual saíra, também o fundador dos Iluminados".

J. T. Chick, editor americano, fundador e presidente da *Chick Publications*, Califórnia, USA, explica:

'Por causa de sua experiência em espionagem, a Ordem havia forçado o Dr. Rivera a juntar-se às forças ecumênicas, sob a direção do Papa João XXIII. Já não podiam chamar os Protestantes de **hereges**, mas de **irmãos separados**. E os comunistas já não eram seus inimigos. E assim ficaria constituída a Igreja Mundial: protestantes de todas as denominações, todas as demais igrejas ortodoxas, os muçulmanos, os budistas, os mórmons, as igrejas ocultistas, as igrejas do leste, a meditação transcendental, as testemunhas de Jeová, a ciência da mente, o judaísmo, etc. E assim ficaria constituído o Governo Mundial: Comunistas, todas as Lojas Maçônicas, Socialistas, Ateus, Anarquistas, Uniões Trabalhistas, Nova Era, enfim, gente de todo tipo, até que o **Papa Negro** desse o seu bote definitivo e exigisse conversão forçada de todos os membros da Igreja Mundial ao Catolicismo Romano, cujo nome já significa "Universal". Sua maior força tem sido o Movimento Carismático, a ponte de união entre protestantes e católicos. Graças aos seus agentes secretos, a Igreja de Roma tem entrado, sorrateiramente, na televisão e na literatura cristãs e tem sido recebida como portadora de mestres evangelistas. Enfatiza sempre que é o amor que deve unir protestantes e católicos e este é o seu grande avivamento espiritual. Os primeiros grupos a cair nas malhas desse objetivo foram os adventistas, seguidos pelos membros da ADHONEP (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno). Em seguida os Batistas, Metodistas, Luteranos, etc. Até que todos já estavam laçados, inclusive os Mórmons, Testemunhas de Jeová e muitos outros. Todos os Seminários e Colégios modernistas aderiram ao Ecumenismo. Os jesuítas passaram a dirigir as ações da Juventude Católica, Legião de Maria e Cavaleiros de Colombo, para destruir essas resistências. Agora, todos eles se calam diante de Roma, certos de que a Igreja Romana é cristã e a maioria dos pastores protestantes tem medo de falar mal de Roma. Mesmo porque se fizerem isso os espiões infiltrados em suas igrejas irão atacá-los sob as ordens de Roma. Isso é o que se chama de a Grande Apostasia, conforme diz a Palavra de Deus, na 2 Ts 2:3, a qual acontecerá antes da Segunda

Vinda de Jesus. Parece que estamos nos aproximando dos últimos dias. O Sistema Católico Romano está bem descrito no capítulo 17 de Apocalipse. Ele é a super-igreja e a besta [União Europeia?] fará com que ela suba ao poder, durante a grande tribulação. Depois, ela será destruída com fogo. Então, o Senhor Jesus voltará para destruir todo o sistema podre deste mundo, trazendo, afinal, justiça e paz para todos os que nele crêem e lhe são fiéis.

Para ganhar as almas dos Católicos para Jesus precisamos falar, com muita coragem, que a Bíblia é a única verdade que liberta da mentira e do fanatismo religioso, que os católicos romanos não são cristãos e que a Igreja Católica Romana não é uma Igreja cristã. Temos de levar esta mensagem pura e verdadeira a mais de um bilhão de católicos, que estão sendo ludibriados no mundo inteiro!"

Dave Hunt, escritor americano e pesquisador de Catolicismo, em seu livro de 600 páginas, "*A Woman Rides the Beast*", por nós traduzido para o Português, em 1998, e ainda não editado no Brasil, fala do fantástico poder do Vaticano:

"Os papas afirmam que podem abrir e fechar os portões do céu – ou do inferno. Para tanto, eles carregam consigo as pesadas chaves de S. Pedro. Mas, vez por outra, eles podem também abrir os portões aqui em baixo. E, sendo o mundo como é, isso é ainda mais importante. Particularmente, em ocasiões em que os portões da diplomacia internacional devem permanecer fechados".

Sobre a transferência do trono de Roma para Jerusalém **Dave Hunt** fala:

*"Agora, o papa JP2 tem se intrometido nos assuntos de Israel com os palestinos, na certa visando a parte do leão, na hora de repartir o bolo. Roma tem quase certeza de que é a herdeira infalível e absoluta do Cristianismo primitivo e, por isso, deseja instalar-se em Jerusalém, a fim de `provar` a sua legitimidade como Igreja. Contudo, isso jamais acontecerá, porque o Anticristo vai dar um **basto** nos abusos dessa Igreja que vai colocá-lo no poder, usando toda a sua força religiosa, política e econômica. Quando o Anticristo se voltar contra os Judeus, já terá se voltado contra a "mulher" que o colocou no trono (exatamente como as prostitutas costumavam fazer no passado, colocando seus papas favoritos no "trono de Pedro") e destruirá essa "mulher" vampira para realizar o cumprimento da profecia de Apocalipse 18. **"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas."***

Eric Jon Phelps, autor de uma das duas obras aqui usadas, isto é, "*Vatican Assassins*", publicada no ano 2000, tem a palavra:

"No "JFK, Director's Cut" Oliver Stone emprega a música de Wolfgang Amadeus Mozart. Por que os Protestantes não empregam Bach e Mendelson? Porque Mozart era um maçom católico romano e compôs a "Flauta Mágica" para a irmandade. Ele também compôs uma ópera em Latim, como interlúdio da tragédia "Clementia Croese". Ela foi executada no Colégio Jesuíta, em Salzburgo, Áustria. Mozart foi a ferramenta mais fiel dos Jesuítas e, desse modo, o compositor que mais calhava com a obra de Oliver Stone".

Sobre o assassinato de Kennedy, o primeiro presidente católico dos Estados Unidos, ferido pelos seus próprios correligionários, Phelps usa um versículo bíblico:

"E se alguém lhe disser: que feridas são estas nas tuas mãos? Dirá ele: são feridas com que fui ferido em casa dos meus amigos".

Zacarias 13:8.

Phelps incita o povo americano a não compactuar com as obras da Ordem Jesuíta, usando Efésios 5:11 que diz:

"E não vos comuniquéis com as obras infrutíferas das trevas, mas antes condenai-as".

"Fazendo isso, estaremos resistindo ao poder do Diabo e do seu General Jesuíta, controlador da Sociedade Jesuíta, soberano da Ordem Militar de Malta, da Maçonaria, dos Cavaleiros de Colombo e dos Illuminatti de Rothschild. Se nossos antepassados o fizeram, temos o dever de fazer o mesmo. Como servo do Senhor Jesus Cristo, pergunte, ousadamente, ao Pai Celestial, o que deve fazer para resistir, aí, onde você está. Ele vai lhe mostrar. Possa o Filho de Deus estar com você, aré que nos encontremos na eternidade, no dia do Julgamento no Tribunal de Cristo".

"... O pecado pessoal se transformou em nosso inimigo íntimo. À medida em que o povo foi perdendo [a fé em Deus e] a esperança, ele procurou preencher o vazio do seu "Deus morto" com o prazer. Perdeu a coragem de lutar contra a tirania, em favor das causas justa, como pessoas justas. Controlada pelos Jesuítas, a Corte Suprema Warren baniu do nosso sistema educacional público a Bíblia e a oração, as duas fortalezas protestantes que tornaram grande o povo americano, tão amaldiçoado pela Ordem. Durante anos a Ordem continuou a usar o não esclarecido assassinato do Presidente Kennedy para destruir a moral e o patriotismo dos americanos.

Nós, povo americano, tendo perdido a confiança no Deus de nossos pais, encontramos-nos à deriva, num mar tempestuoso, sem um porto seguro à vista".

Sobre a edição das Bíblias corrompidas pelos textos alexandrinos de Westcott e Hort, dois anglicanos apóstatas, a serviço dos jesuítas, desde o Século 19, Phelps cita as palavras de um dos provinciais da Ordem:

"Nós, os Jesuítas, iremos tomar conta de todos os colégios e universidades. Ganharemos o controle, por lei, da instrução, da medicina, da ciência, da educação e, então, excluiríamos de todos os livros didáticos tudo que for injurioso ao Catolicismo Romano. Moldaremos os ideais da juventude. Vamos nos congregar como pregadores protestantes e professores de colégios, nas diversas denominações protestantes. Mais cedo ou mais tarde, conseguiremos minar a autoridade do Texto Grego de Erasmo e também as edições do Velho Testamento, que têm ousado erguer a cabeça contra a nossa tradição, destruindo, então, a Reforma Protestante". (Até aqui falou Eric Jon Phelps).

Como sempre, os Jesuítas conseguiram realizar mais esse objetivo, pois as novas edições da Bíblia, como a BLH, a Viva, a NVI e outras, em nosso país, já foram editadas conforme o desejo dessas raposas globais. Aqui no Brasil, os Jesuítas não tiveram tanto trabalho para controlar a educação, o sistema de saúde, as finanças, enfim, a vida do povo. Desde o início da colonização, eles já foram cuidando de seus interesses. O Estado do Piauí, por exemplo, era quase todo propriedade dos Jesuítas, até que estes foram expulsos, na época do Marquês de

Pombal, que neles descobriu os maiores inimigos da Coroa Portuguesa e de suas colônias. E o que aprendemos na escola? Que Pombal foi um monstro, que prejudicou demais o nosso país, quando a verdade é bem outra!

Como estudante, durante toda a minha vida, sempre fui ensinada a crer que Lutero foi um frade dominicano tremendamente invejoso, que fez a Reforma Protestante por ganância e inveja de Tetzl, o vendedor de indulgências do Vaticano, quando a verdade histórica é totalmente outra. Lutero foi o maior homem que o mundo já possuiu, depois do apóstolo Paulo]. Paulo, depois de Cristo, foi o melhor. Loyola, depois do Diabo, foi o pior...

De Phelps traduzimos este poema, que apresenta um perfil interessante do fundador da Sociedade Jesuíta, **Inácio de Loyola**:

O espanhol que seria/ de uma nobre ascendência,/ com sua Ordem queimaria/ de Adão a descendência./ A todos os que estavam/ sob o seu forte comando,/ seus gritos sempre ecoavam:/"Voltemos a Hildebrando!"/ Do papa as duas espadas/através dele atuavam/ e a Satanás consagradas/ contra Jesus se voltavam./ Seu nome as muitas nações/ precisam bem conhecer,/ pois todos os corações/ tem tentado perverter./ Em guerras e sofrimentos/ ouve-se o terrível nome./ Ele só nos traz lamentos/ e em muitas guerras consome./ É Inácio de Loyola./ Já o tinha antes ouvido?/ De Satanás na bitola/ ele sempre foi contido./ Como Judas com o seu bando/ foi pro seu próprio lugar/ e lá nas trevas gritando/ para sempre vai ficar.

Agora vamos ver como o Vaticano usou os ditadores europeus para tentar estabelecer um *Estado Totalitário Europeu* sob o seu comando. As duas Grandes Guerras que, segundo Phelps, ele preparou tinham como objetivo único criar esse super Estado Europeu, para dali expandir o seu poder através do mundo inteiro, controlando os povos através dos ditadores por ele escolhidos, como nos tempos da Idade Média.

O Vaticano Odeia o Protestantismo

Avro Manhattan, no capítulo 18 do seu livro "*Vatican Imperialism in the Twentieth Century*", fala do ódio que o Vaticano tem represado contra o Protestantismo, desde o início da Reforma Protestante.

O ditado popular de que as antigas facções religiosas são vulcões extintos, e que os ódios religiosos estão definitivamente mortos, é um conceito, não apenas errado, como até uma demonstração de perigosa falácia.

Desse modo, acreditar que a inimizade secular existente entre o Catolicismo Romano e o Protestantismo é coisa do passado ou que a Igreja de Roma, conquanto tenha combatido e neutralizado a Igreja Ortodoxa, resolveu fazer as pazes com as demais religiões chamadas cristãs, é tão enganoso como acreditar que a Igreja Católica já não mais se considera a "única detentora da verdade", e agora, também, já não considera todas as demais religiões como falsas e prejudiciais.

A verdade é que o antigo ódio do Catolicismo contra o Protestantismo continua vivo, mais dinâmico e forte do que nunca, pronto a atacar impiedosamente os "hereges", quando tiver ocasião propícia. O que acontece é que os regimes democráticos e liberais do Ocidente já não permitem

que essa Igreja faça investidas contra as liberdades religiosas, e isso tem evitado conflitos, impedindo que ela aja com sucesso e impunidade contra as liberdades proclamadas em alta voz e, relativamente, exercidas no Ocidente.

Contudo, não deixa de ser perigoso acreditar que a Igreja de Roma mudou para melhor, tendo passado por uma conversão interior, e que agora age com amor em relação a todos os seus "inimigos" religiosos. O fato é que sua tolerância é apenas superficial e procede de uma série de fatores, aceitos voluntária ou compulsoriamente, sendo que a maior partes destes tem estado fora do seu controle. Além da sociedade moderna tê-la obrigado a praticar essa tolerância religiosa, seus motivos particulares convenceram-na a aceitar e até a se mostrar cordial com o Protestantismo. Dentre esses fatores destacam-se dois, que são: 1. O fortalecimento das ideologias contemporâneas hostis a Roma. 2. O fortalecimento dos esquemas políticos ambicionados pela Igreja. Esses dois fatores estão de tal maneira inter-relacionados que a necessidade de se opor ao primeiro e de incrementar o último tem levado a Igreja a se postar ao lado dos vários oponentes religiosos, os quais, há relativamente pouco tempo, ela não teria hesitado em queimar na fogueira, pelo simples fato de estarem em desacordo com as suas doutrinas.

Além desses, outros motivos igualmente fortes têm contribuído para uma "tolerância" maior do Catolicismo em relação ao Protestantismo. As mais ricas e poderosas nações ocidentais, principalmente os USA, tornaram-se poderosas aliadas do Vaticano, durante a chamada Guerra Fria, tendo o dólar americano se tornado a moeda oficial do Vaticano (o que vai continuar, pelo menos até o Ano 2002, quando o Euro entrar em circulação), sendo 3/4 de sua riqueza procedente, direta ou indiretamente, desse rico país americano. Isso é mais importante para o Vaticano do que geralmente se supõe, visto como o poder econômico gera o poder político e estes, aliados ao grande poder religioso da Igreja de Roma, têm transformado essa instituição na mais poderosa de todo o planeta. A ironia da história é que essa Igreja tenha ficado tão rica assim, na maior nação (nominalmente) protestante do globo. Contudo, o fator mais importante que levou a Igreja de Roma a embarcar nesse esquema foi o desejo do domínio político e religioso das Américas, a partir do âmago da nação líder desse continente, os USA. E foi assim que arquivar a intolerância religiosa tornou-se algo sumamente necessário à consecução desse objetivo e além de outros motivos.

Mas apesar das evidentes razões que levaram a Igreja a praticar - da boca para fora - a liberdade democrática (que ela sempre odiou) e desse modo, fingir uma atitude amistosa em relação ao Protestantismo, o seu antigo ódio permanece latente e, sem dúvida, vai ser publicamente demonstrado, quando essa organização política-econômica-religiosa estiver no domínio total do Ocidente, livre da pressão da Inglaterra e dos USA, o que poderá acontecer em breve, com o estabelecimento da *União Européia*.

Aos incautos líderes protestantes que têm caído no "conto do vigário de Cristo", devemos admoestar que embora o ódio do Vaticano contra o Protestantismo pareça extinto, esse ódio permanece latente como as brasas ocultas sob as cinzas de uma fogueira de São João, e com um ligeiro pontapé de "Sua Santidade", essas brasas virão à tona com maior ferocidade (e rapidez) do que aconteceu na Idade Média.

Vamos repetir que a aparente tolerância do Vaticano em relação ao Protestantismo é completamente enganosa. Sua atitude é imutável, embora ele possa mudar os meios de conseguir o seu objetivo, que é neutralizar a Reforma de Lutero e reinar suprema em Jerusalém. Embora o ódio aos "hereges" já não seja proclamado do alto dos telhados e os líderes protestantes tenham sido enganados através do Ecumenismo - por covardia ou ignorância - as regras ditadas pelos papas nos vários concílios internos da Igreja têm continuado no mesmo teor do Concílio de Trento, cujo grito foi "morte aos hereges!"

Antes da Guerra Franco-Prussiana, em 1870, os católicos falavam publicamente de uma renovação da luta contra o Protestantismo, nos moldes dos séculos anteriores. O jornal "*Le Monde*", de Paris, órgão oficial do Núncio Papal, chamava essa guerra de "cruzada religiosa contra o Protestantismo". A França o Vaticano havia garantido que bastava um ataque à Prússia protestante para que a Alemanha do Sul a ela se juntasse. Mas enquanto a hierarquia romana gritava slogans a favor do papa, os patriotas alemães gritavam "pela Pátria". Essa guerra organizada para liquidar o Protestantismo custou a Napoleão III o seu trono. O Vaticano sempre

compele os ditadores a lutar pela causa da Igreja, mas quando estes são derrotados, ele se volta para o lado vencedor, fazendo acordos por baixo do pano e desprezando os antigos aliados, como foi o caso de Hitler e Mussolini, que acabaram morrendo por confiarem nas promessas dos ímpios Pios XI e XII.

Sempre que o Vaticano começa a perder uma guerra contra o Protestantismo (ou outro grupo religioso) ele se volta rapidamente para o lado vencedor, jurando, em o nome de Deus, que sempre estivera a favor desse vencedor, e apresentando "provas" aparentemente irrefutáveis de que se calara em certas ocasiões, a fim de não prejudicar os católicos do lado vencido, como foi o caso de Pio XII, em relação aos soldados católicos dos exércitos nazistas. E o mundo inteiro, convencido pela poderosa máquina da propaganda católica, acaba acreditando em tudo que essa Igreja diz, a despeito de muitos testemunhos confiáveis, dizendo o contrário, como foi o caso da Croácia católica, que sacrificou quase um milhão de sérvios inocentes e tudo ficou em oculto, até hoje. Com os seis milhões de Judeus mortos no Holocausto teria acontecido o mesmo, se a força judaica não fosse mais autêntica e tivesse calado os desmandos de um paranóico chamado Hitler, abençoado por "Sua Santidade" e sua hierarquia. A verdade é que sempre que o Vaticano perde uma guerra contra os Protestantes ou qualquer regime democrático, ele se volta para o lado vencedor, jurando que sempre estivera a favor daqueles contra quem estivera lutando, por baixo do pano.

Quando os ingleses libertaram Jerusalém dos turcos, na I Guerra Mundial, estabelecendo ali um governo britânico, o Cardeal Gasparri, porta-voz do Vaticano, mesmo tendo se regozijado com o fato, após um momento de reflexão, falou com a maior seriedade: "*É lamentável que essa libertação tenha sido conseguida por um Poder protestante, que não pratica a verdadeira fé*", ou seja, a Grã Bretanha. Essas palavras parecem inofensivas, mas o Vaticano depressa começou a empurrar a sua hierarquia no sentido de erradicar o governo "herege" da Palestina. Isso mesmo aconteceu na Ilha de Malta, onde a Igreja só descansou quando expulsou de lá o governo britânico, sob mil e um subterfúgios políticos.

Mas, pela vontade soberana de Deus, que usou o brasileiro Osvaldo Aranha, através da ONU, foi estabelecido, na antiga Palestina, em 1948, o Estado de Israel. Isso aconteceu por causa da II Guerra Mundial, na qual seis milhões de Judeus foram sacrificados por Hitler, numa guerra tenebrosa, que eclodiu sob as bênçãos de Pio XII, que tinha dois objetivos em vista com essa guerra: 1. Liquidar o Perigo Vermelho e a Igreja Ortodoxa Russa. 2. Estabelecer os *Estado Católico Europeu*, sob o governo de um ditador católico, que governasse o Continente sob os ditames do Vaticano. Quando viu que Hitler estava perdendo a guerra, Pio XII logo se bandeou para os Aliados, traindo os ditadores que estavam agindo a favor dos seus planos e que agora, infelizmente, haviam caído em desgraça. Hitler, Mussolini, Seipel, Pavelic, Tiso, Weigand e outros foram os instrumentos usados pelo "Papa de Hitler" para a implantação do *Estado Católico Europeu*. Esse plano fracassou naquele tempo, após ter ensopado de sangue inocente a Europa e destruído muitos países, mas o Vaticano não aprendeu a lição e continuou fazendo guerras, como a do Vietnã e outras, usando os ditadores católicos e a ingenuidade americana para liquidar os "hereges" do Oriente.

Tendo fracassado em tantas guerras, que visavam o mesmo fim, o Vaticano mudou suas táticas e partiu para um plano menos sangrento, isto é, enganar o mundo com o *Movimento Ecumênico*. A João XXIII foi ordenado, pelo Papa Negro - o General Jesuíta Pedro Arrupe - que convocasse o Concílio Vaticano II, em 1962. Em menos de 40 anos, o *Movimento Ecumênico* iria conseguir o que muitas guerras não conseguiram, isto é, minar o Protestantismo, através do falso amor.

Em 1990, a Rússia Soviética foi definitivamente neutralizada e o Bolchevismo derrotado, graças ao *Movimento Ecumênico*, e a *União Européia* logo se transformou em realidade.

Verificando que a sociedade moderna já não suportava a sua intolerância religiosa, o Vaticano mudou de tática e João XXIII convocou o Vaticano II. Este concílio providenciou uma série de mudanças na maquiagem da Igreja, deixando, porém, sob a mesma as "espinhas e cicatrizes" do Concílio de Trento, cujas leis canônicas permaneceram intocadas, estando, até hoje, em pleno vigor, com o seu grito permanente de "Morte aos hereges!"

Uma evidência de que o ódio ao Protestantismo e aos demais "hereges" é a característica principal da Igreja de Roma pode ser constatada, historicamente, na Espanha, quando, em 1952, 20.000 protestantes foram tão isolados espiritualmente como os "hereges" dos séculos anteriores, em verdadeiro "gueto protestante", por ordem do Cardeal Morella, Secretario do Vaticano, para as Religiões Não Cristãs, conforme contou o Rev. J. MacKay, presbítero e presidente do Seminário Teológico Princeton, nos artigos da "*Presbyterian Life*" 1951. Os protestantes não podiam abrir suas igrejas, não podiam fazer cultos nos lares, nem nas capelas, não podiam manter seus clubes e nem suas escolas paroquiais.

A Espanha católica, quando não governada por um presidente liberal ou esquerdista, sempre tem se distinguido em seu ódio aos protestantes e os simpatizantes destes têm sido ostensivamente boicotados, confinados e até aprisionados, sob os mais ínfimos pretextos. Na Espanha de Franco ou em qualquer outro país onde a Igreja de Roma exerça o poder religioso, o punho de ferro do Vaticano é sempre ostensivamente usado, sob a alegação de que Deus lhe deu o direito de reprimir a "heresia", mesmo através da força, a fim de proteger a "única religião verdadeira". Em outubro de 1946, o espanhol J. Morado foi sentenciado a seis anos e um dia de prisão pelo "crime" de não ter-se ajoelhado, no momento em que a hóstia foi levantada na missa, conforme a publicação "*Prophecy*", Los Angeles, CA, Set. 1947, o "*London Times*" de 15/03/1952, e o "*Times*" de 17/03/1952.

Mesmo tendo Franco permitido ou incentivado os ataques às capelas protestantes, após a II Guerra Mundial, o seu governo recebeu, em 1952, ajuda de 100 milhões de dólares, a fim de "salvar a democracia e a civilização cristã." Foi então que ele relaxou a perseguição aos "hereges", aconselhado pelo porta-voz de Pio XII. Mas as campanhas anti-protestantes continuaram, através da famigerada "Ação Católica", com a distribuição de panfletos odiosos, que chamavam os protestantes de "libertinos e traidores do seu país, cujas mulheres não possuíam virtudes". Enquanto isso, o Cardeal Segura, de Sevilha, trovejava maldições contra a "ameaça protestante", criticando qualquer concessão aos "hereges", etc. Estes são apenas ínfimos exemplos da intolerância católica presente no governo de Franco, a qual, provavelmente, se repetirá na *União Européia*, logo que a "religião verdadeira" se tornar dominante.

Na Colômbia, em 1952, o missionário batista, Rev. J. Riddel, abriu uma capela na "Plazuela San Martin", em Bogotá. Já no primeiro culto, uma grande multidão de católicos fanáticos apareceu e apedrejou o edifício. No segundo, o Pe. Florêncio Alvarez chegou acompanhado de uma turba, aos gritos de "*Não vamos deixar que roubem a nossa religião... a Colômbia é católica!*", apedrejando o edifício, enquanto gritava "*contra os milionários protestantes dos Estados Unidos que estavam tentando desunir o povo e erradicar a nossa verdadeira fé!*"

Mais tarde, a capela foi restaurada, em razão dos protestos do Embaixador Americano, diante do governo colombiano, que fez com que este se lembrasse que a Constituição de 1936 permitia a liberdade religiosa no país. Mesmo assim, continuaram as perseguições, até que o país se transformou no maior centro sul-americano de exportação da cocaína, pelos chefões (católicos praticantes) da Máfia, sob o aval da "única religião verdadeira". Isso jamais teria acontecido se o povo tivesse sido alimentado com o legítimo evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, "**o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê**" (Romanos 1:16).

No México, os protestantes têm sido assassinados, desde que lá chegaram, em 1870. No Peru, um missionário batista canadense foi apedrejado, em 1930, e assim aconteceu em muitos países sul-americanos [inclusive no Brasil, onde o venerado Frei Damião vivia incitando os católicos a apedrejar os protestantes, no Nordeste.]

No Japão e nas Filipinas, durante a II Guerra Mundial, por tácito consentimento do "Papa de Hitler", cerca de 7.500 missionários foram confinados aos campos de concentração, ao mesmo tempo em que os católicos tinham toda a liberdade de locomoção.

"*Ah!, isso foi há muito tempo!*", dirão os leitores incautos. Então, aguardem para ver o que acontecerá em breve, quando a Igreja de Roma estiver no controle total da Europa, e estender suas garras até a América do Norte, cortando toda a

ajuda econômica aos "hereges", que morrerão de fome, se não se dobrarem diante do ditador americano, que o Vaticano colocará nesse país. Como sempre, ele vai agir sub-repticiamente, usando povos orientais para fazer e serviço sujo.

Os pastores protestantes de hoje se preocupam tanto com o seu conforto e progresso material que esquecem de ler e estudar a história da perseguição católica no Século XX, e sempre que se fala de perseguição, eles vão logo dizendo que "*isso foi no tempo da Inquisição e hoje é bem diferente*". Pobres iludidos! Quando a autora era menina, nos anos 40, os padres viviam gritando, nos púlpitos das igrejas católicas do Ceará, para não se passar sequer na calçada de uma "igreja de bodes" e quem entrasse numa delas seria excomungado. Ela, menina católica, morria de medo desses "bodes chifrudos" e tinha a impressão de que eles fediam, como os animais, seus homônimos. Avro continua:

No jornal "*Montreal Herald*" (30/09/1951), e no "*Times*" (27/08/1951), foi publicada a seguinte notícia:

O Rev. Alfred Roy, padre católico romano, admitiu ter queimado panfletos religiosos enviados aos batistas. A declaração foi feita pelo inspetor dos Correios, W. L. Gagner, enviado à comunidade noroeste de Quebec (Rouyn), a fim de investigar a acusação feita pelo pastor batista, L. G. Barnhart, da vizinha Noranda.

Barnhart denunciou que panfletos religiosos endereçados aos batistas de Ste. Germaine Banle... não chegaram ao destino. Gagner disse que o gerente dos Correios... Wilfrid Begin havia suspenso a entrega dos folhetos por ordem do Pe. Roy. Begin e por isso foi demitido do cargo. O inspetor Gagner informou que o Pe. Roy confessou a queima dos folhetos porque estes continham sermões mimeografados pelo Pr. Barnhart... os quais dariam aos povo falsas idéias...

As mesmas coisas que consumiram esses folhetos podem ter sido usadas para queimar o que há de mais precioso, não só para os batistas, mas também para os protestantes, isto é a Bíblia. Vejamos porque...

Em 27/05/1923, muitas Bíblias foram queimadas em Roma, "Em honra à Virgem". (*Courrier de Genève*, 15/06/1923). Em 1932, na Irlanda, durante o *Congresso Eucarístico em Dublin*, muitos evangelhos protestantes foram queimados. Na Espanha de Franco, mais de 100 mil Bíblias foram incineradas, em 1940. (*New York Times*, 06/10/40). Em 04/12/1949, todas as Bíblias protestantes foram queimadas por ordem do Prefeito de Toribó Cauca, na Colômbia. Em maio de 1950, as Bíblias da capela de La Aguado Casamare (Colômbia) foram queimadas numa cerimônia católica. A destruição de Bíblias e de hinários evangélicos pelo fogo prosseguiu, com o fechamento de capelas protestantes, em 1949. [Não é à toa que esse país tem sido tão amaldiçoado por Deus...]

Uma coisa é certa. Sempre que a Igreja de Roma pode exercer influência religiosa dominante em qualquer parte, o seu ódio aos protestantes vem à tona. Esse tipo de perseguição pode voltar a acontecer, a qualquer momento, quando cair a máscara do *Ecumenismo*. Diz Avro que no Canadá, a pressão católica contra o governo quase levou a uma mudança na Constituição do país, fazendo com que esta fosse substituída pela *Leia Canônica* e isso vai acontecer, logo que o Reino Unido estiver sob o tacão do papa. O Vaticano já conseguiu neutralizar os bastiões da Reforma Protestante na Europa - Inglaterra, Alemanha e Holanda - e agora já quase conseguiu neutralizar o maior país protestante das Américas - os USA. Usando o poder econômico, financeiro, político, militar e religioso já conseguido, através da Ordem Jesuíta, dos Cavaleiros de Malta e dos Cavaleiros de Colombo, a Igreja de Roma é agora proprietária de mais de um terço da riqueza do Ocidente e, com o poder que ela possui, pode governar o mundo inteiro, com mão de ferro.

Após a morte de Pio XII, a oposição aberta ao Protestantismo foi relaxada. Veio João XXIII, com o expresso objetivo da parte do seu mentor - o General Jesuíta Pedro Arrupe (hoje o General é o Conde Peter Hans Kolvenbach) - de estabelecer o *Movimento Ecumênico*. Imaginemos o pensamento desse General Jesuíta, conforme o conhecimento adquirido sobre a maneira como tem agido a Ordem de Loyola, ao longo de quase 500 anos:

"Já que não conseguimos, durante mais de 450 anos, exterminar os protestantes pela força, pois estes são duros na queda, vamos tentar liquidá-los através do Ecumenismo [Eucomomesmo], pois eles são tolos demais, acreditando em que tudo o que lêem em suas Bíblias - sobre o amor ao próximo - e em tudo que declaramos pela imprensa. Desse modo, irão cair em nossa armadilha infalível e até 2002 teremos todos eles nas mãos. Estes serão os últimos 40 anos de nossa peregrinação pelo deserto, rumo à Terra da Promissão, e em 2002 a Europa será toda nossa. Logo depois os Estados Unidos serão também nossos e então o Santo Padre chegará a Jerusalém, quando esse país deixar de paparicar os Judeus. Nesse tempo, daremos cabo, definitivamente, dos `assassinos de Cristo` e reinaremos soberanamente sobre a Terra, através do nosso papa".

Esta suposta profecia do Pe. Arrupe já quase se realizou com o estabelecimento da *União Européia*. Seu sucessor, o atual General Jesuíta, Conde Kolvenbach, tem colocado o "globe-trotter" JP2 cada vez mais no caminho dos árabes e judeus, dando palpites e conseguindo promessas dos líderes de ambos os lados, promovendo a chegada de maior número de Judeus a Israel, amontoando-os para o grande sacrifício em que serão oferecidos ao "deus" católico, Mamom.

O Concílio Vaticano II liberou o uso das vestes clericais, do Latim obrigatório nas missas, passando a ser usado o idioma do país onde são celebradas, e de outros itens sem importância. Agora os católicos já podem ler a Bíblia, coisa que a "Igreja Infalível" antes proibia. Infelizmente, são as Bíblias alexandrinas que eles estão lendo, mas Deus usa até mesmo Bíblias católicas para salvar as almas dos católicos perdidos nos labirinto dos erros doutrinários de sua Igreja.

Enquanto isso, os *"irmãos separados... para morrer"*, mesmo tendo sido ofuscados pelo brilho do falso amor pregado pelo *Ecumenismo*, ainda continuam sendo propriedade do Supremo Pastor, Jesus Cristo, e o Espírito Santo continua velando por eles, muitos dos quais são ovelhas sem pastor. Nossa esperança é que eles, alertados por autores confiáveis, como Avro Manhattan, Dave Hunt, Eric Jon Phelps, Norbert Lieth, Ian Paisley, Arthur Noble, e muitos outros, ainda fiéis ao verdadeiro Cristianismo pregado na Reforma Protestante, e também fiéis à Bíblia King James (no Brasil Revisada FIEL, de Almeida), possam descobrir, enquanto é tempo, que o *Ecumenismo* é a *maior balela* do final do Século XX e início deste Século XXI, e que Jesus poderá voltar a qualquer momento e pedir contas - aos mais letrados - da preguiça de ler a Palavra Santa e de pesquisar a história do Catolicismo Romano, da qual temos mais de 10 mil páginas, todas elas incriminando essa Igreja, que tem provado, pelos seus atos, ser a descarada meretriz de Apocalipse 17.

Capítulo 4

A Alemanha, O Vaticano e Hitler

No capítulo 10 do seu livro "*The Vatican in World Politics*", Avro Manhattan diz o seguinte:

A história do Catolicismo político contemporâneo na Alemanha começou, por assim dizer, durante a formação e consolidação do Primeiro Império Germânico. Uma olhada no comportamento do Vaticano, nesse período crítico, demonstra a consistência da política fundamental da Igreja Católica em geral e esclarece os seus malabarismos políticos. Eles sempre têm feito parte do seu método de atingir os objetivos com a formação do *Partido Católico*, o Partido de Centro, o qual desempenhou papel de grande relevância na vida alemã.

Que um Estado protestante como a Prússia pudesse dominar a vida política de numerosos Estados católicos alemães provocou a maior hostilidade na Igreja Católica e fez com que Bismarck, ao estabelecer o Império Germânico, reconhecesse que o poder centralizado no Vaticano era um inimigo por demais sutil aos seus planos. Estadistas, antes e depois de Bismarck, haviam enfrentado esse mesmo problema, porém Bismarck o enfrentou com verdadeira brutalidade bismarquiiana...

"Será que esta grande corporação, isto é, a Igreja Católica Romana, um terço de toda a população alemã, deve obedecer em assuntos civis, as leis feitas pelo Parlamento ou os mandatos emitidos por uma turma de padres italianos?"

Não houve dúvida sobre a resposta do Vaticano. Ela se estendeu, de Roma até os bispos da Alemanha, e dos bispos para o seu clero mais baixo e o laicato. A máquina total que a Igreja Católica possuía foi logo colocada em movimento. Dos púlpitos fulminaram denúncias que eram mais adequadas a plataformas políticas, e no Parlamento apareceu, então, o *Partido Católico* devotado aos interesses do Vaticano. Ele foi liderado pelo influente estadista Windthorst. Antes da incorporação de Hanover à Prússia, esse estadista havia exercido um posto de comando no Gabinete de Hanover. Era conhecido pela sua ambição, seus grandes poderes como líder parlamentar, e pelo seu ódio contra a nova ordem estabelecida.

Os dois homens se tornaram símbolos das duas forças opostas. Visto como o poder do Vaticano havia se fortalecido pela fórmula da Infallibilidade, a conclusão lógica era a da exigência da Igreja Católica sobre a vida de um Estado e sobre a moldagem da sociedade. O resultado foi uma longa luta, na qual foram engajados quase todos os membros da hierarquia católica alemã. Os mais notórios foram os bispos de Ermeland e Paderborn e os Arcebispos de Colônia e Posen. Então, logo apareceram os jesuítas. Eles haviam estado sempre ativos contra a Alemanha, durante as guerras austríacas e francesas e não apenas haviam instigado as diferenças religiosas, mas também os ódios políticos e raciais, especialmente na Polônia e na Alsacia-Lorena. À medida em que o tempo passou, suas atividades cresceram e a luta se tornou ainda mais árdua. Não só devido à interferência dos jesuítas, mas através do esforço da hierarquia romana. Todos os meios foram empregados para retirar dos púlpitos e das cátedras docentes, todos os que não haviam aceito o dogma da Infallibilidade. E como esses homens assim relegados eram pagos pelo Estado, as autoridades civis resistiram. Isso conduziu a tal violência na pregação que levou à publicação das "Leis de Púlpito".

Bismarck nomeou um homem forte como Ministro da Adoração – com o nome de Falk - e ao mesmo tempo foi proposto por Bismarck que um embaixador alemão fosse enviado ao Vaticano. Essa proposta foi rejeitada.

Em 1872, todo o corpo de jesuítas foi expulso da Alemanha. Isso foi muito significativo, visto como os jesuítas, mesmo quando foram expulsos de todas as nações da Europa, e até mesmo de Roma pelo próprio papa, haviam permanecido em paz nos domínios prussianos. O Vaticano ordenou que os católicos alemães denunciassem Bismarck e o Estado. E isso, os

arcebispos e bispos fizeram, na linguagem mais violenta. O próprio papa ameaçou Bismarck com a vingança de Deus, a qual, segundo ele, iria alcançá-lo.

As represálias logo aconteceram. O representante diplomático alemão, o qual, entretantes, fora enviado ao Vaticano, foi retirado e o que veio a ser conhecido como as "Leis Falk" ou as "Leis de Maio" foram promulgadas.

A luta em sua pior fase perdurou por mais de cinco anos. O Vaticano respondeu, ordenando que o clero alemão lançasse anátemas contra as autoridades civis e contra todos aqueles que se recusassem a reconhecer o papa como único infalível portador da verdade. A autoridade religiosa, foi declarado, deve estar acima de todas as autoridades civis. Dentro das igrejas era pregado que a educação do clero era um assunto do Vaticano e não do Estado. E que nenhum católico tinha o direito de separar-se da Igreja Católica. Uma vez católico, para sempre católico.

Conforme a Lei Canônica, o casamento era um sacramento e somente a Igreja Católica poderia oficiá-lo em cerimônia religiosa. A isso, afirmava a Igreja, não tinha direito o Estado. Eles não apenas instigaram o ódio religioso e racial na Polônia e Alsacia-Lorraina, como usavam o bairrismo provinciano em Estados católicos como a Bavária e as províncias do Reno, fomentando o aumento desse bairrismo. Então, conduzidos pelo clero, os católicos se tornaram rebeldes. Através de ítems de questão religiosa e moral eles criaram a desordem social, civil e política e o desassossego, tudo isso dirigido de Roma [pelos Jesuítas].

O governo respondeu com a expulsão de padres dos seus púlpitos e de professores e bispos, com multas e prisões amplamente espalhadas. Numerosas ordens religiosas foram expulsas do reino. À medida em que piorava o conflito, os bispos e arcebispos eram jogados em prisões e o Arcebispo de Posen ali ficou por mais de dois anos.

A luta não ficou confinada à própria Alemanha, mas se espalhou por vários países da Europa. Católicos fervorosos começaram a organizar complôs e planos, a fim de prejudicar o Estado e seus representantes.

Um jovem católico, que havia sido educado numa escola clerical, tentou assassinar Bismarck, atirando nele durante um passeio em Kissingen, e quase o conseguiu. A bala atingiu a mão de Bismarck quando ele a levantou até a cabeça, num ato de saudação responsiva.

O governo respondeu com medidas ainda mais severas. Numerosos membros católicos do Parlamento foram presos e o casamento civil foi estendido por todo o império.

O conflito não terminou aí. O próprio papa entrou no conflito. Outra encíclica foi emitida por Pio IX. Ela declarava repúdio às leis e as anulava, considerando ímpios os seus criadores. Desse modo, renovava o incitamento à desobediência civil e à guerra civil, de forma que a luta entrou numa fase mais árdua. A hierarquia católica, o laicato católico e os políticos católicos foram obrigados a apoiar a encíclica. A Igreja Católica nada deixou por fazer no sentido de assegurar os seus objetivos. Ao instrumento político do Vaticano na Alemanha, o *Partido de Centro*, foram dadas instruções, se é que destas ele carecia, para não demonstrar misericórdia alguma com o governo. Através de todo esse período liderado por Windthorst, o *Partido de Centro*, somando ¼ do Parlamento, lutou, indiscriminadamente, contra todas as medidas de Bismarck, não importando quão distantes elas estivessem dos interesses religiosos.

Mas em 1878 Pio IX faleceu. O novo papa foi Leão XIII. Tanto ele como Bismarck tentaram alcançar uma espécie de compromisso. Bismarck começou a ter encontros com Windthorst e com o representante do papa, Jacobini, e a base para um entendimento foi estabelecida. Um novo ministro, Schlozer, foi enviado ao Vaticano e o governo usou de grande discricção ao administrar as *Leis Falk*. Essa reaproximação continuou com tal sucesso que o papa pediu um retrato de Bismarck. Logo depois, Bismarck pediu que o papa fosse mediador entre a Alemanha e a Espanha com relação às exigências destas duas nações às Ilhas Carolinas. Medidas adicionais para diminuir as ordens severas de ambos os lados prosseguiram, até que Bismarck começou a confiar no apoio do *Partido Católico Alemão*, para as medidas principais de sua nova política financeira e econômica.

O pior da luta havia passado e foi estabelecido um *modus vivendi*. Não foi de modo algum extraordinário que o Estado tivesse diminuído suas exigências contra a Igreja e decidisse respeitar, e até mesmo apoiar, algumas exigências da mesma. Ou que o Vaticano desenvolvesse uma íntima

amizade com o chanceler autoritário, uma vez que ambos odiavam e temiam os princípios democráticos e liberais. Visto como as questões religiosas haviam sido resolvidas, eles se tornaram íntimos parceiros e combateram, indiscriminadamente, os princípios e idéias que acreditavam ser perigosos ao absolutismo religioso na Igreja e ao absolutismo político no Estado.

É muito significativo que o Vaticano, através do *Partido de Centro*, por mais de uma vez, primeiro tenha sido hostil a uma plataforma de governo ou estadista e em seguida tenha se tornado o seu aliado. Essas mudanças, que se apresentaram como inconsistentes, são o contrário disso. Pois, conquanto inconsistente possa o Vaticano ser em seus métodos, ele jamais perde de vista os seus objetivos finais, os quais consistem em assegurar os interesses da Igreja Católica. E esse mesmo procedimento foi seguido várias vezes na Alemanha, bem como em toda a Europa, nos anos subseqüentes.

No caso da Alemanha de Bismarck, quando o Vaticano agiu em primeiro lugar com hostilidade à idéia de que uma Prússia protestante governasse os Estados e os súditos católicos, ele foi hostil porque Bismarck, paradoxalmente, desejava realizar reformas liberais. Embora, à nossa moderna concepção, essas reformas não fossem sensacionais, elas eram então, e em sua forma atual continuam sendo – um anátema à Igreja Católica.

Bismarck não era um amante da democracia, mesmo patrocinando reformas liberais; ele não era um amante da democracia ao combater o Vaticano. Nem o foi ao se tornar seu amigo – pelo contrário. E o Vaticano verificou isso, o que explica ter este se tornado seu amigo íntimo. Uma vez que à Igreja foi garantido que os seus interesses seriam respeitados e sua causa mantida em resistência aos perigosos ideais do Secularismo, do Liberalismo e, acima de tudo, do Socialismo, seu curso estava livre. Ela sabia que, além de ganhar importantes vantagens através da vontade forte e autoritária de Bismarck, nele teria um bastião no qual poderia confiar.

O Vaticano sempre tem tido e continua tendo uma predileção pelos homens fortes. Quando sentiu que podia confiar em Bismarck, o Kaiser, e finalmente em Hitler, o Fuehrer, ele lhes deu apoio. No *Partido de Centro* e na hierarquia católica alemã o Vaticano possuía dois instrumentos para atingir seus objetivos políticos. E é esclarecedor percorrer as vicissitudes do *Partido Católico Alemão*.

Desde o princípio, sua membresia foi muito mista. Ela incluía trabalhadores e empregadores, ricos proprietários de terras e camponeses, aristocratas e eruditos, oficiais e artesãos. Ao contrário do *Partido Católico Austríaco*, elementos progressistas e reacionários eram representados nas fileiras do *Partido Alemão* e sua característica fundamental era que sua base não era política, mas religiosa. Em razão de sua natureza peculiar, o *Partido de Centro* não se confinava aos problemas nacionais e após sua criação ele deu um típico exemplo disso.

Em 1870, as tropas da Itália Unida ocuparam Roma e aboliram os Estados papais. Imediatamente, o *Partido Católico de Centro* exigiu que Bismarck interviesse em favor do papa. Bismarck respondeu que "os dias de interferência nas vidas de outros povos haviam terminado". O *Partido Católico de Centro* foi mais longe e pediu a intervenção militar na Itália. Falou de uma "Cruzada através dos Alpes". Bismarck enviou um protesto ao Vaticano, sabendo muito bem de onde provinha a inspiração do partido. A resposta dada foi que o Vaticano estava impossibilitado de fazer qualquer censura ao *Partido de Centro*.

Durante os dez anos de luta contra Bismarck, o Partido aumentara grandemente a sua membresia e quando, finalmente, um entendimento entre o Vaticano e o governo foi alcançado, na década de 1890, o *Partido Católico de Centro* capitulou ao Reich Hohenzollen e aceitou o seu domínio protetor. Foi esse o início de uma trilha que, se não tivesse sido palmilhada pelo *Partido Católico*, provavelmente teria mudado a história da Alemanha. Em vista da composição histórica e das condições prevaletentes na Alemanha, então um *Partido Católico* devia "tornar-se um reservatório de oposição real e importante... a oposição da Alemanha do Sul e Ocidental ao Estado militar sob a hegemonia da Prússia", conforme as palavras certas de um escritor alemão.

Como se deu essa capitulação? Ela foi apenas um erro ou uma política bem calculada?

Embora os principais sustentáculos do Partido Católico fossem as massas campesinas e os trabalhadores católicos, até a metade da I Guerra Mundial a sua liderança estava sob o controle total dos aristocratas conservadores e da hierarquia católica superior. Foi essa liderança que teve

interesses comuns em temer os mesmos inimigos dos não católicos. Os conservadores e aristocratas da Alemanha levaram o partido a uma aliança com o Reich Imperial. Foi exatamente a hostilidade conjunta do militarismo prussiano e do Catolicismo em direção a certas fórmulas sociais, políticas e econômicas que finalmente os tornou íntimos aliados dos dois inimigos mortais. Essas fórmulas estavam incorporadas nas doutrinas e princípios do Liberalismo nas esferas econômicas, sociais e políticas. O *Partido Católico* iniciou violentíssima campanha contra o que era descrito como “o Capitalismo anti-cristão, judeu e liberal” arremessando invectivas constantes, como aquelas que se tornariam tão familiares durante o regime nazista... a “Ímpia Escola Manchester”, “O Capital Judaico Usurário” e o “Moloch Liberal do Dinheiro”, etc.

Se os anátemas lançados contra os princípios liberais e o Estado Liberal pelos vários papas forem lembrados, não é difícil entender a hostilidade do Catolicismo contra o Liberalismo e sua resultante aliança com o reacionário militarismo prussiano. Foi uma consequência natural da condenação do Vaticano ao Liberalismo de qualquer forma – consequência essa, a qual partindo dos campos religioso e moral, havia sido trasladada para os campos social e político. Menos clara, talvez, deveria parecer a razão que induziu o Catolicismo a se tornar tão anti-semita. Esse peculiar anti-semitismo era quase a característica comum entre o Catolicismo político da Alemanha e da Áustria. O espírito anti-semita e a fraseologia foram cuidadosamente norteados, tanto pelo Catolicismo alemão como pelo austríaco, a fim de atacar os princípios e a influência do maior inimigo político da Alemanha e da Áustria – isto é, o movimento socialista.

Os movimentos socialistas estavam pregando a democracia econômica, social e política. Estavam convidando os homens a se filiarem aos mesmos, independente de sua religião, raça ou cor. Os papas e todo o espírito que animava a Igreja Católica eram fundamentalmente hostis às idéias democráticas, ao socialismo e à igualdade, quer fosse educacional, econômica ou social. De fato, eram contra qualquer reforma apoiada por novas idéias e métodos políticos. Eles alimentavam nas mentes dos membros da Igreja Católica o desprezo e o ódio pelo espírito democrático e um desejo de se aliar ao autoritarismo. Essa atitude, os seus membros levaram para dentro do *Partido Católico*. Com o passar dos anos, os seus ensinamentos penetraram profundamente e, desse modo, prepararam ideologicamente, sem perceber, as massas para aceitar a idéia de uma ditadura. Foi isso que aconteceu ao *Partido de Centro Alemão*.

Houve ainda outra causa para o comportamento do *Partido de Centro* que as influenciou grandemente e as ajudou a desenvolver sua crescente atividade. Ela proveio da rivalidade e consequente hostilidade demonstrada pela Igreja Católica contra a Igreja Ortodoxa, especialmente a Igreja Ortodoxa Russa (vide capítulo 17 - O Vaticano e A Rússia) – outro resultado automático. Como essa hostilidade religiosa foi inoculada em todos os católicos, inclusive os alemães, quando ela foi trasladada ao campo político, desenvolveu-se em ativa hostilidade política contra a ortodoxia, a qual, para os alemães, era representada pela Rússia. A autoridade assim gerada estava em completa harmonia com a política expansionista do Kaiser – um elo adicional entre o Catolicismo e o Imperialismo da Alemanha. Isso foi executado a tal extensão que durante a Guerra Russo-Turca, o catolicíssimo Windthorst declarou, entre outras coisas de igual natureza que, em última instância, ela era uma questão de “*se o mundo deveria ser dominado pelo elemento eslavo ou alemão*”. A hostilidade contra a Rússia eslava e ortodoxa demonstrada pelo *Partido Católico* atingiu tal ponto que trouxe uma censura do Bispo von Ketteler “*pela excessiva autoconfiança germânica*”. Foi essa a ideologia que preparou o *Partido Católico* a chamar o seu órgão principal de *Germânia* – um jornal que mais tarde seria comprado pelo camareiro do papa – Franz von Papen.

Quando o Comunismo, um inimigo bem maior e mais determinado da Igreja Católica e dos sistemas econômico e social por ela apoiados, atingiram o poder na Rússia, a hostilidade da Igreja foi centuplicada no campo ideológico, bem como no campo político ativo. O *Partido de Centro* raramente deu um passo importante sem antes consultar o Núncio Papal, que foi durante muitos anos o Cardeal Pacelli, o qual apoiava qualquer homem ou política que se opusesse à Rússia Soviética. Por causa disso não é de espantar que o *Partido Católico* tivesse aceito com tal alegria e satisfação a “Cruzada contra o Bolchevismo” pregada em Roma pelo papa e em Berlim por Hitler.

Durante um quarto de século, antes da explosão da I Guerra Mundial, o *Partido Católico*, com exceção de um curto período de conflito com o Príncipe Buelow, foi o grupo mais forte no

Estado Alemão. E também era o mais importante aliado exclusivo de todos os chanceleres do Reich Alemão, dos Hohenhole até os Beltmann-Holweg, e também um dos principais entre os que apoiavam o imperialismo alemão. Esse apoio foi bem expresso pelo primeiro líder do Partido, Windthorst, quando tratou da questão política alemã referente à atitude adotada em direção ao exército alemão. Ele declarou no Reichstag: *"reconheço que o exército é a instituição mais importante do nosso país e que sem ele os pilares de nossa sociedade ruiriam"*.

Windthorst foi sucedido por Ernst Lieber, que seguiu os mesmos passos do seu antecessor. Ele era um dos mais entusiastas entre os que apoiavam as aspirações colonialistas da Alemanha e um grande advogado da Grande Política Naval do Kaiser, de tal modo que von Tirptz lhe fez um agradecimento em suas *"Memórias"*. Lieber foi um constante e influente patrocinador da catastrófica política levada a efeito pelo Kaiser, advogando um exército maior, uma Armada Naval maior, uma política expansionista no exterior e muita educação na terra natal. Essa política não poderia ter sido viável sem a cordial cooperação do *Partido de Centro* que ele liderava. Durante a I Guerra Mundial, eles permaneceram firmes num front unido de todos os partidos políticos alemães que eram a favor da guerra. Conforme diz B. Menne, o *Partido de Centro* foi um dos mais ardorosos entre os que apoiavam uma "Alemanha Maior", advogando agressivamente a exigência não cristã de um "implacável prosseguimento de guerra". Eles foram também dois importantes proponentes da ditadura estabelecida pelos generais.

O *Partido de Centro* apoiou as mais desarvoradas exigências do imperialismo alemão, tal como as anexações, tanto no Oriente como no Ocidente. Seu líder, nesse período, Peter Spahn, definiu as visões do Partido no que mais tarde seria chamada *"Nova Ordem na Europa"* após a vitória do Kaiser. Dirigindo-se ao Reichstag, na primavera de 1916, ele disse: *"Os anseios da paz devem ser os anseios do Poder. Devemos mudar as fronteiras da Alemanha, conforme o nosso julgamento... A Bélgica deve ficar nas mãos da Alemanha, política, militar e economicamente"*. O Partido foi até mais longe e estava à frente dos mais fanáticos imperialistas alemães. O jornal católico *Hochland* exigia a anexação de Bellfort... *"com as antigas fronteiras de Lorena e Burgundy e, finalmente, as costas do Canal"*.

Isso não foi tudo. Quando em 1915, Von Tirptz exigiu que todos os navios comerciais que entrassem nas zonas de guerra fossem afundados, sem aviso, pelos submarinos alemães, o *Partido Católico* apoiou entusiasticamente essa exigência e declarou-se a favor de uma irrestrita batalha naval, a qual foi patrocinada pelos generais industriais, pan-germanos e outros. Hertling, o Primeiro Ministro da Bavária e um dos líderes do *Partido Católico*, era amigo íntimo de Tirptz. Ainda mais digno de nota é que a campanha foi patrocinada pela própria hierarquia católica. Prova disso, pode ser encontrada nas ações do Cardeal de Munique, Bettinger, o qual mobilizou o clero rural da Bavária e deslançou uma campanha de propaganda eclesiástica a favor de uma irrestrita guerra submarina. Isso foi a tal ponto que o próprio Cardeal foi às vilas, agitando os camponeses católicos da Bavária. Em resposta a muitos protestos, o Cardeal declarou que *"seria um crime de irresponsabilidade da parte alemã se esta deixasse de financiar uma irrestrita guerra submarina"*. O episcopado católico alemão fez eco a essas palavras e seguiu a campanha, falando para os dignitários católicos de liderança que apoiassem uma irrestrita guerra submarina e a violação da neutralidade belga. Vamos citar apenas as palavras características do futuro Cardeal Arcebispo de Munique, mais tarde, um proeminente capelão do exército: *"Em minha opinião, esta campanha prosseguirá na história da ética militar como um exemplo perfeito de uma guerra justa"*.

Finalmente, o grupo do Reichstag, do *Partido de Centro*, deu um passo realmente sensacional (16/10/1916). Num documento cuidadosamente redigido, ele disse que o chanceler do Reich, embora formalmente responsável pela política de guerra alemã, devia obedecer às ordens do Supremo Comando. E qualquer que seja o decreto emitido por este, o Reichstag estaria pronto a obedecer. A significação desta declaração *"atingiu muito mais do que a imediata disputa referente a uma irrestrita guerra submarina. Ela foi, de fato, o primeiro reconhecimento oficial da ditadura dos líderes do Exército Alemão, não apenas nos assuntos militares, como também nos assuntos políticos, e a subordinação do governo do Reich e do Reichstag, àquela ditadura"* (B. Menne – The Case of Dr. Bruening).

A data da declaração também é significativa. Não decorreu muito tempo, até que um abúlico homem como Von Moltke, o mais novo na direção do Supremo Comando, em agosto de 1916, passasse o comando para o general Ludendorff.

Ele foi o primeiro dos ditadores modernos e, em nome do grande Comando, estava decidido a governar supremamente na Alemanha e não passou muito tempo para que o conseguisse.

A acusação de que o Partido do Catolicismo político foi o primeiro da Alemanha a pronunciar a solene capitulação da Alemanha à ditadura do general Ludendorff pode parecer improvável, e até mesmo maliciosa, contudo, é um fato histórico, conforme temos acabado de ver (B. Menne, The Case of Dr. Bruening).

No terceiro ano da guerra, o *Partido Católico* foi dirigido por uma trindade de grupos característicos de todos os partidos católicos, formada de católicos aristocratas, altos oficiais de estado e importantes dignitários da Igreja. Eles eram por demais nacionalistas e reacionários, tendo gerado o descontentamento entre os camponeses e trabalhadores alemães. Isso foi causado especialmente pelo modo como administravam a assim chamada "trégua civil" e a recusa de introduzir uma franquia geral e igualitária na Prússia.

Uma oposição foi gradualmente formada pela União do Comércio Católico de Rhineland, cujo porta voz foi Erzberger. Antes e durante a I Guerra Mundial, ele havia desempenhado um duvidoso papel político como um dos diretores do grupo católico industrial Thyssen, no Reichstag. E foi quando ele apelou para a anexação do depósito de ferro francês de Briey. Ele estava em ótimas relações com Tirpitz e, como líder da propaganda alemã, ele auxiliou o General Ludendorff a atingir o poder.

Em 1917, Erzberger se desligou de tudo. Ele recebeu certa informação que o convenceu de que a Alemanha não tinha qualquer chance de ganhar a guerra. O General Hoffmann, comandante dos exércitos alemães no Oriente, e o Conde Czernin, Ministro Austríaco do Exterior, contaram-lhe que a Alemanha estava em situação desesperadora.

Mas o impulso mais importante veio do próprio Vaticano. O papa Benedito XV [*mentor da aparição de Fátima*], viu com ansiedade que a situação dos poderes de Centro estava se deteriorando rapidamente. Não há razão alguma para crer que ele desejasse a sua vitória. Mas, pelo menos, está bem claro que ele estava ansioso para evitar a derrota destes. A Áustria era o único poder católico que ainda existia no mundo e a posição dos católicos na Alemanha era uma das que lhe justificavam as grandes esperanças. Em tais circunstâncias é compreensível que o papa visse uma solução nada desfavorável para os dois países e para esse fim ele se propôs a prejudicar a primeira ameaça de mediação entre Londres e Berlim. A exigência preliminar foi uma declaração da Alemanha referente aos seus objetivos no Ocidente. Foi aí que começou a tarefa de Erzberger.

O papa enviou a Munique um dos seus sacerdotes diplomatas, um jovem muito habilitado chamado Eugênio Pacelli (mais tarde núncio papal e em seguida Pio XII), a fim de estabelecer relações com o futuro homem que iria governar os círculos políticos da Alemanha, Erzberger. Chocado com a revelação que este lhe fez sobre a posição desfavorável da Alemanha naquela guerra, Erzberger teve boa vontade e apoiou a ação do papa. Um discurso feito por ele, no dia 06/07/1917, causou profunda impressão no Reichstag e teve um efeito muito sóbrio em geral. Isso foi apenas o começo. Erzberger trabalhou incansavelmente para prover o papa com a declaração de que este necessitava, como passo preliminar, à sua intervenção. Foi, de fato, especialmente graças a Erzberger, que no dia 19/07/1917 certa maioria do Reichstag, consistindo de católicos, socialistas e liberais, adotou uma resolução em favor da "*paz sem anexações e indenizações*". Até mesmo o Kaiser ficou satisfeito com a adoção dessa fórmula útil, embora tivesse feito uma pequena reserva: a renúncia de uma decisão pela força das armas não devia ser aplicada à Alemanha.

A situação logo se inverteu, quando a Rússia entrou em colapso, em setembro de 1917. A Alemanha logo esqueceu a Resolução de Paz, a fórmula de garantia socialista e católica contra uma completa derrota, e os generais alemães ditaram os tratados de paz de Brest-Litovsk e Bucarest. Mas, quando em novembro de 1918 a Alemanha caiu, Erzberger, o iniciador da famosa Resolução de Paz, foi escolhido como o homem para negociar o armistício. O Marechal de Campo, Von

Hindenburg, pediu que Erzberger aceitasse a árdua tarefa. *“Com lágrimas nos olhos e segurando ambas as mãos de Erzberger nas suas, Hindenburg implorou-lhe que desempenhasse a horrenda tarefa pela sagrada causa do seu país”*.

Esta cena seria repetida exatamente dez anos depois, quando o Marechal de Campo mais uma vez *“profundamente comovido em lágrimas”* tomou as rédeas de outro líder do Partido Católico Alemão.

Erzberger, como presidente da Comissão Alemã de Armistício, assinou o armistício.

Além de ter-se tornado um convincente democrata, depois da guerra, Erzberger ficou convencido de que os militaristas eram os principais inimigos de uma Alemanha pacífica e progressista. Contudo, isso não significa que o *Partido Católico* tivesse mudado. Com exceção de Erzberger e de seus seguidores, o *Partido*, como um todo, ainda estava totalmente amistoso com relação ao império do passado. Apenas dois dias após o colapso da Alemanha, o *Partido Católico* em Colônia aprovou uma resolução em favor da retenção da monarquia. Mais tarde, o líder do partido protestou publicamente contra a expulsão do Kaiser e nesse protesto ele foi especialmente apoiado pela geração católica de jovens oficiais do Exército Alemão.

A Igreja Católica, além do seu nacionalismo, foi a principal instigadora de tal sentimento, e promoveu as exigências do retorno do Kaiser. Dentro do *Partido Católico* e entre todos os católicos da Alemanha, toda a questão foi colocada muito claramente por um dos principais pilares hierárquicos – o cardeal Faulhaber. Dirigindo o Congresso Católico de Munique, ele declarou: *“A revolução foi um perjúrio e alta traição e ficará para sempre rotulada na história como a marca de Caim”*.

A “marca de Caim” era apenas uma expressão bíblica para o que nas palavras mais exatas dos nacionalistas significava “ataque traiçoeiro”. Ao mesmo tempo e no mesmo lugar (Munique), Hitler estava pregando a mesma coisa!

Embora o *Partido Católico* condenasse a Revolução, e odiasse os Vermelhos, mesmo assim tomou parte no governo republicano. Como disse um católico, *“tomando sua posição na base dos fatos apresentados”*. Isto não queria dizer que houvesse acontecido uma mudança no coração do *Partido*, significava apenas que este precisava se adaptar a uma nova situação a fim de atingir os mesmos objetivos. Ao lidar com os Partidos Católicos, devemos nos lembrar que eles são apenas os instrumentos com os quais a Igreja Católica anseia alcançar determinados objetivos morais e religiosos. Desse modo, o Catolicismo político, mesmo sem mudar um til em seu programa, pode adaptar-se a novas situações, para mais facilmente fazer movimentos táticos, os quais se tornariam muito difíceis a outros partidos, cujos princípios são apenas políticos e sociais, e que para estes seria um assunto do mais profundo princípio.

Sob o governo do Kaiser, o Partido de Centro fora ostensivamente monárquico e imperialista. Sob a República de Weimar, ele aparentava ter-se tornado republicano e democrata. O que realmente havia acontecido é que ele teve de se adaptar às novas circunstâncias, a fim de melhorar o seu caminho em direção aos seus objetivos. E continuou sendo o que sempre fora – um *Partido Católico*.

Esta não é uma questão de mera opinião. Os fatos falam por si mesmos. O *Partido de Centro* mudou suas táticas, até mesmo fazendo alianças, embora sempre provisórias, com os odiados partidos Vermelho e da Ala Esquerda, porém jamais mudou o seu curso determinado. Se compararmos os vários movimentos do Partido de Centro, durante os primeiros dez anos da República, de 1919 a 1929, poderemos ver que um movimento para a direita era sempre seguido de um movimento para a esquerda, o qual, por sua vez, era seguido novamente de um movimento para a direita. *[A especialidade do Catolicismo sempre foi dançar conforme a música e no final ficar ao lado do vencedor]*. Um passo à frente, dois passos para trás sempre fora de fato a sua política, através de toda a existência da República. Em algum tempo, o desenvolvimento da ala esquerdista quase parecera ser possível, principalmente em razão dos efeitos da derrota na guerra passada. Contudo, a propagação das idéias democráticas entre os trabalhadores católicos, e até mesmo entre os cidadãos da classe média, incluindo jornalistas, professores, etc., provou ser apenas uma explosão temporária. Isso foi confirmado quando o líder da ala católica democrata do *Partido de Centro*, Erzberger, foi assassinado, no outono de 1921, por dois membros da organização militar

secreta, ancorados na católica Bavária. Após o assassinato de Erzberger, a tendência em seguir sua política logo decresceu, até que, finalmente, desapareceu. Quando Erzberger foi assassinado, o Dr. Marx, juiz prussiano conservador e presidente do senado legislativo, tornou-se o líder oficial do *Partido de Centro*. Sua política foi manter o equilíbrio entre a Direita e a Esquerda. Convém notar que, a partir de 1924, o *Partido de Centro* rejeitou repentinamente a “coalizão Weimar”, que era uma coalizão de católicos, ala esquerda, liberais e sociais democratas. Isso foi feito pelo *Partido Católico* para que pudesse entrar numa coalizão com o *Partido Nacional Alemão*. Um governo sob essa combinação foi formado com a chancelaria sendo entregue ao católico Dr. Marx. Isto significava que o *Partido Católico*, apesar do grande apoio da classe trabalhadora católica, continuou totalmente com os industriais de peso, os junkers (aviões de guerra), os super nacionalistas e os elementos militantes, que levariam a Alemanha à II Guerra Mundial.

Uma vez mais essa mudança repentina deve ser atribuída ao espírito e às doutrinas morais da Igreja Católica como uma autoridade religiosa.

A causa principal da mudança na política e da alteração nas táticas do Dr. Marx foi em razão das chamadas *Leis Escolares*.

A Constituição Weimer não havia tornado claro que tipo de escola deveria predominar na República. A disputa foi centralizada no item, se seria a Igreja Católica ou a Protestante, que teria voz mais alta nos assuntos educacionais. Ou se o Estado, desconsiderando a Igreja, deveria dar uma educação secular liberal.

Tentando atingir os seus objetivos, os católicos alemães, a começar da hierarquia alemã, advogavam que as escolas deveriam ser supervisionadas pelo clero, e que a escola confessional deveria ser adotada; isso em detrimento das escolas seculares. O episcopado alemão, em particular, era muito ativista em suas exigências – uma militância que foi aumentada pelo encorajamento dado pelo Cardeal Pacelli, o Núncio Papal, que havia estado em Berlim, desde 1920.

O desejo da Igreja Católica de ter as escolas católicas, a fim de educar os católicos alemães, era natural, e não teria se tornado um grande ítem político nacional, se ela tivesse se confinado à esfera religiosa. Mas não foi isso o que ela fez. Os itens religiosos foram transformados em itens políticos e vice-versa. O Vaticano, quando viu que não podia obter seus objetivos mobilizando sua máquina hierárquica, fez pressão sobre o seu instrumento político – o *Partido Católico*. O *Partido* assumiu a causa da Igreja Católica e se aproximou do *Partido Nacional Alemão*, o qual estava muito acomodado com relação ao problema escolar. Entrementes, o punho forte do Vaticano pressionou a política social interna do *Partido de Centro*. O resultado foi que a liderança do *Partido* começou a sufocar a oposição política e social da ala esquerda do próprio *Partido*. Ele tentou enfraquecê-la e para mobilizar os elementos da ala esquerda a dar apoio à política reacionária do Centro, apelou para os seus princípios religiosos e para os princípios fundamentais da Igreja sobre este problema educacional.

Desse modo, a aliança entre o *Partido Católico* e o potencial e totalitário *Partido Nacional Alemão*, foi concluída. Essa coalizão entre Católicos e Nacionalistas foi um pacto de mútuas garantias. Os Nacionalistas prometeram leis escolares que teriam introduzido escolas confessionais sob a supervisão das igrejas. Os Católicos prometeram apoiar os subsídios industriais, os impostos da importação pós-guerra e a votar, bastante significativamente, a favor do corte dos gastos sociais. Duas vezes fora concluído um acordo nestas bases, mas em ambos os casos o acordo fora quebrado. O primeiro orçamento escolar de 1925 jamais chegou ao Reichstag e o de 1927 causou a mais violenta disputa dentro da própria coalizão. O *Partido de Stresemann*, no final, fez com que fosse rejeitada. Ambos os concorrentes desejavam ter o controle total da educação e da formação da juventude. Era a mesma disputa que, anos mais tarde, haveria entre Hitler e a Igreja Católica.

O segundo orçamento causou a ruptura da coalizão, a qual finalmente aconteceu, na primavera de 1928. Houve eleições em maio, as quais resultaram em um sensacional balanço para a Esquerda, realmente o mais forte, desde 1918. O resultado foi que no Reichstag o *Partido Social Democrata* teve os mais fortes grupos parlamentares na Casa.

Além desse pulo das massas alemães para os Sociais Democratas, outro choque para a Igreja Católica foi que o *Partido Católico* estava entre aqueles que afinal aderiram. Porém, um choque maior estava para vir. Outros partidos, especialmente os Sociais Democratas, haviam

penetrado no eleitorado católico, conseguindo com estes numerosos votos. Era uma coisa que a Igreja Católica e o *Partido de Centro* achavam que jamais iria acontecer. Previamente isso jamais havia acontecido. Essa descoberta alarmou tremendamente as autoridades do Vaticano, bem como o líder do *Partido Católico Alemão*. No Vaticano a decisão sobre o *Partido de Centro*, a qual havia sido adiada com hesitação, começou a ser delineada. O *Partido de Centro*, na esperança de reaver o terreno perdido, abandonou os Nacionalistas e voltou arrependido à coalizão com os Sociais Democratas. O Social Democrata Hermann Mueller tornou-se chanceler do Reich.

Isto aconteceu em 1928. Qualquer um teria profetizado que a Alemanha iria ter, finalmente, um socialista no governo e, desse modo, embarcaria numa cooperação com outras nações européias. Mas tal promessa não vingou. Em 1929, apesar de todas as aparências, três homens estavam no comando central da posição estratégica da República alemã. A combinação Hindenburg – Groener e Schleichner estava trabalhando por trás das cenas, com a intenção de liquidar a República. É interessante recordar que eles eram o último comando do exército do Kaiser, no tempo da negociação do armistício, em 1918. Começaram a fazer intriga no campo militar e, acima de tudo, no campo político, significando que deviam livrar-se do “cansativo Reich intermediário”, conforme consideravam a República Alemã, e este foi apenas o primeiro de outros movimentos importantes.

Em 1929, Hindenburg, pressionado pelos amigos, começou uma política reacionária mais ativa no Reich. Logo que foram concluídas as negociações, que então estavam sendo conduzidas, seu primeiro movimento foi demitir o Chanceler Social Democrata, Mueller, e seu Ministro do Exterior, Stresemann. O General já estava planejando abolir o princípio de que o Chanceler do Reich tinha obrigação de receber o apoio do Parlamento. Um homem deveria ser posto em seu lugar, o qual deveria ter a “confiança do Exército”. Concordou-se que esse homem deveria governar através do Artigo 48 da Constituição Weimer, que dava poderes ditatoriais e se o Parlamento protestasse, seria dissolvido.

Os conspiradores discutiram qual seria o partido a oferecer possibilidades, a fim de que eles pudessem tratar da liquidação definitiva da República, e qual o homem que se encaixaria nos passos preliminares para a criação de uma ditadura, a qual iria preparar, eventualmente, o caminho para uma verdadeira ditadura. O *Partido de Centro* foi o escolhido. E um dos seus líderes, o católico devoto, Bruening, foi o candidato escolhido para governar, não com o consentimento do Parlamento, mas pela graça do Reichswar (Brigada Militar). A chancelaria foi oferecida ao Dr. Bruening, sob a condição de que se ele aceitasse com esses objetivos em vista deveria governar através do Artigo 48 e sob instruções do Reichswar.

Havia um homem na Alemanha que, embora não sendo alemão, sabia delinear a política alemã muito melhor do que os líderes alemães. Esse homem era Eugênio Pacelli, o representante do papa.

Pacelli havia estado na Alemanha desde 1920 – primeiro em Munique, depois em Berlim. A serviço do papa, em 1917, ele havia assumido as negociações para uma paz comprometida entre a Alemanha e os Aliados – tentativa que redundara em fracasso. Ele havia estado constantemente na Alemanha, desde então, e acompanhara de perto a política alemã, especialmente a política dos partidos católicos – o *Partido do Povo* (Bavária) e o *Partido de Centro*. Nem um líder católico de qualquer partido dava um passo de importância sem antes consultar o Vaticano através do Cardeal Pacelli. E como Pacelli era o braço direito do papa, muitas decisões importantes ficavam a seu cargo.

Logo que Pacelli chegou à Alemanha como Núncio Papal, ele criou uma leve sensação quando, ao contrário do que era esperado, começou a cooperar com Erzberger. Houve opiniões divergentes sobre isso, visto como as visões do Cardeal eram bem conhecidas. Alguns garantiam que ele nutria simpatia pela ala esquerda do Catolicismo. Outros, que ele tentava controlar e restringir ao máximo a tendência socialista do líder católico. A última visão parece ter sido confirmada quando, após o assassinato de Erzberger, Pacelli tratou o seu sucessor Dr. Wirth, com grande frieza. Mas quando o Dr. Marx assumiu a liderança do partido, Pacelli se posicionou abertamente ao lado do grupo católico da ala direita.

O Cardeal e o novo líder do *Partido de Centro* tornaram-se íntimos e o Dr. Marx jamais dava um passo sem antes consultar Pacelli, o qual, de fato, passou literalmente a dirigir a política do *Partido Católico*, durante vários anos, a partir desse período. Foi ele quem primeiro concebeu e em seguida inspirou e promoveu a coalizão do *Partido de Centro* com o *Partido Nacional Alemão*, um passo que traria as mais terríveis conseqüências para toda a Alemanha.

Quais foram as razões que levaram o Cardeal Pacelli a empurrar um poderoso partido político em determinada direção, em vez de outra? E o que o induziu a fazer uma aliança com o futuro criador da mais nacionalista, autoritária e anti-democrática ditadura alemã – o *Partido Nacional Alemão*?

A resposta está naquilo que movia todos os políticos católicos: os interesses da Igreja Católica como instituição religiosa. Deixando de lado a antipatia do Vaticano pelo Socialismo, havia um objetivo imediato ansiado pelo Vaticano: ele desejava introduzir o estabelecimento formal da escola confessional no sistema educacional alemão. Isso ele desejava acima de tudo e seria possível, caso a Alemanha e o Vaticano fizessem um acordo através de uma favorável Concordata.

Contudo, essa concordata jamais fora assinada. Nem o orçamento escolar entrara em efeito. Mas o Cardeal Pacelli soube agir muito bem em favor da Igreja Católica, tanto que a República abriu os seus cofres à Igreja e os subsídios do Estado alemão em favor desta aumentaram de 148 milhões de marcos, em 1925, para 163 milhões de marcos, em 1928.

A opinião do Cardeal Pacelli sobre como negociar com a grande retaguarda da eleição de 1928 aumentou de peso no Vaticano, quando ele ficou conhecido como sendo tão esperto quanto o papa, em seu plano de sacrificar a ultrapassada política do Catolicismo. O Vaticano já havia começado a palmilhar aquela estrada, embora após a guerra houvesse muita hesitação sobre o destino dos partidos católicos alemães, visto como esses haviam provado ser uma arma inestimável, até mesmo durante os anos que se seguiram imediatamente à I Guerra Mundial, e parecia que eles ainda podiam ser de grande utilidade à Igreja. Contudo, realmente, isto não aconteceu. O *Partido Católico* já não tinha capacidade de exercer a grande influência do passado, sem precisar aliar-se a outro partido qualquer – às vezes até mesmo aos inimigos. Isso era devido em grande escala ao sistema básico da República. Esta permitia excessiva liberdade aos grupos políticos, o que aumentava a deterioração econômica da Alemanha, visto como as massas estavam radicalmente inclinadas para os assuntos sociais. Também, a perda de milhares de membros católicos do *Partido de Centro*, que haviam abandonado o Catolicismo político em favor de outros movimentos, tendo na maior parte das vezes se juntado às fileiras dos Sociais Democratas, muito preocupava o Vaticano.

Tudo isso havia sido considerado durante vários anos, contudo ficou conhecido o choque que veio com a derrota sofrida pelo Catolicismo político, na primavera de 1928. Quase meio milhão de eleitores havia dado as costas ao Catolicismo político. Foi essa a pior derrota eleitoral já sofrida na história do *Partido de Centro*. Embora a perda fosse proporcionalmente enorme, a seriedade do assunto ainda era mais alarmante para o Vaticano, visto como essa derrota culminava com um persistente declínio da força do Catolicismo político na Alemanha. Se este continuasse a declinar desse modo, seria apenas questão de alguns anos, até que o *Partido* deixasse de ser uma entidade na vida política da nação e os "*Vermelhos, inimigos seculares da Igreja, teriam prevalecido*".

O Vaticano havia observado de perto esse declínio e, após a derrota de 1928, uma estatística do *Partido de Centro* foi exigida sobre a mesa, mostrando as perdas desse partido, desde a sua fundação. O documento foi remetido a Roma por Pacelli. Sua publicação foi proibida e somente os altos oficiais do *Partido* e o Vaticano dele tomaram conhecimento. Conforme esse registro a porcentagem de todos os eleitores católicos masculinos que haviam dado o seu voto ao *Partido Católico de Centro* foi a seguinte:

1875.....	85%
1907.....	65%
1912.....	55%
1919.....	48%

1928.....39%

Essa tendência a um declínio persistente foi a mais séria, visto como havia a perspectiva de que as perdas continuariam a aumentar, assustadoramente, e com crescente rapidez, considerando que os trabalhadores católicos estavam aceitando cada vez mais as doutrinas socialistas, especialmente depois da aliança do *Partido de Centro* com o reacionário *Partido Nacional Alemão*. Enquanto isso, a juventude católica e a o *Serviço Católico de Espionagem* se voltavam para os Nacionalistas alemães.

O *Partido*, que havia servido ao Catolicismo alemão por mais de duas gerações, estava deixando de ser um instrumento político atuante. Algo mais drástico e efetivo precisava ser feito no sentido de substituí-lo. Uma nova trilha precisava ser seguida; uma nova política, adotada; novos métodos, encorajados; novos homens deveriam ser levados ao poder.

Após a derrota de 1928, os elementos mais reacionários do *Partido Católico* tornaram-se todo poderosos. A ala esquerda deixou de contar, até o ponto em que a direção do *Partido* estava envolvida. Isso se explicava pelo fato de que o *Partido* tornara-se literalmente um instrumento nas mãos do Núncio Pacelli. Os elementos clericais reinavam supremos. O porta voz da ala direita do *Partido de Centro* era o Dr. Ludwig Kaas, professor de Lei Eclesiástica na *Universidade de Bonn* e Prelado Papal. Ele havia se especializado em política exterior. Falava em nome dos grupos do *Partido de Centro* no Reichstag sobre assuntos estrangeiros e foi até Genebra com a delegação alemã.

As principais exigências do Dr. Kaas eram em favor de “uma política exterior mais ativa”. Ele criticava muito a política exterior de Stresemann e era contra as tentativas de se executarem os objetivos alemães através de pacíficas negociações. Isso é digno de nota, pois no tempo em que ele estava advogando esta política mais ativa, dois outros homens, líderes de dois outros partidos, estavam advogando exatamente a mesma coisa: Hindenburg, líder do *Partido Nacional Alemão*, e Hitler, líder do *Partido Nazista*, os quais estavam de acordo com o Prelado Kaas.

É interessante notar ainda que após a I Guerra Mundial, o Dr. Kaas fora um fervoroso líder de um movimento separatista, amplamente patrocinado pelos católicos em Rhineland. No dia 10/03/1919, ele estava tão certo de que iria criar um *Estado Católico* que telegrafou para Colônia: “Saudações à República do Reno”. Também não deveria ser esquecido que ele era amigo íntimo do Dr. Seipel, o homem que estava planejando a criação do império católico na Europa Central.

A influência do Dr. Kaas no *Partido* foi bastante fortalecida pelo fato de que ele era amigo íntimo do Núncio Papal em Berlim, o Cardeal Eugênio Pacelli. Este e o Dr. Kaas, em várias ocasiões, passaram dias juntos na Suíça. E as opiniões do Dr. Kaas eram observadas como reflexos das visões do Núncio Papal. A amizade com o Dr. Kaas foi um dos maiores incentivos para o firme andamento do *Partido de Centro* rumo à direita, visto como Pacelli encorajava grandemente o Catolicismo na Alemanha a adotar muito cordialmente o ativismo nacional. Esse ponto é mais notável, visto como em várias ocasiões, imediatamente após a I Guerra Mundial, o Vaticano havia recusado conceder o seu apoio a idênticas exigências do *Partido de Centro*. O Vaticano começou a dar o seu apoio ao *Partido Nacionalista*, a partir de 1924, até 1928, sendo que, a partir de 1928, passou a dar-lhe apoio absoluto, até 1933.

Isto não deveria ser subestimado, visto como durante esse período o Vaticano estava delineando e dando forma concreta à sua nova política no mundo. Suas várias atividades eram todas dirigidas no sentido de minar a Democracia e o Socialismo, nos vários países. E essas atividades tomaram forma e foram executadas pelos diversos instrumentos do Catolicismo político na Europa. Convém notar algumas dessas formas, as quais, embora variando em caráter, tinham todas, exatamente, o mesmo objetivo. Na Bavária e na Hungria, o Catolicismo político era legitimista. Na Bélgica e na Áustria, ele era reacionário. Em Portugal, Espanha e Polônia, ele era militarista e fascista. Mas, em todo esse cenário internacional, ele possuía exatamente a mesma estrutura básica, que era o combate ao Comunismo, patrocinado pelo Vaticano.

Na Alemanha, o Catolicismo político não podia exercer qualquer posição na estrutura básica internacional. Mas era preciso esperar e criar circunstâncias favoráveis para conseguir realizar as

necessárias alterações na política alemã. Foi com esse objetivo que o Vaticano empurrou o *Partido de Centro*, entre 1924 e 1928. E entre 1928 e 1933, ele o empurrou para uma ditadura.

Os católicos alemães ficavam cada vez mais sob a influência do clero, entrando, muitas vezes, em conflito com o *Partido de Centro*, o que foi bastante facilitado pela criação da Ação Católica. Ao mesmo tempo, o *Serviço Católico de Espionagem*, que já era antagônico à Rússia Soviética, ficou ainda pior, através do encorajamento do Vaticano. No Vaticano, e entre os católicos alemães, ficou claro que, além de sua inimizade comum contra a Rússia comunista, havia outro grande objetivo diante deles – objetivo esse que era acima de tudo, a conversão da Igreja Ortodoxa Russa, trazendo-a para o seio da Igreja Católica Romana (ver capítulo sobre a Rússia e o Vaticano).

Esse ódio e atitude agressiva em direção à Rússia podiam ser misturados com todos os demais elementos na Alemanha, os quais mantinham a mesma hostilidade contra aquele país: os junkers prussianos, os pan-germânicos, os nazistas e congêneres. Nesse particular, esses grupos estavam de comum acordo com os vários líderes do Catolicismo político, como o Dr. Kaas, o Chanceler Bruening, Von Papen e outros.

Mas, nem todos os elementos católicos eram favoráveis a essa cruzada. Havia muitos que, por razões puramente políticas, eram contra. Após a derrota do *Partido de Centro* houve uma violenta controvérsia, dentro do próprio *Partido*, com respeito à futura linha a ser adotada em assuntos sociais e na política exterior. Mas, com o Dr. Kaas e o Núncio Papal em constante e íntimo contato, venceu o elemento clerical e em dezembro de 1928, o Dr. Kaas tornou-se o líder do *Partido de Centro*. Esse foi o ponto da virada. O *Partido de Centro*, a partir de então, ficou totalmente nas mãos do Vaticano. Os filiados e a burguesia continuaram na crença de que tudo era como antes, exceto que o *Partido* agora aplicava uma política mais reacionária e nacionalista. Contudo, na realidade o *Partido de Centro* estava sendo usado para um propósito, que era destruir a Democracia alemã, o Socialismo alemão e criar uma ditadura que pudesse combater o Comunismo e garantir os interesses da Igreja Católica, naquela país.

Os eventos começaram a tomar forma concreta. O plano do Vaticano começou a funcionar no seio da política alemã. Havia se passado exatamente um ano, desde a eleição do Dr. Kaas, quando o Dr. Bruening, o fervoroso deputado católico, foi eleito presidente do grupo parlamentarista do *Partido de Centro* e o complô explodiu com os partidos *Nacionalista* e de *Centro* se revelando.

Na recepção de Ano Novo no palácio do Presidente do Reich, em 1930, Hindenburg esteve para ver pela primeira vez o homem que lhe fora recomendado pelos conspiradores – o devotíssimo Dr. Bruening. Disseram-lhe que seria ele o homem que os livraria da Democracia, que tornaria o Parlamento obsoleto, e que governaria como um ditador, com o Artigo 48.

Hindenburg e o Dr. Bruening discutiram planos, levantando várias objeções para se livrar da Democracia, com muita hostilidade. No final, ele aceitou. Hindenburg repetiu outra de suas cenas – uma réplica daquela feita com Erzberger, alguns anos antes. *"Repentinamente Hindenburg começou a chorar com as mesmas lágrimas da vez passada; e com esse gesto histórico que começou e terminou tantos relacionamentos, ele tomou as duas mãos de Bruening nas suas, falando: 'Tantos me abandonaram; dê-me agora a sua palavra de que, no final de minha vida, não vai me abandonar'"* (Wheeler-Bennet).

Bruening aceitou. No dia 27/03/1930, o social democrata Mueller renunciou à Chancelaria do Reich. No dia seguinte, Bruening foi encarregado da formação do novo gabinete. Em 31/03, Hindenburg nomeou Bruening como Chanceler do Reich, pela graça do velho general, e apoiado pelo Exército Alemão.

O dia 01/04/1930 foi uma data histórica para a Alemanha. O novo chanceler fez seu primeiro aparecimento no Reichstag. O regime parlamentar na Alemanha havia terminado e o autoritário havia começado. *"Meu gabinete foi formado com uma visão de concluir, no menor tempo possível, as tarefas geralmente consideradas necessárias ao interesse do Reich. Será uma tentativa final de executá-las com a assistência do Reichstag"*, falou Bruening. Isto significava que o novo Chanceler não pedia apoio, mas ameaçava o Parlamento com a dissolução, se aquele apoio não viesse, logo em seguida. O Reichstag havia escutado essas palavras desde os dias de Bismarck.

O novo gabinete se apresentou como "o governo de soldados da vanguarda" e a partir daí passou a ser muito importante, no campo político da Alemanha, se um homem tinha servido na trincheira da vanguarda ou não. E quando, onde e por quanto tempo.

O plano Hinderburg/Groener/Schleicher foi finalmente posto em ação. Bruening havia começado a desempenhar sua missão. Ele apresentou ao Reichstag um programa financeiro que deveria ser apenas uma desculpa, a fim de tratar sumariamente com o Parlamento. O conhecimento deste em detalhe não tem importância. Mas ele proveu o aumento da verba militar, sem levar em conta o fato de que o Estado estava em má condição financeira, e ainda advogou uma taxa de eleição, a qual ficou conhecida como "Imposto Negro".

Após ter tentado entrar em algum acordo com Bruening, o Reichstag rejeitou vários pontos do programa. Era com isso que Bruening e seus companheiros contavam.

Naquela mesma tarde, Bruening decidiu colocar os pontos rejeitados, pela força, através de um "Decreto de Emergência" editado pelo Presidente do Reich. Esse decreto se tornou possível pelo Artigo 48 da Constituição Weimer. Esse artigo permitia que o Presidente do Reich, "*em caso de profundo distúrbio contra a ordem e segurança pública ou perigo à ordem e segurança pública*", se investisse de certos poderes ditatoriais, inclusive o direito de promulgar leis através do assim chamado "Decreto de Emergência". O texto do Artigo 48 deixava bem claro que esse decreto deveria ser usado apenas em caso de grande distúrbio e tumulto em perigosa escala, fatores que no momento não existiam com Bruening.

Dois dias após ter Bruening emitido o seu primeiro "Decreto de Emergência", o Parlamento pediu que fosse retirado. A resposta de Bruening foi dissolver o governo. Novas eleições foram feitas, no outono seguinte. E nas eleições de setembro de 1930 apareceu a sombra de Hitler, ameaçando o novo governo. Cento e noventa deputados nazistas entraram no Parlamento.

Homens e eventos caíram nas mãos do ditador parlamentar. Os Sociais Democratas, que tinham 142 cadeiras no Parlamento, e constituíam, até então, o grupo mais forte no governo, começaram uma política de "tolerância" em direção a Bruening, "a fim de evitar o pior". Estavam com medo de Hitler. Foi uma política suicida. A crise econômica fez o resto. A política econômica de Bruening, na opinião de muitos, foi desastrosa. Os salários foram reduzidos entre 25 e 30%, enquanto a redução no custo de vida, que havia sido prometida, foi de apenas 10%. E enquanto todos os funcionários do Estado tiveram o seu salário reduzido é interessante notar que uma seção, os oficiais de armada, não foram tocados.

Quando Bruening foi feito Chanceler, havia dois milhões de desempregados na Alemanha. Quando ele saiu, havia seis milhões e o colapso financeiro havia se tornado pior, por causa de um bloqueio econômico auto imposto! Se não fora este caos político e econômico, muitos alemães não teriam sido influenciados por Hitler, que foi um dos que se beneficiaram alegremente com essas condições. À medida em que o caos aumentava, aumentavam também os filiados ao seu partido e, sem dúvida, a promessa de Hitler de reconstrução e as perspectivas que ele apresentava, de um futuro mais brilhante, trouxeram-lhe muitos adeptos confiantes.

Bruening tinha vários planos de natureza econômica e política, através dos quais ele esperava deixar de pagar indenizações e, ao mesmo tempo, armar a Alemanha.

Na primavera de 1932, Bruening declarou que, como a Alemanha havia ficado completamente desarmada, "ela tinha o dever legal e moral" de exigir o desarmamento de todos os outros países. Enquanto falava para o mundo dessa maneira, o católico Bruening prosseguiu armando secretamente a Alemanha. Durante sua chancelaria houve vários incidentes a respeito disso, sendo um dos mais importantes aquele conectado com Carl von Ossietzky, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, que foi julgado e condenado por ter revelado as atividades militares camufladas da aviação civil na Alemanha. Ele foi sentenciado a muitos anos de prisão, acusado de "traição dos segredos militares".

Bruening e o seu Ministro da Defesa trabalhavam de mãos dadas nos armamentos secretos da Alemanha, os quais, sob o governo de Bruening, se desenvolviam aceleradamente. Ele e seus amigos militares davam particular atenção ao exército aéreo. As formações ilegais de caças e bombardeiros foram ampliadas e fortalecidas, enquanto substanciais subsídios eram pagos às firmas fabricantes de aviões, tais como os Junkers e Heinkels. Já existiam nada menos de quarenta

e cinco escolas ilegais de treinamento para vôos militares. Planos estudados nos mínimos detalhes estavam prontos para o bombardeio da Linha Maginot, bem como de Paris e Londres. O líder do "Departamento Aéreo", sob o governo de Bruening, era o capitão Brandburg – o homem que mais tarde conduziria a Luftwaffe, quando Londres foi bombardeada.

Entretantes, Bruening "O Chanceler da Fome", como o chamavam as massas alemães, estava ocupado no campo político em conexão com a ascensão do líder nazista. Ele não via Hitler como um inimigo. Pelo contrário, via nele um aliado que, em sua fome de poder e como ditador rival, iria ajudá-lo a se livrar da Democracia, armar a Alemanha e lutar contra o Bolchevismo.

Quase imediatamente após a eleição de 1930, Goering manteve longas e secretas negociações com o Ministro Treviranus. E ao mesmo tempo, Roehm, o chefe da S.A. de Hitler, foi recebido pelo General von Schleicher. Eles discutiram sobre o Exército, regular e irregular, e concordaram, em alterar certas características do exército civil nazista, conforme foi mais tarde revelado.

Após estas preliminares, os dois líderes se encontraram, novamente, em outubro de 1930. Nunca foi inteiramente conhecido o que eles discutiram, mas vazou a informação, por causa da qual fez-se o registro, de que Bruening e Hitler tinham entrado em acordo para compartilhar o governo e que Bruening colocaria os ministros nazistas em seu gabinete. Contudo, o acordo fracassou por causa do número desses ministros aos quais seriam dados cargos.

Tanto Hitler como Bruening negaram que jamais tivessem feito esses arranjos. Mas, em certa ocasião, quando Bruening estava fazendo um comício de católicos, este foi interrompido por uma gang de nazistas. Ele ameaçou fazer revelações desagradáveis sobre o que Hitler lhe havia confidenciado a respeito dos seus planos, caso eles continuassem a interferir nos comícios católicos. Os nazistas replicaram que também eles poderiam fazer revelações sensacionais sobre o que Bruening havia contado a Hitler. Ambos os lados, sabendo estar comprometidos, acharam melhor não ter mais agressões no sentido de fazer revelações sobre o famoso primeiro comício.

Passou-se um ano, até que os dois líderes reiniciaram suas negociações, em setembro de 1931. Dessa vez Bruening agradeceu publicamente a Hitler e aos que o apoiavam, pela "*cortesia com que, apesar de todas as críticas, eles trataram a minha pessoa*".

O final do mandato de Hindenburg se aproximava e Bruening precisava de assistência para a reeleição de Hindenburg à Presidente do Reich, que ele desejava assegurar, através do Parlamento e não de eleições públicas – um plano totalmente anticonstitucional. Esse plano deu a Hitler uma posição chave, pois sem o seu partido, esse plano não poderia ser executado, visto como Hitler tinha 105 cadeiras no Parlamento.

Bruening sabia qual seria o programa de Hitler, caso ele subisse ao poder. Também conhecia os seus planos secretos. Além disso, veio à luz o notório *Documento Boxheim*, o qual continha detalhes da política de terror dos nazistas, caso chegassem ao poder.

Que o gabinete de Bruening estava bancando Hitler ficou evidente no final de 1931, quando um alto oficial prussiano, um democrata, visitou o Ministro do Interior, Groener, e pediu-lhe ajuda numa revolta conduzida por um líder de Berlim da S.A. nazista contra Hitler. A opinião de Hitler, apoiada pelo governo, foi clara, conforme a resposta de Groener: "*Hitler é um homem a favor da legalidade, o qual prometeu respeitar a Constituição. Devemos apoiá-lo contra todos aqueles que são agitadores*". Em seguida, para espanto do entrevistador, o ministro acrescentou: "*Hitler, sem dúvida vai manter sua palavra*". E para dar mais peso, ele acrescentou **NÃO** ser aquela apenas sua opinião pessoal, mas a opinião de Bruening, o Chanceler, que compartilhava inteiramente o seu ponto de vista, sobre o assunto.

Porém, antes de tentar chegar a um acordo com Hitler, Bruening fez alguns movimentos preliminares. Não apenas manteve o favor de Hitler, mas falou bem dele, e recusou dar qualquer passo contra ele e tentou facilitar-lhe a trilha, de todas as maneiras. Ele conseguiu que, finalmente, Hitler se encontrasse com Hindenburg, como os outros haviam conseguido o primeiro encontro com o Velho Marechal de Campo. E, além disso, ele pediu que o grande industrial católico Thyssen, um dos mais generosos amigos e financiadores de Hitler, se apressasse a fazer um bom cartaz do Presidente. Pois, se Hindenburg ficasse pessoalmente aborrecido com ele, as chances de Hitler agir

poderiam diminuir. Ele pediu a Thyssen que dissesse a Hitler para ser bem moderado ao falar dos seus planos com o Presidente do Reich.

O encontro com o Marechal de Campo aconteceu e, finalmente, Bruening e Hitler chegaram a um acordo. Bruening ofereceu-se para renunciar dentro de doze meses, a fim de permitir o Gabinete, no qual as posições-chaves estariam nas mãos dos nazistas e, em compensação, Hitler deveria apoiar a eleição de Hindenburg como Presidente do Reich, e abrir negociações diretas com o Vaticano para uma Concordata.

A razão de Bruening para adiar sua renúncia por um ano satisfez Hitler, o qual aceitou a oferta. O argumento de Bruening era que, se os nazistas estivessem no governo, os Poderes de Genebra não iriam fazer concessões à Alemanha. E Bruening esperava pelo menos obter daqueles, a abolição total dos pagamentos de indenização. Com esse argumento ele convenceu Hitler a ter paciência.

Após o encontro, Hitler declarou que havia ficado "profundamente impressionado" com Bruening. Mas, além de ter ficado impressionado com o plano de Bruening para enganar os Aliados, havia os planos militares a serem aplicados e o enorme programa armamentista, conforme concebido pelo católico Bruening. Isso foi testificado mais tarde pelo general nazista Von Epp, o qual declarou que foram "*os planos de rearmamento do Chanceler do Reich que realmente levaram Hitler a uma decisão*".

Bruening manteve o Dr. Kaas minuciosamente informado dos seus planos com Hitler, sendo a tarefa do Dr. Kaas informar fielmente ao papa todo o progresso das transações. O Vaticano pediu a Bruening para se certificar de que se Hitler viesse a fazer parte do novo governo os nazistas não seriam hostis à "verdadeira religião". Mas, pela segunda vez, nada resultou dessas negociações.

Na mais importante entrevista com Hitler, em janeiro de 1932, e para a qual Bruening levou consigo Von Groener e Von Schleicher, Hitler apareceu acompanhado do chefe de sua S.A., Roehmer, que era o mais intransigente líder dos nazistas. A oferta de Bruening, para sua consternação, foi rejeitada. Também o foi pelo *Partido Nacional Alemão*.

Vendo que a colaboração com o partido da ala direita, da extrema direita, havia fracassado, Bruening se voltou para os partidos de esquerda, sem qualquer hesitação. Teve sucesso em convencer os Sociais Democratas, que elegeram Hindenburg formando um bloco republicano contra os partidos de Direita. Ele veiculou um slogan que agradaria os esquerdistas: "elejam Hindenburg e derrotem Hitler". Mais uma vez, os sociais democratas deram os seus milhões de votos para eleger Hindenburg e derrotaram o plano do *Partido Nacional Alemão* e de Hitler.

Mas a eleição, que aconteceu no mesmo ano, chocou de tal maneira o Vaticano e o Cardeal Pacelli, que estes decidiram apoiar definitivamente uma nova força política, que seria a única a evitar que a Alemanha fosse para a Esquerda. O antigo *Partido Católico* já havia tido o seu tempo. Somente medidas drásticas poderiam deter o Perigo Vermelho, isto é, somente o Nazismo. A eleição levou Pacelli e o papa a tomar a decisão de colocar o seu apoio a Hitler. De um total de 35.148.470 votos, o *Partido Nazista* havia somado 11.737.391, o *Partido Católico* 5.326.583, enquanto os Socialistas e Comunistas haviam somado 13.232.292.

Os arqui-inimigos da Igreja Católica estavam fazendo um tremendo progresso na Alemanha. Se lhes fosse permitido continuar assim, e a não ser que um punho férreo assumisse o poder e os detivesse, seria tarde demais. E quem melhor do que Hitler, poderia fazer isso? A partir daquele momento e, por trás dos bastidores, o Vaticano começou a agir, tendo como objetivo principal exercer sua influência, no sentido de levar Hitler ao poder. Ingrato com relação ao apoio da Esquerda, Hindenburg, logo que foi eleito, voltou-se ferozmente no sentido de seguir uma política por demais reacionária de caráter Extrema Direita, até o final de seu mandato, e ofereceu o poder a Hitler.

Entretanto, Bruening estava tentando destruir a República e restaurar a Monarquia na Alemanha. Ele sempre estava em completo acordo com a hostilidade da Igreja contra qualquer forma de governo popular, ou regime republicano, e com ela, num apoio às monarquias e aos governos autoritários. Esse espírito do qual estava tão completamente imbuído, era fortalecido pela sua visão nacionalista. Conquanto Chanceler no governo de uma República, ele estava trabalhando

para destruí-la. Ele havia assumido o Pacto Constitucional e a Constituição Republicana, que assim começavam solenemente: *"O governo alemão é uma República. O poder político procede do povo"*. Ele havia jurado manter e defender esses princípios. Contudo, Bruening jamais aderiu à República. Ele era influenciado por três grandes motivos: sua consciência como católico, que o obrigava a restaurar a autoridade da Monarquia, pois *"a autoridade não vem do povo"*, conforme a Igreja Católica repetia constantemente, e a isso eram acrescentados os seus fortes sentimentos nacionalistas e o temor dos Vermelhos, cujo poder ele queria deter.

Bruening teve longas conversas com Hindenburg, com os líderes dos partidos *Nacional* e *Nazista* e com o Príncipe da Coroa. Hindenburg deveria ser eleito Regente do Reich, por toda a vida, com 2/3 da maioria do Parlamento, que teria sido obtida através de coalizão dos partidos da ala direita. E após sua morte, o segundo filho do Príncipe Real deveria ser proclamado Kaiser.

O Vaticano continuava bem informado, até mesmo antes de Bruening ter tomado decisões ativas para colocar esse plano em execução. O Cardeal Pacelli havia deixado a Alemanha – em 1930 ele havia sido nomeado Secretário de Estado de Pio XI – mas continuou sendo a principal autoridade nos assuntos da política alemã. Ele havia abençoado o plano e o Vaticano estava a favor do mesmo. A condição única imposta pelo Vaticano sobre Bruening e seus companheiros é que esse plano não tivesse compromisso nem se envolvesse abertamente em um complô, para evitar complicações internacionais que dele pudessem advir. Logo que a Monarquia fosse restaurada, a Igreja Católica daria todo o seu apoio à mesma, através do seu clero, dos católicos e do *Partido de Centro*. Bruening e outros conspiradores concordaram. Externamente, o procedimento para a execução do plano não devia partir de Bruening, nem do *Partido Católico*, nem de qualquer pessoa diretamente ligada ao Vaticano.

Mais uma vez o esquema fracassou. Dessa vez, devido à oposição do próprio Hindenburg, que não conseguiu harmonizar esse plano com a sua perene lealdade ao seu antigo Kaiser. Mais um resultado foi conseguido por Bruening, enquanto ainda estava no poder. Sob a sua deliberada orientação, os generais, os grandes industriais, os Junkers e os extremos nacionalistas foram colocados em posições chaves. A máquina militar havia reconquistado a Alemanha e se tornado dominante – principalmente devido aos movimentos do Partido de Centro e, acima de tudo, aos de Bruening.

Dizia-se freqüentemente que Bruening visualizava a restauração da Monarquia, a fim de evitar que Hitler subisse ao poder, porém os fatos não provam essa contenção. O plano original de Bruening, ao qual Hitler e Hugenberg, o líder do *Partido Nacionalista Alemão* aderiram, e estavam prontos a apoiar, era o seguinte: primeiro, destruir a República; segundo, restaurar a Monarquia e terceiro, formar um governo inteiramente composto de partidos fascistas e super fascistas, os quais eram o *Partido Nacionalista*, o *Partido Nazista* e o *Partido de Centro*. Para chegar a esta última parte do programa, Bruening prometeu a Hindenburg, bem como a Hitler e Hugenberg, que, logo que os dois primeiros objetivos fossem alcançados, ele, Bruening, renunciaria e deixaria livre o caminho para Hugenberg e Hitler.

O papa e o Cardeal Pacelli estavam, não apenas bem informados, mas para o último plano que era restaurar a Monarquia, eles até exigiam uma garantia de que um governo realmente forte "não daria vez aos Sociais Democratas", de governar a nova Alemanha. Essas condições deviam sempre dar garantia absoluta, a fim de salvaguardar os interesses da Igreja. Essas discussões parlamentares eram realizadas fora do palco, principalmente através do Dr. Kaas e do camareiro do papa, Franz von Papen.

Aqui temos as palavras textuais de Bruening relativas aos seus planos, conforme faladas a Hindenburg:

"Dou a minha palavra de que logo que atingirmos o ponto em que a transição da República para a Monarquia, seja assegurada, eu renunciarei, e então vós podeis formar um Gabinete inteiramente dos Partidos da Direita". (Nacionalista, Nazista, etc.)

Além disso, Bruening tinha outro projeto em mente. Era deixar fora de ação o *Partido Social Democrata da Prússia*. Esse projeto já havia sido delineado antes de pedir a esse Partido a ajuda para o seu plano de reeleger Hindenburg, o qual foi nomeado em 10/04/32 e eleito principalmente pelos votos dos Sociais Democratas.

Durante várias semanas os planos detalhados estiveram na mesa de Hindenburg. Após a expulsão do *Partido Social Democrata da Prússia* foi feita a tentativa de formar um governo forte de católicos e nazistas. Monsenhor Kaas estava sempre em contato com o líder católico Gregor Strasser, tentando chegar a um acordo final com Hitler. Mas Hitler mudou de idéia no último instante e o plano fracassou. Ele não cooperou com Bruening porque sabia que o chanceler católico estava politicamente liquidado. De fato, no dia 30/05/1932, Bruening caiu.

Hindenburg demitiu Bruening, a conselho dos generais e de outras forças que estavam agindo em surdina. Eles estavam conspirando para a destruição do Parlamento Democrata Alemão, a fim de criar uma ditadura. A primeira fase fora alcançada. A ocasião era propícia para a segunda fase.

O novo Gabinete foi formado pelo General von Schleicher, antes mesmo da demissão de Bruening. Mas, a essa altura, os conspiradores mais uma vez se dividiram entre si. Os generais queriam um homem que lhes deixasse aberta a porta, na primeira oportunidade. Esse homem já havia sido escolhido e aceito. Foi outro católico, Franz von Papen. Contudo, o Monsenhor Kaas, e através dele o Vaticano, desejavam que Hitler e Hugenberg chegassem ao poder.

Por um longo tempo o Vaticano havia negociado com os conspiradores e quando ficou sabido que a Chancelaria fora oferecida a von Papen, e que ele a havia aceitado, o Vaticano instruiu o Monsenhor Kaas, líder do *Partido de Centro*, que fizesse von Papen recusar o cargo. Ele prometeu fazer isso e realmente jurou a Kaas que iria recusar a oferta. Contudo, quando Hindenburg o pressionou novamente e von Papen aceitou, Monsenhor Kaas e o Vaticano o censuraram por ter quebrado a promessa, ao que ele deu uma autêntica resposta jesuíta. *A primeira vez, ele disse, o Presidente lhe ofereceu a Chancelaria como membro de um Partido Católico e, conforme sua promessa, ele recusou. A segunda vez a oferta lhe foi feita como a um indivíduo particular e ele aceitou.*

Franz von Papen pertencia a uma família católica da Westfalia. Ele era rico e, apesar do mau caráter pelo qual era conhecido, tinha grande influência nos concílios internos do *Partido Católico* e no Vaticano. Ele era o proprietário do mais importante órgão do Catolicismo alemão.

O novo chanceler foi cordialmente apoiado pelos grandes industriais, pela aristocracia e pelos altos oficiais católicos de Estado, todos eles sabendo que a sua nomeação era apenas o último passo para o que há muito estavam almejando. Apesar do revés sofrido pelo Prelado Kaas e pelo Cardeal Pacelli, em Roma, os assuntos deveriam seguir a pauta correta para eles, no tempo exato para as fileiras e organização do *Partido Católico*, composto de trabalhadores. Eles se voltaram contra as figuras da liderança do *Partido*, contra a sua política e contra o novo chanceler, com mais vigor do que os Sociais Democratas e, por algum tempo, a liderança do *Partido* caiu em suas mãos. Isso fora permitido porque a sorte do *Partido* já estava selada.

A significação da subida de von Papen ao poder não foi verificada, senão por algumas intrigas em Berlim, e ainda menos, pelo pessoal no Vaticano. Foi o conflito de duas tendências no *Partido Católico Alemão* que deu o golpe de misericórdia em Bruening. Os que haviam patrocinado o segundo curso liderado por von Papen haviam persuadido os vários generais e seus colegas a "convencer" Hindenburg a demitir Bruening da Chancelaria. Os dois campos hostis dentro das altas fileiras dos católicos alemães de liderança, estavam divididas no que se referia a abandonar definitivamente o *Partido de Centro* e permitir a extinção do mesmo, conforme decisão do papa, ou permitir que ele continuasse e desempenhasse o seu papel, numa administração liderada por Hitler. Nessa administração, os *Partidos Nazista e Nacionalista* da Alemanha e o *Partido de Centro* deveriam ser perfeitos parceiros. A alternativa era levar à morte o *Partido de Centro* e entrar num acordo com Hitler sobre os interesses do Catolicismo e da Igreja na Alemanha.

O primeiro grupo foi liderado pelo próprio Bruening. Ele havia, em mais de uma ocasião, deixado o Vaticano saber de sua objeção ao plano do papa se livrar do *Partido Católico*, o qual, durante duas gerações, havia servido tão bem ao Catolicismo, como o *Partido Católico* mais antigo, mais poderoso e mais firme da Europa. Em várias ocasiões Bruening havia prometido renunciar, a fim de deixar livre o caminho para Hitler, contanto que ao *Partido de Centro* fosse permitido continuar desempenhando o seu papel. Até mesmo após sua demissão, Bruening informou Kaas, e através deste o Vaticano, que estaria pronto a aceitar um posto no novo gabinete, se Hitler fosse

eleito chanceler. Como Hugenberg, líder dos Nacionalistas, Bruening tinha a ilusão de que Hitler trabalharia com eles em pé de igualdade. Essa política, que vinha sendo condenada desde a derrota de 1928, não foi aceita. Kaas e outros católicos que haviam aceitado a decisão do Vaticano foram levados a entender, através do Cardeal Pacelli, que algo teria de ser feito, antes que "*eventos não previstos pudessem interferir em nossos planos*". Kaas e seus cúmplices movimentaram a necessária máquina política por trás de Hindenburg e Bruening, que já estava em desfavor com as massas alemães e com os que o haviam colocado no poder, e, então, ele foi demitido.

A chancelaria de Von Papen foi responsável pelas intrigas de todo tipo, as quais começaram em Berlim, entre os grupos de generais e os líderes dos vários partidos: o de Direita e o de Centro, Monsenhor Kaas, Von Papen, o Vaticano e Hitler. O Vaticano, Monsenhor Kaas e o próprio Von Papen trabalharam de mãos dadas para conseguir levar Hitler ao poder sem que houvesse qualquer oposição séria. Eles deveriam preparar o caminho e facilitar o acesso de Hitler à chancelaria.

Von Papen logo foi substituído por outro católico, o general Schleicher. Mas o general tornou-se simpático aos Socialistas e ameaçou expor as transações que teriam embaraçado alguns católicos da elite e o Vaticano. E o que era pior, a corrupção de certas negociações em que Hitler e Von Papen estavam envolvidos. Foi então que Von Papen persuadiu o velho presidente a tornar Hitler presidente.

Mais tarde, Von Papen, durante uma preleção feita a uma audiência católica em Colônia, declarou que: "*a Providência me destinou a prestar um serviço essencial para o nascimento do governo de regeneração nacional*" (12/11/1932). No início de janeiro de 1933, Von Papen encontrou-se com Hitler na casa de um banqueiro de Colônia e lhe disse que havia chegado a hora de trabalharem juntos. Os homens e a máquina que o levariam ao poder já estavam prontos e com o apoio do Vaticano. Por sua vez esperava-se que, quando estivesse no poder, Hitler destruísse os Partidos Comunista e Socialista, como ação preliminar, e discutisse uma Concordata com a Igreja Católica. Hitler prometeu. Entraram as duas partes num acordo. Hitler seria feito Chanceler e Von Papen, Vice-chanceler. Desse modo, Von Papen convenceu Hindenburg a solicitar a Hitler que ele se tornasse Chanceler. No dia 30/01/1933, Adolfo Hitler, um católico de nascimento, foi feito Chanceler da Alemanha.

Depois de ler este relato feito por um dos mais eruditos historiadores sobre assuntos do Vaticano, não podemos deixar de concordar que foi, realmente, o Cardeal Eugênio Pacelli, futuro Pio XII - quem colocou Hitler no poder alemão, a serviço do Vaticano. Contudo, não se deve esquecer que Pio XI e Pacelli eram apenas dois lacaios do Papa Negro.

Capítulo 5

O Vaticano e a Bélgica

No capítulo 15 do seu livro "*The Vatican in World Politics*", Avro Manhattan explica como o Vaticano entregou a Bélgica a Hitler:

Quando, na primavera de 1940, a Alemanha nazista abandonou o Leste, a fim de destruir o poder militar dos Aliados Ocidentais, os pequenos países situados entre ela e a França, a saber, a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica – foram invadidos e ocupados.

Não vamos tratar da Dinamarca cuja população católica é mínima, nem também da Holanda que não pode ser considerada um país católico. Embora 1/3 de sua população fosse católica, não exercia, nessa época grande influência. Basta declarar que os católicos holandeses, embora possuindo certos elementos pro nazistas, comportavam-se em geral, como a maioria da

população holandesa, enquanto a hierarquia adotava uma política de obediência às autoridades nazistas, sem contudo expressar condenação ou apoio às suas ações. Protestos ocasionais eram feitos apenas quando certas leis, como aquela que forçava o recrutamento do trabalho, colocava em perigo a moral e a fé dos trabalhadores católicos, ou violavam os princípios da Igreja. Isso também acontecia quando o regime nazista dissolvia associações religiosas, reduzia os subsídios das escolas católicas, se apossava dos edifícios eclesiásticos, suprimia os jornais católicos, proibia as coletas públicas, reduzia os salários dos professores religiosos ou adotava um sistema de centralização referente aos trabalhadores a á juventude, e assim por diante.

Por outro lado, conquanto seja verdade que a hierarquia católica, em geral, não dava apoio algum nem fazia condenação ao Nazismo, contudo ela cooperava muito cordialmente com este, a fim de destruir os socialistas e comunistas. Como quando, por exemplo, em 27/01/41, ela proibiu qualquer católico de se tornar ou continuar membro do Partido Comunista, sendo a desobediência punida com a excomunhão.

A falta de espaço me impede de fazer uma relação detalhada da parte desempenhada pela Igreja Católica na Holanda. Vamos passar para a Bélgica, pois nesse país a Igreja Católica desempenhava um papel importante em delinear os acontecimentos sociais, políticos e até mesmo militares no tempo da ocupação nazista. Enquanto examinamos a parte desempenhada ali pela Igreja, devemos nos lembrar que a Bélgica, como outros países, não era senão outra peça do vasto plano do Vaticano no sentido de estabelecer um totalitarismo, onde quer que fosse possível. Como já vimos, o Vaticano operava sobre dois planos: primeiro, ele tentava criar movimentos políticos totalitários dentro de um determinado país tirando vantagem das características econômicas, políticas, sociais e raciais de origem geral ou local. Segundo, quando se tratava de países pequenos, estes eram treinados gradualmente para entrar na órbita da Alemanha Nazista ou da Itália Fascista.

Antes de prosseguir com este assunto, vamos dar uma rápida olhada na posição de Igreja Católica na Bélgica, pois assim daremos uma explicação da influência exercida pela mesma, não apenas sobre os assuntos puramente religiosos, mas também nos assuntos sociais e políticos.

Praticamente, toda a população da Bélgica é católica, pelo menos nominalmente. A Igreja Católica como instituição religiosa, social e política tem sido a organização mais influente desse país. Com a evidência da assombrosa superioridade numérica de católicos sobre os membros de outras denominações, basta citar os seguintes Algarismos ilustrando a proporção do clero que servia as várias denominações religiosas na Bélgica, no ano de 1937. A Igreja Católica Romana possuía 6.474 sacerdotes, enquanto os ministros protestantes eram apenas 32. Os rabinos judeus chegavam a 17 apenas e a Igreja Anglicana era constituída de apenas 9 ministros em seu clero. De todos os países católicos a Bélgica possuía, relativamente, o maior número de conventos e o número de freiras chegava a 7.000.

A Constituição Belga garantia liberdade religiosa e nenhum súdito era obrigado a participar de quaisquer observâncias religiosas. Todo o credo gozava de absoluta liberdade religiosa. O estado abdicara de qualquer direito de intervir nos assuntos eclesiásticos e não dava palpites na nomeação de dignitários ou autoridades nas universidades.

Esse grau de liberdade religiosa num país extraordinariamente católico resultou do compromisso entre católicos e liberais. A luta entre a Igreja Católica e os liberais havia sido antes tão ferrenha quanto em outros países, porém a Igreja fora forçada a fazer esse compromisso. Ela bem sabia que a liberdade que lhe fora concedida pelo Estado iria dar-lhe uma compensação por qualquer perda envolvida nesse tipo de compromisso. Através de uma eficiente rede de instituições educacionais, sociais, políticas e filantrópicas, a Igreja poderia influenciar a vida da nação. Esses canais de influência se ampliaram anualmente, graças aos princípios de liberdade manter associações, de educação e de imprensa. Essa tolerância mútua entre a Igreja e o Estado possibilitou à Bélgica manter estreitas relações diplomáticas com a Santa Sé.

Desde que a Bélgica se tornou independente, a educação da juventude belga havia se tornado assunto de amarga controvérsia entre a Igreja e os campeões do sistema educacional do Estado Secular. *La Lutte Scolaire*, como veio a ser conhecido, a luta pelo controle da juventude,

ainda não havia sido resolvida no início de maio de 1940, embora um certo grau de compromisso tivesse sido alcançado na prática.

A Constituição providenciara para que a educação fosse livre e que o custo da manutenção escolar recaísse sobre o Estado. Mas o princípio da liberdade na educação permitia a fundação de escolas por organizações e indivíduos particulares e a Igreja Católica em particular fez uso desse privilégio. Quer fosse o Estado responsável pelo custo da educação nas escolas assim particularmente estabelecidas foi a próxima questão a ser levantada e por longo tempo causou séria disputa. A Igreja Católica afirmava que o Estado deveria prover parte dos fundos necessários para manter suas escolas.

Do mesmo modo, a instrução religiosa nas escolas se tornou um item polêmico. Em suas próprias escolas, os católicos podiam, é claro, garantir que seus filhos seriam educados de acordo com os princípios católicos. Nas escolas controladas pelas autoridades públicas, os Liberais, mais tarde, os Socialistas, a educação deveria ser mantida numa base puramente secular. Eles achavam que a educação religiosa deveria ser dada fora do período escolar e somente com o consentimento dos pais. A Igreja logo combateu essa contenção do ensino religioso com a maior ferocidade, afirmando que o ensino católico deveria ser dado em todas as escolas e às custas do Estado. Todas as crianças deveriam crescer como católicas, a despeito da vontade de seus pais.

Para demonstrar o espírito intolerante que animava a Igreja Católica, até mesmo num Estado onde parecia superficialmente que um entendimento com a Igreja havia sido conseguido, vamos apresentar duas pequenas, porém significativas ilustrações:

Sendo o Estado verdadeiramente democrático e liberal, ele havia decidido que a instrução católica fosse compartilhada nas escolas católicas, onde a maioria dos estudantes fosse católica. Isto afetou sobremaneira as escolas comunitárias. Porém, quando o Estado aplicou uma regra equivalente às escolas comunitárias, onde os católicos eram minoria, que a instrução religiosa não aplicada à maioria não deveria ser dada, a Igreja protestou vigorosamente, acusando o Estado de intolerância e hostilidade contra a Igreja.

Como em muitos outros países, assim também na Bélgica persistia um forte antagonismo entre a Igreja e os partidos progressistas como os Liberais e Socialistas. A Igreja se opunha consistentemente a qualquer coisa que pretendesse secularizar o Estado e a vida nacional. Sem recapitular os motivos que apressaram a Igreja a lutar contra o Estado Secular e o Liberalismo, basta dizer que Igreja Católica na Bélgica liderava a mesma campanha que havia feito na Itália, Alemanha, Áustria, Checoslováquia e em toda a parte. Durante os primeiros cinquenta anos de independência a luta foi dirigida contra os Liberais e a influência da Igreja na educação e na vida política do país foi a causa principal dos conflitos. É claro que os católicos apoiavam a Igreja, enquanto os liberais e os progressistas apoiavam o Estado Secular.

De 1884 até 1914, devido a várias circunstâncias e a eventos sociais, econômicos e políticos, os católicos governavam sozinhos o país. Após a I Guerra Mundial os Católicos e os Socialistas, os quais, entretantes, haviam crescido tremendamente em número e poder, possuíam força equilibrada. Contudo, os liberais foram gradualmente perdendo terreno, com o resultado de que o Partido Católico e o movimento das classes católicas trabalhadoras entraram em inevitável luta contra os socialistas. Essa luta se baseava principalmente em questões sociais.

Em 1925 os dois primeiros comunistas foram eleitos à Câmara. Na Bélgica, como em toda parte, os movimentos socialistas e comunistas estavam gradualmente ganhando terreno, para desgosto daqueles segmentos da sociedade belga, que tinham razões para temê-los. Claro que esses segmentos encontraram na Igreja Católica uma forte aliada com cujo auxílio foi iniciada uma luta contra os socialistas. Essa luta assumiu várias formas e experimentou vários desfechos, cuja descrição foge ao escopo deste livro. Basta dizer que a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, trouxe encorajamento às forças reacionárias da Bélgica, estimulando-as a uma bem sucedida resistência contra os seus inimigos.

Apenas dois anos após a ascensão do Nazismo ao poder, um movimento fascista apareceu na Bélgica. Este movimento Fascista – ou talvez Nazista – adotou o programa, as idéias e os slogans de Hitler e Mussolini, modificados conforme às exigências especiais da nacionalidade belga.

O partido e seus líderes declararam-se aliados de Hitler e Mussolini e protegeram sua interferência nos assuntos internos da Bélgica.

De qual fonte jorrou o novo Fascismo belga? Quem eram os principais instigadores dessa força anti-democrática?

Seus instigadores eram fervorosos membros da Igreja Católica e em suas esferas especiais, eram, em verdade, figuras importantes do Catolicismo. O líder dessa facção era o diretor da firma de propaganda católica e da instituição da qual dependia o movimento de apoio à Igreja Católica. O movimento e seus líderes se gabavam do apoio do influente segmento católico da Bélgica e de seus íntimos aliados, os elementos reacionários da classe industrial, financeira e social em todo o país.

O Partido Fascista Belga criado em 1935, era liderado por um grupo de jovens católicos, dos quais o Capitão Mor era Dregelle, diretor da firma Rex de propaganda católica (uma abreviatura da expressão Cristo Rex igual a Cristo Rei). Dregelle iniciou sua carreira como propagandista do Partido Católico, sendo sua tarefa principal inundar a Bélgica de publicações religiosas católicas. A alma do Menino no catolicismo e os milagres de todo tipo, especialmente as aparições da Virgem em Beauraing, compunham os seus principais assuntos.

Quando foi fundado o novo partido, estes jovens católicos abriram uma campanha em duas frentes. Primeiro, sua animosidade foi dirigida contra o alto segmento financeiro e industrial do Partido Católico e da indevida influência das altas finanças ali dentro. Segundo, ele fez uma declaração formal de guerra contra qualquer coisa que favorecesse a Democracia e o Socialismo, e contra todos os elementos hostis à Igreja Católica. Essas campanhas eram dirigidas principalmente contra os socialistas e comunistas, contra o Estado Secular e, bastante significativo, contra aquele segmento católico belga sólido, estável e influente do Estado – isto é, os próprios líderes do Partido Católico.

Será que esta situação está chocando o leitor? Pois saiba que situações muito idênticas a essas aconteceram em outros países. E a criação de um partido fascista católico não estava de pleno acordo com a política geral da Igreja naquele tempo? Sugere-se que esta política envolvia a suplantação, ou até mesmo a destruição do Partido Católico. Em seu lugar deveria ser colocado um partido novo, vigoroso e inescrupuloso. Tudo isto aconteceu numa hora em que os socialistas e especialmente os comunistas na Bélgica estavam crescendo em número e poder. Como conseqüência, a classe média, que em outros países havia formado a espinha dorsal do Fascismo e do Nazismo foi se tornando insegura e exigiu sérias medidas. Resumindo, a Igreja escolheu o tempo exato para deslanchar mais um Partido Fascista.

A ação foi astutamente calculada de um outro ponto de vista. Havia ocorrido sérios escândalos entre os católicos que exerciam a maior influência, deixando as classes média e a média baixa rebeladas contra esse estado de coisas. O Partido Católico havia de fato sido acusado de séria irregularidades pelos católicos, bem como pelos não católicos, através das quais a Igreja "havia embarcado em sórdidas especulações, aumentando sua força e enriquecendo alguns dos seus membros" (Revue Deux Mondes, 15/06/1936).

Em vista dessas considerações, o Partido Católico fascista teve toda a vantagem de alcançar sucesso, com ou sem o apoio do velho Partido Católico. Isso o fascista Dregelle, ao abandonar na sarjeta os católicos do velho rótulo, garantiu o avanço de sua própria facção. Na eleição de 1936 o novo partido fascista, agora designado como "Rexismo" garantiu 21 cadeiras na câmara – o que era um bom começo. Os comunistas conseguiram ir de duas cadeiras, em 1925, para nove nessas eleições.

Contudo, o novo Partido Fascista ainda que indiretamente apoiado pelo Vaticano, tornou-se violento demais e excedeu as instruções de Roma no que se referia ao velho Partido Católico. Dregelle era entusiasta e inexperiente demais. Logo o Rexismo entrou em colisão com a Itália Fascista e com a Alemanha Nazista, e a popularidade do movimento começou a se desvanecer. O velho Partido Católico na Bélgica fez o Vaticano entender que era influente demais na vida do país para ser tratado daquela maneira indigna. Seus líderes pediram que o Rexismo fosse repudiado, do mesmo modo como fora constituído. Asseguraram que se o Vaticano usasse de precaução o partido se encarregaria da "liquidação" do Socialismo e do Comunismo, no devido tempo.

Um caso importante de teste foi feito em 1937, quando Bruxelas decidiu enviar o próprio Dregelle às urnas, em oposição ao Sr. Van Zeeland, um católico independente, então Primeiro Ministro. Dregelle recebeu o apoio dos rexistas e dos católicos flamengos nacionalistas. A Igreja Católica aproveitou a ocasião para repudiar a doutrina do Rexismo, como sendo "incompatível com o bom Catolicismo". O resultado da eleição foi a apuração de apenas 60.000 votos para Dregelle contra 275.000 para o seu concorrente.

O velho Partido Católico havia conseguido um sucesso com o Vaticano, mas o Rexismo sobreviveu usando todos os slogans e métodos do Fascismo e Nazismo, com variados sucessos. Visto como o Vaticano havia dado um sinal de desprezo, e acima de tudo, influenciado pela oposição dos católicos ricos, o Rexismo não pôde impingir Dregelle sobre a população católica. Concordemente, em 1939, o Rexismo perdeu quase todas as suas cadeiras no Parlamento, registrando apenas quatro.

Foi então que a guerra explodiu e as mesmas intrigas que haviam sido tecidas entre o reacionário segmento da França, do Vaticano e de Hitler, foram repetidas na Bélgica. Isso quer dizer que um influente segmento da Bélgica composto na maior parte de industriais e financistas procurou manter a Bélgica neutra e até entrar num acordo com Hitler.

O Vaticano estava no âmago desses planos e negociações. Sem dúvida, o Vaticano não era a única parte interessada. Poderosos interesses sociais, econômicos e financeiros estavam em jogo em íntima conexão com os seus contra partidários na França. Entraremos em maiores detalhes ao tratar da França. Basta apenas registrar aqui que o general francês de origem belga, um devoto católico romano estava implicado nos diversos procedimentos e era o elo entre os segmentos belgas e os franceses que desejavam "entrar num acordo com Hitler", General Weygand.

O representante do papa na Bélgica estava em estreito contato com várias pessoas influentes próximas do Rei. Ele também estava em contato, o que é muito significativo, com aqueles católicos flamengos nacionalistas, os quais, alegando independência, viam na intervenção de Hitler uma oportunidade enviada por Deus para criar *um estado flamengo católico*. Esses católicos flamengos desejavam a separação sob alegações raciais e históricas, contudo é bom notar que eles eram fervorosíssimos católicos e o seu principal objetivo era a criação de um Estado autoritário. Esse Estado deveria ser fundado nos moldes do sistema corporativo do Nazismo e do Fascismo. Nos anos que antecederam 1940, os flamengos nacionalistas haviam mudado a forma do seu partido. O partido da Frente tinha sido entregue ao Partido Nacional Flamengo, uma organização pautada no autoritarismo.

Após a invasão da Polônia, a posição das conversas da Bélgica com a Alemanha ficara bastante clara. Contudo, as intrigas continuaram e atingiram tal estágio que o Rei Leopoldo e seus conselheiros recusaram se juntar aos experts da França e da Inglaterra para antever os planos, até que fosse tarde demais. Agindo desse modo, o Rei Leopoldo negligenciou o conselho de seus líderes militares.

Esse atraso foi devido ao fato de que os católicos belgas, ou talvez alguns metidos nessas, intrigas estavam a par dos planos do Vaticano com respeito à Polônia, Bélgica e França. Para ser mais exato, eles sabiam que o Vaticano havia prometido a Hitler o apoio da Igreja Católica no Ocidente, em troca do seu prometido ataque ao grande inimigo bolchevista. Hitler, por sua vez prometeu respeitar a Igreja, onde quer que seus exércitos "fossem forçados a ir". Ele "esmagaria todos os socialistas e comunistas" e quando isso fosse feito, ele "se voltaria para o Leste".

O Rei Leopoldo era bem conhecido para ficar sob a influência do clero e, não possuindo grande discernimento político, ele pode ou não ter sabido o que significavam suas ações. Além da decisão do Rei, o ônus neste assunto cai particularmente sobre dois homens, e esses dois eram o delegado papal na Bélgica e o primaz da Bélgica. Eles realizaram negociações secretas com vários industriais e políticos católicos proeminentes e mais de uma vez mantiveram audiência particular com o Rei Leopoldo.

O Rei Leopoldo e o seu pessoal ficaram todos sob pressão do governo fascista de Roma o qual fora encarregado por Hitler de persuadir o Rei a adotar uma determinada linha. Esse lado das negociações foi conduzido através da Casa de Savoy, na pessoa da esposa do príncipe Umberto, da Coroa Italiana, a qual era irmã do Rei Leopoldo. Este plano colossal será considerado com maiores

detalhes no próximo capítulo (a França e o Vaticano). Basta dizer aqui que a Bélgica era uma parte do plano do Vaticano e de Hitler para a França, com o qual o pequeno grupo industrial, o Rei e os outros consentiram trabalhar em harmonia. Como já foi sugerido, de acordo com este esquema, o Rei evitou que os Aliados preparassem os seus planos. Conseqüentemente, quando Hitler invadiu a Bélgica seus exércitos alcançaram o mar e o Rei Leopoldo foi admoestado pelos seus conselheiros católicos, inclusive o Secretário Papal e o Primaz da Bélgica, a se render.

Este desfecho era contrário à opinião e ao desejo do governo, o qual recusou-se a aceitar a rendição. Desse modo, o católico Rei Leopoldo boicotou a Constituição, a qual ele havia jurado respeitar, e entregou pessoalmente o Exército da Bélgica na mãos dos nazistas. Mais tarde, o Rei Leopoldo declarou que havia enviado a devida admoestação aos Aliados. Mas o certo é que estes jamais receberam essa admoestação e por isso tiveram de enfrentar o mais grave perigo.

Imediatamente após a rendição, e antes que o país fosse informado, o Cardeal Van Roey teve uma entrevista extremamente secreta com o Rei, a qual durou mais de uma hora e meia. Convém notar que o Rei, apesar da pressão dos problemas militares, havia tido, antes do desfecho, um encontro com o Núncio Papal, após o qual a rendição logo aconteceu.

Do que transpirou desse encontro do Rei com o Cardeal Van Roey, nada sabemos, exceto que o Cardeal discutiu o tipo de mensagem que deveria ser dada e como deveria esta ser dada ao povo belga, cuja maioria desejava continuar lutando. O Rei havia se rendido contra a sua vontade, visto como desejava estar de acordo com o seu governo. Após a rendição, ele ficou preocupado com o julgamento do seu povo, porém o Cardeal se encarregou de defender sua ação diante dos belgas.

Foi em tais circunstâncias e empregando o Cardeal Van Roey como seu porta voz que o rei anunciou ao povo a capitulação da Bélgica, em 28/05/1940. Ele depois publicou o texto de suas cartas dirigidas ao Presidente Roosevelt e – muito significativamente – ao Papa Pio XII. A Bélgica havia se tornado um país ocupado, um novo satélite da Nova Ordem Mundial.

As características principais da Bélgica ocupada eram duplas: primeiro, o Liberalismo, o Socialismo, o Comunismo e todas as instituições democráticas, bem como os inimigos da Igreja Católica, e também do Nazismo, foram destruídos ou totalmente encampados. Segundo, as organizações da Igreja Católica passaram a exercer influência usurpadora no país, graças ao poder a elas concedido pelos próprios nazistas (como retribuição pela colaboração de sua hierarquia no desfecho da ocupação).

Todos os partidos políticos foram dissolvidos, exceto o dos ultra católicos rexistas e o ultra católico Partido Flamengo Nacionalista. Os jornais socialistas e comunistas foram suprimidos ou passaram a outras mãos. Somente os jornais católicos tinham permissão de ser publicados e, exceto quando censurados pelos militares, eles circulavam livremente.

Todas as demais atividades e organizações – econômicas, sociais, culturais e políticas – foram suprimidas, detidas ou entregues aos fascistas e nazistas belgas. Somente as instituições, sociedades e atividades católicas foram deixadas em paz. As únicas autoridades que mantinham o seu poder e prestígio, ou até haviam adquirido mais poder ainda, foram as do clero católico. E mais que isso, o Cardeal se tornou a personagem mais importante do país. Já vimos que Hitler não gostava do Catolicismo nem do Vaticano e apenas barganhava com estes, quando tinha algo importante a ganhar. Como, então, podemos explicar o fato de que o seu primeiro procedimento na Bélgica foi tornar os partidos católicos fascistas e a Igreja Católica todo poderosos?

O estado de coisas continuou por um tempo considerável, após a ocupação. De todas as instituições a Igreja Católica foi a que mais ficou livre da opressão alemã e a que menos sofreu com a ocupação nazista. As organizações católicas, ao contrário das socialistas e de outras organizações de origem não católica, continuaram o seu trabalho como antes. A Juventude Católica, os Escoteiros Católicos, as associações dos camponeses e as organizações femininas, não apenas continuaram em paz, mas floresceram mais do que antes, por causa da proteção dos alemães e do todo poderoso clero superior. O Partido Católico e os sindicatos foram “suspensos”, conforme instruções do Vaticano e de Hitler. A Nova Ordem Nazista exigia um novo Partido Católico e o Rexismo supriu essa necessidade e o sistema corporativo, entre outros, suplantou os sindicatos católicos.

Embora a Universidade de Bruxelas tivesse sido fechada, a Universidade de Louvain, controlada pelo Vaticano, continuou aberta e os estudantes de toda a Bélgica foram requisitados para lá.

A grande maioria dos belgas ficou, para dizer o mínimo, criticando a ação do rei e, em grande escala, sua crítica também atingia a Igreja. O Cardeal e seus bispos instituíram, então, uma campanha para convencer o povo belga da sabedoria da ação do rei, esperando garantir a continuação de sua lealdade ao trono. A lealdade ao rei tornou-se uma consideração especial entre os bispos belgas e era constantemente repetida em suas cartas pastorais.

O Cardeal e os bispos jamais falaram contra o Fascismo e o Nazismo e quando se referiam aos regimes totalitários, suas críticas se confinavam aos assuntos nos quais "o Estado autoritário poderia prejudicar a Igreja Católica". Contudo, eles impeliam os belgas a que se submetessem ao Nazismo, e em termos inconfundíveis lhes diziam que aceitassem e cooperassem com os nazistas. *"Nas presentes circunstâncias deveriam reconhecer as autoridades de fato do Poder vencedor e obedecer ao mesmo, até o ponto em que a lei internacional o exigisse"* (Primeira Carta Pastoral coletiva dos bispos belgas em 17/10/1940).

Foi então que a sorte da guerra se virou contra os nazistas e sua vitória parecia menos certa e, mais ainda após a libertação da Bélgica, a hierarquia belga começou a proclamar os protestos que ela havia feito contra os nazista [a hierarquia desta Igreja hipócrita muda facilmente de posição nos conflitos, ficando sempre do lado vencedor].

Mas o que, de fato, havia acontecido? É verdade que os bispos e cardeais após 2 ou 3 anos de ocupação, haviam realmente feito protestos diante dos nazistas, porém, qual teria sido a base desses protestos? Eram contra a desumanidade do Nazismo, contra o banho de sangue no qual a Alemanha continuava a mergulhar o mundo? De modo nenhum. Eles protestaram porque os nazistas obrigavam os mineiros belgas a trabalhar aos domingos. Foi este o primeiro de uma série de protestos, o que é bastante significativo. Ele aconteceu em 09/04/1942. Van Roey e os bispos escrevendo a Von Faulkenhasen, em 01/05/1942, denunciou essa imposição como sendo contrária ao artigo 46 da Convenção de Haia, a qual obriga o Poder ocupante a respeitar "as convicções e as práticas religiosas do país ocupado". Von Faulkenhausen, o comandante do Nazismo, concluiu sua resposta com estas significativas palavras: *"Finalmente, expresso diante de V. Eminência os meus cordialíssimos agradecimentos pela solicitude que tem excelentemente demonstrado pelos interesse por mim representados"*.

Outro motivo importante de queixa da parte do Cardeal e dos bispos consistiu na remoção dos sinos das igrejas pelos nazista, na proibição da coleta em favor da Igreja, durante os funerais, e noutros assuntos eclesiásticos.

Entrementes, os vários grupos fascistas católicos estavam organizando uma campanha bolchevista e recrutando legiões anti-comunistas destinadas a lutar na Rússia. Convém notar que quase todos esses voluntários eram católicos fervorosos. A unidade mais notória era a *Legião Flamengo Anti-bolchevista*, a qual fora incorporada a *Legião SS*, em Flandres. O próprio Dregelle seguiu para Rússia como soldado raso.

Contudo, o Partido Rexista atraiu hostilidade e impopularidade e quase foi reduzido a nada. Muitos católicos se opunham vigorosamente ao mesmo e isso deu ocasião a um desagradável episódio dentro das fileiras católicas. Vale a pena contar esse pequeno incidente.

Enquanto Dregelle estava em Bouillon, ele assaltara o Deão local e o trancara numa adega, de onde este foi resgatado por soldados alemães. Por tal ofensa ele foi excomungado pelo bispo de Namur e enviado de volta ao front oriental, em novembro. Mas essa excomunhão do líder de um dos partidos católicos não foi aprovada pelo Vaticano e, desse modo, por uma dessas maneiras típicas de agir da Igreja Católica, a Dregelle foi concedida absolvição e lhe foi permitido regressar ao seio da Igreja Católica. Isso foi engendrado por um padre alemão, enquanto Dregelle estava no front oriental. O Bispo Namur, que havia emitido a excomunhão, foi forçado a reconhecer a anulação da mesma, por decreto emitido em dezembro de 1943, mesmo que esta estivesse completamente de acordo com a Lei Canônica, a qual reza que qualquer católico que puser as mãos sobre um padre será "ipso facto" excomungado.

Mas, como sempre, os católicos das fileiras e linhas não eram tão servilmente seguidores da hierarquia romana e muito freqüentemente se rebelavam contra a mesma.

Por outro lado, numerosos católicos, e até mesmo alguns membros do clero inferior, se ocupavam ativamente no movimento clandestino para lutar heroicamente contra a ocupação nazista.

Após a libertação da Bélgica pelos Aliados, o Cardeal e seus bispos declararam ter combatido o Nazismo. A que se haviam resumido os seus protestos, já dissemos.

Embora o Cardeal tentasse agora persuadir o povo de que havia combatido os nazistas, ele não podia ocultar os motivos reais que haviam gerado os seus protestos. Qurendo tapar o sol com a peneira, ele declarou como se alegrara em que o Nazismo tivesse sido derrotado e explicou sua felicidade ao dizer:

"Se o Nazismo tivesse triunfado na Bélgica, ele teria conseguido a completa sufocação da religião católica". Bem depressa, ele se esquecia de que os nazistas haviam cooperado mais do que cordialmente com ele e com a sua Igreja, dando-lhes a mais ampla liberdade compatível com a ocupação. Isto foi confirmado pelo próprio Cardeal, quando numa frase, dita posteriormente, ele declarou: *"Durante a ocupação o sentimento religioso cresceu e as organizações culturais, filantrópicas e sociais da Igreja floresceram mais do que nunca".* Depois disso, o Cardeal e seus bispos declararam ter combatido o Nazismo *"cada dia, por causa dos nossos princípios".* [Aqui poderíamos indagar: que princípios? Esta Igreja nunca observa os princípios, pois sempre visa apenas os fins].

Quais eram esses princípios não foi declarado. Ou talvez tivessem sido declarados de tal maneira a soar como totalmente contrários ao ouvinte imparcial. Vamos citar novamente as palavras do Cardeal: *"Tínhamos de combater e condenar os alemães, pois eles, além de surrupiar objetos bentos e consagrados das Igrejas, se apossaram de mais de trinta e duas mil toneladas dos sinos de bronze de nossas Igrejas para transformá-los em material bélico"*(Cardeal Von Roey ao correspondente da Reuter, dezembro de 1944; ver o *Catholic Herald*).

Poder-se ia muito bem afirmar que foi esse o único forte e genuíno protesto feito aos nazistas pela Igreja Católica da Bélgica. Com respeito às relações entre o Vaticano e a Bélgica, nenhuma explicação, por mais ampla que seja, poderá jamais absolver a Igreja Católica de sua cota de responsabilidade nos terríveis eventos que acabamos de descrever.

Os fatos seguintes, agora estabelecidos, dão testemunho contra ela. **Primeiro**, que até mesmo antes da invasão nazista da Bélgica a Igreja Católica estava pavimentando ativamente o caminho para o Nazismo, através da criação de um Partido Fascista. **Segundo**, durante as hostilidades, a Igreja usou toda a sua influência para garantir que a Bélgica se rendesse, em vez de lutar. **Finalmente**, o Vaticano se esforçou demais para colocar a Bélgica dentro do contexto fabricado por Roma, como um fundamento seguro sobre o qual poderia estabelecer o Fascismo no mundo inteiro.

Em menos de 40 anos o Vaticano conseguiu o seu intento, criando o Mercado Comum Europeu, a União Européia, o Euro e, brevemente, estará obrigando o Estado Corporativo - União Européia – a adotar uma religião única, a fim de facilitar o "entendimento" entre as várias raças e línguas do Continente. A Bélgica foi escolhida para liderar esse Estado e sua capital – Bruxelas – tornou-se a capital da União Européia. Nesta cidade, o Vaticano já instalou o seu quartel general, de onde governa todo o continente europeu, dissolvendo a soberania de todos os países membros e, futuramente, quando os países estiverem completamente escravizados ao Vaticano, sua Igreja governará o mundo inteiro, a partir de Roma, e depois, de Jerusalém.

Capítulo 6

O Vaticano e a Tchechoslováquia

No capítulo 13 do seu livro "*The Vatican in World Politics*", Avro Manhattan diz o seguinte:

Dentro de poucas semanas, após a absorção da Áustria pelo Reich Maior, Hitler já estava empregando as mesmas táticas com relação aos católicos da pequena República da Tchechoslováquia.

Alguém poderia ter achado que os católicos residentes nos vários países que faziam fronteira com a Alemanha Nazista haviam aprendido a lição, através da desgraça sofrida pela Áustria e, acima de tudo, pela Igreja Austríaca. Mas não foi esse o caso. Logo estavam cooperando cordialmente com Hitler, como se nada tivesse acontecido. Claro que o Vaticano estava na retaguarda, pois, como teremos oportunidade de ver, o movimento católico de ajuda a Hitler no sentido de derrubar a República era liderado por um devotíssimo prelado católico, o Monsenhor Seipel.

Antes de prosseguir, vamos ler, resumidamente, o pano de fundo da queda da República Tcheca.

A Igreja sempre havia odiado a Boêmia, principalmente desde os dias de John Huss, o grande "herege", queimado pela Igreja por causa de suas idéias ousadas. Durante a *Guerra dos Trinta Anos*, os exércitos católicos destruíram e pilharam o país de tal maneira que, no final das hostilidades, ele ficou reduzido à mais extrema miséria e desespero. Contudo, esse país havia sido antes um dos mais florescentes da Europa Medieval. Sua população, que certa vez fora estimada em mais de 3.000.000 de almas, ficou reduzida a 780.000 pessoas. Suas vilas e cidades, que chegavam a 30.000, foram reduzidas a 6.000 apenas. O restante foi destruído, queimado ou transformado em deserto pelos assassinos dos seus habitantes [*Lacaios dos Jesuítas*]. Após esse holocausto, a peste completou a matança. Cerca de 100.000 pessoas foram levadas pela praga e muitos milhões de boêmios foram dispersos como refugiados, através da Europa. O Reino da Boêmia, tão próspero antigamente, deixou de existir. Passou ao domínio da Áustria Católica e tornou-se um apêndice da dinastia dos Habsburgos.

Desse modo, o nascimento da Reforma Católica e do controle político católico feitos no país, coincidiu com o desaparecimento da vida política independente dos territórios da Coroa Tcheca. Durante os três séculos que precederam a I Guerra Mundial, os Tchechos estiveram ligados ao Império Austro-Húngaro, sob a dinastia dos Habsburgos.

Já vimos que a Casa de Habsburgo era católica devota e também vimos a função por ela desempenhada no sentido de ampliar o Catolicismo nas terras que lhe eram sujeitas. Sob os Habsburgos, a Igreja Católica readquiriu completamente a posição que havia perdido nos séculos 15,16 e 17. Nesta parte do império, bem como na Áustria, a Igreja e o despótico governante Habsburgo estabeleceram um pacto de assistência e interesse mútuos, e tudo fizeram para o manter e fortalecer. Em mais de uma ocasião a Igreja se tornou o instrumento político dos Habsburgos, e vice versa. O resultado foi que os nacionalistas e elementos aliados à nação tcheca, com um anseio de liberdade, corriam em sentido contrário aos interesses comunitários subsistentes entre a Igreja Católica e o detestado regime Habsburgo. Esses nacionalistas visavam a separação entre os interesses da nação e da Igreja. Eles eram encontrados entre as fileiras daqueles que se opunham à Igreja. Essa oposição se levantara porque haviam percebido ser a Igreja um bastião do despotismo dos Habsburgos, que se constituía em rótulo reacionário da administração social, política e nacional, que a Igreja se esforçava ao máximo para manter em todas as ocasiões.

Além disso, sob o regime austro-húngaro todas as correntes de pensamento e todas as idéias ou princípios que não estivessem em harmonia com a religião católica eram penalizadas e boicotadas ao máximo. Esta censura assumia, sempre e, ao mesmo tempo, o duplo aspecto de uma perseguição religiosa e política. O Catolicismo era favorecido, não só por causa da dinastia ser profundamente católica, mas também porque o Catolicismo era, conforme a visão dos governantes,

uma arma apropriada para manter o povo completamente escravizado. [*Tudo isso vai ser repetido, em breve, dentro da União Européia*]

O Catolicismo reinava soberano na terra dos tchecos e, embora a outras igrejas fosse concedido reconhecimento estatal, os não católicos eram sempre muito penalizados. Era tolerada a liberdade de pensamento, mas os serviços públicos, como o ensino e outras profissões, eram franqueados somente aos membros da Igreja Católica. Em conseqüência, apenas 13.000 pessoas se atreveram a registrar-se como livres pensadores. Não é surpresa, portanto, que a libertação dos tchecos e eslovacos do domínio austro-húngaro, após a I Guerra Mundial, fosse seguida de um forte movimento "Longe de Roma", dirigido contra a Igreja. A Igreja se havia identificado muito intimamente com a dinastia dos Habsburgos e com o principal instrumento do domínio destes e do Catolicismo político.

Até mesmo antes da I Guerra Mundial, e principalmente no ano seguinte ao estabelecimento da República da Tchecoslováquia, foram introduzidas reformas, a fim de dar à Igreja um caráter especificamente nacional. A língua da Tchecoslováquia deveria ser a língua da liturgia e um patriarcado deveria ser criado para o território da República, gozando a mesma independência da Igreja Grega. Essa porção do clero da Tchecoslováquia que havia endossado esses esforços, só com muita hesitação abandonou o pensamento de qualquer desenvolvimento adicional do esquema, logo que se tornou aparente a desaprovação do Vaticano. Apenas um pequeno grupo de clérigos, que também desejava abolir a regra do celibato, insistiu nessas reformas e, finalmente, foram tão longe, a ponto de fundar a "Igreja da Tchecoslováquia". Esta igreja, dentro de pouco tempo, perdeu a conexão interna com a Igreja Católica. A desaprovação do Vaticano levantou-se, não apenas contra os itens religiosos, mas também contra os itens políticos.

Entre 1918 e 1930, cerca de 1.900.000 pessoas (na maioria tchecos) mudaram de religião, a maioria desertando da Igreja Católica. Dentre essas 800.000 – algumas – (todas elas tchecas) formaram a nova Igreja da Tchecoslováquia. Esta Igreja representava um tipo de Catolicismo reformado e, sendo independente de Roma, ficou imune às lembranças da odiada conexão Habsburgo. Cerca de 150.000 se tornaram protestantes, de um modo ou de outro, e os restantes – 854.000 – declaram-se publicamente agnósticos. Contudo, a considerável maioria dos cidadãos da Nova República, equivalente a 73.54%, permaneceu católica, embora muitos deles apenas nominalmente. Apesar disso, fortes movimentos anti-católicos continuaram suas atividades dirigidas à separação da Igreja e do Estado e à ratificação compulsória do casamento civil.

O Estado continuou neutro em matéria de assuntos religiosos e sua constituição garantia completa liberdade de consciência e religião. Todas as profissões religiosas foram colocadas em pé de igualdade aos olhos da lei e nenhuma delas foi reconhecida como Igreja estatal. Cada Igreja que andasse dentro da lei seria oficialmente reconhecida. Desse modo, com o Estado dando garantia de não interferir nos assuntos religiosos, era justo que exigisse garantia recíproca das Igrejas, as quais não deveriam interferir nos problemas políticos, que eram da esfera do Estado.

Por causa desse entendimento, nos anos seguintes à criação da República Tcheca, a Santa Sé aceitou o fato consumado e, em 1918, reconheceu o Estado da Tchecoslováquia. Desse modo, o Estado não teve mais razão de contender contra a Igreja Católica Romana, exceto com respeito às provisões da Lei da Reforma Territorial. Esta lei afetava, entre outros, os grandes imóveis de propriedade dos dignitários da Igreja Católica Romana e de suas ordens religiosas. O assunto foi sempre acompanhado na base do *quid pro quo*.

Por outro lado, o Vaticano esperava que o Catolicismo logo conseguisse grandes vantagens sociais e políticas, a partir da liberdade concedida à Igreja Católica, em razão do espírito democrático da República. Desse modo, uma espécie de acordo mútuo foi alcançado entre o Vaticano e a República. O Estado se comprometeu a conceder-lhe certas prerrogativas no campo religioso, as quais eram exigidas pela Igreja como direitos inalienáveis para o exercício de sua liberdade religiosa. Em troca, o Vaticano ordenaria que os elementos católicos não trabalhassem pela restauração do Império Austro-húngaro, nem a favor de reformas destrutivas contra as atividades do governo.

Naquele tempo o Vaticano tinha sérios motivos para agir desse modo.

Primeiro, o alarmante êxodo em massa dos católicos tchecos de sua Igreja, conforme registrado acima.

Segundo, a suspeita e desaprovação progressivas, nas mentes de muitos, contra a Igreja Católica.

Terceiro, havia esperança de que, com a recém garantida liberdade, ela pudesse reaver a sua posição anterior. Neste sentido a diplomacia do Vaticano fez o máximo para cimentar os laços de união entre os eslavos orientais e ocidentais, apesar das disputas religiosas na baixa Carpácia-Rutênia .

A ratificação desse *modus vivendi* era com justiça observada como evento político de primordial importância. Problemas sem solução, prometendo causar dificuldades futuras, pareciam ter sido resolvidos, de uma vez por todas. As relações entre a República e o Vaticano foram asseguradas. Em 1935, foi realizado um *Congresso Eucarístico* em Praga. [*Sempre que a Igreja de Roma programa um Congresso Eucarístico, algo de ruim está sendo tramado contra o governo do país onde se realiza tal congresso*] O Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris, foi a Praga como Legado Papal. Em novembro de 1935, o Arcebispo Kaspar de Praga, foi nomeado Cardeal. Esse estado de aparente cordialidade entre a Igreja e o Estado começou em 1917, sob os auspícios de Edward Benes. Ele havia verificado a importância do Catolicismo da Nova República Tchecoslováquia no fator internacional, daí ter tentado estabelecer relações diplomáticas normais com o Vaticano, o que aconteceu, imediatamente, após a I Guerra Mundial. A legação da Tchecoslováquia no Vaticano foi logo criada e um Núncio Papal foi nomeado para Praga.

Pouco tempo depois, o Dr. Benes, em seu ofício de Ministro dos Assuntos Exteriores na República, iniciou negociações com relação a inúmeras questões políticas e eclesiásticas. As negociações começaram, no ano de 1921, com o Cardeal Secretário de Estado, Gaspari, e o Cardeal Ceretti, e prosseguiram em 1923, na ocasião de uma visita posterior do Dr. Benes a Roma.

Qualquer igreja ou denominação religiosa, exceto a Igreja Católica, teria apreciado esse comportamento de uma República secular como a da Tchecoslováquia, e considerado o mesmo perfeito, a ponto de se esforçar para cooperar com o Estado no desenvolvimento progressivo dessa relação cordial. Com a Igreja Católica, porém, foi diferente. Ela simplesmente exigia um direito após o outro e suas exigências demonstravam a intransigência, que sempre tem sido a sua característica peculiar. O exemplo mais típico aconteceu em 1925, quando a República Tcheca planejava uma grande cerimônia nacional para comemorar o grande herói do país, John Huss (1373-1415). Acontece, porém, que a Igreja Católica havia condenado John Huss, em seu tempo, como herege, propagador de erros e inimigo da Catolicismo. Foi então que o Vaticano pediu ao governo tcheco para não celebrar as festividades, visto como essas iriam ofender a Igreja e os católicos tchecos pela exaltação de um "herege" que havia ousado desobedecer o Vaticano.

Naturalmente, a resposta do governo tcheco foi a que deveria ser. As festividades iriam acontecer, com ou sem a aprovação do Vaticano. O Vaticano ordenou aos tchecos, e particularmente aos católicos eslovacos, que iniciassem uma campanha de protesto contra essa comemoração. A ordem foi devidamente obedecida. A imprensa e a hierarquia católicas escreveram e pregaram contra o governo e contra John Huss, até que o assunto alcançou grande importância, não apenas no aspecto religioso, como também nos aspectos social e político. O Vaticano percebendo que todos os seus esforços nesse sentido não haviam funcionado, ordenou que o Núncio Papal em Praga "*protestasse contra a grave ofensa feita à Igreja Católica por honrar um herege*". O Vaticano instruiu o Núncio Papal a abandonar Praga, logo após ter feito esse protesto, e no dia 06/07/1925 ele deixou a capital da Tchecoslováquia. As relações diplomáticas entre a República Tcheca e o Vaticano foram então suspensas. [*Com a possibilidade de colocar um Núncio Papal em cada país, o Vaticano vai controlando o que se passa em todos os países, através desse personagem, que está sempre a par de todos os acontecimentos políticos, sociais, econômicos e religiosos, através de seus colaboradores católicos, da hierarquia e do laicato*].

O leitor deve notar que, durante esses eventos, a República Tcheca ainda continuou aceitando, uma após outra, todas as exigências do Vaticano. O papel que a Igreja Católica, em aliança com os odiados Habsburgos, havia desempenhado durante três séculos, suprimindo todas as aspirações nacionais da Tchecoslováquia, havia sido esquecido. Depois de fazer as

comemorações, o governo tcheco continuou tentando cultivar a amizade com o Vaticano e conseguiu reatar relações diplomáticas com o mesmo. Desse modo, a novel República prosseguiu em franca amizade com a Igreja Católica, concedendo-lhe a mais ampla liberdade. Fiel aos seus princípios a Igreja apresentou outras queixas de caráter puramente social e político. As três mais importantes foram as seguintes:

1. Que a Eslováquia, embora sendo proeminentemente católica, não estava gozando da mesma liberdade que uma população católica tinha o direito de gozar. E que Praga mantinha o povo sob o jugo "hussita".
2. Que os exatos princípios de liberdade política e religiosa enunciados pela República estavam contribuindo para a difusão o "Bolchevismo". ". [*Liberdade à Igreja totalitarista e morte aos seus oponentes tem sido sempre o lema do Vaticano e, desse modo, ele tem conseguido realizar os seus intentos, apelando para a boa vontade dos governantes, a fim de estruturar, cada vez mais, os seus objetivos de governar o mundo, exatamente como na Era das Trevas.*]
3. Que a República estava mantendo relações estreitas e amistosas demais com a "Rússia Ateísta Bolchevista". [*Ora, e por que não? A Rússia Bolchevista sempre foi mais sincera em suas alianças do que o Vaticano, mesmo que este sempre a acusasse de perseguição religiosa e de ateísmo. Não sou, nem jamais fui amiga do Bolchevismo, mas uma coisa eu posso garantir: ele não era tão ruim quanto o totalitarismo papista tem sido, ao longo de seus 16 séculos de existência.*]

Durante anos o Vaticano, através dos seus canais diplomáticos, dos católicos locais e da hierarquia romana, sempre tentou, direta ou indiretamente, influenciar a República, no sentido de concordar com "o desejo da Igreja" nesses assuntos. Porém a República, embora agindo imparcialmente com a Igreja, também se manteve inflexível em seus princípios e interesses políticos, e, portanto, prosseguiu com a política melhor condizente com o seu próprio bem estar. Isso quer dizer que a República tratava a ultra-católica Eslováquia no mesmo pé de igualdade dos outros cidadãos. A liberdade política era concedida aos católicos, bem como aos comunistas, e a amizade com a Rússia Soviética era cultivada gradualmente, como salvaguarda contra os inimigos da República Tcheca, especialmente a Alemanha.

O principal pilar da política exterior da República da Tchecoslováquia fora construir uma sólida amizade e aliança com a Rússia Soviética, por razões óbvias. Basta dar uma olhada no mapa da Europa, mostrando a posição da Tchecoslováquia, vis-a-vis com a Alemanha, para se entender porque os Tchechos desejavam manter amizade com a Rússia. A razão dessa aliança tcheco-russa fez com que a jovem República permanecesse como um Gibraltar no meio da Europa, na trilha da Alemanha Nazista até a Ucrânia, a qual Hitler havia repetidamente declarado que iria anexar, especialmente em seu livro "*Mein Kampf*". Os católicos da Tchecoslováquia, e de toda parte, bem como o Vaticano, jamais deixaram de se queixar dessa aliança. Em mais de uma ocasião, o governo tcheco, foi de fato, acusado de ser um "agente bolchevista" na Europa. É notável que os críticos mais amargos e ferozes fossem católicos.

Os princípios da democracia e da amizade com a Rússia foram responsáveis, conforme o Vaticano e os católicos, pelo desproporcional aumento dos socialistas e comunistas dentro da República Tcheca. Eles eram um perigo. Na última eleição na República, os socialistas e comunistas de fato conseguiram uma votação superior a 1.700.000 votos. Finalmente, os eslovacos desejaram separar-se do corpo da República, sob a alegação de que eles eram todos católicos. Desejavam um Estado católico, onde a religião católica fosse suprema e, como já foi dito, não gostavam de ser governados por "hereges hussitas", querendo significar, é claro, os tchechos liberais.

O Vaticano, que afirma jamais se intrometer na política, começou a exercer pressão política sobre a República, de todas as maneiras possíveis. Nessa ocasião, tendo percebido que haviam sido em vão todas as suas aproximações com o governo central, referentes ao abandono da amizade da Tchecoslováquia com a Rússia Soviética e contra as liberdades civis que esta permitia aos socialistas e comunistas, a Igreja começou a exercer, na imprensa marrom, um tipo de política contra o governo central. Isso foi feito, quando a Igreja confrontou a República Tcheca com a ameaça de que, a não ser que esta mudasse radicalmente a sua política nacional e estrangeira, a Igreja usaria todo tipo de pressão à qual o governo fosse mais sensível – isto é, o apoio ao movimento separatista dos eslovacos católicos. Isso o Vaticano fez, e por um período de vários

anos deu o seu patrocínio ao movimento separatista na Eslováquia, cujo sucesso variava conforme a influência que ela exercia sobre os sucessivos governos centrais. Deve-se lembrar que muitas causas raciais, políticas e econômicas estavam envolvidas na agitação separatista, enquanto o item religioso não era o mais importante. Contudo, o movimento estava nas mãos de católicos fervorosos e, de fato os próprios líderes eram os padres católicos.

Essa pressão exercida sobre Praga, durante vários anos, era mais ou menos indireta, até que os assuntos atingiram o máximo. O clímax foi alcançado, quando o Núncio Papal interferiu tão publicamente nos assuntos da Tchecoslováquia que até mesmo o tolerante governo tcheco foi obrigado a intervir. O Núncio Papal se atreveu a publicar uma carta, na qual encorajava e apoiava as exigências dos eslovacos católicos e sua expulsão do território da República se tornou inevitável. Claro que o Vaticano protestou. Além de exercer pressão sobre o governo tcheco, através dos seus membros católicos dentro da República, ele apelou à hierarquia francesa, e até mesmo a certas autoridades políticas francesas. Isso aconteceu entre 1934 e 1935, datas que deveriam ser lembradas em conexão com o capítulo sobre "A França e o Vaticano". Como veremos, ao tratar desse país, fortes elementos católicos na França já estavam trabalhando no sentido de criar um autoritarismo nacional e internacional através da Europa. Seus dois objetivos principais eram: combater o Bolchevismo e construir uma sociedade moldada nos princípios católicos. (grifo nosso)

O governo francês, apoiado por fervorosos católicos, cooperou com o Vaticano e os católicos tchecos, a fim de boicotar o governo central, organizando, em 1935, uma enorme demonstração em Praga. O Primaz da França, Cardeal Verdier, estava presente, bem como o Legado Papal, além de católicos poloneses e austríacos, os quais tomaram parte ativa nessa demonstração em Praga. Organizada pelo Vaticano, ela foi um ato público de desafio, bem como de ameaça ao governo tcheco. A partir desse tempo, os acontecimentos foram rápidos. O Vaticano, em cooperação com outros elementos europeus – principalmente católicos poloneses e austríacos, Hitler e os reacionários franceses – começou a trabalhar pela desintegração da "República Hussita".

Antes de prosseguir com os eventos que culminaram com a desintegração da República, vamos dar uma rápida olhada em alguns elementos característicos dentro da organização do Estado, os quais contribuíram, de outro modo, para a sua sorte final.

Nesse tempo, na Tchecoslováquia, havia vários partidos políticos. Um dos principais partidos reacionários era o *Agrário*, o qual não só encorajava a formação do *Partido Alemão Sudeten*, como realmente colaborava com este, de várias maneiras. O *Partido Sudeten*, liderado pelo católico Henlein, agitava pregando o abandono do pacto de defesa da República Tcheca com a União Soviética e advogando, ardorosamente, uma política de compromisso com o III Reich.

Outro partido importante era o *Partido Tchecoslovaco do Povo*, um Partido Católico fundado sob o regime austro-húngaro. Este partido continuou fiel à Áustria Católica, até pouco tempo antes da revolução. Então ele decidiu exercer sua influência ao lado do *Movimento Nacional Tcheco*, apelando aos sentimentos católicos dos trabalhadores, com variado sucesso.

Na Eslováquia havia o *Partido Populista Eslovaco*, que era essencialmente católico. Originalmente ele tendia a se postar ao lado do contra partido tcheco, mas, com o passar do tempo, ele se transformou no *Partido Eslovaco Nacionalista*. Este partido era liderado por um padre católico, Monsenhor Hlinka, e representava uma forte oposição à unificação, a qual havia existido em certos círculos, desde a fundação da República. Ele agia como porta voz do Catolicismo, bem como do Conservadorismo, em toda a Eslováquia. Sua principal reclamação era que a Eslováquia não havia obtido autonomia completa, nem direitos iguais. Dentre outras coisas, o clero católico sentia que as ampliadas facilidades na educação, colocadas à disposição do povo eslovaco pela República, se constituíam em "seríssima ameaça" à situação privilegiada da Igreja Católica. Já observamos que a educação na Tchecoslováquia era secular e não sectária. Contudo o governo subvençionava o ensino da religião nas escolas. Por outro lado, essa subvenção não se referia a qualquer denominação religiosa em particular – arranjo esse condenado pela Igreja Católica.

A República Tcheca havia dado passos gigantescos no que concernia à educação pública e nesse campo era um dos países mais progressistas da Europa. Seria interessante dar uma olhada em alguns algarismos referentes aos eslovacos, os quais se queixavam do tratamento que lhes era dispensado pelos "tiranos tchecos hussitas".

Em 1918, para 2.000.000 de eslovacos havia apenas 390 professores para as crianças e apenas 276 escolas elementares eslovacas, e nenhum outro estabelecimento educacional. A situação na baixa Carpácia Rutênia era ainda pior, visto como ali nem existiam escolas. Em 1930, a República Tcheca havia provido a Eslováquia com 2.652 escolas elementares, 39 escolas secundárias, 13 escolas profissionalizantes e uma universidade. Tudo isso em apenas 12 anos.

O Estado e os governos locais construíram cerca de 100 novas escolas por ano e, durante os primeiros 14 anos de existência da República Tcheca, foram construídas 1.381 novas escolas elementares e mais 2.623 foram ampliadas e modernizadas. Durante esse mesmo período a República construiu duas universidades, 9 escolas profissionalizantes e 45 escolas secundárias. *[Para o Vaticano e sua Igreja o analfabetismo e a ignorância das massas é a grande arma. Quem lê (principalmente a Bíblia), se torna livre das superstições católicas e isso não interessa à Igreja de Roma].*

Este é o registro da jovem República da Eslováquia cujo lema era "A Eslováquia para os Eslovacos", baseado, entre outras coisas, no anti-semitismo e na resolução de estancar e reverter a integração racial na República da Tchecoslováquia. Em numerosas ocasiões o *Partido* recusou pedidos para se juntar ao governo central. Além dos partidos acima mencionados, existia também a *União Nacional*, um movimento de distinta tendência reacionária, fundado em 1935. Ele se dividia em dois grupos baseados nos princípios fascistas – a *Frente Nacional* e a *Liga Nacional*.

Era este, então, o pano de fundo dos eventos, que pudemos relatar muito sucintamente.

No capítulo que trata da Alemanha já relatamos os planos discutidos entre o Vaticano e Hitler, antes e depois do *Anschluss*, quando se tornou óbvio que a próxima vítima seria a Tchecoslováquia. Uma vez mais, Hitler, com a cooperação do Vaticano, empregou as ferramentas católicas para atingir os seus objetivos. Sem dúvida, ele não trabalhou junto com o Vaticano, a fim de ampliar a religião, nem o Vaticano trabalhou com Hitler no sentido de ampliar o totalitarismo da nova Alemanha. Cada um cooperou com o outro, a fim de conseguir o seu objetivo particular. Já dissemos que o Vaticano, tendo exercido, durante anos, enorme pressão sobre a República Tcheca, começou, então, a trabalhar pela completa ruína do Estado, logo após a expulsão do Núncio Papal. Ele conseguiu atingir esse objetivo através da pressão interna sobre a população católica e através da barganha com Hitler.

Os católicos eslovacos, liderados pelos Pe. Hlinka, prosseguiram em sua agitação, durante o tempo em que a República estava sendo confrontada com a ameaça do avanço da Alemanha Nazista. Hitler não precisava da Eslováquia para dar os seus primeiros passos no sentido de dominar a República. Contudo, ele precisava de uma justificativa para a invasão destinada a proteger os alemães "Sudeten". Nem foi preciso procurar essa justificativa. Uma ferramenta pronta e fácil estava ao alcance de sua mão, o muito consciencioso católico Henlein, o qual começou uma agitação no sentido de facilitar os objetivos de Hitler.

Como poderia qualquer pessoa mentalmente sã, a não ser um político fanaticamente cego, ter deixado de aprender a lição dos católicos austríacos, cuja traição acontecera apenas alguns meses antes? Contudo, muitos católicos confiaram no apoio de Henlein e nos planos de Hitler. É verdade que muitos católicos se opuseram, porém sua objeção era baseada, não no campo político, mas no temor de que Hitler fosse tratar a religião católica em seu país como o havia feito na Áustria. Nesse ponto Hitler deu sua "palavra de honra" ao católico Henlein, o qual havia levado ao Fuehrer as objeções dos católicos "Sudeten". Por sua vez, Hitler prometeu que iria respeitar todos os direitos e privilégios da fé católica entre a população "Sudeten".

Para convencer os católicos "Sudeten" e, acima de tudo os Poderes Ocidentais, Mussolini tomou parte na conspiração. Ele publicou uma carta aberta, declarando que... "*as conversas particulares com Hitler o haviam convencido de que a Alemanha desejava apenas remover a fronteira da Tchecoslováquia*". Desse modo, Henlein e seus seguidores católicos continuaram a sua agitação e com progressiva violência, apoiada, direta ou indiretamente pelos católicos eslovacos, que consideravam o fato de estar embaraçando seriamente o governo central e, desse modo, facilitando o primeiro passo na desintegração da odiada República.

Aconteceu o caso de Munique, com todas as complicações internacionais nele envolvidas, e o maligno presságio que ele trazia sobre o futuro. Não é tarefa deste livro entrar em controvérsia,

se foi ou não aconselhável que as democracias ocidentais se rendessem à Alemanha Nazista. Entretanto, desejamos mencionar um fato importante relacionado com o problema que estamos estudando, a saber, a influência indireta, porém decisiva do Vaticano nesse grave problema internacional.

Primeiro, deve-se notar que a Igreja Católica na Eslováquia foi a causa principal da desintegração da República, numa hora em que a unidade era por demais essencial.

Segundo, quando Hitler fez o seu primeiro corte no corpo da República, separando as terras "Sudeten" da Tchecoslováquia, a ferramenta empregada foi Henlein, um católico, bem como os seus incentivadores e seguidores, com exceção dos nazistas e dos fanáticos.

Terceiro, o Grande Poder que havia garantido estar ao lado da República Tcheca, conforme o tratado com a mesma, falhou em cumprir sua promessa, tendo a França abandonado a Tchecoslováquia à sua própria sorte.

Esse terceiro ponto nos conduz diretamente a um campo muito controverso, onde estamos envolvidos em discussões internacionais, amplas demais para o escopo deste livro e muito alheias ao seu desígnio. Deve-se lembrar apenas que já havia na França elementos fascistas muito fortes e poderosos, agindo por trás dos bastidores. Estes se empenhavam no sentido de estabelecer, primeiro um totalitário sistema francês e, mais remotamente, um totalitário Estado Europeu (grifo nosso). Também seria bom acrescentar que esses elementos fascistas consistiam de fervorosos católicos, sem importar se os seus constituintes se originavam da casta industrial, financeira, latifundiária, ou militar. Todos eles tinham o mesmo tenebroso pavor da Rússia Soviética e do Comunismo, quando estes se apossassem do Vaticano. De fato, sua aliança com o Vaticano se destinava a tomar medidas para destruir esse perigo.

É notável que a França tenha abandonado essa nação tão amiga, enquanto a Rússia Soviética havia declarado clara e precisamente, em numerosas ocasiões, sua disposição para a luta, caso a França honrasse a sua palavra. A Tchecoslováquia já havia sido descrita como uma espécie de Gibraltar europeu e uma fortaleza na rota do comunismo e, desse modo, parecia à Igreja Católica e a muitos elementos reacionários franceses. Foi, principalmente, por essa razão que eles desejaram que ela fosse liquidada.

Veremos, em maiores detalhes, quais as forças que agiam na França, atuando, neste caso, conforme a política do Vaticano. Agora basta dizer que Hitler atingiu os seus fins, sem considerar a opinião contrária dos seus próprios generais.

Contudo, Hitler não se atreveu a ocupar toda a República Tcheca, considerando ser mais prudente completar aos poucos a sua tarefa, sendo o ponto mais importante separar a terra "Sudeten" do corpo da Tchecoslováquia – o que foi feito. Era seu objetivo tomar posse de toda a Tchecoslováquia, sem precipitar uma guerra na Europa, antes de estar pronto para isso. Ele teria de trabalhar na desintegração da República Tcheca, a partir de dentro e, mais uma vez, pensou nos católicos e voltou os seus olhos em direção à Eslováquia, onde encontrou imediata e cordial cooperação da Igreja Católica.

Enquanto o Pe. Hlinka dirigiu o *Partido Católico* na Eslováquia, ele conteve os seus seguidores e, em várias ocasiões, até mesmo o Vaticano, de chegar ao extremo. Sua política era alcançar autonomia para a Eslováquia, mas não a separação. Quando o Núncio Papal o fez entender que um *Estado Católico Independente* seria vantajoso para a Igreja Católica e que, desse modo, os eslovacos deveriam se esforçar para se separar da República, o Pe. Hlinka foi bastante honesto para dizer que não achava isso correto, preferindo seguir a longa estrada que fosse benéfica a Tchecoslováquia. Ao mesmo tempo ele lembrou ao Núncio Papal que havia jurado lealdade à República Tcheca.

O Pe. Hlinka faleceu em 1938, ainda apressando os católicos a se contentar com a autonomia sem, contudo, colocar a República em perigo, ao pressionar por uma separação completa. Mas então, um novo padre, a saber, o Monsenhor Tiso, que havia sido um dos seus mais ardentes seguidores, chegou à proeminência e ao poder. Enquanto prosseguiram as negociações, o Pe. Hlinka estava sendo sujeito à pressão do Vaticano e dos católicos eslovacos mais extremistas. Tiso havia se distinguido pela sua docilidade ao Núncio Papal e às sugestões de Roma. O Vaticano logo reconheceu os seus serviços e Tiso foi feito Monsenhor.

Imediatamente ele se tornou o Premier da Eslováquia. A primeira ação de Tiso foi bradar o grito da independência. Isso foi feito em comum acordo com o Vaticano e com Hitler, o qual sabia como o plano iria eventualmente funcionar. O Presidente da República Tcheca – a quem, por sua vez, Tiso havia feito um pacto de lealdade, o depôs.

O que fez o Monsenhor Tiso? Fugiu imediatamente, para a Alemanha Nazista, país do seu incentivador e amigo, Hitler. Um detalhe muito importante é que o contato estreito e constante com o Monsenhor Tiso fora mantido através da intermediação de outro católico – Seyss Inquart, da Áustria. Como mediador no delinear da conspiração entre Hitler e Monsenhor Tiso, Seyss Inquart fizera a sua parte. Hitler ordenou que Seyss Inquart prosseguisse com o plano de levar Tiso até Berlim.

Tendo gozado uma recepção mais do que cordial em Berlim, Monsenhor Tiso teve uma perfeita consulta com Hitler e Ribbentrop, ficando ao mesmo tempo, em mais estreito contato com o representante do Vaticano. Nesse tempo, o Cardeal Pacelli, Secretário de Estado do Vaticano, o qual por tantos anos havia delineado a política da Igreja Católica, foi coroado como o novo Papa, com o nome de Pio XII. Ele havia estado ocupado demais, durante os dias que precederam a queda da República Tcheca, e por isso, como diz um dos seus biógrafos, só pôde tirar alguns dias de folga. De fato, o seu pontificado começara com dois problemas que exigiam cuidadoso manuseio. Eram estes: a invasão da Albânia por Mussolini e a invasão da Tchecoslováquia por Hitler.

Temos poucos detalhes quanto às instruções dadas ao Monsenhor Tiso pelo novo papa, porém sabemos que Tiso e Ribbentrop estiveram consultando o Vaticano, não só através dos canais usuais, mas também através do governo fascista. Em mais de uma ocasião durante essa crise, o governo fascista agiu, tanto a favor de Hitler, como a favor de Tiso, nas negociações com o papa.

Alguns dias após a chegada do Monsenhor Tiso em Berlim, a imprensa nazista começou a veicular narrativas sobre os horrores infligidos pelo governo tcheco aos eslavos católicos. [*Um dos truques muito usados pela Igreja de Roma é veicular falsas notícias de perseguição religiosa contra os católicos e sua hierarquia, a fim de comover os povos amantes da liberdade religiosa*].

Tiso telefonou aos seus amigos católicos na Eslováquia, dizendo que Hitler lhe havia dado permissão para apoiar a causa eslovaca, caso fizessem uma declaração de independência. Entrementes, os húngaros foram forçados a dar uma mão no jogo. O Primaz da Hungria, que se comunicava diretamente com o Vaticano, e com quem Monsenhor Tiso havia estado em contato, recebia agora a sua recompensa. O governo húngaro, o qual compartilhava o ódio de Hitler e de outros contra a "República Tcheca Bolchevista", exigiu a Rutênia do governo da Tchecoslováquia. A católica Polônia também estava pedindo a liquidação da "República Hussita", por ser esta amiga da Rússia Bolchevista. Desse modo, a católica Polônia se postou publicamente ao lado de Hitler, exigindo o desmembramento da nação tcheca. [*Por esse pecado a Polônia iria pagar muito caro*]

E foi assim que aconteceu a tragédia final. Hitler convocou o Presidente da República a Berlim, onde ele chegou em 15/03 a uma hora da manhã. Ele recebeu ordem para desistir do seu país, pois, caso não o fizesse, 700 bombardeiros nazistas arrasariam Praga, a capital da Tchecoslováquia, dentro de 4 horas. O Presidente Hacha assinou a capitulação e a sorte da República da Tchecoslováquia foi selada. "*O ocaso da liberdade na Europa Central*" como o chamou o *New York Times*, havia começado. Tropas nazistas ocuparam Praga e o resto do país. A Boêmia e a Morávia, se tornaram, na linguagem nazista, "protetorados", e a Eslováquia foi elevada ao status de país independente, como recompensa pela ajuda concedida a Hitler. Foi assim que a República da Tchecoslováquia deixou de existir e, desse modo, havia sido colocada com sucesso mais uma pedra de auxílio para a realização do grande plano do Vaticano. A República, cuja política interna permitira a difusão do Bolchevismo e não havia permitido a formação de um novo Estado Católico e que era amiga da Rússia Soviética ateuista, havia desaparecido. Sobre o seu túmulo, um novo Estado Católico foi construído, inteiramente de acordo com os princípios expostos na bula papal - "*Quadragesimo Anno*" - e logo foi incorporado à fábrica da emergente Europa Católica Fascista. Imediatamente após o nascimento do novo *Estado Católico da Eslováquia*, Monsenhor Tiso, que naturalmente se tornara o Premier, começou a moldá-lo, conforme os novos

princípios totalitários, antidemocráticos, anti-seculares e anti-socialistas pregados por Mussolini, Hitler e pela Igreja Católica.

A primeira preocupação do Monsenhor Tiso foi encontrar um novo slogan para esse novo Estado Católico. Ele se decidiu pelo moto: *"por Deus e pela pátria"*. Em seguida, ordenou a cunhagem de nova moeda com as fotos de dois grandes santos eslavos – Metódio e Cirilo [*Não é por acaso que os padroeiros da União Européia sejam os mesmos santos católicos*]. Naturalmente, ele trocou representantes oficiais com o Vaticano. Aprovou leis contra o Comunismo, o Socialismo, o Liberalismo, o Secularismo e semelhantes, suprimindo os seus jornais e organizações. A liberdade de opinião, de imprensa e de expressão, logo desapareceu. O Estado foi reorganizado segundo o modelo fascista. Toda a juventude foi arregimentada na "Hitler Jung", conforme os planos e escolas moldados nos princípios católicos. Até mesmo as tropas de choque foram copiadas dos nazistas e uma legião de católicos voluntários foi recrutada e enviada para combater, ao lado dos exércitos nazistas, contra a ímpia Rússia Soviética.

Conquanto ocupado em todas essas atividades, Monsenhor Tiso e quase todos os membros de seu gabinete, junto com muitos membros do Parlamento, fizeram uma retirada normal de três dias completos em Lent. Eles freqüentavam os cultos da Igreja com o maior zelo, e o próprio Monsenhor Tiso jamais permitiu que os cuidados de seu novo ofício interferissem em seus deveres sacerdotais. Toda semana, como Seipel (Áustria) ele relaxava por algum tempo os cuidados com o Estado, a fim de agir como um simples padre paroquial, na Paróquia de Banovce.

A nova estrutura social do Estado, como já foi visto, baseava-se no Sistema Corporativo, conforme delineado pelos papas. Os sindicatos foram logo abolidos porque, segundo explicou Monsenhor Tiso, *"eles estavam todos sob a influência do Liberalismo e do Individualismo. Para evitar que esses elementos de decomposição trouxessem a destruição, tivemos de unificar as organizações profissionais e organizar todo o nosso país numa base de corporação, conforme o ensino da Igreja Católica"* (17/04/1943). *"Os trabalhadores eslovacos podem ficar seguros de que não precisam mais sonhar com um Paraíso Bolchevista ou esperar uma ordem mais justa dos estrangeiros orientais. Os princípios da religião lhes ensinarão o que significa exatamente uma ordem social"*. [*Que tragédia é ser católico, hem?*]

Logo depois, em matéria de importância para o Sistema Corporativo, vinham as leis para a proteção da família, conforme ensinadas pela Igreja Católica e o Fascismo. Estas eram uma réplica das leis fascistas e tudo era feito no sentido de que a família se encarregasse dos mais recentes ensinamentos da religião, da obediência e do totalitarismo, à geração mais jovem.

Em seguida, Tiso organizou a juventude católica eslovaca no modelo da juventude nazista. Ele criou os *Guardas Hlinka* e *Juventude Hlinka*. Além destas, ele organizou o Serviço Eslovaco do Trabalho copiado também do modelo nazista e o *Partido Hlinka Eslovaco do Povo*. Todas estas organizações eram, sem dúvida, cem por cento totalitaristas, exceto que em determinados assuntos havia uma mistura de Fascismo italiano. Em todos os demais aspectos o Nazi-Fascismo fora o modelo adotado na Eslováquia e ambos foram cimentados no espírito e nos slogans da Igreja Católica.

No programa de seu governo, Monsenhor Tiso pregava a partir dos textos de Hitler. Ele exigia disciplina e cega obediência. Introduziu a instrução religiosa nas escolas e concedeu privilégios à Igreja. Apenas aqueles que se mostravam católicos zelosos podiam esperar conseguir emprego no Estado, nas escolas ou no Serviço Civil. Todos os que eram suspeitos de ter simpatias socialistas ou comunistas, eram boicotados. Gradualmente, as cadeias foram se enchendo de "criminosos políticos". [*Isso mesmo deve acontecer na União Européia, logo que entrar em vigor a nova religião de Roma*].

Novamente, imitando Hitler, Tiso criou escolas políticas especiais, nas quais aos estudantes eram ensinados os princípios fundamentais do Totalitarismo Católico. Ele imitava os nazistas, até mesmo na perseguição aos judeus. Para certos católicos que questionavam a justiça dessas medidas, Monsenhor Tiso respondia:

"Com referência a questão judaica, as pessoas indagam se o que nós fazemos é cristão e humano. Também eu pergunto: é cristão o fato dos eslovacos desejarem se livrar dos seus eternos

inimigos – os judeus? Amar a si mesmo é o mandamento de Deus e esse amor se torna imperativo que eu remova qualquer coisa que me prejudique” (Discurso de Tiso em 28/08/42).

Tiso se fez o chefe do Exército Eslovaco. Dirigindo-se aos jovens oficiais, ele sempre repetia para estes: *“A nação eslovaca deseja viver a sua própria vida como um Estado Nacional Católico”* (25/05/44).

Além das democracias, o ódio maior do Monsenhor Tiso e do seu Estado Católico era dirigido, naturalmente contra o Liberalismo, o Socialismo, o Bolchevismo e daí contra a Rússia Soviética. Ele não poupava esforços para transformar os católicos eslovacos em inimigos do Bolchevismo. O clero católico estava inteiramente do seu lado, cooperando com ele e levantando as legiões católicas eslovacas para ser enviadas ao fronte oriental.

“Os planos bolchevistas de predominância deixam claro que os eslovacos devem lutar, não apenas visando a sua própria sobrevivência, mas também para a salvação e proteção da cultura européia e da civilização cristã contra as forças do barbarismo e da brutalidade dos bolchevistas” (25/04/44).

“O Bolchevismo apocalíptico não restringido pelos capitalistas, está trazendo morte e destruição. Nós, os eslovacos, somos católicos e sempre temos nos esforçado pela melhoria dos interesses do homem” (Mensagem Natalina de Tiso, em 1944).

Não satisfeito com as palavras, Tiso enviou uma legião para lutar contra o Bolchevismo e mais de uma vez ele visitou pessoalmente os legionários no fronte oriental (06/11/41). Ele falava contra os Poderes Ocidentais, como sendo os principais inimigos contra os quais os eslovacos precisavam lutar. *“Não podemos duvidar que a vitória dos Aliados significaria uma terrível derrota para os nossos ideais nacionais e a entrega do nosso povo à tirania bolchevista. A Eslováquia vai se manter ao lado do Poder do Pacto Tripartidário, até à vitória final”* (27/09/44).

Contudo, o progresso da guerra não se deu conforme os desejos de Hitler e do Monsenhor Tiso. Os exércitos soviéticos invadiram a Alemanha, bem como todo o território da ex-República da Tchecoslováquia.

Quando em 1944, o Presidente Benes foi a Moscou e assinou o pacto com a Rússia Soviética, Monsenhor Tiso e os católicos eslovacos clamaram aos céus contra o monstruoso crime do “hussita Benes”, ao vender os eslovacos para os “ímpios bolchevistas”. Tiso não estava sozinho. Os bispos e todo o clero católico dos “Protetorados da Boêmia e da Morávia” fizeram ecos às suas palavras. Eles pregavam contra Benes e o seu governo então estabelecido em Londres. De fato, chegaram ao extremo de emitir uma carta pastoral dirigida contra o governo tcheco em Londres. Essa carta jamais foi publicada, visto como, nesse tempo o Vaticano já estava trabalhando de mãos dadas com os Aliados, por ter verificado que a derrota da Alemanha era certa. O avanço da Rússia Soviética também instigou o Vaticano a uma cautelosa supervisão dos pronunciamentos dos católicos que habitavam nas fronteiras com a Rússia. Os bispos receberam ordens para “não se comprometer oficialmente”. Foi então que os bispos emitiram sérias admoestações “falando ao povo sobre o perigo do leste”. Isto aconteceu depois que Benes havia assinado o pacto com Moscou. (Até aqui falou Avro Manhattan)

Assim era o novo Estado Católico Corporativo da Eslováquia, conforme havia desejado a Igreja Católica. A estrutura não perdurou muito tempo, tendo caído com a derrota do poder militar nazista. Mas o fracasso do plano não exonerava as instituições religiosas e políticas, nem os indivíduos que foram os responsáveis pelo desaparecimento da simpática República Tcheca. Por causa de sua ambição no sentido de estabelecer um *Estado Fascista Totalitário*, eles apressaram a explosão da II Guerra Mundial, tendo sido o Estado Eslovaco o incentivador e íntimo associado daquele Nazismo que levou a humanidade a mergulhar num mar de sangue.

*Depois que os Jesuítas/Vaticano descobriram que as duas Grandes Guerras não haviam dado certo para conseguir o seu objetivo de criar um Estado Europeu moldado nos seus princípios, apelaram para o **Ecumenismo** e, dentro de poucas décadas, a União Européia estava pronta e em 2002, após a nova moeda - o Euro - veremos o surgimento de uma exigência definitiva para a unidade religiosa.*

Capítulo 7

O Vaticano e a Rússia

No capítulo 17 do seu livro "*The Vatican in World Politics*", Avro Manhattan diz o seguinte:

Seria um erro pensar que a Rússia tornou-se um dos maiores inimigos da Igreja Católica somente depois de ter se tornado um país comunista. Longe disso. Roma considerava a Rússia com a mais profunda hostilidade, mesmo quando o Czar governava supremo naquele país. Mas, conquanto a hostilidade do Vaticano contra a Rússia Soviética fosse devida à sua estrutura econômica, social, política e cultural, sua hostilidade contra a Rússia Czarista foi, antes de tudo, um antagonismo religioso. Foi a animosidade de uma igreja poderosa - a Católica Romana, contra outra poderosa igreja rival - a Ortodoxa Russa.

Essa inimizade havia existido durante séculos, mas devido ao relativo isolamento da Rússia Ortodoxa, ela permaneceu dormente, exceto para aqueles países católicos em suas fronteiras ou para os territórios que estiveram, em certa ocasião, sujeitos à ocupação russa.

Quase no final do século XIX, e durante a primeira década do século XX, o Vaticano começou a observar a Rússia com interesse maior do que antes e, de fato, começou a formular planos para uma "*eventual conversão da Rússia Ortodoxa ao Catolicismo*". Detalhar esses planos não é a tarefa deste livro. Basta dizer que o Vaticano havia se tornado consciente da perseguição feita à Igreja Católica pela Igreja Ortodoxa, na própria Rússia e nos territórios ocupados pela Rússia. Protestos foram levados ao governo russo e a opressão exercida pela Igreja Ortodoxa foi denunciada ao mundo.

Que a Igreja Ortodoxa perseguiu as pequenas ilhas do Catolicismo é mesmo verdade. Também é verdade, por outro lado, que a Igreja Católica perseguiu a Igreja Ortodoxa, sempre que pôde.

Dois características distinguiram as duas Igrejas e deram uma especial importância à sua hostilidade. Em primeiro lugar a Igreja Ortodoxa era, como a Igreja Católica, muito corrupta, e o seu clero, ignorante e supersticioso. Em segundo lugar, e isso é igualmente importante, ela era uma Igreja Nacional – ou melhor, ela havia se transformado em nada mais do que um apêndice da casta militar e do Czar. Ela cooperava com os que desejavam manter o povo russo no nível cultural e espiritual mais baixo possível, a fim de garantir a continuação do regime czarista. [*Isso mesmo acontece com o Catolicismo Romano, que mantém o povo católico na ignorância, a fim de impor suas falsas doutrinas, escravizando o povo aos seus dogmas fraudulentos*]. Não seria exagero dizer que a Igreja Ortodoxa havia se tornado um poderoso instrumento do regime czarista e, por sua vez, o regime czarista havia se tornado um poderoso instrumento da Igreja Ortodoxa. Um dependia do outro para continuar a governar e a sobreviver, eventualmente. A queda de um, de fato, acarretaria a queda do outro.

Embora a Igreja Católica tivesse patrocinado sempre um governo centralizado e absoluto, como era o do Czar, mesmo assim ela esperava que o Czarismo fosse destruído, de um modo ou de outro. Isso não acontecia porque a Igreja Católica fosse hostil ao próprio regime Czarista. Mas no Czarismo absolutista a Igreja Católica via o principal obstáculo aos seus planos, por ser este o grande sustentáculo da rival Igreja Ortodoxa.

Quando, em 1905, o Czar foi obrigado a fazer concessões, permitindo a prática de qualquer religião, o Sacro Sínodo, tornou essas liberdades inacessíveis à Igreja Católica. E foi assim que, na explosão da I Guerra Mundial, o Vaticano se esforçou para anular a aliança existente entre a Rússia Czarista e os demais Aliados, pois em cada movimento militar ou político da Rússia, o Vaticano via apenas um movimento da Igreja Ortodoxa. Durante a guerra essa atitude se tornou óbvia, quando o Vaticano deu a entender que o plano czarista de sitiarem Constantinopla foi, talvez, o maior fator de impedimento à consideração dos termos de paz do papa.

O Vaticano enfatizou que, enquanto a Rússia mantivesse suas exigências imperialistas, os Aliados não poderiam encontrar uma base justa para as negociações de paz. O Vaticano não poderia abençoar os Aliados Ocidentais, enquanto a Rússia Ortodoxa permanecesse na "entente". No caso de Constantinopla o Vaticano temia grandemente que, se aquela cidade caísse sob o domínio russo, a Igreja Ortodoxa iria criar ali um grande centro de fé ortodoxa, para rivalizar com o de Roma. [*Aqui fica patente que as duas grandes guerras, e todas as demais, foram exclusivamente guerras religiosas do Vaticano*].

Naquela época a hostilidade do Vaticano contra a Rússia era devida ao pano de fundo da Igreja Ortodoxa. Daí as palavras do Cardeal Gasparri, Secretário de Estado do Vaticano: "*A vitória da Rússia Czarista, à qual a França e a Inglaterra têm feito tantas promessas, iria constituir para o Vaticano um desastre maior do que a Reforma*" (Cardeal Gasparri ao historiador Ferrero). Mais de vinte e cinco anos depois, no tempo de outro Secretário de Estado e de outro papa, esta sentença do Cardeal Gasparri foi repetida sempre e sempre, porém nessas ocasiões ela era, convenientemente, dirigida ao Bolchevismo. Desse modo, quando em 1917 o regime czarista entrou em colapso, caindo em total ruína, e foi suplantado pelo Bolchevismo, a notícia foi recebida com grandes esperanças e até mesmo regozijo pelo Vaticano. (grifo nosso)

Em vista do que tem, desde então acontecido, isso parece estranho, mas foi exatamente que aconteceu. O Vaticano alegrou-se diante da realização de suas prolongadas esperanças. A queda do Czar envolvia a queda da grande rival de Roma, a Igreja Ortodoxa, visto como Nicolau II era, também, o líder da Igreja Russa.

É verdade que a ascensão do Bolchevismo ao poder não era muito encorajadora. Mas, nesse tempo, o Vaticano considerava o Bolchevismo como o menor dos dois males, especialmente quando a separação da Igreja do Estado tornou-se afinal uma realidade sob o governo de Kerensky. Embora essa separação trouxesse um perigo à situação, ela ainda concedia igualdade religiosa à Rússia, o que significava, daí em diante, que o Catolicismo estaria em termos de igualdade com a Igreja Ortodoxa. Então, houve uma tremenda abertura para a atividade religiosa de Roma, naquele imenso território russo, até então selado para o zelo "missionário" da Igreja Católica. Durante todos aqueles anos o Vaticano estivera, de fato, contemplando a conversão de todo aquele país a Roma. O Conde Sforza, o qual estava em estreito contato com o Vaticano relatou que:

Para o Vaticano, o Bolchevismo era visto, no princípio, indubitavelmente, como um mal horrível, mas também como um mal necessário, o qual poderia trazer conseqüências salutares. A estrutura da Rússia Ortodoxa jamais teria sido desmantelada, enquanto durasse o Czarismo. Entre as ruínas acumuladas pelo Bolchevismo havia espaço para qualquer coisa, até mesmo para um reavivamento religioso, no qual a influência da Igreja Romana poderia ter sido sentida.

Imediatamente após a I Guerra Mundial, o Vaticano entrou em contato com os Bolchevistas, com o objetivo de conseguir um acordo que permitisse suas atividades católicas na nova Rússia. Isso foi feito, ao mesmo tempo em que a Igreja Católica fulminava o Bolchevismo como ideologia e denunciava os "atos de terrorismo" por ele promovidos através da Europa e da própria Rússia.

Contudo, mesmo condenando o Bolchevismo, onde quer que ele fosse encontrado, ela parou de condená-lo durante as negociações com a Rússia Soviética. O Vaticano tolerava e até mesmo negociava com o Bolchevismo, a fim de destruir a grande inimiga religiosa – a Igreja Ortodoxa – talvez pensando em suplantá-la, após a Revolução Russa.

Um dos primeiros grandes movimentos do Vaticano foi feito através do Monsenhor Ropp, Bispo de Vilna, um refugiado da Rússia Czarista. Monsenhor Ropp, tendo estabelecido, em 1920, o seu quartel general em Berlim, convocou numerosos encontros de imigrantes russos, inclusive membros da Igreja Ortodoxa, católicos convertidos, bálticos e alemães, com o objetivo de efetuar uma união entre a Igreja Ortodoxa Russa e a Igreja Católica. Monsenhor Ropp fez três exigências aos soviéticos – permissão para regressar; liberdade de consciência na religião, e na educação religiosa; e a restituição dos edifícios e outras propriedades à Igreja. Assim o Vaticano expressou suas visões a respeito desse esforço: "*Chegou o momento propício para uma reaproximação,*

principalmente quando foi quebrado o círculo de ferro do César-papismo, o qual fechava hermeticamente a vida religiosa russa a todas as influências romanas" (Osservatore Romano).

O Vaticano estava muito esperançoso de que o Bolchevismo não perdurasse muito. "As condições políticas atuais (dentro da Rússia) formam um grave obstáculo, mas este tem um caráter temporário" (Osservatore Romano). Houve conversa pública sobre "converter um país de 90 milhões de pessoas à verdadeira religião". Negociações diplomáticas entre o Kremlin e o Vaticano continuaram, algumas vezes abertamente e algumas vezes secretamente.

Entrementes, os líderes soviéticos estavam usando táticas enganosas. Embora eles garantissem, tanto à Igreja Católica como à Ortodoxa, que a religião não seria proibida, começaram uma gigantesca campanha anti-religiosa. Foram prometidos privilégios a ambas as Igrejas e essas promessas foram estendidas às organizações protestantes, especialmente aos protestantes americanos. Nesse período a Rússia Soviética, obedecendo ao ditado "dividir e governar", estava permitindo, simultaneamente, a formação de um grande grupo católico, a formação de um poderoso centro ateu e a ressurreição da Igreja Ortodoxa. Desta última renasceria eventualmente a *Igreja Viva Soviética*, tendo o Bispo Vedensky, como Primeiro Patriarca, e vários grupos protestantes poderosos. Todos estes deveriam combater uns aos outros, a fim de "salvar" as almas de 90 milhões de russos.

Essas maquinações diplomáticas, políticas e religiosas atingiram o clímax, no que diz respeito à Igreja Católica, em 1922, durante a Conferência de Gênova. Em um jantar, Chicherin, o Ministro Bolchevista para Assuntos Estrangeiros, e o Arcebispo de Gênova se estranharam. Eles haviam estado a discutir o futuro relacionamento do Vaticano com a Rússia Soviética. Chicherin enfatizou que qualquer religião tinha amplo escopo na Rússia, visto como a República Soviética havia separado a Igreja do Estado. Porém, quando mais tarde o Vaticano propôs planos concretos para a "catolicização da Rússia", aconteceram grandes dificuldades. A moribunda Igreja Ortodoxa estava realmente agonizando, mas ainda não estava morta.

Em seguida, o Vaticano se aproximou das várias nações representadas em Gênova e enviou um mensageiro papal com uma carta ao Secretário de Estado. Esta carta solicitava aos Poderes para não assinar tratado algum com a Rússia, a não ser que a liberdade de praticar a religião fosse garantida pela mesma, junto com a restauração de todas as propriedades da Igreja. Entrementes, fracassou a reunião de Gênova – e o Vaticano abandonou o seu plano.

Contudo, logo depois, o plano foi reassumido em Roma. O representante papal, Monsenhor Pizzardo, negociou, satisfatoriamente, com o Ministro Bolchevista, Vorovsky. Ao Vaticano foi permitido enviar missionários à Rússia, a fim de preparar um grande plano no sentido de alimentar e vestir a população. O primeiro grupo consistia de onze padres, os quais levaram consigo um milhão de pacotes com a inscrição: "Aos filhos da Rússia, do Papa de Roma". Deveríamos notar que o Vaticano havia prometido a Vorovsky, abster-se de qualquer "propaganda". [*Uma das táticas do Vaticano, quando deseja se infiltrar em um país não católico, é usar a "caridade" e se mostrar bonzinho para, em seguida, usar suas garras de ferro contra o país que acatou os seus "missionários".*]

Em seguida, o Vaticano nomeou o Padre Walsh como líder da missão de ajuda papal e representante do Vaticano, no tempo em que a expedição de socorro da América chegava a Moscou. O Padre Walsh juntou forças com o Coronel Haskell, chefe da *Administração Americana Hoover de Socorro*. Uma série interminável de disputas começou entre a República Soviética e os católicos, cada um acusando o outro de empregar "propaganda".

A "inimizade implacável e indisfarçável" do Padre Walsh logo trouxe dificuldades e ele se tornou "o principal obstáculo para uma bem sucedida consumação do plano do papa, que era ganhar a Rússia para o Catolicismo" (Louis Fischer).

Essa relação forçada atingiu o seu clímax, quando quinze padres foram presos, sob a acusação de terem ajudado o inimigo, isto é, a Polônia católica, durante a guerra de 1920, tendo sido um deles executado.

O Padre Walsh e o Vaticano usaram, então, todos os esforços no sentido de colocar o mundo contra a Rússia. A Igreja Anglicana postou-se ao lado do Vaticano e, finalmente, o protesto assumiu a forma de ameaça concreta, quando o general católico polonês - Sikorsky – ameaçou a

Rússia com nova invasão. As relações entre o Vaticano e Moscou foram quebradas, mas ambos os lados tentaram uma vez mais consertá-las. Uma conferência teve lugar, em Roma, entre o representante soviético – Jordansky - e o Padre Tacchi-Venturi, assistente do líder da Ordem Jesuíta – Ledochovski. A conferência não trouxe resultado. [*Como sempre, todo o "affair" estava sendo controlado, sub-repticiamente, pelos Jesuítas*]

Entretantes, outros eventos haviam ocorrido no campo internacional. Um governo forte e uma nova ideologia foram criados, conforme se afirmava, para lutar contra o Bolchevismo, na pátria e no exterior, e se levantara na Itália. Esse movimento foi chamado Fascismo. Já vimos como a Igreja Católica verificou, depressa, que esse movimento lhe seria útil no combate ao Socialismo e ao Bolchevismo, tendo apoiado o mesmo, desde o princípio, prevendo, entre outras coisas, que o Fascismo não iria confinar-se à política interna da Itália. Logo ficou claro que repercussões internacionais se seguiriam e sua ideologia econômica e social iria contrabalançar a ideologia do Bolchevismo principalmente porque, através do mundo inteiro, elementos poderosos eram hostis à nova Rússia e essa hostilidade iria aumentar, ao correr dos anos.

Desse modo, o Vaticano mudou de tática e desenvolveu outro plano, em vez de concordar com as novas aberturas da República Soviética. Esse plano procurava utilizar os antigos russos czaristas, do seu atual exílio no exterior, que retornavam à antiga pátria. A Igreja iniciou uma grande ação no sentido de convertê-los e em 1924 já havia ganho uma porção de convertidos em Berlim, Paris, Bruxelas e em toda parte. Quando a República Soviética propôs novamente um encontro com o Vaticano, este recusou. No ano seguinte, 1925, Chicherin fez contato com o Núncio Papal em Berlim, o Cardeal Pacelli, a quem deu garantias de que a Igreja Católica e todas as Igrejas teriam ampla liberdade de culto na Rússia Soviética. Chicherin chegou a ponto de dar a Pacelli um dossiê de assuntos eclesiásticos, contendo planos detalhados para a regulamentação sobre a nomeação de bispos e a educação de crianças. O único ponto exigido pela República Soviética era que os padres católicos poloneses fossem banidos da Rússia.

Mais uma vez, o Vaticano recusou-se a concordar e cortou suas relações com o Kremlin. É notável que as recusas do Vaticano se tornavam cada vez mais freqüentes, à medida em que o Fascismo ia se fortalecendo na Itália e o crescimento de movimentos semelhantes ia acontecendo em outros países. (grifo nosso.)

Em 1927, enquanto o Fascismo, já bem estabelecido na Itália, prometia que o Comunismo e Socialismo seriam destruídos e que grandes privilégios deveriam ser concedidos à Igreja, o Vaticano declarou, pela última vez, sua insatisfação com "as propostas soviéticas". A partir desse tempo, não houve mais qualquer comunicação direta entre o Vaticano e Moscou. [*Pelo menos, oficialmente...*]

Em 1930, o papa já estava condenando publicamente a Rússia Soviética e denunciando-a ao mundo inteiro. Em uma de suas falas, ele declarou que, "*se na Conferência de Gênova, as nações tivessem seguido o seu conselho de não reconhecer a Rússia, a não ser que este país desse garantias de liberdade religiosa, o mundo agora estaria em melhor situação*". O papa acusava a Rússia de perseguições religiosas, sem mencionar particularmente as perseguições praticadas na Polônia católica contra os Ortodoxos, Judeus, e chegou a ponto de nomear uma comissão especial para a Rússia, aumentando as atividades do *Instituto de Estudos Orientais*. Reuniões eram feitas em Londres, Paris, Genebra, Praga e outras cidades. Essa cruzada foi seguida pelo Arcebispo de Canterbury, o grande Rabino da França, o Conselho Nacional de Igrejas Livres e outros corpos semelhantes. [*O Vaticano sempre engoda os religiosos bem intencionados, quando deseja o seu apoio em qualquer "cruzada" sua, para em seguida perseguir os que o ajudam nessas cruzadas*]

Os anos de 1930-1931 presenciaram um mundo "*emocionalmente em pé de guerra contra a ímpia Rússia*".

Durante os dez anos seguintes – de 1929 a 1939 - a tarefa principal do Vaticano foi estabelecer poderosos blocos políticos e militares destinados a se opor e, finalmente, a destruir o Bolchevismo em suas várias formas.

O objetivo da Igreja Católica era duplo e teria de ser atingido em dois estágios definidos. Primeiro, encorajar e apoiar certas organizações políticas dentro das várias nações da Europa, dirigidas à destruição do Socialismo e do Bolchevismo, dentro de um determinado país. E segundo,

apoiar e explorar o poder diplomático e político e finalmente, o poder militar desses grupos, mais tarde transformados em governos, para o propósito de uma guerra contra a Rússia.

Poderosas forças econômicas, sociais e financeiras em todo o mundo deram assistência ao Vaticano nesse duplo propósito, tornando sua tarefa infinitamente mais fácil. Fatores religiosos, éticos, econômicos, sociais, nacionais e outros formaram um eficiente bastião contra o Bolchevismo, na pátria e no exterior (Rússia Soviética). A mesma combinação, no breve espaço de uma década, foi capaz de estabelecer o Fascismo em quase toda a Europa e assim foi preparado o caminho para a explosão da II Guerra Mundial.

Na Itália, em 1930, esse era um fato consumado, enquanto na Alemanha, o Nazismo estava também crescendo em força, e, como o Fascismo italiano, era amplamente inspirado na inimizade contra o Bolchevismo e a Rússia Soviética. No final de 1933, duas grandes nações européias haviam sido transformadas em dois poderosos blocos armados, cuja política interna e externa se baseava na hostilidade contra a Rússia Soviética.

Mas, embora a hostilidade mundial contra a Rússia Soviética ainda fosse tremenda, havia já um reconhecimento firme, embora moroso, do seu desejo sincero de paz e dos seus vários esforços em cooperar no estabelecimento de uma autoridade internacional encarregada de preservar a paz mundial.

Então, aconteceu que a *Liga das Nações* propôs a admissão da Rússia, até então desalojada da família de nações, naquela Assembléia. Houve intensos protestos, no mundo inteiro. Esses protestos partiram, principalmente, de indivíduos, governos e instituições católicas, a começar do Vaticano. Dentro da própria *Liga* os mais fortes oponentes à admissão da Rússia eram os porta vozes do católico De Valera e do representante católico da Áustria, onde o Catolicismo já havia neutralizado os Socialistas de Viena. Com estes se enfileirava o Delegado Católico da Suíça, cujo discurso violento contra a admissão da Rússia foi totalmente reproduzido na imprensa católica e elogiado pelo *Osservatore Romano* (05/10), o qual admirou profundamente "a sua nobreza de sentimento e retidão de consciência cristã e cívica".

Esse boicote à Rússia Soviética pelos católicos daquele período foi destinado a fortalecer o grande plano concebido pelo Vaticano – a saber, inclui-la num círculo de ferro – do Ocidente até o Oriente. Essa política tomou uma figura concreta quando, finalmente, uma poderosa Alemanha nazista, de um lado, e um agressivo Japão, do outro, começaram a ficar mais unidos, principalmente por causa do seu interesse comum de impedir e, eventualmente, destruir o colosso Vermelho.

Para demonstrar a atitude da Igreja Católica neste assunto, basta citar o significativo comentário do *Catholic Times* de 23/11/1934:

No caso de uma guerra entre o Japão e a Rússia, os Católicos devem ficar ao lado do Japão, pelo menos no que diz respeito à religião, de forma que devemos nos acautelar contra qualquer bloco anglo-americano e contra o Japão envolvendo-nos para o lado da Rússia.

Isso num período em que Hitler estava alardeando a sua ambição de adquirir a Ucrânia e a Igreja Católica estava apoiando indiretamente suas pretensões, proclamando em alta voz que nenhuma nação cristã poderia jamais sonhar em ajudar a Rússia, no caso de um ataque a ela feito pela Alemanha ou pelo Japão. "Deixemos que a Rússia lute a sua própria batalha", tornou-se o refrão do mundo católico, nesse estágio, "pois neutralizar o Bolchevismo ímpio não faz mal algum".

Essa campanha foi feita pelo Vaticano, simultaneamente, em muitas frentes. Pois, enquanto o papa estava trovejando contra o "ímpio" Bolchevismo, a imprensa católica estava descrevendo os seus horrores, primeiro no México, depois na Espanha, e a diplomacia do Vaticano estava ocupada, tentando enfraquecer os laços de amizade e assistência mútua que ligavam a França e a Rússia Soviética. [Um dos recursos mais usados pelo Vaticano é a propaganda enganosa, caluniando os seus adversários].

Esta última tentativa fracassou, principalmente porque a própria França se tornava Vermelha, com a formação da *Frente Popular*. Já vimos a reação da Igreja Católica, primeiro em patrocinar os vários movimentos fascistas na França, e, finalmente, em tomar parte num vasto complô liderado por elementos fascistas do clero para realizar a derrubada da III República Francesa.

Convém lembrar a seqüência dos fatos, pois cada um deles foi a pedra de auxílio, não só no estabelecimento de uma ditadura, mas no sentido de ultimar um ataque à Rússia.

A ascensão de Hitler ao poder, em 1933, foi seguida, em 1934, pelo estabelecimento de uma ditadura católica na Áustria. Em 1935, aconteceu o ataque da Itália fascista à Abissínia, o qual desviou a atenção da Europa dos primeiros movimentos agressivos de Hitler na Rhineland. Em 1936, os movimentos católicos fascistas apareceram na França e, no verão daquele ano, Franco iniciou a Guerra Civil na Espanha. Em 1938, a Áustria foi incorporada à Alemanha e em 1939, a Checoslováquia teve o mesmo destino, cujo resultado foi a II Guerra Mundial, logo após o ataque feito à Polônia. Praticamente a Europa inteira foi convertida em um bloco Fascista, cuja política fundamental era a aniquilação do Comunismo e sua encarnação – a Rússia Soviética. Isto, enquanto a Alemanha, a Itália e o Japão se uniam solenemente, através do Pacto "Anti-Cominter", para dirigir suas energias contra a Rússia Soviética. Entrementes, o Japão ia de uma agressão a outra, na Ásia.

Deveria ser lembrado que em cada um desses eventos importantes o Vaticano tinha colocado a mão, direta ou indiretamente, com o firme propósito de instigar forças e países contra o seu objetivo determinado: a guerra contra a Rússia.

Já vimos as atividades e ansiedades do Vaticano, imediatamente antes da explosão da II Guerra Mundial, a qual não começou na fronteira russa, como o Vaticano havia esperado, mas entre dois países cristãos, a Alemanha nazista e a católica Polônia. Também conhecemos as negociações que foram feitas entre o papa e Hitler, com este último repetindo, continuamente, que um dia iria atacar a Rússia.

Lembrando-nos de tudo isso, seria interessante dar uma olhada no estágio particular desse período – a saber, começando com a partilha da Polônia – e deixando à parte a relação existente entre a Igreja Católica e a União Soviética.

O primeiro tropeço que aconteceu ao Vaticano, diretamente da Rússia Soviética, contra a qual ele havia mobilizado a Europa, foi quando a católica Polônia foi ocupada, em conjunto, pelos exércitos da Alemanha nazista e da Rússia. Essa ocupação, em 1939, trouxe uma realidade que o Vaticano jamais se atrevera a prever, que aquela metade da Polónia católica fosse cair nas mãos do governo da Rússia ateuista. No final de 1939, mais de nove milhões de poloneses católicos estavam de fato, sob o domínio de Moscou.

Esse revés à política do Vaticano agiu apenas como um impulso às suas atividades em toda a Europa, empenhado, mais do que antes, em buscar a recuperação da Polónia católica e a destruição final da União Soviética.

Já vimos a parte desempenhada pelo Vaticano na capitulação da Bélgica e da França, em 1940. Cada ação era dirigida no sentido de amaciar a trilha da Alemanha nazista para tornar possível esse país atacar a Rússia. Entrementes, aconteceu a transformação da França, sob o governo de Petain. E em junho de 1941, foi publicada ao mundo a grande notícia de que a União Soviética finalmente fora atacada.

Já relatamos as ações do Vaticano, a partir desse ponto, e como, à medida em que os exércitos nazistas avançavam, as legiões católicas de vários países católicos eram despachadas para o fronte russo, a fim de *"lutar contra a Rússia Bolchevista"*.

Embora nesse tempo as coisas parecessem muito promissoras para a Alemanha, o Vaticano estava profundamente a par de uma possível vitória dos Aliados e jamais poderia esquecer que a Rússia Soviética era um dos mais importantes Aliados. Desse modo, o papa realizou numerosas demarches em Londres e Washington, pedindo *"garantias de que estes não iriam permitir que o Bolchevismo se alastrasse e conquistasse a Europa"*.

Durante esse tempo, a Polónia católica, postando-se ao lado dos Aliados, estava, paradoxalmente, lutando de mãos dadas com a Rússia Soviética contra o inimigo nazista. Os católicos poloneses estavam em comunicação freqüente com o Vaticano, o qual continuamente dizia aos Aliados que a Polónia iria perseverar na luta, somente se fosse assegurado que a Polónia católica jamais se tornaria presa do Bolchevismo.

Já vimos, no capítulo dedicado à Alemanha, quais eram as negociações. Basta declarar que Stalin, em 1942, fez várias tentativas em direção a uma reaproximação com o Vaticano, dando

garantias de que a religião e a liberdade da Igreja Católica na Polônia seriam escrupulosamente respeitadas. Stalin também garantiu ao papa que *“a guerra atual não estava sendo travada para a expansão do Comunismo, nem para aumentar o território russo”*.

Contudo, o Vaticano rejeitou todas essas ofertas e continuou a enfatizar, diante da Grã Bretanha e dos Estados Unidos da América, *“a ameaça que a Rússia Soviética representava, no caso de uma derrota da Alemanha”*.

Ao mesmo tempo, o Vaticano tornou-se mais e mais propagador e crítico dos Aliados, por permitir a propaganda comunista e por permitir que a sua imprensa elogiasse a *“Rússia ateísta”*.

“O Comintern considera a possibilidade de uma revolução mundial mais do que antes”. As nações ocidentais deveriam estar atentas contra um aliado tão perigoso. A Rússia Soviética eventualmente destruirá a estrutura das Nações Ocidentais. As Nações Ocidentais vão se tornar presa do Comunismo” (extraído do *Osservatore Romano*).

“Os Anglo-Saxões têm levado a guerra tão longe que estão interessados em patrocinar a propaganda comunista a qual enfraquecerá a Alemanha, como aconteceu na última guerra” foi a significativa observação do Secretário Papal em 02/02/1942.

Para aumentar o horror dos Aliados ocidentais contra a Rússia, o Vaticano forneceu cifras [provavelmente fabricadas, como tudo que provém do Vaticano] ilustrando o tratamento de católicos pela Rússia Soviética. Desse modo, em 1917, a Rússia possuía mais de 46.000 Igrejas Ortodoxas, 890 mosteiros com 52.022 monges e 50.960 padres. Em outubro de 1935 apenas alguns *“padres comunistas”* restavam.

Durante o mesmo período, havia na Rússia 610 igrejas católicas, 8 bispos católicos e 810 padres. Em 1939, restavam apenas 107 padres católicos (*Rádio Vaticano*, 1942).

O ano de 1942 testemunhou um evento de grande importância. A Grã Bretanha e a Rússia Soviética assinaram um pacto ligando os dois países por 20 anos.

O Vaticano emitiu alto protesto em Washington e Londres, acusando a Grã Bretanha de *“ter oferecido a Europa cristã à Moscou ateísta”*. Ele tornou-se o porta voz das cláusulas secretas do pacto e em seu círculo imediato foi dito que em virtude dessas cláusulas secretas a União Soviética *“teria o controle político e militar da Europa, no caso de uma vitória dos Aliados, mas nada foi dito sobre o futuro religioso do continente”*.

Às reclamações dos Aliados, o Vaticano respondeu que *“ninguém podia acusar o papa de alarmista, porque é do conhecimento comum que, ideologicamente os Bolchevistas não reconhecem a religião e, onde quer que eles ponham o pé, a perseguem”*.

O Vaticano insistia em que os Aliados Ocidentais deveriam permitir que o papa conhecesse as cláusulas secretas do Pacto Anglo-Soviético *“em conexão com a liberdade religiosa”*. A estranha resposta enviada foi que o pacto político ou militar havia sido assinado com os soviéticos e que no que se referia à religião, o Vaticano teria de tratar diretamente com os Bolchevistas.

O Vaticano acusou os Aliados de terem abandonado a Igreja Católica, no planejamento da Europa pós-guerra, e também de *“não terem adotado medidas para salvaguardar a Europa cristã católica dos Bolchevistas”*.

O Presidente Roosevelt aconselhou o papa a fazer uma aproximação direta com Stalin, mas o papa recusou. Então, Roosevelt pediu que Stalin fizesse concessões ao papa *“em vista da grande influência espiritual que o Vaticano exerce em muitos territórios libertados pelos exércitos soviéticos”*. Stalin mais uma vez fez propostas, assegurando ao Vaticano a boa vontade de chegar a bons termos.

Foi então que Stalin aboliu o *Comintern*, com a intenção de tornar as coisas mais fáceis para o Vaticano e para os países e exércitos católicos que lutavam ao lado da República Soviética e dos Aliados. Razões políticas e militares, sem dúvida, não deixavam de pesar. Esse movimento foi recebido com sarcasmo pelo Vaticano o qual admoestou os Aliados a não confiar na Rússia porque esse era *“um movimento para melhor enganar os Poderes Ocidentais”*. [Cada um julga os outros por si]

Uma vez mais, na primavera de 1943, Stalin fez aproximações e Roosevelt apressou o Vaticano a entrar num entendimento com Moscou.

Em maio, junho e julho de 1943, a República Soviética novamente entrou em contato com o Vaticano, desejando reiniciar *"negociações para uma renovação dos contatos normais e, eventualmente, iniciar relações diplomáticas"*. Dessa vez, Londres e Washington, em sua capacidade oficial, patrocinaram a ação de Moscou.

Roosevelt e a Grã Bretanha levaram o Vaticano a entender que era o sincero desejo deles contrabalançar a influência da República Soviética pela *"manutenção de um forte bloco de países católicos, sob a esfera de influência anglo-americana"*. A Espanha e a Itália eram os países católicos em vista.

Apesar de todos os esforços de Moscou, Londres e Washington, até mesmo apesar de uma carta pessoal endereçada ao papa por Stalin, anterior a todas essas negociações, o Vaticano recusou, tanto uma discussão como uma troca de representantes.

Entrementes, os exércitos soviéticos estavam entrando em vastos territórios, cujas populações eram total ou parcialmente católicas. O maior desses territórios foi novamente a Polônia. Ali os católicos poloneses estavam num dilema. Eles haviam sido libertados dos nazistas pelos exércitos soviéticos. Deveriam dar as boas vindas aos Bolchevistas como libertadores? A situação ficou muito difícil para os poloneses, para os Aliados Ocidentais, para a Rússia e para o próprio Vaticano.

Novamente Stalin, com o apoio de Roosevelt, aproximou-se do Vaticano com vistas a um entendimento definitivo com a Igreja Católica. De fato, Moscou enviou um memorando ao próprio papa *"oferecendo uma ação coordenada entre Moscou e a Santa Sé, na organização pós-guerra para a solução dos problemas morais e sociais"* (*Osservatore Romano*, 14/08/1944).

Stalin reiterou suas garantias ao papa de que estava a ponto de trocar visões, para *"facilitar a obra da paz"* e que *"a Rússia Soviética não deseja estabelecer qualquer ordem social pela força ou violência, mas, pelo contrário, se opõe a essas medidas"*. O memorando assegurava que a *"Rússia espera alcançar seus objetivos através de canais pacíficos, de um modo pacífico e democrático"*.

Mas o Vaticano rejeitou todas essas aproximações e, ao mesmo tempo, começou novamente a atacar a Rússia, acusando-a, nessa ocasião, de ter traído os poloneses no levante de Varsóvia. Antes do levante, o papa havia dado, num discurso, apoio moral aos poloneses e, em audiência particular concedida ao General Sosnokovski, ele havia expressado sua ansiedade referente à ameaça do Bolchevismo à civilização européia e sua lamentável surpresa pela amizade entre os Poderes Anglo-Saxões e a Rússia.

Durante essa aproximação, e após ter repetido que a Igreja Católica encontraria amplo escopo na Rússia, Moscou foi a ponto de propor uma espécie de "Frente Unida" entre o Vaticano e os Soviéticos, a fim de resolver o problema comum criado pelo fato de milhões de católicos estarem vivendo nos territórios ocupados pelos exércitos vermelhos.

Vários cardeais no Vaticano, lembrando-se que em Roma existia uma organização chamada "pró-Rússia", a qual havia sido estabelecida com o expresse propósito de converter aquele país ao Catolicismo, ficaram a favor da abertura das negociações, como líderes da organização acima, com a esperança de que sua oportunidade finalmente houvesse chegado. Mas, como sempre, o papa rejeitou a proposta, alegando que assim agia por causa da perseguição da Rússia contra os poloneses. De que consistia essa perseguição? Simplesmente do fato de que a Rússia Soviética havia acusado muitos poloneses, que haviam lutado contra os alemães, de terem se voltado contra os russos, logo que ficaram livres do domínio nazista, admitindo que os soldados poloneses haviam organizado um exército subterrâneo com essa intenção e que também alguns planos estavam em preparação para a criação de um bloco "anti-soviético", o qual incluiria a Grã Bretanha e até mesmo a Alemanha.

Que essas alegações não eram mera invenção do governo soviético foi descoberto no ano seguinte, quando as acusações foram provadas. Nos julgamentos de Moscou, em junho de 1945, dezesseis poloneses, liderados pelo General Okulicki, ex-Comandante do Exército Nacional Polonês, confessaram ter este planejado um "bloco anti-soviético", iniciado no período do levante de Varsóvia (agosto de 1944).

“Uma vitória soviética sobre a Alemanha”, declarou Okulicki, “ameaçará não apenas os interesses da Grã Bretanha, na Europa, mas deixará toda a Europa com medo. A Bretanha levando em consideração os seus interesses no continente, terá de mobilizar os Poderes europeus contra a Rússia Soviética. É claro que estaremos na linha de frente desse bloco anti-soviético e é impossível conceber este bloco, o qual será controlado pela Bretanha, sem a participação da Alemanha”.

Até que ponto o Vaticano sabia dessa conspiração deslanchada pelos católicos poloneses, enquanto os Exércitos soviéticos estavam agindo pela sua libertação, é difícil dizer. Porém o incidente foi de grande valor, visto como lançou luz sobre as atividades que eram consoantes demais com a política inter-guerra estrangeira da Polônia católica, cuja principal característica tinha sido uma incansável hostilidade contra o seu vizinho oriental. Além disso, ela deu ao Vaticano outra desculpa para recusar, pela centésima vez, a oferta de compromisso, que durante vários anos anteriores, Moscou vinha tentando persuadir o papa a aceitar.

Por que a Igreja Católica recusava tão persistentemente entrar em acordo com Moscou, apesar da boa vontade demonstrada pelos soviéticos, o conselho e os bons serviços do Presidente Roosevelt? E de que os milhões de católicos que haviam sido governados pelos soviéticos? E do fato de que a Rússia Vermelha já não estava “perseguido” a religião e lembrando, mais que tudo, que no final das contas, nos anos que se seguiram à I Guerra Mundial, o Vaticano e o Kremlin haviam negociado e até haviam chegado a um compromisso de trabalho sobre vários problemas? Haveria agora um outro fator, mais importante até mesmo do que o da ideologia e prática comunista, que impedia o Vaticano de chegar a um acordo satisfatório com Stalin?

HAVIA, SIM. Uma ressurrecta e combativa Igreja Ortodoxa. Além dos princípios políticos, sociais e éticos envolvidos, uma grande pedra de tropeço a qualquer tipo de acordo a ser conseguido entre o Vaticano e a Rússia Soviética, era a questão da Igreja Ortodoxa.

O Vaticano jamais havia perdido de vista o reavivamento da Igreja Ortodoxa Russa e desde a queda desta, após a I Guerra Mundial, ele sempre temera o seu retorno. Foi, portanto, com grande preocupação que ele viu o governo soviético conceder liberdade de adoração religiosa em todo o território soviético, pois ele verificou que essa liberdade possibilitaria a ressurreição de sua antiga inimiga, a Igreja Ortodoxa, a qual se tornaria a principal oponente ao seu próprio plano missionário naquele país.

Essa liberdade religiosa fora concedida em 23/01/1918. Através de um decreto emitido nessa data, aos cidadãos da Rússia Soviética fora concedida a liberdade de consciência e adoração religiosa, bem como a liberdade para a publicação de propaganda anti-religiosa. Pelo mesmo decreto a Igreja Ortodoxa foi separada do Estado e a escola, da Igreja. Todas as organizações religiosas foram colocadas no mesmo nível, como sociedades particulares. Um cidadão podia professar qualquer religião ou religião nenhuma. Esse edito foi posto em prática, de tal maneira, que todas as referências à filiação religiosa de qualquer cidadão foram deletadas dos atos e documentos do governo.

O artigo 124 da Constituição dizia: *“A fim de assegurar aos cidadãos liberdade de consciência, a Igreja na Rússia Soviética fica separada do Estado e a escola, da Igreja. A liberdade de adoração religiosa e de propaganda anti-religiosa fica reconhecida para todos os cidadãos”.* Desse modo, cada cidadão na União Soviética era livre para escolher sua religião, para professar a religião que lhe agradasse e, além de tudo, gozar de todos os direitos de cidadania, independentemente de suas crenças religiosas. Ninguém na Rússia Soviética precisava dar uma informação sobre suas crenças religiosas, ao assumir um emprego ou juntar-se a qualquer organização ou sociedade pública. Nenhuma distinção era feita entre crentes e descrentes. [*Você sabia disso, leitor? Claro que não! Todos nós, no Ocidente, fomos doutrinados na visão de que o Comunismo proibia toda e qualquer religião, por ser um regime ateu.*]

Nos armazéns do governo era suprido o papel destinado a imprimir literatura religiosa.

Claro que essa completa liberdade no campo religioso foi explorada durante os primeiros anos da revolução por todos aqueles que haviam se rebelado contra a Igreja, como um instrumento de obscurantismo, e da influência política empregada pelo antigo regime. Contudo, com o passar do tempo, as forças de propaganda religiosa e anti-religiosa tornaram-se

equacionadas. Embora cada facção usasse a liberdade, de acordo com a sua crença ou descrença, cada uma começou a tolerar a outra.

Aos poucos, a Igreja Ortodoxa foi reaparecendo na vida da Rússia. Isso não agradou o Vaticano, pois este, apesar das nomeações, ainda acalentava a esperança de que um dia ser-lhe-ia permitido "*converter a Rússia ao Catolicismo*". O reaparecimento de sua rival, a Igreja Ortodoxa, constituía um obstáculo potencialmente mais formidável do que os teores sociais e políticos do Comunismo.

Após terem fracassado todas as esperanças de chegar a um acordo com o Kremlin, o Vaticano, nos anos imediatamente seguintes à I Guerra Mundial – como já vimos – começou a apoiar os movimentos anticomunistas, tais como o Fascismo, e como seqüência natural entrou numa campanha definitiva em todo o mundo, a qual, embora aparentemente destinada exclusivamente contra a Rússia Comunista, era, na realidade, dirigida contra a ressurrecta Igreja Ortodoxa, sua antiga rival.

Bastante estranho foi que o Vaticano tivesse mobilizado as forças católicas do mundo inteiro contra a Rússia Soviética, exatamente quando esta estava concedendo igualdade e liberdade religiosa aos seus cidadãos. Certamente, não deixa de ser vergonhoso descobrir que a Igreja Católica estava intensificando sua campanha contra a Rússia Soviética, exatamente quando a liberdade da religião e da Igreja estava entrando na nova vida do país. O Vaticano estava pregando ao mundo que a Rússia Soviética deveria ser destruída "*por causa de sua perseguição religiosa*". [*Essa Igreja tem sido sempre mestra na mentira política e religiosa*]. Essa campanha atingiu o clímax na década precedente à explosão da II Guerra Mundial, prosseguiu através desse conflito [*e tornou-se mais feroz ainda depois do fracasso dessa guerra monstruosa, pois agora o Vaticano precisava colocar o mundo inteiro contra a Rússia Soviética, a fim de, finalmente, destruí-la, em 1990*].

Durante a Guerra Civil Espanhola de 1936-39, exatamente quando os soviéticos estavam aprovando mais legislação garantindo a liberdade religiosa, o Vaticano iniciou uma campanha mundial contra o Comunismo em geral e a Rússia Soviética em particular, sob a acusação de que os Vermelhos perseguiram a religião.

Isso, enquanto o artigo 150 da *Constituição de Stalin* obrigava todos os cidadãos a observar a lei e a respeitar as regras do intercâmbio socialista, as quais proibiam qualquer limitação de direitos, qualquer forma de perseguição por convicções religiosas ou insulto às susceptibilidades religiosas. Isso, num tempo em que a liberdade de religião na União Soviética refletia uma livre performance de serviços e ritos religiosos, na publicação de periódicos e de outras literaturas religiosas e na existência de seminários para o treinamento do clero.

Enquanto se esforçava para converter a Europa num bloco fascista, na esperança de que o Fascismo governaria o Continente e o mundo, o Vaticano deixou claro que sua inimizade contra o Comunismo não era inspirada apenas por causa de suas doutrinas políticas. Havia, além disso, o conhecimento de que, por trás do governo russo, mais uma vez estava de pé a Igreja Ortodoxa.

O Vaticano de fato, acusava a Igreja Ortodoxa de procurar uma nova anexação ao Poder Civil, a fim de aumentar sua influência religiosa. Enquanto isso, o governo soviético era acusado de ressuscitar a Igreja Ortodoxa e tê-la como ferramenta para os objetivos particulares do governo.

Para o Vaticano, portanto, a destruição do Bolchevismo não era suficiente. A destruição da ressurrecta Igreja Ortodoxa era essencial. Desse modo, na barganha entre Hitler e o Vaticano, como já foi demonstrado, foi providenciado para que a Igreja Católica suplantasse a Igreja Ortodoxa, em todos os territórios soviéticos ocupados pela Alemanha.

Por seu lado, Hitler, precisando do auxílio de Roma, respondeu que ao Vaticano seria permitido converter os russos à "verdadeira fé", mas "*somente através da hierarquia católica alemã*".

Foi durante essas negociações que o Vaticano chegou a extremos, no campo da propaganda que tratava dos assuntos russos. Ele reorganizou e atualizou a instituição conhecida como *Pró-Rússia*, proveu-a de fundos, padres e propaganda de todos os tipos.

Todas as pessoas interessadas foram aconselhadas a "*ficar prontas para a grande obra missionária da redenção*".

Enquanto isso acontecia, o Vaticano estava esperando o dia em que os portões da Rússia Soviética seriam abertos pelo ímpeto dos exércitos nazistas. Para garantir que os nazistas seriam vitoriosos, o Vaticano aconselhou numerosos governos católicos fascistas, muitos dos quais não precisavam de qualquer encorajamento, a prover auxílio ativo à Alemanha nazista para a destruição do "dragão bolchevista". Já vimos que o Vaticano recusou-se a patrocinar oficialmente uma campanha contra a Rússia, temendo a reação dos católicos nos países aliados. Contudo, extra oficialmente, a atividade em advogar essa exata assistência que deveria ser dada por todos os bons países católicos, não cessou por um momento sequer.

Como resultado, numerosos países e partidos católicos organizaram legiões antibolchevistas, as quais, uma após outra, eram despachadas para o fronte oriental, a fim de lutar lado a lado com os nazistas, sendo a lista encabeçada pela católica Espanha de Franco, com a sua Divisão Azul, seguida pelo católico Portugal, pelos católicos monarquistas belgas, pelos católicos fascistas franceses, com alguns contingentes da Holanda, e de toda a parte.

Antes, e até mesmo durante esta ativa campanha contra a Rússia Soviética, o governo soviético tentou, incansavelmente, atingir um acordo com o Vaticano com respeito aos católicos que haviam passado à jurisdição soviética, em 1939, durante a partilha nazi-soviética da Polônia. Mas a intratabilidade do Vaticano tornou inúteis todos os esforços da Rússia.

Uma das principais razões dadas pelo Vaticano para a sua recusa em negociar com a Rússia, além de sua inimizade mortal contra os princípios sócio-políticos do Comunismo, foi que a *"renovada influência da Igreja Ortodoxa na Polônia está pondo obstáculos a isto e perseguindo a Igreja Católica no país"* (Cardeal Lhond, março de 1941). O Cardeal Secretário de Estado nesse período declarou que a *"Santa Sé, embora gravemente ansiosa sobre o bem estar espiritual e material dos católicos na Polônia, é incapaz de chegar a qualquer acordo com o governo soviético, também devido ao reavivamento da Igreja Ortodoxa, cuja hostilidade ela própria jamais deixou de demonstrar contra a Igreja Católica"*. Qual foi a razão que obrigou o Vaticano a falar tão ostensivamente sobre a Igreja Ortodoxa?

Foi o fato de que o governo soviético, a fim de unificar os recursos espirituais e físicos da nação e do exército, havia encorajado a Igreja Ortodoxa a apelar ao povo russo para a continuação da luta contra o Nazismo.

Antes da guerra, a Igreja Ortodoxa, embora inteiramente livre, ainda estava na retaguarda. Com o advento da guerra, ela veio depressa à vanguarda e exerceu um papel influente na formação do fronte contra a invasão alemã. Esse desenvolvimento foi apoiado pelo governo soviético por duas razões importantes: primeira, porque a nova Igreja Ortodoxa era uma agência que unia e encorajava o povo russo a lutar e, segunda, em vista da contínua hostilidade da Igreja Católica contra a Rússia, ele desejava contrabalançar o sólido bloco espiritual de Roma contra o sólido bloco espiritual Ortodoxo. O plano eventualmente iria operar em todos os países que abrigassem membros da religião ortodoxa.

Este segundo ponto também incluía uma visão política de longa distância e penetrou no mundo pós-guerra.

Nesse estágio especial, Moscou não queria perder uma chance. Tendo visto a Europa católica convertida em sólido bloco soviético, ela preparou-se para criar um bloco religioso semelhante destinado a confrontar o Catolicismo, durante e depois da II Guerra Mundial.

Foi graças a esses fatores que a Igreja Ortodoxa começou a assumir uma importância mais ampla e uma influência cada vez mais importante nos assuntos russos, logo se tornando uma poderosa entidade com significação religiosa e indiretamente política. Por isso era inevitável que a Igreja Ortodoxa, ao incitar o fiel russo à luta contra os inimigos fascistas – isto é, não apenas Hitler mas também contra os seus vários aliados, as legiões antibolchevistas providas pela Espanha, Portugal, Itália, França católica, estas sob a égide de Petain e semelhantes – deveria enfatizar que estas eram legiões católicas que gozavam do apoio da Roma Católica. O caso, portanto, não era apenas defesa patriótica da terra natal russa, mas também de aniquilamento dos inimigos religiosos, os católicos, empenhados na destruição da Rússia.

Concordemente, o apelo feito pela Igreja Ortodoxa, a partir desse tempo, teve uma conotação política, bem como religiosa. Mais uma vez, como antes da Revolução Russa, o Estado e

a Igreja tornaram-se íntimos confederados e a Igreja ganhou influência. Sua voz foi ouvida, não só na Rússia, mas além. Porém nunca foi ouvida mais alto, em parte alguma, do que no Vaticano.

Desse modo, a Igreja Ortodoxa começou a organizar-se sob a égide do governo soviético, e se tornou uma grande instituição nacional e espiritual, trabalhando de mãos dadas com o governo. Essa instituição religiosa recebeu um reconhecimento cada vez mais oficial, quando, em setembro de 1943, uma convocação de bispos da Igreja Ortodoxa elegeu um Patriarca de Moscou e de todas as Rússias e estabeleceu um Sacro Sínodo. Nessa conjuntura, o governo soviético, em outubro de 1943, nomeou um *Concílio para Assuntos da Igreja Ortodoxa Russa* para agir como um elo entre o governo e o Patriarca de Moscou, e de todas as Rússias, sobre assuntos eclesiásticos. Os representantes do Concílio deveriam agir em todas as Repúblicas, territórios e regiões, como elos entre as autoridades governantes locais e as instituições religiosas locais.

A significação religiosa e especialmente política desse movimento não escapou à observação do Vaticano e nem à de Hitler, o qual pediu que os altos prelados hostis ao regime soviético declarassem "nula" a eleição de Moscou.

Entre trinta e cinquenta prelados, a maior parte da Europa ocupada pela Alemanha, liderada pelo Dr. Serafin Lade, o metropolitano da Alemanha Maior, o qual, desde o princípio havia cooperado com Hitler, reuniram-se em Viena, a fim de discutir a eleição ao trono patriarcal de Moscou, incluindo as excomunhões decretadas pelo Sínodo de Moscou de todos os prelados ortodoxos de Moscou que se opunham ao regime soviético, proclamando que o regime soviético era incompatível com o Cristianismo.

Em 1944, o governo soviético estabeleceu um concílio para tratar das sociedades religiosas fora da Igreja Ortodoxa Russa. A função desse concílio era agir como elo entre esses corpos, como os católicos gregos, os maometanos, os judeus e os evangélicos, bem como os católicos romanos.

A nova Igreja Ortodoxa Russa tornava-se mais e mais proeminente nos assuntos da nação. O clero ortodoxo recebia condecorações oficiais do governo, principalmente um grupo de sacerdotes ortodoxos de Moscou e Tula, em 1944.

Por sua vez, a Igreja organizava cerimônias políticas e religiosas de orações públicas pedindo o auxílio divino, proteção à Rússia Soviética e a derrota de seus inimigos. "*O clero russo não cessará de fazer orações pela vitória dos exércitos russos*". O apoio do clero foi prometido pela Igreja à "Terra Natal Soviética".

"*Toda a Igreja Russa servirá a sua amada terra natal com todas as suas forças, nos dias difíceis de guerra e nos dias da prosperidade futura*".

A Igreja Ortodoxa foi ainda mais longe, em 1944. Quando constatou que o Nazismo alemão seria derrotado e a Rússia iria emergir como um dos grandes poderes militares mundiais, o líder da Igreja Ortodoxa declarou que "*considerava Stalin como escolhido por Deus para liderar a Sagrada Rússia*". Foram essas as palavras do Monsenhor Alexis, que havia acabado de suceder o Metropolitano Sergius, como Patriarca da Rússia Soviética, palavras escritas numa carta enviada ao governo soviético, em maio de 1944, dando, desse modo, eco à declaração de Pio XI de que "*Mussolini foi o homem enviado pela Divina Providência*".

Entrementes, o governo soviético, desejando ter uma cooperação cada vez mais estreita com a Igreja Ortodoxa, ligou o Presidente do *Conselho dos Assuntos Ortodoxos ao Conselho de Comissários dos Povos da Rússia Soviética* (1944).

Um jornal do patriarcado de Moscou foi patrocinado pelo governo. Em seguida, a fim de encorajar os crentes ortodoxos, o líder do *Concelho Soviético para Assuntos Ortodoxos* reiterou, em muitas ocasiões, que a todos os que desejassem abrir igrejas e dirigir congregações era permitido fazê-lo. Qualquer pessoa na Rússia Soviética podia requisitar uma igreja e as igrejas tiveram liberdade de continuar com as suas congregações existentes.

[*Depois da II Guerra Mundial (janeiro de 1946), segundo o Frei Leopoldo Braun, que havia morado na Rússia, durante os doze anos anteriores, 2/3 do povo russo, 150 milhões de almas, acreditavam em Deus. Enquanto isso, qualquer um que desejasse se tornar um sacerdote poderia fazê-lo – testemunhou o Arcebispo Sergei da Igreja Ortodoxa Russa, o qual, durante um discurso, no qual descrevia Stalin com um dos mais destacados protetores da religião, fez a seguinte declaração: "Qualquer um que desejar tornar-se um sacerdote na Rússia pode fazê-lo. Não há*

interferência contra isso... O Partido Comunista é muito cooperativo" (agosto 1946). Em 1946 havia 22 mil católicos russos em Moscou e 30 mil em Leningrado].

Em 1944, uma escola teológica já havia sido estabelecida em Moscou.

Na cidade de Zagorsk foi aberto um seminário sustentado pelos crentes. Os estudantes, além de receber educação teológica, eram treinados em base científica, com o que havia concordado a Igreja Ortodoxa.

Com o passar do tempo, a Igreja Ortodoxa assumiu gradualmente o papel que havia desempenhado antes da Revolução.

O Metropolitano de Leningrado, em mensagem dirigida aos crentes religiosos, declarou em 1944: "*Nossa Igreja Ortodoxa sempre compartilhou com o destino do seu povo. Com este ela tem suportado as provações e se regozijado nos sucessos. Ela não desertará do seu povo agora*". E quando, finalmente, a Alemanha foi derrotada, o mesmo dignitário declarou: "*A Igreja Ortodoxa não orou em vão. A bênção de Deus deu força vitoriosa aos exércitos russos*".

Essa cooperação cada vez mais estreita da Igreja com o Estado culminou num *Congresso da Igreja Russa*, oficialmente reconhecido no final de 1944, em Moscou. Esta conferência teve muita significação. A Igreja Ortodoxa, de fato, se reuniu para emitir um convite para que todas as Igrejas que tivessem uma base cristã fizessem com ela uma união. Seria criado, assim, um grande bloco religioso, não apenas dentro da Rússia Soviética, mas se estendendo fora da mesma, incluindo a Igreja Ortodoxa na Grécia, no Oriente Próximo, na África e em toda parte.

Essa conferência aconteceu em Moscou, em novembro de 1944, e trinta e nove bispos tomaram parte na mesma. Ela enviou convites e propostas para a formação de um gigantesco bloco espiritual ao Patriarca Ecumênico e Arcebispo de Constantinopla, a Alexandre III, Patriarca de Antioquia e todo o Oriente. A Cristophoros, Patriarca de Alexandria; a Timóteo, Patriarca de Jerusalém e a Callistratus e os Católicos da Geórgia.

Por trás do renovado vigor do ressurreto Sínodo de Moscou, desde a sua estreita cooperação com o governo soviético, o objetivo de restaurar o tradicional papel da Rússia como protetora do Cristianismo Ortodoxo através da Rússia, do Oriente Próximo e da Europa Oriental, tornou-se mais aparente, a cada dia.

A Rússia Soviética estava, não apenas assumindo o papel da Rússia Czarista dos dias passados, como até indo mais longe em seu patrocínio à Igreja Ortodoxa. Ela desejava unir a Igreja Ortodoxa e as demais Igrejas em uma só liderança contra o Catolicismo Romano.

No ano seguinte, 1945, essa política de formar um gigantesco bloco espiritual sob a liderança do Patriarca de Moscou começou a dar resultados, dos quais alguns exemplos significativos podem ser citados. Como primícias da Conferência chegou a Moscou uma delegação do clero ruteniano, trazendo uma carta do Arcebispo de Chust, pedindo admissão à jurisdição do Patriarcado de Moscou. Até então, a Igreja da Rutênia fizera parte do Patriarcado Sérvio, o qual agora dava o seu consentimento para a transferência da Igreja Ruteniana à liderança espiritual do Patriarcado de Moscou. O Patriarca Sérvio foi mais longe ainda e realmente se colocou sob a jurisdição espiritual de Moscou.

A Igreja Ortodoxa Polonesa fez o mesmo pedido e enviou o Metropolitano Ortodoxo Polonês de Lvov a Moscou, em missão idêntica. Esse foi de igual modo um ato muito significativo, visto como a Igreja Ortodoxa na Polônia havia sido, até então, uma instituição independente, com o seu próprio Patriarca.

Em seguida, o Patriarca Ecumênico de Constantinopla enviou uma delegação a Moscou e foi conseguido um acordo pelo qual o Patriarca de Moscou foi reconhecido como o líder supremo do grande bloco espiritual, sob a égide soviética.

Agora, a Igreja Ortodoxa havia se tornado amplamente preocupada com o intercâmbio de interesses e ligações com outras instituições religiosas, especialmente com as grandes Igrejas Protestantes como a Igreja da Inglaterra. Foram enviados convites a vários dignitários protestantes ingleses para visitar Moscou e os líderes religiosos ortodoxos visitaram a Grã Bretanha, em 1945, como convidados dos líderes protestantes daquele país.

O Patriarca de Moscou em pessoa fez uma extensa excursão pelo Oriente, a fim de visitar várias comunidades cristãs. Em junho de 1945, o Patriarca anunciou em Cairo: "*Minha visita tem*

por objetivo a renovação, mais uma vez, dos laços espirituais que sempre têm unido as Igrejas Ortodoxas”.

Alguns meses antes, em fevereiro de 1945, a *Assembléia Ortodoxa Russa* havia se instalado em Moscou, sob a presidência do Metropolitano de Leningrado e Novgorod, para eleger o Patriarca. Quarenta e cinco delegados de toda a União Soviética compareceram. Entre eles estavam os representantes da Igreja Ortodoxa de todo o mundo, inclusive o Metropolitano Benjamim, de Nova Iorque, Alexander III, Patriarca da Antioquia, Arcebispo Benjamim, Patriarca de Constantinopla, o Patriarca Christophoros, de Alexandria, e o Patriarca Timóteo, de Jerusalém.

Não é de admirar que o Vaticano, com muito receio, estivesse de olho nessa sempre crescente influência da ressurrecta Igreja Ortodoxa. Essa insegurança não se limitava apenas aos corredores do Vaticano, mas era também compartilhada, em grau bem menor, por Washington e, até mesmo, por Londres. Tanto os Estados Unidos da América como a Grã Bretanha estavam inclinados a ver nos movimentos da Igreja Ortodoxa, não apenas um reavivamento espiritual no mundo soviético, mas também um potencial instrumento espiritual a ser usado para os interesses políticos da Rússia Soviética, na Europa Oriental e em outras partes do mundo e, acima de tudo, no Oriente Próximo.

Desse modo, mais uma vez, os interesses do Vaticano, dos Estados Unidos da América e da Grã Bretanha estavam correndo paralelos, sem levar em conta o fato de que, embora o seu objetivo máximo fosse o mesmo, todos o viam por um prisma diferente.

Ao contrário do Vaticano, os dois grandes Poderes, Estados Unidos da América e Grã Bretanha, consideravam o reavivamento e a crescente influência da Igreja Ortodoxa, tanto dentro como fora das fronteiras da Rússia, exclusivamente de um ponto de vista político. Sua preocupação, no caso, logo foi levada ao conhecimento do governo soviético. Eles frisaram que a ansiedade causada pela crescente atividade da Igreja Ortodoxa estava prejudicando as relações harmoniosas entre os Aliados. Seria uma fonte de embaraço para a necessária cooperação do mundo pós guerra.

Roosevelt, por sua vez, tentou influenciar o governo soviético a buscar, pelo menos, um *modus vivendi* entre a Rússia e o Vaticano. O governo soviético respondeu que estava mais do que pronto a fazer isso. Como o Vaticano continuava em sua recusa de negociar com a Rússia, o governo soviético, auxiliado pela América, foi tão longe a ponto de empregar um emissário extra oficial para conseguir mais facilmente essa aproximação. Foi então que um sacerdote americano polonês – o Padre Orlemansky, foi convidado a ir até Moscou, onde manteve longas conferências com Stalin. Orlemansky foi incumbido de oferecer, em favor da Rússia, termos liberais à Igreja Católica. Ele recebeu garantias, a serem levadas ao Departamento de Estado Americano, de que a Rússia Soviética estava mais do que pronta a cooperar com o Vaticano na solução das disputas religiosas. A ele foi garantido que o Kremlin estava pronto a iniciar negociações com o Vaticano sobre as questões da liberdade religiosa e do status da Igreja Católica nos territórios ocupados pelos exércitos russos.

O Padre Orlemansky regressou à América com essas propostas, as quais o Presidente Roosevelt pediu que o papa aceitasse. Houve esperanças, nos círculos católicos, de que, finalmente, fosse conseguido algum acordo. Os jornais católicos, apesar de notórios pelo seu extremo espírito anti-soviético, escreveram que talvez o Vaticano e o Kremlin, após muito esforço, pudessem trabalhar juntos, a fim de salvaguardar os seus próprios interesses.

“Onde quer que haja uma instituição católica numa área geográfica, presume-se que a Santa Sé se esforçará para estabelecer essas relações de conveniência, com suas regras, como para possibilitá-la a manter seus interesses espirituais e materiais. Isso não diz respeito de modo algum à natureza do regime nem proíbe o Santo Padre de absolver o mesmo” (The Universe, 18/08/1944). “Portanto, temos reconhecido sempre que a imutável condenação ao Comunismo ateu não deve compelir Roma a abandonar, sem proteção, quaisquer católicos que possam ser incorporados à União Soviética” (The Universe, 18/08/1944).

Contudo, o papa, uma vez mais, recusou terminantemente todas essas ofertas. O Padre Orlemansky, em seu regresso, foi logo suspenso de suas funções sacerdotais – um ato que no

mundo católico, bem como em Washington, foi considerado "*como recusa do Vaticano às ofertas de paz de Stalin*".

O avanço dos exércitos soviéticos e a imensidão dos territórios por eles ocupados, com a derrota da Alemanha, obviamente em vista, tornaram o problema duplamente urgente. Por isso, Roosevelt tentou novamente influenciar o Vaticano. Em março de 1945, apenas dois meses antes do colapso da Alemanha, ele mandou o seu "enviado especial", Mr. Flynn, a Moscou e daí a Roma. Mr. Flynn levou uma renovada oferta de paz de Stalin, a qual mais uma vez recebeu a rejeição do Vaticano.

Entretantes, o governo soviético, certo da inquebrantável hostilidade do Vaticano, prosseguiu em seu apoio à Igreja Ortodoxa. A Igreja Católica já estava se preparando para patrocinar o reavivamento dos movimentos semi-fascistas, como na Itália, com vistas ao mundo pós-guerra. Então, o governo soviético deixou claro que apoiaria os planos anti-Roma da Igreja Ortodoxa. A Igreja e o Estado deveriam agir no mais perfeito acordo contra as maquinações políticas, bem como as religiosas e espirituais de seu inimigo.

Esta política vinha assumindo maior proeminência desde 1944, quando a Igreja Ortodoxa começou a exibir uma hostilidade cada vez mais crescente contra o Vaticano, acusando-o de inimizade contra a Rússia Soviética e a Igreja Ortodoxa.

Esses ataques, por causa de sua natureza e do quadrante de onde se originaram, tornaram-se cada vez mais sinistros. Era bastante significativo que a Igreja Ortodoxa se sentisse suficientemente forte e unida para deslanchá-los. E mais significativo ainda é que eles coincidiam com os pronunciamentos do governo soviético, o qual empregava órgãos oficiais como o *Pravda* e *Izvestia* para acusar o Vaticano por sua política fascista e anti-soviética.

Vamos ilustrar alguns desses ataques, aparecendo em rápida sucessão em direção ao fim da guerra e após a cessação das hostilidades.

Em janeiro e fevereiro de 1944, o Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, em conjunção com outros altos dignitários visitando Moscou, publicou uma declaração acusando o Vaticano de conceder proteção à Alemanha nazista. A declaração, significativamente endereçada ao povo "do mundo" e não apenas ao povo da Rússia, dizia:

"Tendo em vista a atual situação internacional, estamos erguendo nossas vozes contra os esforços daqueles, especialmente do Vaticano, que estão tentando salvar a Alemanha de Hitler da responsabilidade de todos os seus crimes e clamando por misericórdia a favor dos hitleristas... que desejam, deste modo, deixar permanecer sobre a terra, depois da guerra, um ensino fascista anticristão de ódio à humanidade, e seus propagadores" (publicado nos jornais soviéticos na primeira semana de fevereiro de 1944).

Este ataque feito pela Igreja Ortodoxa foi seguido de um ataque no *Izvestia*, numa transmissão da Rádio Moscou:

"O Vaticano tem adotado uma atitude de apoio direto ao Fascismo. A glória parte desempenhada pelo Vaticano na aventura de Hitler e na de Mussolini, na Itália, é de conhecimento geral, embora o Vaticano tenha ficado em silêncio, quando a Itália atacou a França em junho de 1940. Franco é o animal de estimação do Vaticano e a Espanha de Franco é a imagem da Europa pós-guerra do Estado clerical".

Alguns meses mais tarde, a Igreja Ortodoxa acusou a Igreja Católica, a todo vapor, e negou a autoridade papal no campo religioso, declarando que "*o papa não tem direito algum de representar Cristo*". O desafio foi lançado pelo Patriarca Sergei, líder da Igreja Ortodoxa, no *Boletim de Moscou*, abril de 1944. A declaração do Patriarca não apenas mostrou que a Igreja Ortodoxa liderada pelo redivivo Sínodo Sagrado, permanecia fiel à antiga tradição da Ortodoxia e estava trabalhando em estreito contato com o governo soviético, mas também, e especialmente, sua alta significação política foi demonstrada. Ela mostrou que o Sínodo Sagrado e o Kremlin estavam trabalhando de mãos dadas. Isso ficou provado pelo fato de que o ataque doutrinário da Igreja Ortodoxa foi mais uma vez reforçado por um ataque político sobre o Vaticano publicado no *Izvestia*. A declaração do Patriarca era intitulada "*Existe um vigário de Cristo na Igreja?*"

"Na visão patriarcal do enlace místico entre Cristo e sua Igreja temos a existência de um Vigário de Cristo, Mediador na terra, o que é inteiramente inconcebível... O Evangelho nos ensina

que Nosso Senhor Jesus Cristo, ao deixar fisicamente o mundo, não pensou, absolutamente, em entregar o controle de sua igreja aos cuidados de pessoa alguma... ele enviou seus apóstolos e sucessores, os bispos ortodoxos, para pregar o evangelho e orientar os fiéis..."

Este ataque foi recebido com preocupação no Vaticano, bem como em Washington e Londres, em vista de sua significação política. A imprensa católica do mundo inteiro, inclusive a britânica e a americana, protestaram. Viram nesse ataque apenas o monstro Bolchevista ancorado pela sua grande inimiga, a Igreja Ortodoxa. O assunto foi ficando cada vez mais sério aos olhos do Vaticano, pelo fato de que a Igreja Anglicana manifestou solidariedade com essa nova instituição amiga do Bolchevismo, o Sínodo Sagrado. Além do mais, o coro de aprovação anglicana às palavras do Patriarca ecoaram também nos Estados Unidos da América.

Uma personalidade religiosa inglesa, o Arcebispo de Iorque, tornou-se proeminente nessa ocasião, declarando que *"manifestava sua admiração pelo desafio do Patriarca de Moscou ao Vigário de Cristo na terra"*. O Arcebispo acrescentou: *"A Igreja Russa, bem como a Anglicana, têm repudiado a afirmação da Igreja Romana sobre o status do papa"*.

Alguns meses antes do fim da II Guerra Mundial na Europa, os preladados das Igrejas Ortodoxas compareceram a uma Assembléia Geral da Igreja Ortodoxa em Moscou (fevereiro de 1945). Fizeram, então, um novo apelo ao mundo, criticando duramente o Vaticano pela sua atitude em favor da paz vindoura. Seu apelo assim começava:

"Os representantes das Igrejas Ortodoxas, assistindo à Assembléia Geral da Igreja Ortodoxa Russa em Moscou... erguem suas vozes contra os esforços daqueles e, particularmente do Vaticano, ... que estão tentando absolver a Alemanha de Hitler da responsabilidade de todos os feitos abomináveis cometidos... e estão procurando permitir a contínua existência na terra, de guerra após guerra, da doutrina fascista anticristã bem como de seus agentes".

Respondendo esses ataques, o *Osservatore Romano* disse:

"O papa é o pai universal que, em 12/06/1939, falou: temos diante de nossos olhos, a Rússia de ontem, de hoje e de amanhã. Essa Rússia pela qual jamais deixamos de orar e de pedir oração em favor, e na qual acreditamos fervorosamente".

Mas o papa, em audiência particular, referindo-se aos ataques da Rússia Soviética e da Igreja Ortodoxa contra o Vaticano, disse:

"Não existe pessoa alguma que não veja neste episódio uma das sombras mais sinistras lançadas pelo atual conflito sobre o futuro destino da civilização" (Digest 1362.5.2. A – 25). [Uma característica dos papas católicos tem sido, ao longo dos séculos, falar, publicamente, uma coisa e, particularmente, outra bem diferente, com a hipocrisia que lhes é peculiar.]

Contudo, a observação mais notável feita com respeito às relações do Vaticano com a Igreja Ortodoxa partiu do Secretário de Estado em ação, o qual, no final da II Guerra Mundial, declarou:

"Devemos rezar pela direção divina neste espantoso tempo. Um evento sobre todos dar-nos-ia uma grande esperança de garantir uma solução duradoura das dificuldades mundiais de hoje, a conversão da Rússia à fé católica" (28/04/45).

Algumas semanas antes, o Presidente Roosevelt havia falecido. A conseqüência imediata de sua perda no tocante às relações entre o Vaticano e Moscou foi uma visível e imediata deterioração do já delicado intercurso entre o papa e Stalin. A questão polonesa, mais aguda desde a libertação da Polônia da Alemanha nazista, agravou os problemas. Isso foi devido ao governo provisório em Lublin, sob o patrocínio pelo governo soviético, em substituição ao reacionário governo católico polonês exilado em Londres, cujas atividades (foi descoberto um mês após a guerra) eram dirigidas principalmente no sentido de sabotar os movimentos da Ala Esquerda e de todas as forças políticas polonesas, que estavam tentando estabelecer, na pátria, uma verdadeira amizade com a Rússia.

A Grã Bretanha e os Estados Unidos da América, após alguma hesitação, e apesar dos protestos do Vaticano, reconheceram o novo governo polonês e descredenciaram o governo exilado em Londres. Este último não perdeu tempo em apelar publicamente para o papa, a fim de conseguir um novo asilo no Canadá Francês católico ou na Irlanda católica, para ali continuar o seu trabalho. O papa, os cardeais e os bispos bradaram contra a "ação arbitrária" de Moscou,

denunciando a Rússia Soviética, o Comunismo e a nova injustiça cometida contra a "Polônia católica", enquanto a imprensa católica do mundo inteiro continuou a acrescentar, por muitos meses, vitupério e insulto contra aquele Aliado, que tanto havia ajudado a ganhar a guerra.

Em seguida, com o colapso do Japão e o gradual estabelecimento da paz, nas nações cansadas da guerra, o Vaticano e sua hierarquia, com toda a máquina mundial ao seu dispor, voltaram sua atenção para a vida política dos vencedores, bem como dos derrotados. Os partidos católicos invadiram mais uma vez a arena política, na Itália, França, Bélgica, Áustria e Alemanha, gritando sempre os velhos slogans contra o Bolchevismo ateu, a Rússia Soviética e todas as forças "destruidoras" da civilização cristã.

Era o início de um novo capítulo da velha história – a mortal inimizade da Igreja Católica contra o Comunismo e sua personificação política – a Rússia Soviética. Como poderia ser de outro modo? A história política e social da Europa entre as duas Guerras Mundiais girou, conforme o estudo aqui apresentado, em luta incansável entre os princípios religiosos e morais ensinados pela Igreja Católica e o sistema social, econômico e político advogado pelo Socialismo.

Foi esse conflito público e oculto, de ideologias contrastantes, o qual, em uníssono com as forças de várias naturezas e elementos hostis uns aos outros e com fatores econômicos nacionais e outros, que contribuiu e muito ajudou a conduzir países grandes e pequenos e finalmente, a Europa e o mundo inteiro, ao abismo de uma guerra global. Vimos, em cada país, como a inimizade contra a ideologia socialista e o ódio contra a Rússia têm estado entre os principais motivos que mobilizaram forças poderosas e como o papel da Igreja Católica tem sido o de comandar essas forças, no sentido de aniquilar os ideais socialistas e destruir a Rússia.

[Durante a II Guerra Mundial a Rússia perdeu pelo menos 6 milhões e, possivelmente, cerca de 15 milhões entre mortos e feridos – em toda parte, cerca de vinte a cinquenta vezes as perdas sofridas pelos Aliados] (Collier's, 29/06/1946).

Agora, encontramos outra causa que tem contribuído e sempre há de contribuir para a hostilidade, que a Igreja Católica mantém contra a Rússia – a saber, a ressurrecta Igreja Ortodoxa.

A Rússia Soviética incorreu em tal ódio por parte do Vaticano, durante o período entre as duas guerras mundiais, devido ao fato de ter adotado a odiada ideologia Socialista. Não será bem maior, agora, o seu ódio contra a rival ortodoxa que se posicionou ao lado de Moscou? Se a Igreja Católica, através de incessantes ações, teve sucesso em obter poder social e político contra a Rússia Vermelha, quando esta era comparativamente fraca, esnobada pelo mundo e estava simplesmente patrocinando um sistema econômico inimigo que vigorou de 1917 a 1939, o que não tentará ela fazer agora contra uma Rússia Vermelha emergindo vitoriosa como o segundo maior poder mundial, no período pós guerra? Além de manter sua ideologia socialista e de ajudar a expandi-la em todas as nações, ao mesmo tempo, a Rússia tanto se contrapõe ao centro do Catolicismo, que é Roma, no centro da Ortodoxia, que é Moscou. Não haverá, desse modo uma luta contínua em dois frentes: o político e o religioso. A resposta a essas perguntas já foi dada muito tempo antes do término da guerra, primeiro com as intrigas na Itália, a queda de Mussolini, a criação dos partidos católicos em toda parte, a renovada energia do Catolicismo político, o qual tem emergido repentinamente num espírito combativo e traiçoeiro, a fim de modelar a vida social e política das nações e do mundo no futuro. E pelos sintomas já visíveis, só se pode fazer uma profecia: que a renovação de uma antiga luta e a ressurreição de um poder infinito pode contribuir grandemente para conduzir a humanidade a uma terceira catástrofe mundial?

O que aconteceu foi que o Vaticano, através do seu poderoso exército invisível - a Ordem Jesuíta - acabou destruindo a segunda nação mais poderosa do mundo, a Rússia Soviética, reduzindo-a a frangalhos, através de suas maquinações políticas, da falsa mídia e do Ecumenismo. Concordamos em que o Comunismo foi um péssimo regime, que escravizou muitos povos. Contudo, muito pior será o regime do papa, quando ele estiver no controle mundial, todo informatizado, a fim de perseguir e dizimar os "hereges" protestantes, judeus e ortodoxos., que ele agora chama, hipocritamente, de "irmãos separados..."

Capítulo 8

O Afundamento do Navio Titanic

"As operações dessa poderosa Sociedade englobam cada parte do mundo e são executadas por meio da mais intrincada máquina jamais concebida pelo homem. A Sociedade se divide em três classes:

1. *Membros Professos (professi), aqueles que fazem o pacto de sangue.*
(Aberto Rivera foi um deles)
2. *Coadjuutores Espirituais*
3. *Coadjuutores Leigos (ou temporais)*
4. *Discípulos aprovados*
5. *Noviços."*

(Extraído do livro *"Romanism: A Menace to the Nation"*, de **Jeremiah J. Crowley** - Aurora Missouri, *The Menace Publishing Co.*, 1912, p. 195.)

"Não há registro em toda a história de uma associação, cuja organização tenha permanecido, por trezentos anos, imutável e inalterada diante de todos os assaltos dos homens e do tempo, e que tenha exercido uma influência tão enorme sobre os destinos da humanidade... 'Os fins justificam os meios' é a sua máxima favorita. E como o seu único fim, conforme foi já demonstrado, é a Ordem, ao se juntar à mesma, o Jesuíta está pronto a cometer qualquer tipo de crime".

(**G. B. Nicolini de Roma**, patriota protestante exilado na Inglaterra, em seu livro *"History of the Jesuits"*).

Como já foi visto, até agora, Eric Jon Phelps, não tem muita simpatia pelos Jesuítas e os culpa, literalmente, de todos os mal feitos políticos e religiosos engendrados a partir de 1540, e, principalmente, a partir de 1805, quando começaram a ditar ordens dentro do Vaticano. Diz Phelps que a Ordem é responsável por todas as guerras do planeta. Afirma que os Jesuítas executaram a *Guerra dos Trinta Anos*, a *Primeira Revolução Francesa*, as *Guerras Napoleônicas*, a *Segunda Revolução Francesa*, a *Guerra da Criméia*, a *Guerra de Secessão nos Estados Unidos*, com o *assassinato do Presidente Abraão Lincoln*, o *afundamento do Titanic*, as duas *Guerras Mundiais*, a *Revolução Bolchevista*, a *Guerra do Vietnã*, a *Guerra da Coréia*, as *guerras civis da Irlanda*, da *Tchecoslováquia* e da *Iugoslávia*, a *Guerra do Golfo*, a *Guerra Fria* e o *assassinato de John F. Kennedy*, que seria o sexto presidente americano assassinado por obra da Ordem de Loyola. Os outros foram: Harrison, Taylor, Lincoln, Garfield e McKinley, tendo sido Lincoln e Kennedy os dois mais pranteados, entre os seis desafortunados presidentes americanos.

No capítulo 35, páginas 512-521 do seu livro *"Vatican Assassins"*, Phelps nos deixou completamente chocados com a descrição de como e porque o navio

TITANIC se partiu em duas metades, no Atlântico Norte, no Ano de 1912. Até hoje tem-se culpado somente aquele gigantesco iceberg que o navio encontrou em sua jornada fatal. Contudo, Phelps afirma que houve outra razão mais forte para essa tragédia e nos dá cada detalhe, embasado em confiável documentação.

Vamos dar a palavra ao corajoso Phelps para ver como aconteceu o trágico

Afundamento do Titanic:

Pano de Fundo

No ano de 1909, havia começado a construção do TITANIC , em Belfast, capital da Irlanda do Norte. Belfast é o porto da Irlanda protestante, país tão odiado pelos Jesuítas. Em 1912, cerca de cinco mil Protestantes de Ulster iriam assinar o Convênio de Ulster, solicitando "*a derrota da conspiração visando um Parlamento de governo nacional*" (que seria controlado a partir de Roma). A Irlanda ainda fazia parte do Império Britânico, embora a maior parte viesse a ser desmembrada em consequência da I Guerra Mundial. O Canal do Panamá estava sendo construído e seria completado a tempo de ser usado durante essa Grande Guerra. A planejada destruição do *Império Protestante da Inglaterra*, visada pela Ordem jesuíta, já estava em andamento e seria concluída (80 anos depois) após o término da "Guerra Fria" criada pelos Jesuítas.

A destruição do *Império Protestante da Alemanha*, que havia corajosamente expulsado os batinas pretas, filhos de Loyola, no governo do Marechal de Ferro - Bismarck - já estava, também, em pleno andamento, através do Tratado Secreto entre os agentes da Ordem, na França e na Rússia.

A destruição do *Império Ortodoxo Russo* também já havia começado, tendo os Jesuítas provocado a guerra com o Japão, em 1905.

A destruição do *Império Japonês* entrara em ação como retribuição ao "shogun" do Imperador, que havia expulsado os "missionários" jesuítas do seu país, tendo estes ficado 250 anos longe do mesmo.

As atrocidades da *Revolução Bolchevista* e a subsequente inquisição realizada pelo Jesuíta treinado, Joseph Stalin, seria atribuída aos Judeus, transformando os europeus em ferramenta ignorante do III Reich (Romano). O Holocausto seria usado para justificar a criação do *Estado Sionista de Israel*, a fim de ser pavimentado o caminho para a "oferta queimada" mais violenta ainda, de Judeus, visto como a maioria dos descendentes de Jacó, por causa da fúria mundial anti-judaica, serão expulsos de todas as nações para a localidade planejada para eles. Sendo a terra da Palestina necessária para a obtenção desse objetivo, o General Allembry, da Inglaterra, tomaria Jerusalém dos Turcos, em 1917, possibilitando, desse modo, a reconstrução do *Templo de Salomão* para lá reinar o Anticristo.

Para financiar esse grande objetivo, os Jesuítas deveriam apropriar-se do *Federal Reserve Bank* (USA), antes do início da Guerra. Esse Banco deveria estar estabelecido na maior nação produtora de riquezas da terra, composta na maioria de Protestantes e Batistas anglo-saxões brancos - os Estados Unidos da América do Norte.

Relembrando que a Ordem fora expulsa da Europa e se refugiado nas nações protestantes (americana e inglesa), suas ferramentas maçônicas estavam prontas a executar, obedientemente, esse plano.

Contudo, existiam, dentro dos dois impérios, homens de bem que não concordaram em participar desse esquema. Seu poder e suas fortunas não seriam usados para tal fim. Portanto, esses homens precisavam desaparecer do mundo, da maneira mais terrível. Foi então que aconteceu a morte por afogamento, acompanhada de gemidos, gritos, lamentações, protestos de dor e pranto, de homens, mulheres e crianças em desespero, afundando no Atlântico Norte, com inocentes mergulhando a dez pés de profundidade, em direção à sua tenebrosa condenação.

A Tragédia

A White Star Line fora criada para trazer imigrantes católicos irlandeses, franceses e italianos para os Estados Unidos, seguindo o plano de Roma de construir na América um país predominantemente católico. Mas o navio da morte - o TITANIC, foi construído, na odiada Belfast, para afundar, quando 325 das mais ricas e influentes personalidades do mundo entraram a bordo daquele monstro de fabricação humana, que "jamais afundaria", carregando 900 protestantes e católicos. Com uma "primeira classe" ao custo de 550 notas do *Federal Reserve Bank*, ao câmbio de hoje, os multimilionários embarcaram no TITANIC, três deles sendo os Judeus: Benjamim Guggenheim, Isidor Straus - Presidente das Lojas de Departamento "Macy" - e John Jacob Astor - passageiro constante da **White Star Line**, que era o homem mais rico do mundo, naquela época [Bill Gates que se cuide, hem?], com exceção, é claro, do papa de Roma.

O capitão do TITANIC, Edward Smith, era o maior piloto naval do mundo e dominava as águas do Atlântico Norte, com 26 anos de experiência em alto mar. Esse capitão era um "coadjutor" temporal dos Jesuítas. Isso quer dizer que ele era um "padre jesuíta sem batina", como lhe chamariam os franceses, servindo a Ordem de Loyola em sua profissão. Sem desejo próprio e inteligência, ele cometera esse crime - da mais vergonhosa e impiedosa atrocidade - para satisfazer a ordem do chefe que o comandava "como um pequeno crucifixo", usando "o traje que melhor lhe conviesse". Edward Smith fora, desse modo, escalado para o "martírio".

Partindo do Sul da Inglaterra, do Porto de Southampton, ao meio dia de 10/04/1912, o superior do capitão embarcou no navio. Esse homem era o Jesuíta mais poderoso da Irlanda e prestava contas do seu trabalho diretamente ao General dos Jesuítas, que era o Pe. Francisco Xavier Warnz. O mestre do capitão era o Superior Provincial da Sociedade de Jesus na Irlanda, Francis M. Browne. A presença desse homem tão poderoso a bordo do navio foi publicamente comprovada através do Vídeo "*Secrets of the Titanic*", em seus reconhecimentos, liberado em 1986.

O Provincial Jesuíta - Francis M. Browne - (existem dez provinciais nos Estados Unidos) permaneceu por um dia dentro do navio da morte, tirando fotos dos passageiros - sabendo muito bem o destino que os aguardava. Depois de parar no porto francês, no qual Astor iria embarcar, narra o vídeo:

"Um padre em férias, o Pe. Francis Browne, bateu esses emocionantes instantâneos de seus companheiros de viagem, muitos dos quais estavam embarcando para a eternidade. No dia seguinte, o TITANIC fez sua última parada na costa de Queenstown, Irlanda. Aí pretendiam embarcar os últimos passageiros, na maioria imigrantes irlandeses, que se destinavam ao novo lar na América. Foi ali que desembarcou o afortunado Pe. Browne... O Pe. Brown se despediu do capitão Smith, descendo a ponte do cais, e o TITANIC rumou para o seu destino fatal..." Assim narra o vídeo da *National Geographic Society*, 1986.

O último contato visual entre o capitão do navio e o Jesuíta, em meio aos condenados católicos irlandeses a bordo do vapor, foi, realmente, um "momento Kodak" . Lembrando que, de acordo com o Jesuíta Molina "*os padres podem matar leigos, a fim de preservar os seus bens*", esses dois criminosos estavam totalmente persuadidos, em suas mentes condicionadas, de que agiam corretamente em sua violência. Esta cena retratada com o pincel de Rembrandt ou de Thomas Kinkade serviria de esmagadora condenação aos filhos de Loyola, afastando-os das fronteiras de todas as nações.

Aqui se pode ver a traição jesuíta ao máximo. O provincial entrou a bordo do TITANIC, fotografou as vítimas, enquanto lembrou ao capitão o seu pacto como um Jesuíta e, na manhã seguinte, lhe disse adeus. Tirou instantâneos do sombrio capitão descendo o cais com dois tripulantes, provavelmente também envolvidos na conspiração, enquanto o afortunado Provincial desembarcava, no dia 11/04/1912, ao som da alegre algazarra dos irlandeses que haviam embarcado, a qual lhe chegava aos ouvidos, mas não ao coração... Quem sabe alguns até o cumprimentaram, abençoando sua vida e agradecendo o bem que esse padre deveria ter-lhes feito...

Se esse Pe. Francis Browne fosse humano o seu coração teria se partido. Mas ele era igual a Rodin, aquele padre jesuíta do livro *"O Judeu Errante"*, inspirado pelo "espírito santo de Roma". Ele era apenas um robô humano, um perfeito *Candidato da Mandchúria*, um dos comandantes da *"Corporação dos Engenheiros do Inferno"*. Ele seria capaz de trair a própria mãe, a fim de ampliar o poder político mundial de um tirano pecador que se auto-intitula "o Vigário de Cristo". Desse modo, ele andou conforme a religião que ia levando. À medida em que ele viu desaparecer o TITANIC no horizonte, não lamentou coisa alguma. Ele conhecia bem a "Lei da Igreja" e não "temia o escândalo", estando convicto de que o seu crime seria "para a maior glória de Deus" - daquele deus que se assenta no trono de São Pedro.

A bordo do navio, o capitão sabia qual era o seu dever. Estava preso ao pacto. Não havia como desistir. O navio fora construído pelos inimigos da Ordem. Depois de três dias no mar, a apenas uma olhada de binóculo da ponte, ele prosseguia a todo vapor - vinte e dois nós - numa noite escura, sem luar, rumo a um gigantesco iceberg de, aproximadamente, 80 milhas quadradas de tamanho, a despeito dos 8 telegramas de admoestação e de muitas outras admoestações de cautela. Ele recusou-se a ouvir. Infernalmente ligado à destruição, ao se aproximar do iceberg, o primeiro oficial Murdock - outro conspirador - recebeu instruções do capitão de como proceder. Ele ordenou que as máquinas fossem jogadas ao reverso, enquanto o navio balançava perigosamente para o seu porto, do lado esquerdo. Se o capitão não tivesse revertido suas máquinas, o TITANIC poderia ter se voltado mais rapidamente, em movimento maior. Esse erro foi uma violação das regras fundamentais da segurança, as quais ordenam que jamais se volte um navio para o lado do perigo. (Devemos crer que o capitão Smith, mestre na profissão, faria uma tolice dessas, além de rumar com toda rapidez contra os icebergs, movimento contra os quais fora tão prevenido? Claro que ele queria, de fato, partir o navio ao meio. Essa foi simplesmente uma repetição da performance de Napoleão, na Batalha de Waterloo, sacrificando deliberadamente o seu exército, e também uma repetição da prevista violação dos meios básicos das regras de segurança, em Dallas, Texas, 1963, a qual resultaria no assassinato do Presidente Kennedy).

O TITANIC chocou-se com o iceberg às 11,40 hs. da noite de 14/04/1912. Conhecendo muito bem o reduzido número de botes salva-vidas, e não tendo a tripulação direito algum aos mesmos, em caso de emergência, o capitão Smith, como Jesuíta Coadjutor, conseguiu realizar o seu propósito de obediência ao chefe jesuíta Francis Browne, conforme o pacto da Ordem.

Em meio à inocência dos seus passageiros, a brutal tripulação começou a evacuar o navio. Contudo, os multi-milionários judeus, Astor, Guggenheim e Straus, foram proibidos de entrar nos botes. Alguns momentos depois, em meio ao horror e ao pânico, enquanto os músicos tocavam *"Mais Perto de Ti, Meu Deus"*, o TITANIC partiu-se ao meio, lançando para o fundo do Oceano 1.500 almas. A segunda jovem esposa de Astor sobreviveu, enquanto os Jesuítas, provavelmente, entrariam na posse de sua fortuna, através do "Money Trust", conforme as "Instruções Secretas". (Os Jesuítas não se beneficiaram quando a Harvard Widener Library foi construída com a doação da sobrevivente do TITANIC, Eleanor Widener? Seu filho e seu marido haviam perecido no desastre, deixando-a no encargo da maior fortuna católica romana da Filadélfia. Não se beneficiaram, também os Jesuítas com a eliminação de Astor, Guggenheim e Straus, visto como, estavam eles, de acordo com o Juiz da Suprema Corte Judaica de Justiça, Louis Brandi, em oposição ao *Ato da Ordem da Reserva Federal*? Não era J. P. Morgan o agente financeiro do "infalível" papa, dentro do Império Americano, e o homem que enganaria esses Judeus para que entrassem no TITANIC - o verdadeiro patrocinador do *Ato da Reserva Federal*, com a sua "Comissão Aldrich"? Não era o Presidente dos Jesuítas - Pro-Thaft - um escravo do Arcebispo de Nova York, bem como o traidor do Adido Militar, o Major Archibald Butt, que foi sacrificado no TITANIC - um ávido apoiador do Ato da Reserva Federal?, apressando o seu país a *"assumir seriamente o problema do estabelecimento de um banco central"*, conforme Jean Strouse em sua obra prima *"Morgan, o Financista Americano"*?)

Isto conduz este autor (Phelps) a crer que havia mais dois Jesuítas entre os oficiais da tripulação do navio, os quais eram "professos" e estavam sob "o pacto extremo". Havia, provavelmente, alguns *"Cavaleiros de Colombo"*, sob o quarto voto, além de alguns maçons leais à sua marca "IHS" - emblema dos Jesuítas. Isso explicaria porque o Provincial Jesuíta teria entrado

pessoalmente no navio. Ele deve ter ido checar calmamente o plano, tendo os seus soldados a cargo desse seletivo grupo de homens eficientes do navio, comprometidos no instante final com uma greve contida na Inglaterra, os quais, sob as ordens do capitão, abandonaram rapidamente o navio, a fim de diminuir o número de botes salva-vidas, com menos de metade destes contendo mulheres e crianças entrando na água, ao mesmo tempo em que proibia os visados ricos a entrar nos botes. Enquanto isso, os passageiros mais pobres, dos níveis mais baixos, foram trancados no porão, para evitar que as vítimas ricas escapassem das vistas atentas da Ordem, embarcando nos botes, em meio à confusão e histeria reinantes no convés. Para evitar que os carregadores atendessem os pedidos de ajuda, as bandeiras a serem vistas eram brancas (parte do tempo), quando deveriam ser vermelhas.

Foi por essa razão que apenas um bote retornou para salvar a vida dos que estavam boiando na gelada escuridão, com a água a 28 graus. Como nas "seleções" de Auschwitz, apenas os "selecionados" que puderam entrar nos botes salva-vidas deveriam sair com vida. Os outros, que haviam ficado no navio ou estavam flutuando na água, deveriam morrer, inclusive vários Jesuítas, maçons e *Cavaleiros de Colombo* [*Queima de arquivo?*]

Isso nos conduz a outra pergunta. Quem era o proprietário da *White Star Line*? Pois a sua gerência, no final, foi responsável pela escolha dos homens que iriam manobrar o navio. E possuir o dinheiro necessário para financiar essas linhas de luxo (*Titanic*, *Britânico* e *Olímpico*), somente os *Cavaleiros de Malta* e os modernos *Cavaleiros Templários*, os seletos maçons do santuário, seriam capazes. Apocalipse 18:13, 26 diz: **"Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias... E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias".**

... Na época do TITANIC, o grande compositor Gustav Mahler dirigia a Ópera na corte de Viena, e ali acabara de compor sua grande Sinfonia No. 5 - "Adagietto" . Depois da tragédia, Mahler abandonou a Igreja Católica na Áustria e veio se fixar em Nova York, a fim de gozar a liberdade protestante, enquanto dirigia a Orquestra Sinfônica de Nova York, como um Judeu. De fato, a Bíblia tem razão ao declarar às nações, em resposta ao tratamento dispensado aos descendentes físicos de Abraão: **"E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem... Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho"** (Gênesis 12:3 e Zacarias 2:8).

Como diz R. W. Thompson, em seu livro *"The Footprints of the Jesuits"*, p. 54, citando Andrew Steinmetz (Philadelphia, Pennsylvania: Lea and Blanchard, 1948) 2 Volumes:

"... é o deus da Sociedade e nada, exceto o seu toque elétrico, pode galvanizar os cadáveres à vida e à ação. Até que ele fale, eles são como serpentes enroscadas em seus gélidos túmulos, sem vida e inativos. Mas no instante em que ele dá a palavra de comando, cada membro põe-se, apressadamente, de pé, interrompendo qualquer obra em que esteja engajado, pronto para assaltar quem quer que ele possa exigir, para agir contra quem quer que seja, onde quer que seja, com o seu sopro de execução".

Os pastores protestantes jamais se preocuparam em pesquisar realmente o Catolicismo Romano e do que se vale essa religião para matar, roubar e destruir, conforme Jesus falou do "príncipe deste mundo", em João 10:10. E o pior é que quando alguém se dispõe, com o risco da própria vida, a cuidar dessa ingrata tarefa, não recebe apoio algum dos pastores, os quais preferem enterrar a cabeça na areia, como avestruzes medrosas. O Dr. Aníbal Pereira dos Reis foi um dos incompreendidos, quando escreveu 35 livros mostrando os perigos do *Ecumenismo* e das "boas relações" do Protestantismo com o Vaticano. O *Ecumenismo* foi a maior invenção dos Jesuítas para perverter os protestantes, fazendo-os crer que, como

irmãos separados (para morrer), agora podiam ser amados pelos católicos. Mas o caso é exatamente o contrário.

Capítulo 9

O Vaticano e a Irlanda do Norte

Dave Hunt, em seu livro "A Woman Rides the Beast", ps. 231-234, diz:

Durante a Idade Média o espantoso poder alcançado pelos papas sobre os reis da terra continuou a crescer. Gregório VI (1045-1046) havia declarado que o papa exigia cega obediência a cada palavra sua, até mesmo dos soberanos. Alexandre II (1061-1073), a conselho de Hildebrando (mais tarde Gregório VII), proclamou um decreto declarando Haroldo, o legítimo Rei da Inglaterra, como usurpador, e excomungou os seus seguidores. O papa decretou que Guilherme, Duque da Normândia, era o legítimo detentor da coroa inglesa.

Com a bênção do papa, Guilherme, o Conquistador, matou Haroldo em batalha, tomou a Inglaterra e foi coroado em Londres no Dia de Natal de 1066. William aceitou a coroa "em nome da Santa Sé de Roma". Foi um novo trunfo para o papado, o que aumentou grandemente a influência católica romana na Inglaterra. Freeman, em *A Conquista Normanda*, explica o arranjo:

William foi autorizado (pelo papa) a avançar como um vindicador do céu. A ele foi exigido que ensinasse o povo inglês a "devida obediência ao Vigário de Cristo", e o que o papado nunca esquece: "assegurar um pagamento mais pontual dos deveres temporais ao seu apóstolo".

Em 1155, o Papa Adriano IV deu a coroa da Irlanda ao rei da Inglaterra. Assim, por sua autoridade como "Vigário de Cristo", ele sujeitou a Irlanda ao governo inglês e entregou "o povo pacífico e cristão da Irlanda às crueldades sem misericórdia de Henrique II sobre a terra que era uma porção do "patrimônio de S. Pedro e da Santa Igreja Católica Romana". Os papas subsequentes confirmaram esse decreto.

Durante o tempo em que a Inglaterra permaneceu católica, o arranjo foi tolerável. Mas quando a Inglaterra se tornou protestante, o seu contínuo controle sobre a Irlanda Católica e a perseguição protestante aos católicos plantaram as sementes de um problema que ainda hoje continua. Conquanto a Irlanda Católica tenha muitos problemas legítimos e complexos demais para serem aqui relatados, ela precisa lembrar-se de que foram, antes de tudo, os papas católicos romanos que deram a Irlanda de presente à Inglaterra.

De fato, os papas deviam ser censurados também por muitos dos julgamentos e tribulações da Inglaterra. Os pontífices romanos tratavam "os seus reis (como) vassallos, e seu povo como sem direito algum a qualquer valor, sempre que se apresentassem em conflito com exigências do papado... O clero católico, como emissário do papa, governava a Inglaterra, desobedecendo as leis da terra, como se os papas fossem os soberanos do país. As cortes civis não tinham jurisdição sobre os padres". Thompson explica:

Era impossível enumerar... as violências extremas e os horrores praticados na Inglaterra, durante este período sombrio, pelos reis e papas, que consideravam a asserção de qualquer único direito popular como se fosse crime o qual Deus os mandava punir. Mais de uma centena de assassinatos foi cometida por eclesiásticos durante o reinado de Henrique II, pelos quais as partes nem mesmo eram punidas...

O clero tinha poder absoluto sobre os seus corpos, e nenhum apelo era permitido por suas decisões. Um leigo perdia sua vida pelo crime de assassinato, mas um eclesiástico ficava impune. Isso era classificado como uma das imunidades eclesiásticas! (Quando o rei tentou mudar a lei de tratar com o clero) o papa recusou sua sanção e a denunciou como "prejudicial à Igreja e destrutiva aos seus privilégios".

Agora vamos retratar a situação atual na **Irlanda do Norte**, conforme dados colhidos em nossa viagem a Berlim, em fevereiro/março deste ano (2001).

Os problemas atuais da Irlanda do Norte vêm de longa data, a começar do presente em que ela se transformou da parte do papa ao Rei da Inglaterra, conforme foi dito acima. Com a separação das duas Irlandas, a do Norte se tornou minoria protestante e daí têm surgidos os conflitos que passamos a relatar.

A **Irlanda do Norte** é muito pequena, com apenas 85 milhas, de um extremo a outro do país, e 110 milhas de largura. Ela consiste de seis dos trinta e dois condados da Irlanda, representando, portanto, menos de 20 por cento de todo o país. De um lado fica o mar, do outro está a fronteira que divide a ilha em dois países. Seu povo é dividido, não pela raça, mas pela religião.

Os Stones formam uma família protestante que reside na Helen Bay, uma vila na costa leste de Belfast. O casal trabalha em Belfast, ele para uma firma de computadores e ela como gerente de uma loja de modas, no centro da cidade.

Sua filha Mary frequenta uma grande e conhecida escola, ali. A família Stone leva uma vida normal... Até certo ponto.

Contudo, às vezes essa normalidade sofre perturbações de caráter político-religioso. Os Stones vão a Belfast diariamente. A estrada que os conduz até esta cidade proporciona-lhes um acesso rápido, sem congestionamento algum no trânsito. Desse modo, eles precisam de pouco tempo para chegar a Belfast. Algumas vezes, porém, a família Stone é detida pela polícia que lhe revista o carro, em busca de bombas ou armas. Depois de tantos anos de violência a Sra. Stone, que trabalha no centro da cidade, está acostumada a observar o controle militar, em frente à sua loja. Ela acha natural passar pelos soldados, visto como o marido e ela se encontram sempre na hora do almoço, para fazer compras no centro da cidade.

Na **Irlanda do Norte** as crianças logo aprendem que pertencem a um dos dois grupos religiosos – católico ou protestante. Elas até aprendem a reconhecer a religião das pessoas, a partir dos seus nomes (Stone, por exemplo, é um nome tipicamente protestante). Elas também reconhecem as áreas onde residem e as escolas que frequentam. A violência é maior nas cidades como Belfast e Derry (Londonderry) e nas áreas fronteiriças dos condados de Armagh ou Fernagh. Em Belfast, bem como em outras cidades, os católicos e os protestantes residem em áreas separadas e a maior parte das crianças estuda em escolas diferentes. A raiz dos problemas da Irlanda do Norte, como já explicamos, vem de longo tempo na história quando a diferença entre protestantes e católicos separou aqueles que possuíam terras e riquezas, governando os que não eram proprietários e, portanto, eram governados (católicos). (Os povos protestantes sempre têm progredido mais do que os católicos porque, obedecendo à Bíblia, evitam os vícios e se entregam ao trabalho com mais disposição, sem desperdiçar o tempo e a saúde com os pecados típicos dos católicos nominais, como: o fumo, o álcool, o jogo, o adultério e outros).

A violência atual está alicerçada principalmente no resultado da luta de grupos radicais, que lutam uns contra os outros. As pessoas inocentes, de ambos os lados, geralmente são as maiores vítimas do preconceito religioso.

Certamente, a **Irlanda do Norte** não é a única área em crise, no mundo atual. Os jornais registram, quase diariamente, notícias sobre indivíduos, grupos ou nações que estão em conflito. As guerras civis na Tchecoslováquia e na Iugoslávia são um exemplo dessas crises nacionais, as quais trazem em seu bojo, os preconceitos raciais e religiosos instigados pelo Vaticano. Os mal entendidos, a ignorância, a intolerância, as mentiras, as meias verdades, os clichês de linguagem, a propagação do perjúrio e da discriminação são as causas dos sérios problemas que tornam impossível a convivência pacífica entre os povos.

Infelizmente, o fator menos conhecido e mais grave de todos é o objetivo do Vaticano de englobar o mundo inteiro em suas mãos, como o fazia na Idade Média, daí incentivando conflitos políticos, raciais e religiosos, a fim de derrubar os governos constituídos e conseguir esse objetivo. Essa meta do Vaticano de unir todas as religiões numa só – “na única Igreja verdadeira” – o levou a conspirar, desde a época de Leão XIII, no sentido de conseguir criar um Estado Único Europeu e daí partir para a conquista do resto do mundo.

Os ingleses estiveram na **Irlanda** durante cerca de 800 anos. No século XVII, entre 1603 e 1625, o Rei Tiago I da Inglaterra, o patrocinador da **Bíblia King James**, entregou aos protestantes ingleses e aos imigrantes escoceses, faixas de terra na **Irlanda**, especialmente na região norte. Ele desejava que o povo irlandês fosse evangelizado através do Livro Santo e essa doação ficou conhecida como “Assentamento Ulster”.

Em 1649, Oliver Cromwell, governante da Inglaterra, entre 1649 e 1658, resolveu conquistar a **Irlanda**, retirando todo o poder político dos irlandeses. A partir daí, a maioria dos proprietários da **Irlanda** seria de origem escocesa e inglesa, toda ela protestante.

Em 1688, o Rei Tiago II, católico fervoroso, foi obrigado a fugir da Inglaterra e a entregar sua coroa ao Rei Guilherme de Orange. Tiago II foi para a Irlanda e lá sofreu uma derrota, em 1690, na batalha de Boyne, pelos protestantes ingleses e irlandeses. Ainda hoje os protestantes de Orange, no Norte da Irlanda (laranja era a cor do Rei Guilherme), costumam celebrar essa vitória, anualmente, no dia 12 de julho, com desfiles e músicas folclóricas.

Na chamada “*Revolta da Páscoa*”, 1916, estourou na **Irlanda do Sul** uma rebelião republicana, com o propósito de formar uma **Irlanda** independente. Esta aconteceu em Dublin, com o apoio do próprio exército britânico. Durante a rebelião, mais de quinhentas pessoas perderam a vida. Seus líderes foram todos executados e foi então que nasceu o **Exército Republicano Irlandês (IRA)** para lutar contra a Inglaterra. Seguiu-se, a partir daí, uma guerra muito cruel pela independência da **Irlanda**. Em 1921, a parte sul da **Irlanda** tornou-se um Estado independente, enquanto seis condados do norte (parte da antiga província de Ulster) continuaram britânicos, com o seu governo e Parlamento em Belfast.

A **Irlanda do Norte** passou, então, a discriminar os católicos, em todos os ramos de atividade, em razão do preconceito existente entre as duas religiões. As firmas protestantes só empregavam protestantes, de modo que o índice de

desemprego entre os católicos tornou-se muito alto. A polícia e a corte de justiça também eram controladas pelos protestantes.

Em 1968/69, influenciados pelo pastor socialista, Martin Luther King, e pelos acontecimentos políticos e raciais nos Estados Unidos, os católicos da **Irlanda do Norte** começaram a organizar marchas em prol dos direitos civis. Eles exigiam igualdade de direitos, de voto, habitação e emprego. Durante uma dessas marchas, em 1969, os católicos foram atacados pelos protestantes extremistas. O governo da **Irlanda do Norte** fez mudanças no sentido de melhorar a situação dos católicos, contudo a paz nunca mais voltou àquele país.

Naquele mesmo ano, soldados britânicos foram enviados para manter a paz. Em janeiro de 1972, durante a marcha em prol dos direitos civis, os soldados britânicos atiraram em treze pessoas. Esse dia ficou conhecido como "*Domingo Sangrento*". Em março do mesmo ano, os britânicos suspenderam o Parlamento da **Irlanda do Norte** e introduziram ali um governo direto de Londres.

Durante a década de 1980, o governo britânico verificou que a solução militar para os problemas da **Irlanda do Norte** jamais seria possível. Em novembro de 1985, os primeiros Ministros da Inglaterra e da Irlanda assinaram um acordo anglo-irlandês, prometendo trabalhar juntos para neutralizar a violência na província. Eles se encontram regularmente, para discutir os problemas políticos e raciais da **Irlanda do Norte**. Desse modo, os dois países esperam ter, finalmente, encontrado o caminho da paz. Por outro lado, o objetivo secreto do Vaticano, embora o papa JP2 viaje pelo mundo inteiro pregando a PAZ, é que essa luta prossiga, a fim de que a **Irlanda do Norte** e o governo inglês enfraqueçam, porque assim lhe será mais fácil a concretização do sonho da União Européia, achatando a soberania da Grã Bretanha e dos demais países europeus, através dos já estabelecidos Mercado Comum Europeu e União Européia, com uma política, moeda e religião completamente unificadas sob a égide da Igreja de Roma.

Tudo que aparece na mídia televisionada, mostrando os protestantes agredindo os católicos deve ser peneirado, pois o objetivo do Vaticano é expulsar os poucos protestantes da Irlanda, a fim de se apossar do seu território.

Capítulo 10

O Vaticano e a União Européia

O professor britânico, Dr. Arthur Noble, em uma palestra feita na "*Annual Autumn Conference*" no "*United Protestant Council*", Londres, 07/11/1998, conforme matéria publicada no site do "**European Institute of Protestant Studies**" - EIPS - falou sobre este assunto.

Todo cristão deveria ficar a par da *Conspiração da União Européia*. Como em toda conspiração, nesta existem vários aspectos, os quais compõem a mesma. Estes são sempre interligados e interrelacionados, mas não imediatamente tão óbvios. Também nem sempre correm paralelos entre si, nem se desenvolvem segundo o plano original. Historicamente falando, a idéia de uma *União Européia* começou, ostensivamente, como um plano de cooperação econômica, tendo logo adquirido uma dimensão social e, em seguida, desenvolveu-se num esquema totalmente

inflado para unir politicamente todo o Continente. A dimensão religiosa subjacente ainda terá de ser verificada, bem como suas implicações num todo. O que desejo mostrar é que, conquanto esses desenvolvimentos possam demonstrar um aparente desvio dos planos originais estabelecidos para a criação de uma nova Europa, eles foram, em verdade, cuidadosamente planejados (ou, quem sabe, conspirados), a partir do início, e perseguidos, secretamente, com grande determinação. Existe clara evidência, através dos futuros delineadores da Europa, tanto nos sucessivos tratados europeus como nos próprios pronunciamentos, de que a *União Européia* foi programada intencionalmente a partir de um gigantesco estratagema secreto, o qual, eventualmente, iria conduzir com rapidez as nações da Europa à união econômica, social, política e religiosa, quer isso fosse ou não o desejo delas. A verdadeira natureza do objetivo final é um superestado federal deliberadamente camuflado e distorcido. Deveria ser liberado em doses de conta-gotas, a fim de ir condicionando aqueles que jamais iriam aceitá-lo, até que fosse tarde demais para que o processo fosse revertido.

Pano de Fundo

Em 1946, Sir Winston Churchill pronunciou o seu famoso discurso em Zurique convocando o estabelecimento dos Estados Unidos da Europa. Ele visualizava uma Europa Ocidental constituída de estados independentes, livres e soberanos, a qual se ergueria das cinzas da II Guerra Mundial e caminharia para um destino de harmonia e democracia jamais visto. A neutra Suíça, com os seus antigos séculos de harmoniosa coexistência de quatro línguas e culturas, seria o modelo para uma Europa multilíngue e cultural, a qual jamais iria ver novamente ditadores maníacos e demagogos hipernacionalistas impondo os seus desejos às nações membros.

Inicialmente, a visão de Churchill parecia estar avançando conforme o plano. As ex-fascistas Alemanha e Itália descentralizaram o poder e se tornaram democracias parlamentares. O Fascismo tornou-se desacreditado em toda a Europa.

Contudo, mais tarde, os acontecimentos tomaram um rumo diferente. O plano Schuman de 1950 propôs o hipernacional agrupamento das indústrias de carvão e aço da França e da Alemanha, como meio de forjar a unidade econômica européia. As duas economias foram interligadas a tal extensão que uma guerra entre essas tradicionais arqui-inimigas tornou-se virtualmente impossível.

A CCE (Comunidade Comum Européia) estabelecida em 1957 pelo Tratado de Roma, trouxe a Itália e os três países Benelux à união, mas representou um passo a mais na economia pan-européia, ligando esse desenvolvimento econômico à cidade de Roma. Significativamente, este tratado também deu à Europa um senso de unidade religiosa hipernacionalista e à Igreja Católica Romana, uma proteção contra a então existente ameaça do Comunismo.

Ao público nada foi dito, contudo fatos elementares emergiram a partir da grande massa de encíclicas e pronunciamentos papais, naqueles anos. Vou mencionar, mais tarde, alguns desses fatos. A essa altura, no desenvolvimento da Comunidade, a visão de Churchill de uma Europa livre constituída de estados soberanos foi, em certo sentido, boicotada pelo Vaticano. O aspecto religioso da idéia européia ainda não tinha chegado ao conhecimento da visão pública (o que também, aparentemente, ainda não chegou). Deveria ainda continuar oculto nos bastidores, enquanto permanecia a ênfase de se conseguir uma unidade política sob um disfarce econômico. De fato, os esforços diplomáticos de paz do Vaticano, após a guerra, nem sequer eram conhecidos da maioria. Os olhos do público em geral estavam cegos demais para enxergar isso, focalizados na exploração espacial, na discussão do rearmamento em Berlim e na Guerra do Vietnã, para reconhecer a verdadeira significação da cruzada do Vaticano.

O ano de 1962 foi dedicado à Política Agrícola Comum, resultando na fixação de preço único no mercado europeu – mais um passo em direção à uniformidade. Naquele ano a *Technocrat Northwest* (Tecnocrata Noroeste) reconheceu a CCE como sendo, de fato, já muito mais do que simplesmente uma Europa economicamente unida, e comentou:

O Fascismo Europeu está quase renascendo na Europa, em respeitáveis trajes comerciais, e o Tratado de Roma será finalmente implementado ao máximo. Ainda não está morto o sonho de um Sacro Império Romano. Ele está retornando ao poder para dominar e dirigir as assim chamadas forças da humanidade cristã no mundo ocidental. Ele ainda pulsa através das antecâmaras de cada capital nacional da continental Europa Ocidental, por determinação dos líderes do Mercado Comum, a fim de restaurar o Sacro Império Romano com tudo o que isso significa. [Significativo é que este será o sétimo renascimento do Sacro Império Romano e na Bíblia o número sete é sempre definitivo.]

O Papa João XXIII visualizou um gigantesco estado religioso-político europeu, que ele chamou de "o maior superestado católico romano que o mundo jamais conheceu". Subseqüentes pronunciamentos e desenvolvimentos do Vaticano ratificaram essa visão. (Mais tarde o Núncio Papal em Bruxelas iria descrever a *União Européia* como "uma Confederação Católica [Romana] de Estados"). Unida dentro das antigas fronteiras do *Sacro Império Romano* pelo laço espiritual da religião, numa economia florescente e industrial, situada geograficamente no complexo industrial mais produtivo do mundo, a *União Européia* marcharia em direção à cena da história mundial – como disse João XXIII – como "a maior força humana exclusiva jamais vista pelo homem".

Os burocratas de Bruxelas têm dançado conforme a música de Roma, admitindo, em 1973, que o Vaticano tem usado a República Irlandesa contra as duas nações protestantes dirigidas pela voz do papa – a Dinamarca e o Reino Unido. Sabemos muito bem porque o Reino Unido levou tanto tempo para modificar o seu pensamento: juntar os europeus continentais significava a dramática retirada de uma tradição global de independência e democracia. Mas será que descobrimos o complô no sentido de minar a herança protestante da nação inglesa, cuja rainha é obrigada a defender a nossa fé? O Romanismo e o Republicanismo irlandês, os tradicionais inimigos de nossa maneira inglesa de viver, a qual está fundada sobre os princípios da liberdade protestante, poderiam novamente na história – agora sob o disfarce da experiência econômica – unir forças contra nós.

Contudo, desta vez, a gravidade da situação foi ampliada pela perfídia e traição de uma administração que se dobrou diante da ambição. Jamais na história da nação inglesa uma sucessão de governos britânicos se tornou tão anti-britânica, tão preocupada e cegamente engajada em vender os seus direitos de primogenitura aos estrangeiros, negando ao povo da Grã Bretanha e da Irlanda do Norte o seu direito a um *referendum* de autodeterminação. E não hesitaram em sacrificar o povo britânico, contra a sua vontade, através de um objetivo mal concebido e tolo de desentendimento politicamente fatal para aceitar uma união européia.

Após as primeiras eleições diretas ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, em 1979, a palavra "econômica" passou a ser sinistramente repetida em favor da descrição da *Comunidade Européia (CE)*. A Grécia se juntou em 1981, a Espanha e Portugal, em 1986, ano do *Ato Único Europeu*, o qual significou a gradual transferência dos poderes legislativo e judicial dos Estados membros para a instrumentalidade da *CE*. Desse modo, a Europa poderia fazer incursões políticas cada vez mais crescentes na soberania nacional dos países e a conspiração Londres/Dublin tentou forçar o povo britânico da Irlanda do Norte, através da clandestinidade e do terror, a formar uma Irlanda Unida sob o governo europeu, enquanto os políticos arrogantes e invertebrados, em Westminster, continuavam polidamente a entrar no jogo do inimigo, ou como o Dr. Paisley certa vez se expressou em metáforas: "a alimentar a fera em vez de exterminá-la".

Quando o infame Tratado de Maastricht sobre a união política da Europa foi assinado, em 1992, com o objetivo de transformar a *CE* em superestados federais – agora significativamente rebatizada como *União Européia (UE)*, muitos dos políticos eleitos em Bruxelas, inclusive os da Grã Bretanha, caíram nessa armadilha secreta.

Como a Grã Bretanha caiu nessa armadilha secreta

Duas décadas antes, em 1960, quando a Grã Bretanha fez a primeira tentativa de entrar no *CCE*, o historiador Arthur Briant havia feito uma admoestação que não foi ouvida: "dentro do

Mercado Comum, seremos uma minoria, numa organização na qual as decisões da maioria terão o poder de amarrar a minoria”.

Sir Arthur não poderia ter escolhido uma palavra mais adequada do que “amarrar”. Embora a Grã Bretanha tenha sido salva duas vezes de sua própria tolice pelo Pres. Charles de Gaulle, em 1973, ela não apenas se juntou, como se amarrou ao *Mercado Comum* e concordou em ficar amarrada através do Tratado de Roma. Até mesmo naquela época, os fundadores do *Mercado Comum Europeu* sabiam – mas tudo indica, não os britânicos – que, o **MCE** não era um clube ao qual se juntar, nem uma área de livre comércio com a qual se associar, mas um superestado (católico) em formação. Seus fundadores não tinham qualquer dúvida a respeito, mesmo que os políticos britânicos não estivessem a par – ou não desejassem estar – do objetivo final dos fundadores. Robert Schuman, enquanto estava preparando a *Comunidade Européia* do carvão e do aço, em 1950, havia dito: “*estes propósitos irão construir o primeiro fundamento concreto da Federação Européia*”. O Artigo 189 do Tratado de Roma é bastante claro sobre o que estava envolvido: “*Regras [...] estarão amarrando de todos os modos e diretamente aplicáveis [...] As diretrizes irão atar qualquer Estado Membro [...]. Decisões estarão atando de todos os modos [...]*”.

Infelizmente, poucas pessoas leram o Tratado de Roma, do mesmo modo como aconteceu com “*Mein Kampf*”, antes da II Guerra Mundial, e muitos, que melhor deveriam tê-lo conhecido, aceitaram as garantias de que nenhuma perda da soberania estava implícita no acesso à **CCE**. Olhando retrospectivamente, lamentamos que não o tenham conhecido. Após um quarto de século, durante o qual a **CCE** se desenvolveu e então se transformou em **CE** e depois em **UE**, a experiência deveria ter-nos ensinado o que deixaram de nos ensinar aqueles que estavam contra o *Mercado Comum*.

A **UE** logo adotou muitos símbolos de nacionalismo – um passaporte, uma bandeira, uma antena e uma moeda comum. Quando a **CCE** foi transformada em **UE**, a Grã Bretanha foi ainda mais acorrentada pelo pescoço e então ficou presa econômica, política e constitucionalmente a uma Europa, a qual sempre foi hostil à nossa maneira de viver. Na política econômica exterior ela se tornou gradativamente amarrada às instituições de Bruxelas. A **UE** rapidamente adotou os símbolos supra mencionados, daí indagarmos – Qual será o próximo? Uma religião estatal comum – o Catolicismo Romano? Na certa a *União Européia*, conforme atualmente constituída, ainda não atingiu sua forma definitiva. Vamos esperar para ver.

Mesmo após um quarto de século, ainda não é fácil entender como qualquer povo livre poderia consentir em ser escravizado, como o povo britânico está, por ter se amembrado à **UE**. Riqueza e poder – se esse é o objetivo da **UE** – não valem o preço da independência do povo britânico. Em todo caso não é o sucesso, mas o fracasso que tem sido adquirido por tão alto preço e como resultado dessa extrema voracidade. A Grã Bretanha tem-se comprometido progressivamente dentro de uma organização que tem deixado de cumprir as promessas que lhe foram feitas. Em 1962, a *Liga Anti-Mercado Comum* produziu um folheto intitulado: “*Grã Bretanha, não Europa*”, o qual argumentava que as esperanças de lucro econômico eram falsas e que a perspectiva de desvantagens seria perigosa, caso nos juntássemos à **CE**. O amembramento não apenas fracassou em sanar os males, que se supunha seriam sanados, como de fato até acrescentou muitos outros novos males – os preços dos alimentos que aumentaram no princípio, o dano na *Política Agrícola Comum*, a ruína das indústrias britânicas da pesca e da carne. Desde então, o *Ato Único Europeu* tem reforçado significativamente o princípio de que o Parlamento Europeu deveria progressivamente substituir o Parlamento de Westminster e reduzi-lo ao status de Concelho de Condado.

O *Ato Único Europeu*, sem dúvida, induziu em vários aspectos à exigência do Tratado de Roma, de que no Concelho de Ministros certas coisas exigem unanimidade de votação para o requerimento de uma única maioria qualificada de votação. Agora os ingleses são encarados com a perspectiva de maioria completa na votação e a perda do seu voto.

[*Prosseguindo em sua importante exposição do verdadeiro significado da União Européia, ou seja a conspiração (jesuíta) para destruir a soberania das nações, a fim de que seja criado um Estado Mundial Absolutista, sob a égide do Vaticano, diz o Professor Arthur Noble:*]

Afirmo que por trás da respeitável máscara da *União Européia* há uma conspiração para destruir a soberania britânica e realinhar todo o centro do poder mundial. Quais são a natureza e o propósito exato dessa *União Européia*, para cujo âmago o povo britânico tem sido puxado com gradual resistência? Afirmo, novamente, que por trás dessa respeitável máscara da *União Européia* encontra-se uma conspiração para destruir a soberania inglesa e realinhar o centro de todo o poder mundial.

[E quem vai exercer todo esse poder, senão o Vaticano, exatamente como na Era das Trevas? Só que agora mais informatizado, achatando os seus dissidentes com garras cibernéticas. Vamos esperar para ver...]

Deveria ser lembrado que, estrategicamente, o movimento em direção à unificação da Europa começou no tempo em que a Aliança Atlântica estava chegando ao fim, com o relativo declínio dos USA, tanto como poder econômico mundial, quanto como líder no Ocidente. A generosidade da América em favor do mundo reduziu suas riquezas e ela passou a carecer de séria mudança em sua estratégia global.

Emulações comerciais entre os USA e a Europa Oriental, há muito têm se tornado uma realidade e têm se movido do setor agrícola até as áreas tecnológicas. Também têm aumentado as dúvidas sobre a confiabilidade da "proteção nuclear" dos USA em favor da Europa Oriental. Uma subsequente redução das forças americanas, com a retirada das forças russas do Continente, seguida do colapso da União Soviética, tem corrido paralela às gradativas exigências de uma capacidade européia exclusiva de autodefesa. A força européia do exército e da polícia já existe em estado mais que simplesmente embrionário.

A manchete do *Daily Mail* de 20/07/94 resumiu a ostensiva cegueira britânica em relação ao perigo desses eventos. *"Admirável o apoio de Hurd... para maior rearmamento. Todo o poder para os alemães"*. *[Pelo visto, o Neonazismo está recrudescendo e as pessoas fecham os olhos ou enterram a cabeça na areia, como avestruzes]*. Entrementes, a tolice do governo britânico se estendeu ao fechamento de suas bases aérea e naval. E o Presidente Clinton abandonou as relações especiais com a Grã Bretanha, encorajando os alemães a desempenhar um papel mais ativo na política mundial, ajudando e apostando a favor do inimigo jurado, a saber, o Féin/IRA. Somente no futuro poderá ser revelada a extensão do mal causado pela facilitação financeira e propagadora de Clinton aos terroristas do IRA, como responsável pelo assassinato do povo protestante, que deve acontecer na Irlanda do Norte. *[E no mundo inteiro, Dr. Noble!]*

Os perigos inerentes ao Ato de 1986 foram reconhecidos pelo eminente autor e jornalista Paul Johnson, o qual tentou arduamente, despertar os britânicos de sua letárgica visão da *União Européia*, no *Times* de 23/06/86. Ele viu o Ato exigindo *"uma alteração fundamental na relação da Grã Bretanha com o Mercado Comum"* e ficou admirado como, apesar de tudo, esta *"não tenha despertado paixão alguma no Gabinete, nos Comuns e na Mídia"*. Foi, com efeito, o endosso de *"um tratado completamente novo, o qual deveria, propriamente, ter sido colocado a nível de equivalente significação àquele tratado original feito em Roma"*.

Contudo, o povo britânico, quer impelido ou inadequadamente informado, nada teve a dizer, preferindo ignorar as sérias implicações da assim chamada *"Nota (Emenda) das Comunidades Européias"*. Esta, diz Johnson, deveria mais acertadamente receber o título de *"Tratado da União Política Européia"*. Johnson indaga, ainda, *"por que a proposta legislação não foi apresentada ao Parlamento como um ato para criar um superestado europeu"*, visto como, disse ele, este vai *"transformar as relações entre os estados da Comunidade Européia numa União Européia e investirá essa União dos necessários meios de ação?"*. Sua explicação é significativa:

Fazer isso teria sido contar a verdade sobre o estabelecimento da CE e o nosso próprio governo sabia que a verdade seria muito mais difícil de ser engolida pelo público.

O Parlamento Britânico foi visivelmente enfraquecido, quando as instituições européias começaram a infringir a soberania britânica em toda uma gama de itens, desde os cinto de segurança até o espancamento de crianças. O ponto essencial do Ato foi abolir o veto nacional sobre uma porção de coisas da política social. Subseqüentemente, a legislação parlamentar intensificou e fortaleceu esse processo. Johnson havia predito, naquele tempo: *"dentro da área da*

legislação social a Grã Bretanha não mais terá capacidade de impedir futuras reduções de sua soberania, conquanto seja esta fundamental".

Tudo isso foi feito em nome da "democracia" prometida como objetivo desse Tratado. O sistema político e econômico que ele impôs não passa de um radical federalismo, uma armadilha tecnocrata oculta, fundamentalmente anti- democrática e anti-liberal.

O povo britânico tem continuado a ignorar nesse perigo a mais solene admoestação emitida por Paisley no documento da política DUP, a *Rendição de Maastricht* e o que esta significa para Ulster. Na época ele escreveu:

O que os países europeus não puderam conseguir pela força, através dos séculos – destruir a soberania do Reino Unido – agora estão conseguindo com o auxílio do próprio governo.

Somente através da incorporação do Reino Unido a um superestado europeu, contrapondo-se à visão de Churchill de uma Europa constituída de estados soberanos em mútua cooperação, poderia essa política ter tido sucesso. Que o chamem de federalismo ou centralismo: o princípio está essencialmente contido no eurojargão "subsidiaridade", um conceito que o Dr. Paisley nos lembra ter sua origem no dogma católico romano e mostra o retrocesso de certos poderes à prática de se entregar aos objetivos de um poder supremo, conquanto pressupondo que ainda controlam todo o poder.

Implicações na Defesa

As implicações para a defesa britânica são sérias demais. A história da Europa demonstra claramente que a Grã Bretanha só está segura enquanto nenhum poder ou grupo de poderes, no continente, pode obter uma supremacia que o possibilite atacá-la. Sempre que na prática todo o continente foi governado por um Poder, a Grã Bretanha perdeu sua liberdade. O exemplo mais claro foi a supremacia da Roma antiga sobre a maior parte da Europa. Esta supremacia conduziu inevitavelmente à invasão da Grã Bretanha, sob a alegação de César de que os bretões haviam ajudado os gauleses contra Roma. A partir daí vieram séculos de servidão nacional ao papa. A lição aprendida com a conquista romana jamais foi esquecida pelo povo britânico. Desse modo, quando a Espanha, a França e a Rússia (cada uma por sua vez) tentaram obter a supremacia da terra na Europa, e quando a Holanda fez isso no mar, cada uma dessas nações se voltou contra a Grã Bretanha e a cada uma a Grã Bretanha evitou conseguir a supremacia, a qual, sem dúvida, teria colocado em perigo a existência nacional do Reino Unido.

A apreensão de toda a Europa pelo sistema napoleônico europeu, no sentido de esmagar o continente, é outra lição. Elementos socialistas e pacifistas tiveram sua vez entre as duas guerras mundiais, a despeito das desprezadas admoestações de Sir Winston Churchill, e os ingleses confiaram tanto na política da segurança coletiva que cegamente se desarmaram, quase ao ponto de um suicídio nacional.

A sorte da aliança franco-britânica da II Guerra Mundial, quando a Inglaterra ficou sozinha no mundo para enfrentar sua "melhor hora" (que poderia ter sido sua última hora, se não fora pela graça de Deus) é mais um caso a ser mencionado.

Hoje, os velhos conspiradores têm reaparecido sob o disfarce econômico, ilustrando perfeitamente a admoestação do Dr. Paisley de como uma mudança de táticas pode obscurecer o verdadeiro objetivo a ser alcançado – o objetivo oculto.

A história tem ensinado, consistentemente, à Grã Bretanha que a sua segurança repousa na ajuda em favor das nações mais fracas da Europa, contra as mais fortes. Contudo, hoje a Grã Bretanha, através de suas políticas européias, está apoiando ativamente as nações mais fortes. E a ameaça colocada pelo *Sacro Império Romano* emergente tem sido muito desconsiderada. Não contente com a progressiva venda da soberania do Reino Unido a Bruxelas, o governo principal tem se preocupado em dismantelar as defesas do mesmo, através de substanciais reduções de suas bases aérea e naval. O governo Tony Blair tem continuado com essa política. Uma reportagem publicada pelo *Instituto para Estudos da Defesa e Estratégia*, em outubro de 1994, criticou severamente o governo pelos "cortes na defesa que ele sabe que não deveriam ter sido feitos", descrevendo o princípio de enfraquecer diante de nossos aliados da OTAN "uma possível

interpretação generosa da segurança nacional". A reportagem admoesta especificamente sobre a tolice na redução de tropas na Irlanda do Norte e pergunta: *será que o IRA realmente entregará o seu arsenal de guerra [...] seus 650 rifles semi-automáticos, seus 40 disparadores RPG de granadas, seus milhões de cargas de munição [...]?* *Será que ele não quer se comprometer, no caso da luta recomeçar?*

Os eventos de Ulster são, em verdade, um comentário sobre a crise crescente dentro do Reino Unido, como um todo. O cínico desprezo pelo patriotismo, o escárnio pela vontade democrática, a progressiva desintegração dos direitos constitucionais da Grã Bretanha, pelo que Michael Portillo claramente descreveu como: *"a corrupção de Bruxelas"*, e acima de tudo, o abandono da doutrina cristã bíblicamente embasada por parte das igrejas, todos estes e outros sintomas são facetas de uma doença espiritual, a qual nos empurrará, irreversivelmente, para o grande pesadelo europeu, caso não seja controlada.

Visto por esse prisma, o papel da campanha Féin/IRA contra a Grã Bretanha, no contexto europeu, se torna claramente óbvia. Eles não são lutadores livres, de modo algum, mas advogados e facilitadores de uma Europa "imperialista". Como diz uma carta enviada há algum tempo atrás ao editor da *Carta de Notícias de Belfast*: o Sr. Adams iria ser repetidamente questionado em sua declaração de que o Ato Único Europeu *"colocará toda a Irlanda sob o controle imperialista"* (especialmente com Eire tendo tido a presidência prévia desse movimento imperialista). Jamais ouvimos essas palavras sendo repetidas, visto como não coincidem com a agenda então em andamento.

O que me conduz ao assunto da religião é a pergunta: que aspectos adicionais da soberania nacional da Inglaterra são visualizados para a entrega dessas emendas no Tratado? Será que uma tentativa para a unidade religiosa não acontecerá no despertar da unidade financeira e política, nesta nova Europa "imperialista"? Além de tudo, não é essa a propalada visão do Papa JP2, quando ele fala sobre a unidade europeia em todos os seus inúmeros discursos de propaganda, que já chegam a mais de 60? Sua mensagem tem sido consistentemente que a identidade europeia se torna *"incompreensível sem o Cristianismo"* (por Cristianismo ele quer dizer Catolicismo Romano). Em outras palavras, sua visão da unidade europeia está baseada no princípio da forte influência do Vaticano sobre os governos políticos, exatamente como acontecia na Idade Média. Os desenvolvimentos na Europa não são planejados para terminar simplesmente numa união econômica e política. O visualizado superestado europeu planeja ir mais longe, embora, como tem sido a característica dos seus planos e táticas, nenhuma menção formal do próximo passo tenha sido apresentada, até agora, em qualquer um dos tratados. É claro que o palco já está pronto e muito bem montado para a grande revolução política e religiosa jamais presenciada pela história da humanidade. Tragicamente, a indiferença generalizada por parte dos líderes nacionais e, especialmente, dos líderes das igrejas estabelecidas, indica estarem eles completamente ignorantes desses desenvolvimentos ou, quem sabe, até em cumplicidade com esse maligno desígnio. A última explicação se aplica claramente aos líderes da igreja em particular e é exatamente aqui que se encontra a significação do Movimento Ecumênico em sua relação com o ideal da *Unidade Europeia*.

Nos últimos 75 anos os papas têm feito cuidadosos planos para criar essa organização, a qual tem por objetivo reclamar todas aquelas regiões da Europa que foram arrancadas de Roma pelo grande Cisma do Século XI, pela Reforma Protestante do Século XVI e, mais recentemente, pela comunização da Europa Oriental. Antes de sua morte, em 1903, o Papa Leão XIII já havia encorajado os governantes políticos a se postarem ao lado Igreja de Roma, com toda a lealdade: *"Aos príncipes e demais governantes de estado oferecemos [isto é, historicamente] a proteção da religião [católica romana]. Nosso objetivo presente é fazer com que os governantes entendam que essa proteção que está mais forte do que nunca lhes é novamente oferecida [...]"*. É esse mesmo princípio que o Vaticano está oferecendo aos governantes de hoje, caso se submetam às suas exigências e voltem ao rebanho do papa.

Num discurso feito no Parlamento Europeu, em maio de 1985, este papa eslavo (JP2), cuidadosamente escolhido, apelou para uma intensificação na busca de uma unidade europeia e se adiantou no sentido de eliminar a divisão Leste Oeste. Falando das duas Europas (Oriental e Ocidental) ele designou Metódio e Cirilo, os dois santos padroeiros, que levaram o Cristianismo ao

mundo eslavo, no Século XIX – como santos padroeiros da nova Europa. Em 26/06/1985, o *Wall Street Journal* falou sobre a importância simbólica da escolha de dois missionários para os povos eslavos, como delineando claramente a visão do papa JP2 de uma Europa unida. [*Estes dois "santos" católicos – Metódio e Cirilo - haviam sido os mesmos padroeiros escolhidos por Monsenhor Tiso, o Premier da Eslováquia Católica, para o Estado Corporativo Católico premeditado pelo Vaticano, com a divisão da Tchecoslováquia, na época da II Guerra Mundial (1943). Isso mostra que o sonho de um superestado está quase realizado pelo Vaticano e até os padroeiros são os mesmos daquela época.*]

Tudo indica que o Romanismo pode estar de novo erguendo a sua cabeça como a única força que tem constantemente empestado a história e a política da Europa e também conduzido uma infame campanha contra a Grã Bretanha protestante, durante os últimos quatro séculos.

Otto von Habsburg, herdeiro do trono austro-húngaro, descendente da família que governou o Sacro Império Romano, numa sucessão quase inquebrável, de 1273 até 1806, está sonhando com o retorno aos dias passados do Vaticano, quando este exercia sua maléfica influência sobre a maior parte da Europa. Ele advoga a criação de um superestado europeu moderno, como sendo o único meio para se atingir esse objetivo, laborando sobre o conceito da Europa se transformar numa grande entidade ultra nacional.

Ele afirmou no Parlamento europeu, em 1989: "*a Europa está vivendo amplamente pela herança do Sacro Império Romano, embora a grande maioria [...] não saiba*". Ele frisou como "*o elemento religioso cristão*" (por cristão entenda-se católico romano) desempenha um "*papel absolutamente decisivo na herança européia*". Como o papa, ele fala de uma "*obrigação*" [*...*] *de repensar a Europa a níveis cultural e espiritual*" e acrescentou, como medida aos seus ostensivos objetivos antidemocráticos: "*quer isso agrade ou não aos líderes*". Nos países católicos romanos do Continente, cresce a nostalgia dos antigos sistemas, especialmente do Império Austro-Húngaro da Europa Central – o principal estado sucessor do Sacro Império Romano. Significativamente, *O Independente*, de 11/01/87, observou: "*O espírito da Europa Central tem voltado para nos visitar ou talvez nos tentar*".

Existem, de fato, significativos paralelos entre o sistema religioso romano e o princípio político subsidiário. Visto como nenhum membro da Igreja de Roma pode questionar as doutrinas da hierarquia, assim também às nações da Europa tem-se pedido que aceitem o ditado de Bruxelas, através da gradual erosão do seu direito ao veto. E, conforme a Igreja Romana interpreta, decide e faz tudo, assim também o planejado superestado europeu deseja o controle autocrático das vidas de todos os que são forçados a se tornar seus cidadãos. Isso indica muito claramente uma estreita relação entre a religião e a política na estrutura da *União Européia*.

O plano de Roma decretando um sétimo reavivamento político e religioso mundial do Sacro Império Romano foi anunciado pelo Papa Pio XII, nos idos de 1952, numa transmissão de Natal, quando ele visualizou "*uma ordem cristã, somente através da qual é possível garantir a paz. A esse objetivo os recursos da Igreja estão agora dirigidos*". Este papa arrogante, falso e fanático, que levou Hitler ao poder, abençoou as tropas de Mussolini, quando estas foram massacrar os inocentes negros da Abissínia, e foi cúmplice maior da Ustashi Nazista na Iugoslávia, no massacre de quase um milhão de sérvios ortodoxos e na conversão forçada de 750 mil ao Catolicismo Romano. Em fevereiro de 1952, ele exortou os fiéis de Roma: "*o mundo inteiro precisa ser reconstruído a partir dos seus fundamentos*". Os planos para essa gigantesca tarefa sobre os quais o mundo pouco sabe, foram, logo em seguida, conduzidos secretamente pelos diplomatas do Vaticano. O conceito de um superestado católico romano europeu, o qual está emergindo agora na Europa, seria o primeiro passo para dominar o mundo inteiro.

A conspiração agora já está muito avançada. O falecido Enoch Powell referiu-se, no *Evening Standard*, de 02/12/1987, a um "*profundo e novo arranjo agora acontecendo*", envolvendo a "*dissolução do Tratado do Atlântico Norte com a confrontação do Pacto de Varsóvia*", daí resultando uma composição que iria "*reaparecer como uma paisagem submersa, revelada após ter passado o dilúvio, nos velhos moldes, a qual as gerações anteriores não teriam dificuldade alguma em reconhecer [...] seu nome antigo era Sacro Império Romano*". Significativamente, a metáfora lembra tremendamente a profecia de Apocalipse 17:8 que diz: "**A besta que viste, era**

e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá”.

Mais uma vez o Vaticano reconhece que os seus objetivos só poderão ser alcançados através de uma organização internacional, a qual tem dentes de ferro, para esmagar a oposição. Em sua mensagem natalina de 1944, Pio XII falou: *"esta organização será investida, por consentimento comum, de suprema autoridade e de todo o poder para sufocar em seu estado embrionário qualquer ameaça de agressão isolada ou coletiva"*. Encobrendo a natureza militarista da organização visualizada, Pio XII acrescentou em 1951: *"[...] O desarmamento não é uma garantia estável de uma paz duradoura"*.

Isso nada tem de novo nas táticas de Roma. Desde o *Complô da Pólvora*, até o momento, os papas de Roma têm simplesmente andado cautelosos em razão da tecnologia avançada [*a fim de usá-la a favor e não contra os seus objetivos*]. Nada há de novo nos objetivos do Vaticano. Da época do Complô da Pólvora até hoje, esses objetivos são dirigidos à destruição do Parlamento Britânico e à subjugação do Protestantismo e de qualquer outra forma de oposição [judeus, ortodoxos, liberais, socialistas, comunistas, etc.]

O iníquo *Movimento Ecumênico* e o seu avanço [disfarçado de genuíno processo conciliatório] é, em verdade, um fronte paralelo à estratégia da batalha secreta de Roma, dentro da nova Europa [*é uma espécie de guerra fria religiosa, em que os dissidentes do Romanismo se debatem, procurando, em vão, um meio de escapar ao pesadelo*]. Nos passados anos 60, o Cardeal Augustin Bea, presidente do *Secretariado do Vaticano para Promover a União das Igrejas*, deixou isso totalmente claro:

A Igreja seria gravemente mal compreendida em que a sua semelhança de aventura ecumênica e opiniões significassem que ela está preparada para reexaminar suas fixas posições dogmáticas. Nenhuma concessão em dogma pode ser feita pela Igreja em favor da unidade cristã.

Em seu livro *"Catholic Terror Today"* (O Terror Católico Hoje), o escritor britânico Avro Manhattan [*especialista nos assuntos do Vaticano, sobre o qual escreveu 20 livros importantes*], assim descreve a revolução ecumênica: *"embora aparentemente enganosa [...] nada mais que um cavalo de Tróia, através do qual o poder católico se vestiu de trajes contemporâneos para continuar a se firmar efetivamente, como sempre o fez"*. O evangelista americano Dr. Haan chama o *Movimento Ecumênico* de *"a peça mais astutamente planejada de engano religioso que já foi impingida ao mundo desprevenido"*.

Esse *Movimento* está tão estreitamente ligado ao objetivo da *União Européia* que podemos inventar o vocábulo *Eurocomenismo* para descrever essa conspiração. Na época das primeiras eleições européias, o ardente político católico pró União Européia, Shirley Williams, associou claramente a visão da Europa com o objetivo de sua Igreja de assumir a autoridade política e religiosa sobre a vida de todos e de vários:

Seremos anexados à Europa, na qual a religião católica será a fé dominante e na qual a aplicação da doutrina social católica será o fator principal, no dia a dia da vida política e econômica do continente.

Não há muito tempo, o *Times* comentou: *"A alma da Grã Bretanha está sendo exigida por Roma, numa chamada católica às armas... o Catolicismo do próximo século poderia ser reorganizado como a fé predominante na terra"*. Agora temos um Primeiro Ministro que promove ativamente o Romanismo e no *Catholic Herald Standard* constava, recentemente, um artigo intitulado *"O Primeiro Ministro 'muito chegado' ao Catolicismo"*, onde também é dito que ele confessou essa aproximação com o Arcebispo Bonicelli, enquanto esteve de férias, em Siena. Não é de admirar, após ter dito que o *Labour* iria "esperar para ver" sobre a moeda única, que o seu governo esteja agora promovendo ativamente a união monetária num superestado federal, a qual destruirá toda a independência financeira e, portanto, a independência política de cada nação européia... [*e, sem dúvida, de todo o Ocidente*].

Historicamente, o conceito de nação-estado foi um anátema para o Vaticano, cujas táticas têm sido sempre *roubar a soberania e o nacionalismo das nações*, reduzindo-as a meros estados ou província de uma única nação-estado européia por ele controlada, mesmo subdividindo-a,

internamente, no que venha a ser útil aos seus propósitos. O objetivo atual do Vaticano não mudou – recriar uma Europa novamente medieval de pequenos estados sem eficácia, os quais ele poderá dominar facilmente.

O mapa da Europa já está ficando ostensivamente semelhante àquele que existia antes da I Guerra Mundial. A dissolução da monarquia de Habsburgo, após a guerra, tornou possível a criação de nações-estados soberanos independentes, em seu antigo território, tais como a Tchecoslováquia, a Iugoslávia e a Hungria. Como a Tchecoslováquia foi dividida, recentemente, em dois estados constituintes, assim também a Iugoslávia está se desintegrando violentamente num vis-a-vis de suas províncias, e a Hungria também ameaçando dividir-se, em regiões étnicas, as táticas familiares e inconfundíveis de Roma se tornam cada vez mais discerníveis.

A história está se repetindo de maneira particularmente óbvia na Iugoslávia e na Tchecoslováquia. Em 1917, o Núncio Papal em Munique, Eugênio Pacelli (mais tarde Papa Pio XII), negociou secretamente com os alemães no sentido de conseguir a “paz papal sem vitória”, a fim de salvar, tanto a Alemanha como a papista Áustria-Hungria, da derrota, para levar ao estrangulamento as duas emergentes nações estados: a Iugoslávia, na qual os católicos romanos se tornariam minoria, dominados pelos sérvios ortodoxos, e a Tchecoslováquia, onde iriam dominar os protestantes hussitas e os liberais. Depois que o plano fracassou, o padrinho do nazismo, Pio XII, resumiu a conspiração, a fim de atingir o objetivo de toda a sua vida, que era destruir a Igreja Ortodoxa da Sérvia (sua rival religiosa), objetivando abertamente a desintegração da Iugoslávia – o pré requisito para alcançar esse objetivo. Seu plano era desligar a Croácia católica romana do governo da Sérvia ortodoxa e criar um estado religioso independente para, futuramente, estabelecer ali um reino católico romano nos Balcãs. [*Para conseguir esse objetivo milhares de sérvios inocentes foram trucidados na Croácia, fato que o mundo não ficou conhecendo porque foi camuflado pela mídia internacional, controlada pelo Vaticano, conforme diz o escritor britânico, Avro Manhattan, em seu livro "The Vatican's Holocaust"*].

Sinistramente, a planejada destruição da Iugoslávia foi realmente conseguida. O líder russo da oposição – Vladimir Zerenovski – reconheceu e descreveu, recentemente, a separação da Croácia do Estado da Iugoslávia, legalmente constituído como “*uma conspiração do Vaticano*”. Por outro lado, a máquina da propaganda romanista, que se infiltrou na mídia europeia, sempre tem apresentado falsamente a Sérvia, antiga aliada da Grã Bretanha, como a grande agressora [*e o presidente Milosevic como um segundo Hitler*]. As atrocidades croatas são convenientemente ignoradas como têm sido, também, aquelas cometidas pelos padres da Ustashi, no período nazista.

O sonho do Vaticano de desligar a Eslováquia católica romana e assim dividir a Tchecoslováquia, agora também se materializou [*provavelmente abençoado pelos dois "santos" padroeiros, Metódio e Cirilo*]

Táticas semelhantes estão sendo empregadas no caso da Irlanda do Norte. O objetivo secreto de Roma é desligá-la do Reino Unido e reduzir a sua maioria protestante à minoria, destruindo, ao mesmo tempo, o Reino Unido como uma nação-estado e erradicando, assim, os protestantes da Ilha da Irlanda.

A Polônia também foi completamente romanizada de novo através do conluio do Vaticano com o Movimento Solidariedade, cujo líder, Lech Walesa, um fervoroso católico romano, depois se tornou o presidente desse país. A significação da eleição de um papa polonês é óbvia demais para ser mencionada. A recente história polonesa mostra que até mesmo os países onde os católicos romanos são maioria, podem ser boicotados por Roma. O Vaticano laborou ativamente, durante séculos, contra a independência da Polônia dos czares, fato que inspirou ao grande poeta nacionalista polonês Julius Slowacki, a famosa admoestação: “*Polônia, a tua maldição vem de Roma*”.

A ex-União Soviética desintegrou-se em pequenos estados, alguns dos quais, inclusive a Ucrânia, possuem grandes populações católicas romanas. E o Vaticano agora está objetivando outros alvos – particularmente os países protestantes da Escandinávia. A democrática Suíça, a terra de Zwinglio e Calvino, foi deixada para o final. Aí então já terá sido literalmente cercada [*e mais facilmente se renderá*].

Será que os nossos líderes estão cegos ao que está acontecendo na Europa ou, então, são assim tão estúpidos e por isso têm colaborado conscientemente?

Em seu livro *Power Beyond The Market* (O Poder Além do Mercado) – *Europa 1991* – cujo título é por si bastante significativo, Otto von Habsburg deixa sair do saco o gato, ou melhor, a besta Vaticano:

Qualquer dia destes as Europas Central e Oriental hão de nos pertencer. A vocação para a autodeterminação da Lituânia, (na União Soviética) até a Croácia (na Iugoslávia), está além do que hoje se sabe, de modo que até mesmo os adversários de uma Europa maior não possam ignorá-lo. Significativamente, estas duas regiões, bem com a Polônia e a Hungria, são fortemente católicas romanas.

Contudo, o engano repousa na frase “autodeterminação”, princípio completamente hostil ao Romanismo, conforme evidenciado pela sua tentativa de remover o inalienável direito do povo britânico e da Irlanda do Norte. A Croácia, a Lituânia, a Polônia e a Hungria apenas passaram da ditadura do Comunismo para a ditadura do Romanismo.

O Papa João Paulo II, sintomaticamente, chama a Europa Oriental de “*Aquele outro pulmão de nossa terra natal européia*”. Ele disse no Parlamento Europeu, em 1988, que o seu desejo era que a Europa pudesse “*um dia expandir as dimensões a ela concedidas pela geografia e, acima de tudo, pela história*”, evitando, enganosamente, a palavra “religião”.

Passaram-se anos de conspiração secreta para avançar rumo ao objetivo de unificar a Europa sob a doutrina romanista. Preparações para a unidade religiosa da nova Europa foram feitas pelo Vaticano, mesmo antes do final da guerra. Por não terem sido reconhecidas antes, muitos danos têm sido causados e resultaram na absorção de milhões de protestantes nominais pelo rebanho católico romano, antes que eles até mesmo verificassem o que estava acontecendo. Muitas igrejas nominalmente protestantes já desistiram da sua fé da Reforma.

Adrian Hilton publicou um brilhante estudo – *O principado e o Poder da Europa*, com o subtítulo – *A Grã Bretanha e o Sacro Império Europeu Emergente*. Todo patriota britânico e todo cristão deveria lê-lo. Foi publicado pela Dorchester House, em 1997. Hilton expõe a Europa emergente como uma conspiração do Vaticano e liga-a ao *Movimento Ecumênico*. Ele menciona como o Catolicismo Romano tem uma forte tendência em direção ao centralismo e visualiza-o como inteiramente necessário para as nações e igrejas individuais em uma restituição maior, sob a desculpa de evitar futuras guerras e unir o testemunho cristão. Contudo, os valores espirituais da Igreja de Roma, bem como o seu concebido direito de governar os assuntos temporais do mundo e o seu papel na política mundial, constituem uma atitude alheia às tradições bíblicas protestantes da Grã Bretanha, que têm mais de 400 anos. Aclimatar-nos hoje em comprometedor Ecumenismo levar-nos-ia a crer que ambos podem coexistir, embora as leis e constituições do Reino Unido sejam diametralmente opostas às leis européias. Uma terá de submeter-se à outra.

Em 1953, ao ser coroada, a Rainha firmou um pacto de “*governar os povos do Reino Unido de acordo com as suas leis e costumes*” e “*manter a religião protestante reformada estabelecida por lei*”. Ambas as coisas têm sido negadas pelo processo da mais profunda integração européia. Num continente em que 61 milhões proclamam possuir uma herança protestante e 199 milhões professam ser católicos romanos, é simplesmente impossível manter o Protestantismo, através da lei democrática. A constituição protestante do Reino Unido tem sido desde muito tempo um forte desafio contra os desejos de Roma de “evangelizar” a Grã Bretanha, à qual o papa se refere como “*Mary’s Dowry*” (o dote de Maria), seu por direito. O Vaticano reconhece que a derrota do Protestantismo aqui iria enfraquecê-lo em toda a Europa, e este tem sido o seu objetivo, desde a Reforma. Todas as investidas militares contra a Grã Bretanha, desde a Armada Espanhola até a II Guerra Mundial, foram manifestos fracassos, exceto as táticas modernas de inclusão, erosão e produção de frutos.

O *Catholic Herald* declarou recentemente: “*os dias da Igreja Anglicana estão contados e a maioria dos seus adoradores voltará à verdadeira fé dos seus distantes antepassados medievais*”. É quase o cumprimento simbólico daquela profecia de que a moeda de 20 pence da colônia inglesa de Gibraltar, emitida pelo Parlamento e aprovada pela “Rainha”, contém uma gravação de Maria coroada como a Rainha do Céu com o título de “*Nossa Senhora da Europa*”. A cabeça da Rainha na

outra face tem a simples inscrição: "Elizabeth II – Gibraltar", sem os seus títulos de D.G., REG., F.D. – Rainha pela graça de Deus, Defensora da Fé. Tão portentoso como o simbolismo católico romano, o selo britânico emitido em 1984, para comemorar a segunda eleição do Parlamento Europeu foi mais longe. Eles pintaram uma mulher cavalgando uma besta sobre sete montes ou ondas. Essa imagem tem uma semelhança chocante com a passagem do Livro de Apocalipse 17:1-7, a qual uma sucessão de teólogos, de Wycliffe até Spurgeon, tem identificado como representando a Roma papal.

A idolatria do Catolicismo Romano é endêmica na Europa e tem sido cordialmente abraçada pelo governo europeu. O desenho da bandeira europeia foi inspirado pelo halo de 12 estrelas sobre a imagem da Madona, e aparece com destaque nos vitrais da janela do Concelho da Europa, na Catedral de Estrasburgo. A janela foi apresentada ao mundo em 11/12/1955, coincidindo com a festa católica romana da Imaculada Conceição de Maria, que é comemorada em 08 de dezembro.

[...] Estrasburgo é uma cidade que simboliza o sonho da integração franco-germânica – o coração do Império de Carlos Magno. [...] Também a esse respeito, embora alguns imaginem tratar-se de uma coisa engraçada, um católico inglês enviou uma carta a Jacques Delors, com a sugestão de que a UE seja dedicada à "Bendita Virgem Maria". Ele havia presumidamente notado que Delors tem sido responsável, pela bandeira europeia com o seu inconfundível simbolismo mariano mostrando o círculo de 12 estrelas num pano de fundo azul. O funcionário do escritório particular de Delors, responsável pelas relações do Presidente da comissão com a Igreja Católica, explicou que a sugestão foi gratamente recebida, mas que o Presidente não se sentiu com autoridade para responder afirmativamente. Será que foi porque essa decisão precisava ser colocada diante do Concelho Europeu ou do Parlamento, ou até mesmo dos povos da Europa, através de um *referendum*? Infelizmente, não. A explicação veio, quando o Presidente declarou que havia levado a sugestão ao Santo Padre. Se depois de uma consideração através da oração, o Santo Padre a considerar apropriada, Delors fará todo o possível para melhorar a mesma. Será esta uma indicação de que são as reais instituições espirituais que estão governando a Europa? Como, graças a Deus, nada mais foi dito sobre este assunto, supomos que o papa não tenha gostado da idéia [*que provavelmente foi arquivada para futuras referências*].

O Papel das Instituições Europeias

Eu pretendia falar sobre as instituições europeias, mas não há tempo. Preciso concluir rapidamente:

... O Vaticano é o movimento principal por trás da conspiração europeia. Se pareço ter me desviado do assunto para falar de religião, isso é porque, como espero ter demonstrado, o Vaticano é o principal organizador dessa conspiração. Deixem-me repetir que o povo britânico foi enganado, desde o princípio, sobre este assunto. O fato de proclamar a Europa como livre área de comércio com nações-estados soberanos, exigindo um custo insignificante de membresia foi um disfarce para a organização de um superestado político-religioso. As várias instituições e organizações desse superestado embrionário já se apossaram da soberania da Grã Bretanha, a tal ponto que estão reduzindo o Parlamento Britânico ao status de um proclamado Concelho de Condado. O *Daily Mail* de 09/05/1996 colocou isso de maneira sucinta:

Nossas leis agora são inúteis. Quinze juizes em Luxemburgo – só um deles britânico – são agora os árbitros supremos da lei britânica. Eles baseiam suas decisões na lei romana, desconhecida neste país desde que Roma foi expulsa do mesmo. A corte europeia de justiça tem se intrometido cada vez mais em nossa vida, a fim de garantir que o Parlamento Britânico já não seja soberano, até mesmo quando nossos interesses nacionais e a nossa segurança estão envolvidos.

As diretrizes da *União Europeia* estão sabotando os negócios da Inglaterra. A indústria britânica finalmente está despertando para o verdadeiro preço do *Mercado Comum da União Europeia*, lutando para concordar com as 20.000 diretrizes e regulamentos que fizeram de Bruxelas a maior fabricante de leis do mundo.

O movimento em direção à união monetária e à moeda única precisa ser detido. Em recente debate com Mr. Lammers a respeito da moeda única, Normal Lamont disse que se opunha à mesma, por conhecer plenamente qual era o seu propósito: *É uma parte da unificação política, conforme dissemos muitas vezes.* O chefe executivo de Bundesbank (Banco Federal), Dr. Issing, disse recentemente: *Não há na história exemplo de duradoura união monetária que não esteja ligada a um estado único.* O Dr. Tietmayer, Presidente do Bundesbank, disse: *Uma moeda europeia conduzirá as nações, a transferir para a política financeira e salarial, bem como os assuntos monetários, a sua soberania. É ilusão imaginar que os estados possam manter sua autonomia sobre políticas de impostos.* Bill Cash tem advertido que a união monetária ameaça até mesmo a execução da lei na Europa.

Uma moeda única seria gerenciada por um Banco Central com poder para melhorar a política financeira da *União Européia*. Se o Reino Unido abandonar a sua libra esterlina e assinar compromisso com a união monetária, este será o último passo em direção à completa destruição de sua soberania nacional.

O que é igualmente inaceitável é usar a maioria da votação para conseguir a política governamental europeia. A maioria na votação causa irresponsabilidade porque os ministros estarão sem direito ao voto no Concelho. Portanto não serão contados em suas decisões para os seus parlamentos nacionais e o próprio Concelho não fica responsável por qualquer eleitorado ou Parlamento. A maioria na votação corta o elo entre quem vota em um estado membro e aquele que fabrica a lei, o que significa uma pedra de tropeço para qualquer democracia. Ao tempo em que votou pelo *Ato Único Europeu*, Bill Cash colocou uma emenda que dizia: *"Nada neste ato deve minar a soberania do Parlamento do Reino Unido"*. Essa emenda não foi aprovada. Os parlamentos nacionais, como expressão de sua soberania nacional, são a pedra fundamental de toda democracia.

Se não orarmos e se não agirmos, mais uma vez Roma triunfará no sentido de estabelecer o seu maligno sistema no Reino Unido. Quando William Tyndale, capturado e queimado em 1535 pelos papistas belgas, por ter ousado traduzir o Novo Testamento, soltou seu grito ao morrer: *"Senhor, abre os olhos do rei da Inglaterra"*, a eventual e poderosa resposta de Deus veio na forma da *Versão Autorizada de 1611 – a Bíblia King James*. Ela veio para que a Grã Bretanha protestante espalhasse o evangelho de Jesus Cristo pelo mundo inteiro e detivesse o poder de Roma. Estou certo de que temos à frente, mais uma vez essa nova tarefa divina. Já não podemos mais confiar em nossos líderes políticos e nem mesmo na família real para carregar a tocha da verdade bíblica. Então vamos fazer esta oração: *"Senhor, abre os olhos da nação britânica"*.

Capítulo 11

Lustiger - Um Papa Judeu?

Jean-Marie Lustiger, Cardeal de Paris, celebrante das missas da elite parisiense, na Catedral de Notre Dame, é um forte candidato ao "Trono de Pedro", como sucessor do Papa JP2.

Lustiger nasceu em Paris, em 1926, filho de imigrantes judeus poloneses, tendo recebido o nome de Aaron Lustiger. Quando eclodiu a II Guerra Mundial, o adolescente Lustiger, com 13 anos de idade, foi adotado por uma família católica romana, que o catequizou, levando-o a converter-se, aceitando o batismo católico, no ano seguinte.

Lustiger jamais desprezou suas raízes judaicas, tanto que, anos depois, quando foi criado o Estado de Israel, ele se tornou um grande colaborador financeiro do mesmo.

Elie Wiesel, Prêmio Nobel da Paz, declarou em sua autobiografia *"And the Sea is Never Full"*, o seguinte: *"Em Lustiger a evidente sinceridade parece torná-lo vulnerável e profundamente acessível. Ele insiste em permanecer judeu até à morte, mesmo quando eu lhe disse que isso parece impossível, diante de nossas leis e costumes."*

O jovem Lustiger foi testemunha das atrocidades nazistas cometidas contra o seu povo, tendo sua mãe perecido em um dos fornos crematórios de Auschwitz. Contudo, ele tem uma perspectiva pessoal diferente a respeito da intervenção católica, durante a II Guerra Mundial.

Usando uma frase de Shakespeare, do *"Discurso de Antônio aos Romanos"*, ele diz que *"The evil that men do lives after them. The good is often enterrred with their bones"* " (O mal que os homens fazem vive depois deles. O bem é sempre enterrado com seus restos mortais) e que ele *"prefere se lembrar das pessoas que o ajudaram a cruzar a linha divisória ... daquelas que o preveniram contra uma próxima detenção... Das que o acolheram sem fazer perguntas e das que nele confiaram e jamais o traíram"*.

Diz ele que, mesmo sendo um judeu católico, o que mais conta é ser ele um cidadão francês. Lustiger é um intelectual francês de vanguarda, poliglota de vasta cultura, que não teme adentrar as profundezas da Filosofia, tendo se tornado capelão da famosa Universidade Sorbone de Paris, em 1954, quando tinha apenas 37 anos de idade. Lá permaneceu durante toda a década seguinte, como Diretor do "Centro Richelieu", na fase mais aguda da guerra pela independência da Argélia, da derrota da França no Vietnã, da afluência da cultura americana, que inundou Paris, bem como das passeatas de protesto das massas parisienses, nas ruas da capital.

Lustiger encara, pacificamente, todo tipo de modismos no mundo político, afirmando que, tendo presenciado a ascensão e queda do Nazismo, do Comunismo/Marxismo, a ascensão do Capitalismo, e da moderna Social-Democracia, aprendeu a ver esses modismos globais, sempre a longo prazo, como costumam fazer os seus confrades jesuítas.

O Cardeal Lustiger costuma fazer blagues com assuntos bíblicos. Ele declara, por exemplo: *"Jesus Cristo não possuía um bom escritório de "Relações Públicas" e talvez por isso foi levado à cruz"*. Pelo visto o famoso Cardeal, que num breve futuro talvez venha a ser chamado "Vigário de Cristo", demonstra ignorar a verdade bíblica mais importante do Novo Testamento, ou seja, que Cristo padeceu e morreu na cruz para salvar os pecadores, dos quais ele não parece, como o apóstolo Paulo, "considerar-se o principal".

Referindo-se ao movimento feminista, ele diz que isso é assunto que interessa apenas à sociedade moderna e não à Igreja. E que esse movimento já não vai tão bem assim, como na época do seu aparecimento. Quanto à extrema ênfase dada pela mídia à sexualidade, Lustiger diz o mesmo, parecendo não levar em conta os princípios bíblicos. Contudo referindo-se ao consumismo desenfreado dos habitantes dos países ricos, ele diz que estes estão se tornando, gradativamente, escravos do mesmo, abdicando da própria liberdade em favor de um consumismo avassalador, o qual vai lançando os povos ricos em passivo conformismo. [Na

Alemanha os cidadãos já entraram em tal conformismo, que se deixam esfolar nos escorchadores impostos pagos à hierarquia política e religiosa, sendo fiscalizados até na água que usam nas descargas do banheiro].

Quanto à Social-Democracia, que sucedeu o Marxismo/Nazismo/Fascismo, diz Lustiger que esta forma de governo está conduzindo o mundo à ascensão de uma poderosa elite, que vai aos poucos controlando uma desigual e incauta sociedade. O que esse provável futuro papa esqueceu de dizer é que essa poderosa elite da sociedade é totalmente controlada por uma elite muito mais poderosa, da qual ele é um dos grandes expoentes - a hierarquia romana.

Concordo com o Cardeal Lustiger, quando ele diz que a Democracia necessita mais de cidadãos conscientes do que de consumistas desenfreados. O consumismo faz com que o cidadão se embriague na fartura e no gozo carnal. Enquanto isso, os inimigos da Democracia, isto é, a elite religiosa, vão preparando um futuro no qual talvez não aconteçam guerras, mas também não haverá liberdade individual, porque o mundo vai encarar uma ditadura religiosa e autocrata, a qual controlará todos os setores da vida humana. Ele também diz temer o que se costuma chamar de "nova civilização", a qual desencadeou a cultura do imediatismo, que não passa de uma ilusão. Diz ainda que a partir do Século XVII nasceu a ambição individual de participar da cultura da elite e que essa cultura popularizada tem levado as crianças a se tornarem impulsivas e menos responsáveis em seus atos. Elas têm-se deixado conduzir pelo poder da imagem (que impressiona mais que 10 mil palavras escritas), e desprezado o sentido histórico da vida. Por isso é que se tem visto tanta violência juvenil nos países ricos, e também por causa de lares mal edificadas, onde falta o paradigma da figura paterna, resultado fatal do divórcio, da ausência de mães que trabalham fora, enfim de pais que possam transmitir a seus filhos a necessária segurança e a distinção entre o bem e o mal.

Mais uma vez esse "príncipe da hierarquia romana" esqueceu de falar que a distinção entre o bem e o mal, um lar perfeito e cidadãos responsáveis só podem ser conseguidos através do ensinamento da Palavra de Deus e que o mundo está perecendo exatamente por falta de conhecimento da Palavra santa, porque Igreja nenhuma, nem mesmo a "infalível", pode prover o cidadão da verdade absoluta.

Apesar de ser um Cardeal famoso e erudito, Lustiger tem um notável senso de humor, fazendo blagues contra a densidade demográfica nos grandes centros urbanos, dizendo que as pessoas se comportam como gafanhotos atacando um milho, dando origem ao maciço fenômeno crescente de uma urbanização geradora de impulsos assassinos.

Como todo hierarca romano que se encontra na crista da onda mundial, Lustiger se mostra carismático e ecumenista, quando fala: *"Acho que as tensões e conflitos, têm atrapalhado, por muitos séculos, as boas relações entre as duas religiões (católica e judaica), tendo começado com os escritos odiosos dos Pais da Igreja, e prosseguido com os massacres perpetrados pelas Cruzadas, a Inquisição, os Pogroms, enfim, com as humilhações públicas. Admito que Pio XII se omitiu, quando deixou de censurar as autoridades do III Reich, tendo se limitado aos judeus cristãos, como se apenas esse grupo lhe importasse".*

Finalmente Lustiger confessa que quando recebeu a notícia do *Movimento em Defesa do Meio Ambiente*, lançado na Califórnia, em 1965, ele achou o assunto irrelevante. Hoje, porém, ao ver a devastação que o homem tem feito na natureza, concorda plenamente com os objetivos desse movimento.

Será que esse carismático judeu francês, príncipe da Igreja de Roma, que agora tem 75 anos de idade, vai ser o próximo papa? Ou será que o conde holandês, Peter Hans Kolvenbach, General dos Jesuítas, conhecido como o Papa Negro, vai impedir sua ascensão à cátedra petrina? No Conselho Superior da Ordem Jesuíta sentam-se seis brancos e um negro, mas nunca aí sentou um judeu, porque os judeus são considerados inferiores, traiçoeiros e perigosos.

É possível que um dos dois - Lustiger ou Kolvenbach - venha a se tornar o Anticristo, **"o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus"** (2 Tessalonicenses 2:4).

Entretanto, por maior que seja o montante de toneladas de lingotes de ouro (levadas do *Federal Reserve Bank*, nos Estados Unidos) que o Vaticano possa oferecer aos judeus em troca do trono de Jerusalém, estes jamais irão permitir que um **gentio** se assente no lugar destinado ao ansiosamente esperado **Messias de Israel**, e só o consentirão, depois de convencidos de que ele é o Messias prometido no Velho Testamento e, obviamente, um judeu de nascimento. Isso quer dizer que, depois de pesquisar com cuidado a respeito do carisma do Anticristo e de sua falsa bondade nos primeiros 1.260 dias de governo, podemos garantir que Lustiger pode se tornar o Papa Anticristo... Se ainda estiver vivo, até lá.

Informações colhidas no site "smh.com.au"

Capítulo 12

A Nova Religião Mundial

Dave Hunt explica, em seu livro *"A Woman Rides the Beast"*, capítulo 28, como será a nova religião mundial, a qual, segundo ele, no princípio, se mostrará tolerante com todas as crenças religiosas que desejarem se unir umas às outras no "caridoso" resgate da humanidade. Contudo, os cristãos que não se comprometerem com a mesma serão levados à morte porque estarão barrando o caminho da unidade e da paz.

A verdade é que todos os governantes mundiais, têm incrementado uma parceria com o Catolicismo Romano. Isso não aconteceu apenas nos séculos passados, mas acontece, principalmente hoje, depois que a Igreja de Roma cresceu em poder político e econômico, obrigando os governantes a fazer exatamente o que ela deseja. O relacionamento amistoso de JP2 com os presidentes americanos - e com o ex-presidente Gorbachov, sem falar na sua cumplicidade com Arafat, é conhecido em todo o mundo e só não vê quem não quer. Ele age sob instância

superior (o General dos Jesuítas) e tem demonstrado sempre ignorar a injustiça de seus atos, a fim de manter tais relacionamentos, o que foi demonstrado, cabalmente, desde o início do seu pontificado. Um exemplo dessa falta de justiça da parte do papa mais bajulado do Século XX é que ele visitou a *"Junta de Governo de Três na Argentina, (mas) recusou-se a conceder audiência aos parentes das 20.000 pessoas que haviam sido detidas e "desapareceram"*. Como um fantoche nas mãos de um poder maior, o papa JP2 só fala e realiza o que é do absoluto interesse de sua Igreja.

Agora vem um rabino judeu (jornal O Globo, 26/06/01) pedir humildemente que os arquivos do Vaticano sejam abertos para que se conheçam as identidades das crianças "salvas" e adotadas por família católicas, após a II Guerra Mundial. Será que esse rabino também continua acreditando que Pio XII salvou algumas centenas de famílias judias porque era bonzinho? Ora, quando viu que Hitler estava perdendo a II Guerra Mundial, o cínico Pio XII (o Papa de Hitler), mais que depressa mandou que se recolhessem umas mil famílias de judeus, os quais serviriam como testemunho de sua imensa "bondade", diante do mundo pós-guerra. E conseguiu o seu intento... Todos os tolos deste mundo, enganados pela falsa mídia controlada por Roma, acreditam em tudo que lhes é mostrado nas telas da TV e nas páginas dos jornais.

Também agora, o ex-presidente sérvio está sendo julgado, conforme a mídia, como o segundo maior criminoso da humanidade. O que a mídia controlada não conta é que todo o ódio dos sérvios contra os croatas e albaneses foi plantado na II Guerra Mundial, quando os croatas assassinaram - com o aval de Pio XII - quase um milhão de sérvios inocentes. Milesovic pode ter sido um monstruoso assassino de inocentes, mas muito piores assassinos são os papas do Vaticano, que têm plantado o ódio racial e religioso nos corações dos povos católicos contra os judeus, ortodoxos, protestantes e muçulmanos. Existe uma estatística de quase 500 milhões de assassinatos perpetrados em toda a humanidade, desde que a Igreja do Vaticano ficou poderosa e começou a se alimentar de sangue, através de suas guerras e inquisições.

Estamos chegando à reta final da história de nossa civilização. Uma parceria cordial do Anticristo com o Vaticano, no princípio do seu governo, será necessária por causa da importância que todas as nações da terra colocam sobre suas relações com a mais poderosa organização política, econômica e religiosa do mundo. O embaixador americano no Vaticano, Raymond Flynn, disse, certa vez: *"O relacionamento do Vaticano com os Estados Unidos é extraordinariamente importante... é de interesse nacional para os Estados Unidos da América manter fortes relações diplomáticas com o Vaticano"*.

Na década de 80, o Presidente Clinton considerou o seu encontro com o papa em Denver da maior importância. Ele havia se encontrado várias vezes com o Embaixador Flynn na preparação desse encontro, e Flynn voou com ele, no avião presidencial, para consultas constantes. Menos de um ano depois, Clinton viajou para Roma, a fim de se encontrar com o papa no Vaticano. O mundo inteiro reconhece a importância desse relacionamento e o mesmo acontecerá com o

Anticristo, que Roma vai colocar no poder, esperando vê-lo reinar em Jerusalém, sendo que esse "homem da iniquidade" até poderá ser um papa. Muitas alianças têm sido feitas entre os Estados Unidos, e o principal líder do poder espiritual do mundo, o papa. Todos os países que fizeram Concordatas com o Vaticano caíram em desgraça porque esse "vampiro" religioso lhes sugou todo o sangue. Isso aconteceu com a Alemanha, a Itália e muitos outros países, no Século XX.

As alianças entre o Vaticano e os Estados Unidos devem vigorar, até que os Estados Unidos sejam destruídos, política e economicamente, logo após o estabelecimento da religião mundial, conforme o pensamento do pesquisador Phelps. Este autor afirma que para a China foram abertas (pelos Jesuítas do Vaticano) todas as portas do comércio mundial e a posse dos segredos atômicos, a fim de lhes garantir um contingente de 200 milhões de soldados para invadir a América do Norte, a partir da base naval de Cuba e de uma base aérea na América do Sul, que bem poderá ser a de Natal, aqui em nosso país. Tais revelações não são de estarrecer, de deixar qualquer leitor tremendamente deprimido?

De início, haverá uma aliança entre o governo mundial e o Vaticano. Sem dúvida alguma, a mulher (Igreja de Roma) cavalga a besta, em seu papel importante de organizar o Estado Mundial, onde essa religião e esse ditador irão reinar supremos. Como Constantino, fundador do Catolicismo Romano, o Anticristo vai saber que não poderá haver nenhuma paz política, se não houver, também, uma fusão religiosa. E essa poderá ser conseguida somente com a hegemonia da religião mundial, o Catolicismo Romano.

Quando, finalmente, todos líderes religiosos e políticos do mundo se unirem, a fim de atingir o mesmo objetivo, então o reino do Anticristo já terá chegado. A partir do estabelecimento da *União Européia*, tendo o *Euro* como moeda única (2002), o Vaticano botará suas garras de fora e exigirá uma religião única, sob a bandeira de Roma.

Era essa a situação de poder da Igreja Católica, durante os primeiros doze séculos de sua existência (do Século IV ao Século XVI). O restante do segundo milênio foi de perseguição à Reforma Protestante e de preparação para a chegada do terceiro milênio, quando Roma voltará a dar as cartas, definitivamente, só que agora totalmente informatizada. Se no passado a Igreja precisava de meses para localizar um "herege", agora vai precisar de alguns segundos apenas, porque a tecnologia cibernética facilitará todos os seus passos.

Alguns amigos alemães, com quem falei sobre este assunto, disseram que "*jamais haverá guerra, novamente, pois os europeus aprenderam a lição e agora todos trabalham pela paz mundial!*". Eles ignoram que uma parcela do que pagam ao governo vai para o rearmamento da *União Européia*.

O objetivo do Vaticano será alcançado. Contudo, o casamento de conveniência entre o Anticristo e a Igreja Mundial vai durar pouco tempo. Quando acabar a lua-de-mel do Anticristo com a falsa "noiva de Cristo", ele se voltará para destruir essa "meretriz" (Apocalipse 17:16), efetuando, assim, a vontade Deus.

Precisamos arrebatá-lo o maior número possível de católicos romanos do fogo de injustiça e iniquidade em que estão imersos, por acreditar nas mentiras de sua

Igreja. Não devemos deixá-los participar dos flagelos dessa Igreja condenada no Apocalipse de João, antes mesmo de ter sido fundada pelo pagão Constantino.

Quem não se entregar a Jesus Cristo, o quanto antes, vai passar pela mais negra tribulação, durante o tempo do governo mundial do Anticristo, das dores de Jacó.

Conclusão

Antigamente o Vaticano usava a fogueira para liquidar os "hereges", depois de um julgamento de fachada, em que o acusado jamais tinha o direito de se defender. Mais tarde ele apelou para as guerras, em que morriam milhares de "hereges" e também filhos da Igreja de Roma. Parece que agora ele conseguiu um novo método, que provou funcionar com o maior sucesso aos seus objetivos, ou seja, contratar muçulmanos fanáticos para sequestrar aviões de passageiros e derrubar arranhacéus lotados de milhares de inocentes para "*de uma cajada só matar milhares de coelhos*". E, em seguida, obrigar os países vítimas desses atentados a declarar guerra aos terroristas, sem de leve suspeitar quem está, realmente, por trás dessa conspiração de terror...

Quem pode garantir que os atentados contra o **WTC** e o **Pentágono** (do mesmo modo como o atentado ao papa JP2) não tenham sido encomendados pelo Vaticano, a fim de destruir a nação americana, baluarte do protestantismo e da democracia mundial?

Quem pode garantir que o Vaticano não esteja se servindo do fanático milionário Bin Laden para atacar, através de seus fanáticos asseclas, o povo americano, a fim de criar um "estado militarista" e desvalorizar o dólar, que, segundo o autor Eric Jon Phelps (**Vatican Assassins**), já é praticamente moeda de papel, pois o ouro do *Federal Reserve Bank* já teria sido contrabandeado para a União Europeia?

Quem pode garantir que a liderança da União Europeia (exceto a Inglaterra) que é o Sétimo Império Romano renascido, não já esteja governando tudo que acontece no mundo e pondo a culpa do que é ruim sobre os Estados Unidos?

Dois pesquisadores americanos - Eric Jon Phelps (**eric@vaticanassassins**) e Noel Kilkenny (**info@reformation.org**) - pensam desse modo e devem ter fundamentos para expor suas idéias, correndo o risco de perecer nas mãos dos Jesuítas, como aconteceu com o Dr. Alberto Rivera.

Usar os fanáticos muçulmanos para conseguir a ocupação de Jerusalém, levar o papa a sentar no trono de Jesus Cristo, no Templo, para em seguida perseguir o povo judeu, vai ser muito fácil para o Vaticano, pois, enquanto o poderoso e invisível Papa Negro (Conde Peter Hans Kolvenbach) vai movendo os cordéis da política mundial, o papa JP2 vai dando uma de bonzinho, pregando ao mundo - anestesiado pelo Ecumenismo - uma **PAZ**, que o próprio Vaticano tem feito tudo para destruir, desde a Reforma Protestante...

Milhares de pessoas inocentes pereceram nos dois atentados praticados pelos terroristas árabes nos Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001. A meu ver e de outros pesquisadores, esses milhares de vítimas, muitas das quais membros da Igreja de Roma, são apenas uma "amostra grátis" do que está para vir, num futuro próximo, quando o Catolicismo Romano tiver se estabelecido como a Religião Mundial.

O Islamismo é uma religião de fanáticos, quase tão perigosa quanto o Catolicismo Romano, e as duas unidas, cada uma com suas falsas doutrinas, podem destruir o mundo, num piscar de olhos. Mas os filhos de Maomé que se cuidem, pois o Vaticano vai usá-los e depois jogar fora o bagaço, com um gesto de enfado, conforme tem feito com todos os governantes e líderes religiosos que se aliam com ele para executar o serviço sujo. Uma coisa devemos esperar com certeza: quem não for arrebatado vai passar por uma inquisição muito mais violenta, sangrenta e rápida do que todas as inquisições anteriores, porque agora tudo já está funcionando em questão de segundos... a serviço da Meretriz de Apocalipse 17. Contudo, para a glória do Nome de Jesus, a falsa Igreja Mundial (ou Babilônia) será arremessada ao fundo do mar, conforme o capítulo 18.

Diante de tantas evidências de um futuro negro para a humanidade, precisamos repetir, com urgência, a oração de Martinho Lutero, conforme o livro "E. M. Bounds in Prayer":

"Sei que és o nosso Pai e nosso Deus. E, portanto, tenho certeza de que reduzirás a nada os perseguidores dos teus filhos. Pois, se falhares em fazê-lo, tua causa, junto conosco, estará em perigo. O problema é todo teu. Pela tua providência és obrigado a tomar parte. Portanto, és a nossa defesa".

Precisamos orar e pregar o evangelho de Cristo, a fim de arrebatarmos o maior número possível de católicos romanos do fogo de injustiça e iniquidade em que estão imersos, por acreditar nas mentiras de sua Igreja. Não devemos deixá-los participar dos flagelos dessa Igreja condenada pela Palavra de Deus.

Quem não se entregar a Jesus Cristo, imediatamente, vai passar pela mais negra tribulação, durante o tempo do governo mundial do Anticristo, das dores de Jacó. Pessoa alguma poderia, jamais, imaginar o horror dessa tribulação.

Os infelizes que se encontravam dentro do WTC, no fatídico dia 11 de setembro, devem ter pensado, no momento fatal em que estavam sendo transformados em tochas humanas, que o Armagedom havia chegado. Contudo, o as pragas do Apocalipse, que virão antes do Armagedom, vão ser muito piores do que a tragédia do WTC e ai de quem não tiver sido arrebatado pelo Senhor Jesus Cristo.

Imaginem as pragas do Apocalipse caindo sobre as cabeças dos que ficarem aqui na terra... Imaginem uma ocupação às Américas feita pelos chineses, que não têm piedade alguma dos brancos... Imaginem uma invasão dos muçulmanos, que odeiam os cristãos... E, mais tarde, uma guerra nuclear desencadeada pelos russos árabes e chineses (que já possuem todos os segredos atômicos do Ocidente), a fim de destruir Israel, ou seja o Armagedom!

Infelizmente, a maioria dos pastores das denominações tradicionais tem se mancomunado com a Igreja de Roma, através do *Ecumenismo* e, desse modo, conduzido os membros de suas igrejas à apostasia religiosa, tendo como resultado a falta de fé no nascimento virginal, na morte vicária, na ressurreição, na ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo aos céus e na negação de sua Segunda Vinda. Tudo isso tem sido facilitado através das corrompidas versões modernas da Bíblia.

Quem tem olhos, leia atentamente o Livro de Apocalipse, converta-se depressa ao Senhor Jesus Cristo, pois **amanhã será tarde demais...**

Minha previsão de que poderia haver um atentado nos Estados Unidos, até o final deste ano, aconteceu. Só não sabemos, exatamente, quem está por trás desse duplo atentado. Se os Árabes, por conta própria, ou o Vaticano por trás dos Árabes, que guardam um tremendo rancor contra o gigante americano, por duas razões: **1.** Porque esse país tem dado um forte apoio a Israel. **2.** Porque o Islamismo tem como objetivo principal (do mesmo modo que o Catolicismo Romano) estabelecer-se no mundo inteiro como a religião mundial. Neste sentido as duas religiões se rivalizam e no final uma das duas será a vencedora. Não é difícil imaginar que a vencedora será a Igreja de Roma.

Provavelmente quem está por trás de Bin Laden e seus asseclas (cujo nome eu nem sequer havia mencionado neste livro, até o dia do atentado) é o país (ou países) que deseja liquidar a democracia americana, espalhar o terror entre o povo americano e fazer com que o dólar despenque, a fim de que o **Euro**, ao ser lançado em 2002, passe a ser a moeda mais forte do mundo.

Logo depois que o **Euro** for lançado e aprovado no mundo inteiro (02/01/2002), vai chegar a Nova Religião Mundial, conforme tenho dito em alguns dos meus artigos. Então... logo em seguida, teremos o Governo Mundial do Anticristo plenamente estabelecido e nós, os crentes verdadeiros, já não estaremos aqui para sofrer as pragas do Apocalipse. Que Deus tenha compaixão de nós todos, livrando-nos de testemunhar mais horrores, com a explosão de uma nova Guerra Mundial, que será a Terceira e também pode ser a última, o **Armagedom!**

Mary Schultze - setembro 2001.

Autores consultados:

Eric Jon Phelps - "*Vatican Assassins*"

Dr. William P. Grady - "*Final Authority*"

Avro Manhattan - "*The Vatican in World Politics*", "*The Vatican Billions*", "*The Vatican's Holocaust*", "*The Dollar and the Vatican*", "*The Vatican, Moscow, Washington Alliance*", "*Vietnam, Why Did We Go?*", "*Vatican Imperialism in the Twentieth Century*" .

Dr. Alberto Rivera/J. T. Chick - "*Double Cross*", "*Smokscreen*", "*The Godfathers*", "*The Prophet*".

Dave Hunt - "*A Woman Rides the Beast*"

Charles Chiniquy - "*Fifty Years in the Church of Rome*".
Prof. Arthur Noble - "*Annual Autumn Conference*", Londres,
07/11/1998.

E outros, cujas obras estão intituladas nas referidas citações.

Mary Schultze – Setembro de 2001